



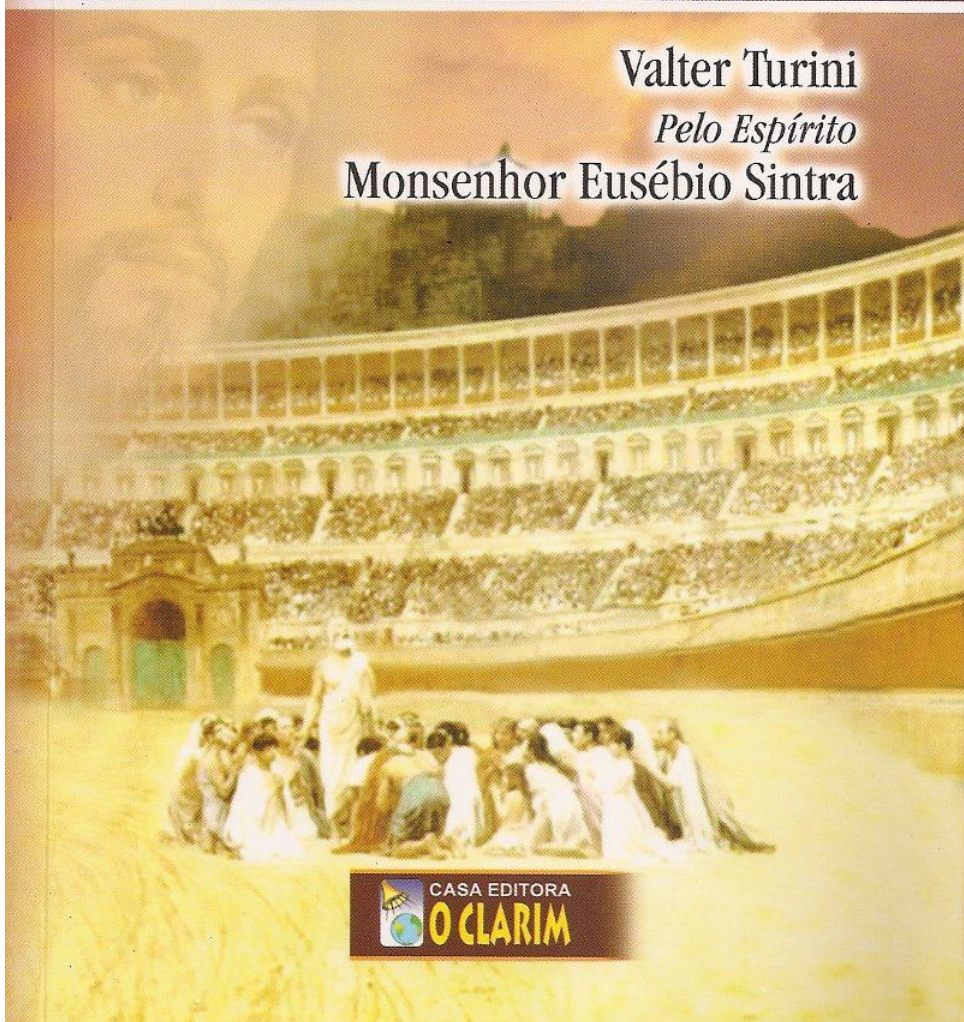
O Pescador de Almas

Romance Mediúnico

Valter Turini

Pelo Espírito

Monsenhor Eusébio Sintra



CASA EDITORA

O CLARIM

O PESCADOR DE ALMAS

VALTER TURINI

PELO ESPÍRITO MONSENHOR EUSÉBIO SINTRA

O Pescador de Almas é um romance de época - século I da era cristã -, período em que os seguidores de Jesus foram perseguidos pelo imperador Nero, o incendiário de Roma, que viu, nos prosélitos do Cristianismo nascente, as vítimas perfeitas para encobrirem seu abominável crime contra os próprios patrícios. Acossado pelos inimigos políticos e pelo povo, Nero, então, imputou aos cristãos toda a culpa pela monstruosa tragédia e mandou supliciá-los, impiedosamente, no Circus Maximus, com requintes de crueldade.



Valter Turini

O Pescador de Almas é um romance de época, que se desenvolve durante os trágicos panoramas da segunda perseguição aos cristãos, ocorrida no ano 65, quando o imperador Nero, após ter mandado incendiar Roma, com o intuito de reerguer uma nova cidade - mais moderna e mais rica que a

anterior -, vê-se acochado por seus inimigos políticos e pelo povo e decide, então, lançar a culpa da autoria do monstruoso incidente - provocado por ele mesmo e por seus asseclas - aos seguidores do Cristianismo nascente, conseguindo, dessa fofura, eximir-se da responsabilidade pela terrível tragédia que vitimara milhares e milhares de cidadãos romanos.

Além da narrativa impecável, que dos fatos faz, o insigne Espírito Monsenhor Eusébio Sintra, acompanha-se, também, o desenrolar de bem urdida trama a envolver personagens que, premidas por provações duríssimas, deixam-se tocar pela doce e consoladora mensagem do Evangelho de Jesus, trazida a Roma por incansáveis missionários dos primeiros tempos do Cristianismo, como Pedro, o valoroso apóstolo de Jesus, que é supliciado na Colina Vaticana, crucificado de cabeça para baixo, a dar o exemplo de como se deveria morrer por Jesus, diante da terrível perseguição que contra eles desencadeara a fúria do imperador Nero.

O PESCADOR DE ALMAS

VALTER TURINI

**PELO ESPÍRITO MONSENHOR EUSÉBIO
SINTRA**

***"Disse Jesus a Simão: Não temas: doravante serás
pescador de homens. " - Lucas 5-10***

Índice

Palavras do Autor Espiritual

Capítulo I - Mais uma vitória

Capítulo II - O regresso ao lar

Capítulo III - O banquete de Nero

Capítulo IV - Pela primeira vez, Jesus

Capítulo V - O novo Templo

Capítulo VI - Conhecendo Jesus

Capítulo VII - Na Seara do Mestre

Capítulo VIII - Terrível tragédia

Capítulo IX - Roma em chamas

Capítulo X - O terrível holocausto

Capítulo XI - O início das dores

Capítulo XII - Pedro, o apóstolo

Capítulo XIII - Os terrores do cárcere

Capítulo XIV - O terrível suplício

Capítulo XV - A caçada

Epílogo

Palavras do Autor Espiritual

Nos primórdios do movimento cristão, o homem comum achava-se, indiscutivelmente, em situações ainda piores das que hoje se encontra, apesar da triste constatação, depois de se ponderar, seriamente, que a evolução muito pouco ou quase nada avançou, durante o transcorrer desse lapso de mais de dois mil anos de História. Contudo, enganam-se os que assim pensam!... É bem possível que a tirania e a vilania tenham ganhado tonalidades um

pouco mais suaves de disfarçada polidez, mascarando o real sentido de sua frieza e crueldade, mas, se cotejarem as duas épocas, poder-se-á, facilmente, aferir que boa parte da humanidade encontra-se já bem distanciada do nivelamento brutal que antes atingia a esmagadora maioria das criaturas.

Se, no grande panorama do mundo, o homem ainda é o grande sofredor - vítima de sua própria incúria e insensatez! -, por outro lado, o avanço das conquistas sociais no campo da previdência e assistência, embora incipiente, já é algo que se mostra palpável, mormente nos países ricos, fato que prova o real avanço em direção à irmanação de todos os homens, aplainando, assim, equitativamente, os brutais desnivelamentos sociais, os principais causadores da segregação e do preconceito raciais.

Na Roma de antanho, ***panem et circenses*** - pão e circo - para engambelar e desviar a atenção da massa ignara e embrutecida; hoje, os modernos escravocratas usam de artifícios e subterfúgios não menos engenhosos e eficazes para alongarem, ao máximo possível, o império das trevas da ignorância, a geradora de uma série de vantagens para os que almejam locupletar-se à custa do sangue humano!... Entretanto, ***Jesus***, o insigne Senhor da Luz, permanece fiel à Sua promessa de Consolador do Mundo e, embora tanto tempo já tenha se transcorrido desde a Sua passagem pelas terras da Palestina, Sua mensagem de paz e de consolo ainda não perdeu a validade: mantém-se mais evidente e atuante que nunca, a consolar os corações aflitos e a dar esperanças de que a vida não se finda sob a fria lápide de um túmulo; que continua, que vai mais além, a descortinar-se em regiões distintas, a receberem o homem, segundo as obras que realizou no mundo, e não mais lhe dando estapafúrdias promessas simplistas de um céu de contemplação, calcado na imobilidade ociosa, mas, sim, de trabalho constante, em prol da própria evolução, e da busca de conhecimentos infinitos, consoante a grandeza do Criador; nem, ainda, a ameaça de um inferno terrificante e assombroso, que lança o homem à danação

eterna, sem a mínima chance de perdão e de reabilitação!... Que Deus seria esse?... Que Pai de Misericórdia Infinita condenaria os próprios filhos a tal degredo, sem qualquer chance de retorno a Seus braços?... Nem mesmo o mais ímpio dos homens relegaria à sua prole tamanho castigo!...

Felizmente, o dealbar de Nova Era faz-se no horizonte da Terra!... A Ciência, a incontestável aliada da Verdade, aponta, indiscutivelmente, para o alto, desvelando os segredos do cosmo infinito e, ao mesmo tempo, aponta para baixo, revelando a intimidade do infinitamente pequeno, e aí daqueles que tentarem, doravante, pôr-lhe a mordança!... A Liberdade de Expressão, finalmente, veio, como alavanca imprescindível à Evolução da Humanidade, e a Verdade emergirá, cantando as imarcescíveis glórias do Criador de todas as coisas!

Tupi Paulista, outono de 2006.

Eusébio Sintra

Capítulo I

Mais uma vitória.

Caius Petronius Tarquinius, do alto de sua montaria, observa melancólico o campo de batalha, pejado de cadáveres. Uma saliva espessa, carregada de forte gosto amargo, invade-lhe a boca, e ele cospe, repetidas vezes. "Mais um galardão para depositar aos pés

daquele monstro", pensa, enquanto sente a boca enchendo-se, novamente, daquela baba absintada, e uma insofreável vontade de vomitar advém-lhe, fazendo-o curvar-se, acentuadamente, sobre a sela de seu cavalo, para premer fortemente o ventre. A voz de um de seus ordenanças tira-o daquela estranhíssima posição em que se colocara.

-Alguma ordem mais, general?

- Não, filho - responde ele com a voz fraca. - Faze soarem o toque de recolher e levantarem a flâmula de descanso. Que se distribuam rações de água e de pão. Dentro de duas horas, recolheremos nossos mortos e lhes daremos as honradas sepulturas.

- Estais passando bem, comandante?... - pergunta o jovem ordenança, percebendo que o outro se encontrava excessivamente pálido. - Desejais que vos traga um médico?

- Faze isso, *Valerius* - diz *Caius Petronius Tarquinius*. - Chama *Cesonius*, que eu o aguardarei em minha tenda.

Pouco depois, o velho general encontrava-se estirado sobre o catre recoberto de peles, e o médico examinava-lhe, cuidadosa e meticulosamente, o abdômen.

- Dói aqui, comandante? - pergunta o facultativo, apalpando-lhe, fortemente, à direita do alto ventre.

- Sim, aí, *Cesonius*!... - responde ele, com um gemido, e contorcendo as feições num esgar doloroso. - Exatamente aí onde apertaste!...

-Tendes o fígado em frangalhos, comandante!... - diz o médico, encarando-o. E prossegue, demonstrando profunda preocupação: - Pela palpação, pude depreender que o órgão apresenta-se bastante avolumado; o ingurgitamento de vosso fígado é patente!

O outro se limita a olhá-lo, esperando que lhe desse o resultado da anamnésia.

- Por ora, pouco posso fazer por vós; a não ser prescrever-vos infusões de matricária e de absinto e parcimônia na alimentação e, ainda, a completa abstinência de vinho. Entretanto, quando

chegardes em Roma, é preciso que consulteis os sacerdotes de *Aesculapius*,¹ o mais depressa possível - observa o médico.

Caius Petronius Tarquinius emite longo suspiro e nada diz. Depois, com um aceno de mão, despede o médico, que se afasta, fazendo ligeira reverência. A cabeça principia a martelar-lhe, nas têmporas, e o gosto amargo na boca é-lhe insuportável. Deitado de costas sobre o catre forrado de peles, olha desalentado para o teto da tenda. Estava no fim. Sabia que o fim se lhe aproximava sorrateiro, cruel. Cospe a saliva grossa e amarga, e o cheiro de carne assada que se preparava no acampamento invade o ar, causando-lhe mais enjôo ainda. Ouve o riso e a algazarra dos jovens soldados - seus ordenanças -que bebiam vinho e jogavam dados, animadíssimos, no grande pátio, diante da tenda. "Ah, a juventude...", pensa ele, olhando para as listras azuis e brancas da cúpula da tenda. "Que se reserva a essa juventude?..." Sabia que bom futuro não aguardava o povo romano. Tanta glória, tanta riqueza!... Os donos do mundo!... A águia voava soberana pelos quatro cantos da terra. Entretanto, não estava ele ali, na Gália, terminando de abafar mais uma rebelião? Quantas já não haviam acontecido?... Fecha os olhos e os preme forte. Estava cansado. Lembra-se da esposa, e profunda emoção invade-o. "Ah, *Drusilla*, que falta me fazem teus carinhos e teus conselhos!... Haverá, em todo o Império, criatura mais sábia que tu?...", pensa ele e esboça um sorriso.

Somente a lembrança da mulher amada para fazê-lo esquecer-se, temporariamente, dos desgostos que o vinham acometendo fazia já um bom tempo. "Sempre foste desmedidamente perfeita, durante esses anos todos; apenas pecaste numa só coisa, minha doce *Drusilla*: não me deste o tão sonhado herdeiro, o fruto de nosso amor!..." -*Agora, duzentos sestércios!*...

- *Não, é muito!*...

- *Estás com medo?!!*...

¹Esculápio, o deus da medicina, na mitologia romana.

De fora, vem a saudável arenga e os gritos efusivos dos soldados, comemorando os resultados das partidas de dados. Isso o faz cogitar sobre o futuro daqueles rapazes e pensar sobre a sua própria vida. Como desejara ter um filho!... Entretanto, os deuses permaneceram insensíveis aos seus rogos, aliados aos de sua adorada *Drusilla Antônia*, que também não se cansara de suplicar aos imortais, freqüentando-lhes, insistentemente, os diversos templos, espalhados por toda a cidade, e até haviam ido, em peregrinação, a santuários estrangeiros, famosos pelos milagres lá concedidos. Tudo em vão!... Quantos oráculos não haviam consultado?... Foram tantos os sacrifícios feitos em honra de tantos e de tão variados deuses!... Foram tantos os aruspícios!... E, a resposta era sempre e invariavelmente a mesma: "Tereis muitos filhos!..." O tempo escoara-se, e tanto ele quanto *Drusilla Antônia* envelheceram, sem terem recebido a graça de gerar o tão sonhado herdeiro!... E, com que pesar carregaram o eterno desgosto de verem frustrar-se, a cada dia que passava, o sonho eternamente acalentado e nunca realizado, culminando, por fim, na senectude de ambos e na cruel constatação de que o que tão ardentemente desejavam não se realizaria jamais!... Por isso, talvez, é que se afeiçoava tanto àqueles jovens, filhos de patrícios amigos seus, que faziam questão de colocá-los nas mãos dele, para que os ensinasse a serem homens de verdade!... Toda a Roma sabia que o general *Tarquinius* tratava seus comandados como se fossem todos filhos seus!...

Caius Petronius Tarquinius dá um gemido de dor e tenta se virar no catre, procurando uma posição melhor. Roma... O que as legiões ora faziam era abafar as rebeliões; havia revoltas em quase todas as províncias. O imperador² não tomava conhecimento: até já havia abandonado a Hispânia e a Britânia. As legiões lá sediadas haviam debandado e se passado para o lado inimigo!... O canalha apenas se

2.Referência a Nero Cláudio César (37 - 68 d.C), imperador romano.

dignara a decretar que os comandantes das guarnições sediadas naquelas regiões, dali para frente, passavam a ser considerados traidores da pátria e os execrara publicamente. Em outros tempos, tais insubordinações afiguravam-se sobremodo intoleráveis e seriam afogadas num mar de sangue!... Quem diria!... Simplesmente, aquele imbecil abominava, publicamente, os insurretos e decretava que não passavam de vis traidores e inimigos da pátria!... Havia feito tais coisas, dramaticamente, diante do *Fórum* e ido ao teatro tocar lira e cantar para uma súcia de bajuladores!... Será que estariam todos cegos?... Não enxergavam que o trono estava ocupado por um monstro?... Um monstro parricida!... Havia fortes indícios de que mandara envenenar o próprio pai adotivo!... *Claudius*³ gozava de invejável saúde ao morrer. E *Agrippina*, sua mãe?... Fazia um ano já que havia morrido, e todos sabiam que a tinha mandado assassinar, alegando um pretense crime de lesa-majestade!... A que ponto tinham chegado?... E a imperatriz *Otavia*?... Não conseguindo repudiá-la, como pretendia, sob a acusação de adultério, posto que a esposa sempre lhe fora fiel, subornou seu pedagogo, *Anicetus*, que acabou por confessar ter abusado da infeliz, condenando-a, assim, ao repúdio e à morte! - Vosso remédio, comandante.

A voz do *herbanarium* tira-o das reflexões. Com alguma dificuldade, senta-se no catre, apanha o cálice que o outro lhe estende e ingere a beberagem, em largos goles.

Novamente só, deita-se no grabato recoberto de peles. A lembrança do antigo imperador fá-lo sorrir. *Claudius* havia criado um monstro pior que ele próprio!... Que maldição abater-se-ia sobre a família *Domitia*?... Sabia-se que procediam de dois dos mais valorosos ramos de distintíssimas famílias do patriciado romano, os *Calvinus* e

3. Referência a Tibério Cláudio Druso (10 a.C - 54 d.C), 4o imperador romano e antecessor de Nero.

os *Enobarbus*; entretanto, a loucura vinha, insistentemente, acometendo-os, um atrás do outro!... Agora, este que detinha a coroa, mostrava-se mais cruel e mais desumano que todos os seus antecessores juntos!...

Lá fora, a tarde caía lenta, e os rapazes haviam se aquietado. Certamente, estariam comendo e, apenas, ao longe, ouviam-se algumas gargalhadas.

- Trago vosso almoço, comandante? - pergunta um dos cozinheiros, entrando na tenda.

- Não, não desejo nada - responde ele e se levanta, meio cambaleante.

Encaminha-se para fora, e a luz do sol fá-lo premer os olhos, para acostumá-los à forte claridade. As sentinelas que guardavam a entrada de sua tenda empertigam-se à sua passagem, batendo os tacões das *caligae*⁴ umas às outras. Ele dá alguns passos diante da tenda e observa a imensidão de tendas quadradas que se armavam, no ligeiro declive do campo que se estendia para baixo, em direção do vale verdejante. O acampamento encontrava-se quieto; os soldados, possivelmente, faziam a sesta. Ainda tinha uma tarefa a desempenhar, antes de voltar para casa: precisava enterrar os mortos daquela derradeira batalha. Havia dado uma trégua aos remanescentes inimigos para que recolhessem os cadáveres dos seus; agora, era preciso que ele recolhesse os dele. Estava cansado daquilo, não mais sentia o prazer, o indescritível prazer da vitória. Seria, certamente, aclamado pelos patrícios e pela plebe e recebido com mais um aparatoso *triumphus*⁵ e incontáveis honras pelo... Como estava enojado!... Sentia-se enojado até em pronunciar-lhe o nome. Um príncipe!... Até onde havia chegado!... E, a dizer-se que havia lutado para pô-lo no trono!... Deveria era ter-se juntado aos

4. Calçado militar, usado à época.

5. Na antiga Roma, entrada solene e aparatosa que a cidade fazia aos seus generais vitoriosos

que desejavam matá-lo!... Oh, como se arrependia de tê-lo defendido!... Agora, pouco poderia fazer para desalojar aquela fera e expulsá-lo a pontapés do palácio real!... Sentia-se fraco, doente... Aquele verme enganara a todos!... Nos primeiros cinco anos de seu governo, mostrara-se tão humano, tão afável no trato!... Relegara ao seu *praeceptore*,⁶ *Sêneca*,⁷ e à mãe, *Agrippina*, as questões mais importantes do governo; a si, autodenominara-se de eterno aprendiz de ambos, ouvindo e deles acatando os sábios conselhos. Entretanto, pouco demorou para que a fera que dentro dele dormitava revelasse as fauces mais horrendas que se podia imaginar!... Bem depressa tratou de desfazer-se de seus dois mais preciosos alter egos: a mãe e o preceptor; àquela, depois de inúmeras tentativas de matá-la, simulando acidentes dos quais ela, milagrosamente, conseguira safar-se incólume, viu-se enredada, por fim, numa infame intriga, urdida pelo filho que, por esse tempo, já se havia aliado aos piores tipos de pessoas que possam existir, conseguindo, assim, justificar-lhe o torpe assassinato, através de um inexistente crime de lesa-majestade; ao professor, amigo e filósofo, que tão esplendidamente o iniciara nas artes de bem governar, imputara-lhe o crime de alta traição, juntamente com o poeta e escritor *Petronius*,⁸ incluindo-os no rol dos que tomaram parte na conspiração dos Pisões, que pretendiam assassiná-lo. A *Sêneca*, condenou-o a cometer suicídio; ao grande poeta *Petronius*, condenou-o à morte por decapitação.

6. Preceptor, em latim. Na antiga Roma, mestre encarregado da educação de crianças, no lar.

7. Lucius Aneus Sêneca (02 - 66 d.C.), filósofo nascido em Córdoba, Espanha, e desencarnado em Roma.

8. Titus Petronius Arbiter, escritor e poeta latino, nascido na Gália, famoso pelo *Satiricon*, obra em que descreve, com excelente valor histórico, os desmandos, a degradação dos valores morais e a dissolução dos costumes, ocorridos à sua época. Foi condenado à morte por Nero, em 66 d.C.

- *Morbi animi perniciosiores sunt quam morbis corporis...*⁹ -murmura baixinho e sorri. Depois, prossegue, cheio de amargura: - Eu tenho o corpo podre, e ele, a alma!...

-Comandante!...

Caius Petronius Tarquinius acorda um pouco irritado com os três rapazes que se achavam ali diante dele, olhando-o, apreensivos. A custo, adormecera havia poucos minutos e sonhava com *Drusilla Antônia*. No sonho, encontrava-se em sua *villa*, deitado no *triclinium*, recostando a cabeça ao colo da esposa, e ela lhe afagava, docemente, os cabelos, e ele se sentia deleitar, com a suavidade dos toques da mão dela.

- Soubemos que vos encontrais doente, comandante!... - diz, preocupado, um dos rapazes.

- Não há nada de grave, *Antoninus* - diz ele, mentindo e se levantando do leito.

- De fato, vossa aparência não é das mais agradáveis, comandante! - observa um outro rapaz.

- Sim, general - diz o terceiro jovem -, vossa pele encontra-se um pouquinho esverdeada!

-Acho que exageras, *Silverius!*... - exclama o velho comandante, mal disfarçando a irritabilidade que o acometia. E prossegue, depois de beber longos e muitos goles de uma taça com água: - Apenas uma ligeira indisposição. Não há motivo para tanta preocupação!

Os rapazes entreolham-se, muito pouco convencidos da veracidade das palavras do velho general.

-"*Nullus locus est domestica sede iucundior!*"¹⁰ " - exclama *Caius Petronius Tarquinius*, esforçando-se para mudar o humor ácido que o invadira. - Vamos para casa, que nossa missão aqui já se cumpriu!...

9.- "As doenças da alma são tão perniciosas quanto as do corpo...", em latim.

10. " Nenhum lugar é mais bonito que o próprio lar!", em latim

Julius Vindex continua o vice-pretor da *Gaula Cisalpina*, e nada mais temos que fazer por aqui!...

Os rapazes entreolham-se, e seus olhos faíscam de alegria.

-Levantemos o acampamento e rumemos para casa!... - ordena resolutamente *Caius Petronius Tarquinius*.

* * * * *

Drusilla Antónia passeava pelas aléias floridas do *viridarium*¹¹ de sua *villa*. Naquela manhã, despertara feliz; sonhara com *Caius Petronius* e se animara mais ainda, pois tinha a certeza de que o marido estava retomando para casa. Sabia que ele não andava bem, ultimamente, e até já havia se queixado a ela, diversas vezes, sobre as fortes e constantes dores que vinha sentindo no abdômen. "Tu tens o fígado opilado. Por que não vais até o templo de *Aesculapius*!... Quem sabe lá não te darão um jeito?... ", dissera, preocupada, a ele. "Não tenho tempo para isso agora, minha cara!... Em primeiro lugar, chama-me o dever!... Os infames gauleses, uma vez mais, estão a dar-nos dores de cabeça e é preciso mostrar a eles quem é que manda!...", respondera ele, rindo-se das preocupações dela. Por isso é que o amava e admirava tanto!... Pensava sempre na pátria e nos outros, acima de tudo!.. . *Drusilla Antónia* sorri, cheia de ternura, ao rememorar-lhe as feições queridas. Quantas vezes ele não declinara de coisas de que tanto gostava, somente para atender-lhe os mínimos caprichos?... E, ela se sentia lisonjear, ao vê-lo adulando-a e cobrindo, sempre, de mimos e de eternas carícias!... Ah, nem mesmo o tempo, que a tudo corrói, conseguira menoscar o amor deles!...

-*Domina*, um mensageiro da parte do nobre senador *Cornélius Helvetius* acaba de trazer-vos uma mensagem - diz uma criada, aproximando-se e a tirando desses pensamentos e lhe estendendo, com ligeira reverência, a correspondência, envolta num pano de linho branco.

11. O jardim, nas antigas casas romanas.

Dulcina Antonia lê as palavras nervosamente rabiscadas na cera da *tabula*,¹² numa caligrafia já bem conhecida sua, e semblante carregado de preocupação

-*Dulcina*, depressa, manda *Iustus* preparar a liteira!... - ordena ela para a criada. E prossegue, encaminhando-se, ligeira, para dentro de casa: - Vou sair dentro de meia hora!... Vamos, avia-te, sem delongas, que tenho muita pressa!...

Pouco tempo depois, enquanto transpunha os poucos quilômetros que separavam a sua casa da esplêndida residência do velho amigo de família e sacolejando, de leve, ao sabor dos passos dos carregadores de sua liteira, *Drusilla Antónia* cogitava sobre o que desejaria de si *Cornélius Helvetius*, para tê-la chamado, assim, às pressas.

-*Ave*, caríssima *Drusilla*!... - recebe-a o venerável tribuno, no *atrium* de sua mansão.

-*Ave*, nobre *Cornelius*!... - diz ela, abraçando, ternamente, o adorado amigo. E prossegue, enquanto se encaminhavam para o *tablinum*¹³, ainda repousando, amorosamente, os braços em redor do pescoço do velho senador: -Não me digas que pioraste!...

-*Ah*, *Drusilla*, *Drusilla*!... - exclama *Cornélius Helvetius*, osculando-a, terna e respeitosamente, à face. - Que bom que vieste, atendendo ao meu chamado!...

Uma vez acomodados no *tablinum*, refestelados em confortáveis cadeiras de buinho trançado, e servidos de bandejas de guloseimas,

12. Pequena placa de madeira, marfim ou metal, escavada para conter camada de cera, na qual os antigos romanos escreviam com um estilo - pequena haste feita de osso, madeira ou metal, com uma extremidade pontiaguda e a outra espatulada.

13. Nas antigas casas romanas, era o lugar mais ou menos reservado, onde o anfitrião recebia os amigos e onde guardava os documentos da administração doméstica - modernamente, o escritório.

que serviçais prestimosos depuseram em rica mesa baixa, lavrada em madeira de lei, tauxiada em marfim e ouro, prosseguem a conversa.

- Dize-me, *Cornélius*, que é que te apoquentas, assim, a cabeça? - pergunta *Drusilla*, encarando-o, amorosamente, nos olhos, como era de seu feitio.

- Oh, minha boa amiga!... - exclama o velho senador, com a voz carregada de ternura por aquela mulher, a quem aprendera a amar e a respeitar, como a uma irmã, e que, coincidentemente, era a esposa de seu melhor amigo e companheiro de tantos anos. E prossegue, com a voz embargada pela emoção: - Tu e *Caius Petronius* sempre me fostes tão amigos e sempre estivestes a meu lado, nos bons e, também, nos maus momentos de minha vida!... - e se cala, por instantes, com a voz reprimida pela forte emoção.

Drusilla Antónia limita-se a encará-lo, também fortemente tocada pelas palavras do amigo.

-Não é segredo para ninguém o fato de eu me encontrar muito doente, minha cara... - prossegue, por fim, o velho senador, após forte esforço para reprimir as emoções que o invadiam. - Entretanto, é a ti e á teu esposo a quem devo confiar minhas derradeiras vontades...

-Ora, *Cornelius!*... Deixa de dizer asneiras!...-exclama a matrona, ralhando, amorosamente, com o amigo. - Não creio que me tenhas aqui chamado para tais coisas!...

- Sim, *Drusilla*, sei que esse assunto pode parecer-te penoso, mas é inútil postergá-lo! - diz o velho tribuno, emitindo longo suspiro. E, depois, fixando, demoradamente, o nada, como se ordenasse as idéias para o que iria expor, prossegue: - Tu e *Caius Petronius* sois, na realidade, os únicos e verdadeiros amigos que possuo neste mundo!...

- Não, *Cornélius!*... - atalha *Drusilla*. - Tens a *Susanna Procula*, tua adorável neta, e a *Iulius Maximus*, teu sobrinho, filho de tua irmã *Metella!*... Estás, por acaso, esquecendo-te deles?...

Cornélius Helvetius fixa, demoradamente, na amiga, um par de insones e lassos olhos e abre um sorriso triste. Depois meneia, lentamente, a cabeça e prossegue:

- Ah, minha cara, para que, prematuramente, não concluas que ando caducando, deixa-me expor o que acontece!... Antes de te mandar chamar, aqui esteve meu médico, a quem ordenei buscarem, às pressas, depois de eu ter passado uma noite terrível, premido por dores insuportáveis em meu estômago. Quando, de manhãzinha, pude, finalmente, conciliar o sono, não consegui descansar por muito tempo, pois, em uma hora e pouco, acordei-me sufocado por um vômito sanguinolento. *Servula* e *Priscus* socorreram-me, às pressas, com uma tisana de menta e limão, o que favoreceu, ao menos, temporariamente, a hemóstase, conforme me asseverou o médico; entretanto, ele não me deixou qualquer ilusão, minha cara: meu fim está próximo!...

- Oh, meu amigo!... - exclama *Drusilla Antónia*, com os olhos mareados de lágrimas. - Que tristes notícias estás a dar-me!...

- Entretanto, como sabes, *Susanna Procula* ainda é uma juvenzinha de catorze anos, e eu lhe tenho sido o pai e a mãe, desde que perdeu os genitores, quando ainda era um bebê recém-nascido!

- Sim, meu amigo!... - diz *Drusilla Antónia*, abrindo ligeiro sorriso, ao recordar-se dos atrapalhos pelos quais o avô tivera que passar, ao ver-se, de repente, às voltas com um bebezinho de poucos dias. - Tu realmente tiveste que abandonar tudo, para te dedicares à criação de tua neta!...

- Sim, *Drusilla!*... Por ela, abandonei tudo!... - exclama o velho, com o rosto repentinamente iluminado, ao lembrar-se de coisas que, efetivamente, deram-lhe prazer no passado. E prossegue, como se ganhasse inusitado vigor: - E tu, embora nunca tivesses sido mãe, de que valia me foste!...

- Puro instinto maternal, meu caro!... - exclama a matrona, rindo-se. E continua: - Puro instinto maternal!... Tu sabes que eu sempre fui doida por um bebê!...

- Eu havia perdido meu filho, *Cneius Cornélius*, na guerra, e minha adorável nora, *Lucília Augusta*, foi-se, em seguida, de complicações do parto, legando-me o rebento do amor deles: *Susanna Procula*!... Não fosse a existência de minha neta, eu, possivelmente, teria sucumbido de dor, já naquela época!...

- Sei que não te foi fácil perder a família toda, assim, de repente, meu caro!... - diz *Drusilla Antónia*. - Ainda bem que os imortais legaram-te *Susanna Procula*, para consolo de tua velhice!...

- Sim, *Susanna Procula* é a luz dos meus dias de velhice; entretanto, a danadinha está a dar-me terríveis preocupações... - diz o velho senador, segurando a cabeça com ambas as mãos. E prossegue, em tom de desabafo: - Imagina que agora vive intrigando-se com a idéia de que nada sabe sobre si, que desconhece, completamente, tudo sobre os pais, que a deixaram ainda quando era um bebê, e coisas assim!...

-*Adolescentia*, meu caro, *adolescentia*!... - diz *Drusilla Antónia*, rindo-se do excesso de preocupações do amigo. - Não te esqueças de que essa fase da vida é deveras cheia de confusão!...

- Seria exagero de minha parte o fato de estar preocupando-me, assim, com as atitudes de minha neta, não fosse a persistência que ela demonstra, digo, quase uma fixação, em descobrir os gostos e preferências que tinham os pais, em relação a vestimentas, comidas, passatempos... Imagina, cara *Drusilla*, que vive nos templos, principalmente o de *Vesta*¹⁴, a ofertar incensos e sacrifícios, um atrás do outro, em busca de augures!... Deseja, ardentemente, conhecer o futuro que a aguarda, se vai casar-se logo e com quem!... Que criatura!... Manda-me à morte, antes da hora!...

14. A deusa do fogo, na mitologia romana.

- Oh, meu bom *Cornélius!*... - exclama *Drusilla Antónia*, procurando reconfortar o amigo. - Tu te preocupas à toa!... Tua neta é uma criatura adorável, cheia de saúde e, principalmente, belíssima! ...

- Aí é que reside minha maior preocupação, *Drusilla!*... - diz o velho senador, demonstrando excesso de preocupação. - Aí é que está o maior problema: a beleza de minha neta é realmente estonteante, e isso tem chamado a atenção de metade dos homens de Roma sobre ela!...

- E isso não deveria ser motivo de orgulho para ti? - pergunta *Drusilla Antónia*, olhando-o com ar divertido.

- Tu conheces muito bem *Susanna*, minha cara, posto que me ajudaste a criá-la!... Sabes o quanto é vaidosa, desde quando era pequenina!... Parece que a danadinha sempre teve noção da beleza com que lhe presentearam os imortais e começa, finalmente, a descobrir o fascínio que tal coisa exerce sobre os homens!...

- De fato, a beleza pode tornar-se perigosa arma nas mãos de quem não sabe manejá-la!...-concorda *Drusilla Antónia*, agora, também, preocupando-se. - Tu sabes o quanto andam mudados os tempos...

- Roma envergonha-me!... - exclama *Cornélius*, com a fisionomia arriada pela amargura. E, depois de estirar os lábios, numa larga expressão de desprezo, prossegue: - Longe vão os dias gloriosos de nossa pátria!... Por todos os lados, grassa a corrupção, impera a degradação dos valores mais sagrados e recrudescem a devassidão!... Não há limites para mais nada!...

- As vezes, compenso minha frustração por não ter dado à luz o herdeiro que meu adorador *Caius* tanto desejou, pensando no mundo que essa criança iria encontrar!... - diz a matrona, séria. - Como poderíamos nos sentir felizes e sossegados, sabendo que, por todo lado, viceja o crime, a degradação e os vícios mais aviltantes?...

- Agora tens a exata medida de minhas preocupações, cara *Drusilla!*... - exclama o velho senador, encarando-a, sério. E prossegue, depois de engolir em seco, por diversas vezes, como que a indicar

que tinha que deglutir algo realmente muito indigesto e que o estava deveras incomodando. - Tu sabes agora o quanto me preocupa ver minha neta por aí, sendo assediada por todos os lados!... - e se cala, fixando o vazio.

- Sei que isso te incomoda muito, *Cornélius* - diz, séria, a matrona -, entretanto tenho que te dizer: a educação que deste a *Susanna* fez dela uma jovem muito independente e não te será fácil pôr-lhe os freios, agora que cresceu!...

- Tens toda a razão, minha amiga!... - concorda o senador. E prossegue, altamente amargurado: - Eu a criei, dando-lhe plena e total liberdade!... Agora, faz o que deseja e não aceita que ninguém lhe dê ordens!...

- Por outro lado, acredito que isso seja passageiro, coisas da idade, que - queiram os imortais!... - seja, realmente, apenas uma fase!...

- Mas, o que mais me preocupa, querida *Drusilla*, é que estou no fim... - diz o velho, grandemente alquebrado. - Acho que tenho pouquíssimo tempo de vida, e como ficará minha netinha?...

Drusilla Antonia levanta-se da cadeira e abraça, condoída, o velho amigo. Duas grossas lágrimas rolavam-lhe pelas faces emurchecidas.

- Ora, *Cornélius*, onde está o leão que conheci?... - ralha ela, amorosamente, com o amigo, e lhe afagando, ternamente, os encanecidos e ralos cabelos, prossegue: - Não vim até aqui para ouvir-te falar asneiras!...

- Não digo tolices, *Drusilla*!... - diz o velho, abrindo-se em lágrimas. A ternura e os carinhos que recebia da amiga acabam por desarmá-lo ainda mais, e ele chora, e diz, entre soluços pungentes: - Tu sabes que é verdade!... Definho a cada dia!... As dores são-me insuportáveis!...

- Olha, *Cornélius* - diz *Drusilla*, ajoelhando-se diante dele e lhe tomando as mãos entre as suas - , se, de fato, essa tolice que dizes venha a realizar-se, juro-te, tomaremos, eu e meu adorador *Caius*, o lugar que ocupas na vida de *Susanna*!... Garanto-te, tua menina não

ficará desprotegida neste mundo!... Nós a defenderemos como se fora tu próprio!... Fica tranquilo!...

- Oh, *Drusilla, Drusilla!*... - repete o velho, chorando e se abraçando à amiga. - Somente tu e *Caius* para ocupardes o meu lugar!... Ninguém mais mereceria minha confiançae meu respeito!... Oh, que peso tiras de meus ombros!...

Lá fora, o dia avançava lindo, azul, com toda a força da primavera, e *Drusilla Antónia* envolveu o velho amigo em temo e caloroso abraço, e lhe osculou, repetidas vezes, as faces banhadas de lágrimas.

Pouco depois, percebendo que o amigo tranqüilizava-se um pouquinho mais, *Drusilla Antónia* retoma o diálogo:

- A propósito, onde se encontra *Susanna!*

- Saiu bem cedinho, como sempre faz, às sextas-feiras, para ir ao templo de *Apolo*¹⁵, que, como sabes, é quando os augures lêem o futuro no vôo dos pássaros!... - exclama o velho, rindo-se. - E tu achas que *Susanna* iria perder isso?... Nem mesmo sabendo que eu não passava bem foi motivo para retê-la em casa!... Prometeu-me, entre uma nuvem de beijos que me enviava pelo ar, que iria oferecer um novilho a *Júpiter Capitolinus*¹⁶ pelo meu rápido restabelecimento, mas que já havia marcado encontrar-se com *Iulius Maximus*, e que não iria deixá-lo lá, esperando por ela, como um tonto. "Sabes como *Iulius* é irascível, não é vovô?... ", disse-me ela, gritando lá de fora. "Se eu o fizer de bobo, nunca mais me acompanhará aos espetáculos no *Circus Maximus*,¹⁷ e sei que tu, com toda a certeza, nunca me

15. Deus da luz, das artes e da adivinhação - a personificação do Sol, na mitologia romana.

16. O pai dos deuses, na mitologia romana.

17. Antiga praça de arena, onde se realizavam espetáculos públicos com gladiadores, feras e outros de caráter circense. Posteriormente, o imperador Vespasiano iniciou a construção do Coliseu ou anfiteatro Flávio, em 69 d.C, e seu filho Tito terminou-o em 80 d.C Esse novo circo era de proporções bem maiores que o antigo e cujas ruínas persistem até os dias de hoje, na cidade de Roma.

levarás, não é mesmo?...", e sumiu, apressada, a danadinha, fechando as cortinas da liteira nas minhas fuças!...

- E *Iulius Maximus* acompanha-a sempre? - pergunta *Drusilla*, demonstrando ares de preocupação.

-Não se desgrudam, minha cara!... -responde o velho senador, de repente, também mostrando-se sério. - Noto que te preocupas com isso e eu muito mais!... Sabes o quanto ele é violento!... *Metella* e o pai mimaram-no muito e veja no que deu!... *Quintus Salvius* relatou-me, há dias, quando veio visitar-me, o que esses jovens patrícios vêm fazendo ultimamente!... Tu ficarás boquiaberta quando eu te contar!... Porém, antes, convido-te para almoçar, e não aceito recusas! - diz *Cornélius*, enchendo-se de ânimo, como se, de repente, os males que lhe acometiam o decrépito corpo não mais existissem. *Drusilla Antónia* sorri, agradecida. Jamais recusaria um convite do amigo. Como as horas haviam passado!... O dia já avançara bastante, e ela nem tinha percebido.

Pouco depois, instalam-se no *triclinium*, refestelando-se em confortáveis *canapei*¹⁸, e solícitos serviçais trazem o almoço, que se constituía de variados e apetitosos manjares, servidos em bandejas de prata. O velho senador, entretanto, comia, com parcimônia, apenas pequenos pedaços de pão os quais ele mergulhava em leite de cabra, adoçado com mel.

- Ultimamente, meu alimento tem se reduzido a isto, minha cara!...

- observa ele, ao constatar que a amiga estranhava o fato de ele não tocar nos outros alimentos. -*Divitiarum gloria fluxafragilis est. '...'*¹⁹

18. Canapés, em latim. Tratava-se de uma espécie de poltrona alongada, normalmente forrada de palhinhas trançadas ou de lona e recoberta de almofadões, sobre os quais era costume recostar-se, para tomar as refeições ou para conversar; esse móvel constituía parte da mobília do triclinium - lugar mais importante das antigas residências romanas e onde se recebiam as visitas.

19."A glória das riquezas é instável e frágil!...", em latim.

- exclama ele, olhando em derredor. Depois, prossegue cheio de amargura: - De que me vale todo esse luxo, se não posso dele usufruir?...

- *Non semper pretiosissimae res utilissimae sunt*,²⁰ meu caro amigo!... - exclama *Drusilla*, condoendo-se da terrível situação em que se encontrava o amigo.

- Eu que o diga, minha doce *Drusilla*!... Eu que o diga!... - diz *Cornélius Helvetius*, meneando, tristemente, a cabeça. E prossegue: - Daria toda a minha fortuna em troca da saúde que já não mais possui!... Mas, o que te dizia sobre meu sobrinho é de veras terrível!... Tu nem imaginas o que ele e outros rapazes - que deveriam ser a fina flor de nosso patriciado - andam aprontando por aí j...Tarde da noite, quando se faz bem escuro, saem em bandos, pelas ruas, cobertos por mantos para não serem reconhecidos, a maltratarem e a perseguirem os mendigos, os bêbados, as prostitutas e os retardatarios, infligindo-lhes as maiores judiações!... E, o que me deixa ainda mais estarecido é que, conforme me asseverou o capitão *Primus Quintilianus*, comandante da guarda urbana e com quem detenho fortes laços de amizade, os rapazes andam afogando essas pobres criaturas nos regos dos esgotos, após terem nelas descarregado toda a sua fúria bestial!

- Não me espantam tais coisas, *Cornelius*!... - exclama *Drusilla Antonia*. - Tu não desconheces que o próprio imperador fazia essas mesmas bestialidades pelas ruas, até há bem pouco tempo, quando ainda não detinha o cetro!...

- Sim, e deixou prosélitos, por sinal!... O capitão contou-me que recolhem, todas as manhãs, pelo menos uma dezena de corpos dos que foram afogados na imundície e sempre apresentando as mesmas características: os corpos tremendamente mutilados por severo espancamento!

20."Nem sempre as coisas mais preciosas são as mais úteis", em latim.

- E o que te faz pensar que *Iulius Maximus* encontra-se entre os tais?
- pergunta *Drusilla*.
- O próprio capitão afirmou-mo. Diante do grande número de cadáveres encontrados em tal situação, passaram a vigiar, com mais atenção, as ruas mais escuras e chegaram aos executores de tais brutais assassinatos! E, após minuciosa investigação, chegaram aos culpados.
- Oh, se *Metella* e *Otávio* ainda vivessem, por certo, envergonhar-se-iam do filho!... - exclama a matrona.
- Entretanto, eu nada posso fazer por meu sobrinho, pois eleja tem dezoito anos e é dono de seus próprios atos!... O que realmente me entristece e me deixa deveras preocupado é que ele anda atrás de *Susanna Procula* como uma sombra!... E ela o admira, pois o acha arrojado e corajoso, e o que é pior: cuida para que os mínimos desejos dela sejam realizados!... Tu sabes que dinheiro nunca lhe foi problema, não é?... O pai deixou-lhe tamanha fortuna que nem ele mesmo conhece a extensão de tudo o que possui!...
- Oh, pobre *Cornelius!*...- exclama *Drusilla Antónia*, apiedando-se da situação do amigo. - Começo a entender que a tua situação não é das melhores!...
- E, o que me entristece mais é saber que esse jovem continua terrivelmente cruel, como foi, desde menino!... É triste reconhecer que os pais nada fizeram para moldar-lhe o caráter, infundir-lhe novos e bons propósitos!... Que tolice pensar que a maturidade, como num passe de mágica, pudesse trazer firmeza de caráter a quem nunca se preocupou em cultivar valores e preceitos essenciais à boa vivência!... Minha irmã e meu cunhado criaram um monstro!...
- Oh, *Cornélius*, agora passo a compartilhar contigo a preocupação de que a companhia de *Iulius Maximus* poderá influenciar o comportamento de tua neta!... -exclama *Drusilla Antónia*, apertando forte a mão do amigo.

- Já a está influenciando, minha cara!... - diz o outro, cheio de desolação. - Percebo, claramente, que o rapaz está perdidamente apaixonado por *Susanna!*

- Que te faz ter tanta certeza disso?

- O modo como ele se comporta com ela, perseguindo-a aonde quer que ela vá como se fosse a sombra dela!... - diz ele, altamente consternado, e prossegue, com uma pontinha de despeito: - Traz-lhe mimos, faz-lhe agrados e gracejos, uns atrás dos outros, incansavelmente!...

Drusilla Antónia nada diz; apenas se limita a olhá-lo. O velho, então, prossegue, acabando por exaltar-se:

- *Drusilla, Iulius Maximus* não deixa esta casa!... Até parece que se mudou de vez para cá!...

- E tua neta corresponde aos agrados e gracejos dele? - pergunta a matrona.

- *Susanna* adora-o, minha cara!... - exclama *Cornelius*, extravasando ciúme por todos os poros. - Vivem ambos perdidos no mundo, e minha maior preocupação é que, na verdade, não sei o que andam fazendo por aí!...

-Não estás, acaso, com excesso de preocupação, *Cornélius*?...

-pergunta *Drusilla Antonia*, percebendo que o amigo roía-se de ciúme da neta. - Concordo quando dizes que *Iulius* talvez não seja boa companhia para *Susanna*, mas teria ele coragem de fazer mal a ela, se, de fato, encontra-se tão apaixonado assim?... Não agiria, acaso, ao contrário, protegendo-a de casuais perigos que, eventualmente, ela correria?

- Não sei, minha cara - diz ele muito desolado. - O que realmente me preocupa é o rumo que as coisas estão tomando. Ao menos, se eu me encontrasse saudável, poderia seguir-lhes os passos e averiguar o que andam fazendo por aí!

- Aquieto o teu coração, *Cornelius*!... - exclama *Drusilla Antonia*.

- Assim que *Caius Petronius* regressar da Gália - e creio que isso está por acontecer muito brevemente -, nós te faremos esse favor. Desejo

aproximar-me mais de *Susanna* - quem sabe até toma-me sua confidente -, e assim, ficaremos a par de tudo o que lhe vai pela cabeça!... Sossega a tua alma que as coisas arranjar-se-ão, não é mesmo?

O velho limita-se a sacudir a cabeça. Estava cansado. O estômago doía-lhe terrivelmente. *Drusilla Antonia* olha-o, apiedada. Levanta-se do *canapeum* e, aproximando-se do amigo, enlaça-lhe amorosamente a cabeça, atraindo-a para si. Com gestos suaves, acaricia-lhe, longa e demoradamente, os ralos cabelos encanecidos. Entendia, sim, o fogo que queimava o coração do amigo. Ele estava certo. Quem é que gostaria de perder o único tesouro que lhe restava?...

-Hominifelici tempus breve est, infelici longum...²¹ - murmura ela, baixinho, e beija a testa do velho amigo, que lhe sorri, agradecido. E, por muito tempo ainda, ela ali ficou confortando-o e lhe fazendo companhia. Lá fora, a tarde caía morna, banhada por radiante luminosidade primaveril.

21. "- O tempo feliz dos homens é breve, o infeliz é longo..." , em latim.

Capítulo II

O regresso ao lar

A grande praça diante do *Fórum* fervilhava. A tarde caía quente e abafada, e os vendedores ambulantes apregoavam, aos gritos, suas mercadorias. *Susanna Procula* e seu jovem companheiro, *Iulius Maximus*, desciam apressados as escadarias do *Capitolium*¹

- Oh, não pude aproximar-me do sumo sacerdote, o quanto eu desejava, para suplicar-lhe uma audiência! - exclama a mocinha, grandemente contrariada.

- Não te apoquentes, caríssima *Susanna*, pois te faço esse favor logo mais! - exclama o rapaz, cheio de si. E prossegue, puxando-a pela mão: - *Cneius Horatius*, o filho de *Lucius Flamulus*, o sumo sacerdote do *Capitolium*, é meu amigo e, mais tarde, conduzir-te-ei até a casa dele!...

- Verdade?!... - exclama a moça, detendo-se no meio da escadaria e fixando o rosto do companheiro com olhos extasiados. - Vais levar-me diante do grande *Lucius Flamulus*?...

-Garanto-te isso, minha cara!... - exclama ele, puxando-a, delicadamente, pela mão e a incitando a segui-lo. E prossegue, animadíssimo: - Mas, agora, vamos ao *Theatrum* que o imperador, em pessoa, dará um recital de canto, acompanhando-se à lira!... -e completa, meneando a cabeça, divertido: - Não desejo perder essa, de jeito nenhum!...

-Mas, não seremos barrados, à entrada, pela guarda pretoriana? - pergunta, preocupada, a jovem.

1. Na antiga Roma, o magnífico templo erigido em honra de Júpiter, o pai de todos os deuses.

- Que nada!... - diz ele, cheio de si. - Tu te esqueces de que eu tenho acesso até ao palácio imperial?... Não vivo sendo convidado para os festins que lá se realizam?... *Nero* é meu amigo de longa data, mesmo antes de meter as mãos na coroa!

- Ah, esquecia-me de que eras assim tão chegado à família real!... - exclama ela, cheia de sarcasmo. E prossegue, fazendo amuo: - Tu nunca te lembraste de me levar a uma dessas festas, não é mesmo?

- Oh, pressinto que ainda não tens idade suficiente para frequentares as festas que se dão no paço real, minha cara!... - diz ele, com um sorriso maroto.

- Por quê?... Que é que tem de mais em tais festas?... - pergunta ela, agora de braço dado com o rapaz, enquanto atravessavam, com passos ligeiríssimos, a longa praça retangular, apinhada de transeuntes que, apressados, iam e vinham de todas as direções.

- Nem te conto, minha cara!... - diz ele, com um riso malicioso nos lábios. E prossegue, olhando-a de soslaio: - O imperador é mestre na arte de agradar e de divertir seus convidados, com coisas inusitadas!... A cada festa, há sempre uma ou duas surpresas deveras impensadas!...

-Agora quero saber!... -exclamada, beliscado-lhe o flanco. -Tu me deixas curiosíssima e depois não vais me contar?...

-Ora, *Susanna*!... - diz ele, rindo-se. - São coisas para gente mais velha que tu!... Não posso te contar!...

-És um ingrato!... - diz ela, contrariada. - Tu me assanhas a curiosidade com tais coisas e depois nada me dizes!...

Nesse ínterim, aproximam-se das escadarias de mármore escuro do *Theatrum*, e ele, desvencilhando-se do braço dela, precede-a, galgando apressado os degraus da larga escada até o grandioso pórtico da entrada principal do magnífico edifício que, no momento, encontrava-se guardada por grossa fileira de pretorianos armados de lanças. Aproximando-se, *Iulius Maximus* cochicha algumas palavras ao ouvido do comandante, que lhe sorri e ordena, sem delongas, que lhe franqueiem a entrada. O rapaz, então, faz um

sinal com a mão para *Susanna*, que o aguardava a alguns passos atrás, incitando-a a segui-lo.

Dentro do teatro, o espetáculo já começara, e se ouviam estrepitosas gargalhadas, sinal de que encenavam alguma comédia. Os jovens entram um tanto atropelados e se sentam na arquibancada. No palco, iluminados por velas e pequenas tochas envoltas em seda colorida, dois atores, caracterizados e mascarados, como era comum à época, encenavam um trecho. Um deles, pela forma característica do corpo, que apresentava cabeça redonda, pescoço grosso, ventre volumoso e pernas finas, bem desproporcionais ao conjunto, tratava-se, inegavelmente, de **Nero**, o imperador. O diálogo encenado seguia-se, acompanhado com extremo interesse pela platéia:

- *Quomodos potes, Paule, annos gallinarum cognoscere?*

- *Ex dentibus, Antonii.*

- *Insanis, Pauli!...Gallinaedentesnon habent! -At ego habeo!...²*

A platéia explode em risadas e esfuziantes aplausos. Uma sucessão de pequenos esquetes é apresentada, arrancando, invariavelmente, frenéticos aplausos e gargalhadas da platéia que se divertia às pampas. O tempo escoou-se até que o espetáculo mudou seu caráter. Da *comoedia*, passou à *dictione*, apresentada pelo imperador. **Nero** surge a seguir, no palco, vestindo rica *praetexta*³ e

2."- De que maneira podes. Paulo, saber quantos anos tem uma galinha?

- Pelos dentes, Antônio

- Es um bobo, Paulo!... As galinhas não têm dentes!

- Mas eu tenho!..." , em latim.

3. Toga branca, franjada de púrpura, que usavam, na antiga Roma, os jovens das famílias patrícias, os senadores e os altos magistrados.

empunhando sua lira dourada. Uma explosão de aplausos e vivas efusivos faz sacudir as estruturas do edifício do *Theatrum*. O imperador, inchado de orgulho e de vaidade, sorri e se delicia com o estrugir da estupenda ovação que lhe tributam os mais fiéis bajuladores. Escancarando-se em desmedidos sorrisos de satisfação, **Nero** faz ligeira reverência, e a platéia cala-se de inopino. O artista limpa, ruidosamente, a garganta, encara seus ouvintes com olhos brilhantes e principia a dedilhar o instrumento com relativa maestria. Principia a cantar, e a voz soa-lhe em timbre baixo, grave, um barítono mal trabalhado, roufenho e quase desagradável:

"Unda impellitur unda,

Urgenturque prior veniente, urgetque priorem: Têmpora sicfugiunt pariter, pariterque sequuntur; Et nova sunt semper; nam quodfuit ante, relictum est; Fitque quod haud fuerat; momentaque cuncta novantur...

"4

O espetáculo encerra-se, após uma série de canções apresentadas pelo incansável *Nero*. A noite já caía quando *Iulius Maximus* e *Susanna* deixaram o *Theatrum*. A praça do *Fórum* encontrava-se iluminada por uma infinidade de archotes, e as pessoas que ora transitavam por ela eram os trabalhadores que retomavam cansados para seus lares, depois de longa e estafante jornada despendida nas

4. "Uma onda pela outra é impelida,

Cada uma é empurrada pela que lhe segue

E empurra, por sua vez, a que lhe precedeu;

E assim é o tempo: os momentos fogem da mesma forma,

E, da mesma forma se seguem; e sempre é um tempo novo;

Pois o que anteriormente foi, ficou abandonado;

E vem a ser o que não havia sido;

E todos os momentos sofrem transformação..." O trecho acima pertence à XV *Metamorfosis*, de *Publius Ovidius Naso*, (43 a.C - 16 d.C), poeta latino, também autor de "*Fastus*".

hortas e pomares situados nos campos adjacentes ou, ainda, nas olarias, marcenarias ou ferrarias e mesmo no ululante comércio que fervilhava na capital do império.

-Acompanho-te até a tua casa, *Susanna* - diz o rapaz, tomando, delicadamente, o braço da jovem. - Sei que despachaste tua liteira de volta.

- Oh, sim! - exclama ela. - Tinha a certeza de que me levarias para casa!... - diz ela, piscando-lhe um olho, marotamente. - Só assim tomarás acena⁵ comigo!

Acomodados na liteira, de volta para casa, o rapaz toma as mãos da jovem entre as dele, beija-as ternamente e, olhando-a firme, nos olhos, diz:

- Oh, *Susanna*, acho que já percebeste o quanto me encontro apaixonado por ti!... Peça-te, aproveitemos a ocasião!... Deixa-me pedir a tua mão a *Cornelius*!...

- Ora, *Iulius*!... - exclama a juvenzinha, agastando-se e retirando, abruptamente, as mãos que ele, apaixonadamente, segurava entre as suas. - Lá vens de novo com essa insistência!... Já te disse que ainda não sei se é de ti que realmente gosto, entendes?... Já consultei os augures de vários templos, mas ainda me encontro confusa!... As descrições que me deram de meu futuro marido nem sempre são condizentes contigo, percebes?

- Oh, e tu te deixas levar por tais coisas!... - diz ele, amuando-se. Mas, logo em seguida, recompõe-se e, tomando-lhe, de novo, as mãos e as beijando, com fervor, prossegue: - Por que não esqueces os áus-pices e me aceita logo por teu esposo?... Imploro-te, deixa-me fazer o pedido a teu avô!...

5. Tratava-se da última e da principal refeição do dia, para os antigos romanos, e se realizava à noite, por volta das 18 horas

- Ora, estás insistindo tanto, *Iulius!*... - diz ela, olhando-o, firme, no rosto. E prossegue, irritada: - Além do mais, sabias que meu avô não gosta de ti?

- Sei muito bem que *Cornélius* não me suporta e que nem se preocupa em esconder isso! - diz o rapaz, altamente contrariado. E emenda, com um sorriso sardónico: - Mas, o que me importa o que pensa de mim aquele velho decrépito?... - Não é com ele que me casarei!... E, além do mais, sei que anda bem próximo de descer às profundas do *Avernum*,⁶ a render tributos a *Hecate*...⁷ Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

-Desse jeito tu o ofendes!... - diz ela, zangando-se com o deboche que ele lhe fizera do avô e o belisca forte, no dorso da mão.

- Ui!... - exclama o rapaz, retirando ligeiro a mão. - Até pareces uma gata acossada!... - e prossegue, assoprando a mão: - Entretanto, sabes que assim é!... Então, por que te ofendes?

- Ofendo-me, porque gosto dele! - diz ela, zangada. - E, por outro lado, nada fazes párate tomares agradável aos seus olhos!... E, ainda, tu te esqueces de que ele é teu tio, que foi o teu tutor, até há bem pouco tempo, e que, além de mim, é o único parente que te restou neste mundo!

- Ora, tal parente eu faço questão de esquecer!... - exclama o rapaz, cheio de desprezo.

- Entretanto, vives na casa dele, não é mesmo? - observa *Susanna*, cheia de sarcasmo.

- Corrijo-te, minha cara - diz o rapaz, com o dedo indicador em riste -, vivo na *tua* casa, não na dele!...

-

6. Na mitologia latina, o local onde ficavam as almas depois da morte.

7. A guardiã do reino das sombras, nome que recebia a deusa Diana, em seu culto subterrâneo, na mitologia latina.

- *Insanis, Iulii!*...⁸ - exclamada, acabando por rir-se do jeito dele e dando um tapinha no dedo que ele lhe apontava. - Sabes muito bem que não tenho casa!... Eu vivo às custas de meu avô, esqueceste?

-Vives, porque queres!... - diz ele em tom de galhofa. - Se desejares, hoje mesmo poderás mudar-te para a minha casa!... Garanto-te que serás a dona dela!...

A jovem limita-se a olhá-lo com olhos brincalhões. Não conseguia brigar com ele e não conseguia, também, levá-lo muito a sério. Nesse ínterim, a liteira estaciona diante da mansão de *Cornélius Helvetius*. A tarde, paulatinamente, dava lugar à noite que se instalava num céu manchado de matizes vermelho-chama e azul-turquesa, típico das noites primaveris.

Joviais e saltitantes, ambos adentram a residência, já iluminada para a noite, e procuram por *Cornélius*, acabando por encontrá-lo que descansava, sentado num intercolúnio da *exedra*⁹.

- Oh, por onde andaste o dia inteiro, minha pombinha? - pergunta o velho senador, estendendo os braços à neta que se lançava sobre ele e o cobria de beijos.

-Oh, estive em mil lugares!... -exclamaela, como sempre, vivaz. - *Iulius* acompanhou-me o tempo todo!...

-**Ave**, caríssimo *Cornelius!*... - diz o rapaz, saudando-o com um aceno de mão.

O velho responde-lhe ao cumprimento apenas com ligeiro sacudir de cabeça. Era patente que a presença do rapaz ali o desagradava muito.

- Já jantaste, vovô? - pergunta ela. - Espero que não, pois convidei *Iulius Maximus* para a *cena!*... Vamos, estou morta de fome!... - e

8. "- És um bobo, Iulius'....", em latim.

9. Espécie de sala de estar de formato circular e rodeada de colunas, nas antigas residências romanas.

dispara para o *triclinium*, onde os aguardavam estupendos manjares, servidos por pequeno batalhão de solícitos criados.

- Precisavas ver o *Theatrum*, vovô!... - exclama *Susanna*, chupando a ponta dos dedos lambuzados de molho. - Nem imaginas quem estava lá, em pessoa!

- Imagino, sim, minha cara - diz o velho, olhando-a, sem muita animação. - O imperador... Acertei?...

- Oh, como sabias, vovô?... - pergunta ela, levando um pedaço de cordeiro assado à boca, com apetite voraz.

- Porque todo mundo sabe que o imperador de Roma diverte-se no *Theatrum*, fazendo palhaçadas, enquanto o povo esfalfa-se para pagar os pesadíssimos tributos que lhe são impostos e que acabam sendo gastos por aquele inconseqüente em frivolidades e luxos desmedidos ! - diz o velho senador, cheio de sarcasmo, e olha firme para *Iulius Maximus* que se mantivera calado até então.

- **Nero** é um esteta nato, meu tio! - exclama o rapaz, percebendo que o outro o provocava. - Eu mesmo já o ouvi dizer, reiteradas vezes, que considera o dinheiro não pelo valor que representa em si, mas pelas coisas belas e deliciosas que pode proporcionar!

- Gostaria de saber se o imperador pensaria assim, se tivesse que gastar do próprio dinheiro, ganhado honestamente, às próprias custas, com suor e muito sacrifício, como faz o povo!... Será que continuaria atirando os milhões de sestércios aos esgotos, em festas exuberantes, em palácios, jóias, roupas, cavalos, como faz atualmente, a torto e a direito, sem dar satisfações a ninguém?... O povo já se cansa!... Será que ele não tem exemplos suficientes do passado?... Sinto muito, mas não consigo prever um bom final para esse doido!...

- A pessoa do imperador é intocável, meu tio! - exclama o rapaz. E prossegue enfático: - *Aquilae habent nidos in altis arboribus!*¹⁰

- Mas, não te esqueças de que os homens sabem muito bem como cutucá-las com longas varas para desalojá-las dos ninhos, meu

jovem! - diz o velho senador e prossegue, com um sorriso de deboche: *Fortuna vítrea est: tum cum splendet, frangitur!*ⁿ

O rapaz cala-se, diante do fortíssimo argumento do tio. Apenas, limita-se a olhá-lo com olhos ferozes. No íntimo, reconhecia que não era páreo para o arguto senador que lhe era infinitamente superior em inteligência, em cultura e em experiência de vida. Esforçando-se para controlar a raiva, estende a taça ao criado que a enche de vinho. Depois, mergulhando aponta dos dedos na taça d'água que tinha diante de si, deixa escorrer algumas gotas dentro da taça de vinho, para a libação¹². O tio segue-lhe o ritual com os olhos. "Não me enganas, safado!...", pensão velho, observando como o outro sorvia o vinho com avidez. "Tu és um beberrão nato!... Certamente, tomaste o gosto pelo vinho puro nas bacanais de que participas no paço imperial!..."

- Parece-nos que o *mulsum*¹³ já não te apetece mais, caro sobrinho!...
- observa *Cornélius* com sarcasmo. - Vejo que bebes o vinho quase puro!

- Ora, tio, não me viste adicionar água ao vinho? - responde, irritado, o rapaz. -Ademais, não me agrada o gosto de teu *mulsum!*...
Acho-o excessivamente aguado!

"Aguados são teus miolos!", teve vontade de responder-lhe *Cornélius Helvetius*. Mas, conteve-se. Não pretendia agastar-me mais com aquele doidivanas. Por outro lado, percebia o quanto a neta gostava daquele idiota e não desejava indispor-se, também, com ela.

10. "- As águias têm ninhos nas árvores altas!", em latim.

11. "A sorte é como o vidro: da mesma forma que brilha, quebra-se!", em latim.
Citação do poeta Publius Sirus.

12 Na antiga Roma, o vinho era tomado, misturando-o com mel ou água - o mulso -, pois tomá-lo puro era considerado indigno de um homem de bem.

13. Mulso, em latim. Mistura de vinho com mel ou água, o hidromel.

Muda, então, o rumo da conversa:

- Dize-me, *Iulius*, não tomaste parte, desta vez, da campanha de teu regimento? Pelo que me consta, o general *Galba* encontra-se na *Hispania*. Já deste baixa, por acaso?

- Oh, não, meu tio - diz o rapaz, com um sorriso amarelo -, pedi licença ao exército para tratar de um problema de saúde.

- Verdade? - exclama a mocinha que, até então, única e exclusivamente, houvera se ocupado em devorar uma boa parte do lombo do cordeiro assado, com pão e ovos cozidos. - Não sabia que estavas doente, *Iulius*!

- Oh, sim, sinto tonteiras e zumbidos à cabeça! - exclama o rapaz, de repente empertigando-se e fingindo debilidade que, de fato, nem de longe, possuía.

Cornélius Helvetius limita-se a olhá-lo com desdém. "Poltrão, mentiroso!...", pensa. "O que tens é medo de enfrentar as agruras das batalhas!... Se, de fato, sentes tonteiras e zumbidos, certamente, são motivados pelos excessos que vives cometendo nas esbórnias e nas carraspanas que tomas por aí!"

O jantar prosseguia e, através das colunas do *perystilium*,¹⁴ era possível perceber-se que a noite avançava, iluminada pela lua cheia.

- E não procuraste um médico, *Iulius*? - pergunta *Susanna*, apreensiva.

- Oh, claro - responde o rapaz -, agora fingindo maior debilidade ainda, ao perceber que a jovem condoía-se dele. - Procurei *Flavianus Taelus*, um dos médicos do imperador, que me recomendou banhos e ervas.

- E tens sentido melhoras? - pergunta a moça.

- Relativas melhoras - diz o rapaz, olhando-a com olhos supostamente cheios de abatimento.

14. Peristilo, em latim. Varanda com colunas, que davam para um jardim interno, nas antigas residências romanas.

- E não te proibiu o médico de beberes vinho puro? - pergunta, sarcástico, *Cornélius Helvetius*. E prossegue, direto: - Digo-te tal coisa, porque o meu me proibiu até o *mui sumi*... Não te parece estranho isso?

- Acho que são doenças totalmente diferentes a minha e a tua, meu caríssimo tio! - exclama o rapaz, fulminando o outro com os olhos cheios de ódio. - Ademais, existem doenças para as quais o vinho é altamente recomendado!

Cornélius limita-se a olhá-lo com desdém. "Mas, não no teu caso, meu caro!", pensa ele. Entretanto nada diz. Levanta-se, dando a entender que o jantar encerrava-se e, para irritar ainda mais o outro, deselegantemente, despede-se dele, beija a neta à testa e deixa o *triclinium*.

- Teu avô manda-me embora, *Susanna*! - exclama o rapaz, furioso.

- Oh, *Iulius*, mas tu também tens culpa nisso! Vives provocando-oL.

- diz ela. E prossegue, tentando acalmá-lo: - Agora quero que te vás!... Amanhã prometeste levar-me à casa do sumo sacerdote de *Júpiter Capitolinus*, esqueceste?

- Oh, não!... Não me esqueci!... - exclama ele, iluminando os olhos e abrindo um sorriso. - Conseguir-te-ei uma audiência particular com *Lucius Flamulus*, conforme te prometi!

- Oh, mal posso esperar!... - diz a jovem, altamente excitada. - Acho que nem conseguirei dormir direito!

- Acalma-te, minha bela!... - diz ele, beijando-lhe, amorosamente, as mãos. - Onde nos encontraremos?

- Na praça, diante do *Comitium*!..¹⁵ - grita ela, enquanto desaparecia pelo corredor que dava ao *atrium*.¹⁶ Certamente, encaminhava-se ao seu *cubiculum*¹⁷, para dormir.

15. Na antiga Roma, palanque em forma de proa de navio, construído diante do Fórum, e local onde os cidadãos eminentes - principalmente os políticos - falavam ao povo.

16. O segundo vestibulo, nas residências da antigas Roma. e que dava para os quartos de dormir.

17. O quarto de dormir, nas antigas residências romanas.

Iulius Maximus permanece de pé, ainda por alguns instantes, no *triclinium*, olhando a porta do corredor por onde ela desaparecera. Trazia o rosto inchado de excitação e o peito quase a explodir-lhe de paixão. Depois, com passos rápidos, deixa a mansão de *Cornélius Helvetius*, já totalmente mergulhada em silêncio.

Na manhã do dia subsequente, a praça do *Fórum* fervilhava sob um radiante sol de primavera. Diante do *Comitium*, *Iulius Maximus*, demonstrando excessivo nervosismo, andava de um lado para o outro. *Susanna*, como sempre, atrasava-se, e isso o deixava maluco. De repente, vê-a que saltava da liteira, a poucos passos dali, e corre até ela.

- Ufa!... - exclama ele, cheio de afobação. - Pensei que não viesses mais!

- Oh, desculpa-me, *Iulius!*... - diz ela, mirando-o com os olhos cor de mel que tanto o encantavam. E prossegue, beijando-o, delicadamente, na face: - Vovô cismou de dar-me conselhos, logo de manhãzinha, durante o *ientaculum*,¹⁸ e me foi tremendamente difícil escapar dele!... Perdoa-me, sim?...

- Não consigo zangar-me contigo, minha bela!... - exclama o rapaz, desarmando-se felicíssimo, ao receber-lhe o beijo, pois o simples contato dos lábios de *Susanna* na pele de seu rosto tinha a capacidade de deixá-lo maluco.

Iulius Maximus ia puxar a mocinha pela mão, para conduzi-la ao *Capitolium*, quando, ao longe, ouvem-se os estrídulos clangores de trompas, e o rufar cadenciado de tambores e de caixas. Os olhos de ambos os jovens iluminam-se.

-Um *triumphus!*...¹⁹ Alguma legião retorna a Roma!... -exclama, excitadíssimo, o rapaz.

18. Na antiga Roma, a primeira refeição do dia, normalmente consistindo em alimentos leves como pão, frutas, leite e queijo.

19. Entrada solene e aparatosa dos generais, em Roma, após vencerem as batalhas.

- Sim!... - concorda a jovem, não menos motivada. - Quem será que retoma?...

- Só saberemos se aguardarmos o desfile!... - diz, alegre, o rapaz. E pergunta: - Mas, e tua entrevista com *Lucius Flamulus*?

- Ora, não tenho tanta pressa, assim, em falar com o sumo sacerdote de *Júpiter Capitolinus*!... - responde ela, puxando-o pela mão. - Vamos até as escadarias do *Fórum*, pois é lá que o imperador, em pessoa, recepcionará os generais vencedores!

Quando chegam às escadarias do imponente edifício, a aglomeração de curiosos já era imensa. Abrindo caminho às cotoveladas, juntam-se à multidão que se amontoava curiosa, diante das escadarias do *Fórum*. O ruído do desfile militar aumentava, sinal de que se aproximava da grande praça. A população acorria de todas as direções e, literalmente, em pouquíssimo tempo, um mar de cabeças tomava todo o fabuloso espaço da praça retangular, mais as mas e vielas que nela desembocavam.

Uma hora depois, o imperador surge no alto das escadarias do *Fórum* e é ovacionado pela plebe ululante. **Nero** estava sorridente e, abrindo os braços, pede silêncio à multidão, que se cala, de repente.

- *Caius Petronius Tarquinius*!... O apaziguador da Gália!... - brada ele, tomando o general vencedor pela mão e o apresentando ao público que explode em aplausos e em estrondosa ovação.

Em seguida, *Nero* apanha a coroa de louros, como era hábito fazer nas homenagens que se prestavam aos heróis nacionais, e a coloca na cabeça do general, que se postara de joelhos.

- Eis o ilustre filho da pátria!... - brada, orgulhoso, o imperador. Depois, estendendo-lhe a mão, fá-lo levantar-se e o apresenta, de novo, ao povo.

Estrondoso rugir segue-se, numa onda intensa de aplausos, gritos e assobios. *Caius Petronius* olhava, sem muito ânimo, a multidão que o ovacionava. Estava desmedidamente pálido e tinha o estômago em pandarecos. No íntimo, o que desejava mesmo era ir depressa para

casa e se atirar nos braços de *Drusilla Antônia*. Como sentia a falta dela!... Entretanto, sabia, de antemão, que o dia seria longo: homenagens públicas, homenagens no senado, onde ouviria extensíssimos e enfadonhos discursos e, para coroar a chateação, o *convivium*²⁰ no paço real!... De todas as homenagens, o *convivium*, certamente, era-lhe o mais insuportável, que somente se abrandava, porque nele poderia ter a companhia de *Drusilla*. Não o agradava nada o fato de obrigar-se a compartilhar a mesa com aquele bandido e, ainda, ter de assistir às indecências que ele costumava proporcionar aos convidados, à guisa de atrações, sempre bizarras e, invariavelmente, de muito mau gosto!... Mas, que fazer?... Se declinasse do convite, o imperador poderia tomar como ofensa pessoal e, louco como era, seria bem capaz de botar alguma tolice à cabeça e achar que lhe estariam planejando algum ato de traição. Infelizmente, se não desejasse enfrentar terríveis dissabores, teria que se curvar diante das vontades daquele doido. *Caius Petronius* passeia os olhos pela multidão ululante. Sente ligeira tontura e precisou esforçar-se ao máximo para não cair desfalecido ali mesmo. Quase nem ouvia as palavras do discurso cheio de elogios, a soar-lhe tão falso, nos lábios de *Nero*, que o pronunciava facundo e cheio de dramaticidade, ali, dois passos à sua frente. "Acho que nem ele mesmo crê no que diz!...", pensa, olhando para a nuca de **Nero**, esmeradamente penteada em cachos dourados, enquanto este discursava, encomiásticamente, sobre os feitos do povo romano - passados e presentes -, principalmente, os mais recentes, e evidenciando ser ele, *Nero*, o principal artífice das vitórias, que eram bem menores, em relação às fragorosas derrotas que Roma vinha sofrendo em todas as fronteiras, com as constantes revoltas dos povos dominados.

20. Banquete, em latim.

-*Eos, quiboni sunt, remunerabor!...*²¹ - exclama Afero, voltando-se para o general. E, retirando esplendoroso anel de fina lavra que trazia no indicador da mão direita, estende-o a *Caius Petronius*, dizendo: -Por nós e por Roma, aceitai esta dádiva, general!

Caius Petronius estende a mão direita, e o imperador coloca-lhe a preciosa jóia no dedo. Em seguida, *Nero* abraça-o, efusivamente, osculando-o em ambas as faces. A multidão ulula, gritando o nome de *Nero* que, satisfeitíssimo, faz ligeira reverência e, abruptamente, desaparece no interior do *Fórum*, seguido de seu pequeno, mas constante e fiel séquito de bajuladores. *Caius Petronius* emite longo suspiro. A primeira de toda uma série de chateações encerrava-se. Entretanto, antes de rever sua rainha, teria de enfrentar as longuíssimas e maçantes homenagens que lhe prestaria o *Senatum*. O estômago enjoava-se-lhe mais e mais. O povo principia a dispersar-se pela praça e pelas ruas, e o velho general, cansado das batalhas e das agruras da vida, encaminha-se, com passos rápidos, em direção das escadarias do vetusto edifício do *Senatum*, onde outrora vicejara a impoluta *Cohortem Máxima*²² dos áureos tempos da República, mas que ora, na vigência do Império, não passava de um covil de velhos e insaciáveis lobos sanguinários, sempre dispostos a se locupletarem com o suor, as carnes e o sangue dos oprimidos e dos espoliados pelo cruel regime que representavam.

A manhã seguia radiosa, e *Iulius Maximus* e sua adorável companheira ainda permaneciam na praça diante do *Fórum*.

- Acho que hoje não te posso levar ao *Capitolium*, minha cara -diz ele. - As entrevistas com o sumo sacerdote podem demorar-se e, sabes, com a chegada de uma legião tão importante como a do general *Tarquinius*, certamente haverá um *convivium* no paço imperial!

21. "- Premiarei os que são bons!...", em latim.

22. Corte Máxima, era latim.

- Já entendi! - exclama ela, tremendamente decepcionada. - Preferes ir ao banquete no palácio, não é mesmo?

- Ora, espero que não vás te aborrecer comigo, só porque não te levo hoje ao templo de Júpiter!... - exclama ele, segurando-a forte pela mão. - Amanhã, prometo-te, colocar-te-ei, sem falta, diante de *Lucius Flamulus!*... Palavra de honra!...

- E, por que não me levas ao *convivium?*... - pergunta ela, de repente, com os olhos iluminados de expectativa.

O rapaz coça, freneticamente, o alto da cabeça com a ponta dos dedos. Pensava se lhe convinha levar a jovem ao banquete. Depois de alguns instantes de terríveis cogitações, decide-se:

-Estábem!... Levo-te ao *convivium!*... Mas, vê lá, hein?... Nada de atrasos!

A jovem emite estrondoso grito e lhe salta ao pescoço, cobrindo-o de beijos.

- Oh, *Iulius!*... - diz ela, extremamente feliz. - Sabia que não me negarias tal pedido!... Só tu para me fazeres feliz assim!...

- Percebes agora o quanto te amo?... - diz ele, olhando-a nos olhos e lhe acariciando ternamente a branquíssima cútis do rosto, com a ponta dos dedos. - Quem sabe não te decides a aceitar-me como noivo ainda hoje?

- Quem sabe, não é, *Iulius!*... - exclama ela, afastando-se. - Mas, agora corro, pois quero embelezar-me para a noite!...

- Lembra-te, hein!... - grita ele com as mãos em concha sobre os lábios. - Nada de atrasos, ou te deixarei para trás!...

Susanna Procula limita-se a abanar-lhe a mão, de longe, correndo como uma doida em direção de sua liteira que a aguardava, numa das ruas que davam para a praça.

O rapaz permanece por algum tempo de pé no meio da praça, vendo-a afastar-se, felicíssima. Tinha os olhos brilhantes de emoção. Depois, rindo-se de contentamento, dirige-se para a liteira que o levaria para casa.

Capítulo III

O banquete de Nero

A tarde já avançava bastante, quando *Caius Petronius Tarquinius* apeia de seu cavalo, diante de sua *villa*. Pequeno exército de criados e de escravos domésticos acorrera à sua chegada e se colocava de joelhos diante dele, com os rostos voltados para o chão. Apenas *Iustus*, o mordomo, ousa aproximar-se e, ajoelhando-se humilde, toma-lhe a mão e a beija, respeitosamente.

- Sede bem-vindo, *domine!*... - exclama o mordomo.

Caius Petronius mal responde ao criado, agradecendo-lhe. Seus olhos buscavam ansiosamente por ela, *Drusilla Antônia*, que o aguardava na soleira do pórtico do *atrium*, com um largo sorriso de satisfação aos lábios e banhada pela luz dourada do sol que se coava pela abertura do *compluvium*¹. E ele, como um colegial, corre ao encontro dela que o recebe de braços abertos, culminando em efusivo e apaixonado abraço de reencontro.

- Oh, meu amor!... - exclama ele, beijando-a repetidas vezes ao rosto, à boca e aos olhos.

- Vem - diz ela, puxando-o amorosamente pela mão. - Já te preparei o incenso para os *Lares*².

Como se sentia bem ao lado dela!... Com o canto dos olhos, não se cansava de olhá-la, enquanto incensava os ídolos que tanto lhe eram

1. Nas antigas casas romanas, abertura circular ou quadrada que se abria no teto inclinado do triclinium, pela qual se canalizavam as chuvas, direcionando-as à cisterna - o impluvium -reservatório subterrâneo de água potável.

2. Conjunto dos deuses domésticos, cultuados na antiga Roma, cujas estátuas se colocavam à entrada do triclinium, numa espécie de altar, juntamente com as imagens dos antepassados, normalmente esculpidas em cera e, também, local onde se faziam as orações diárias e, ainda, ardia, continuamente, o fogo doméstico.

sagrados e as efígies dos pais, mortos há tanto tempo. *Drusilla Antônia*, altamente concentrada, movia os lábios em fervorosa prece. Certamente, agradecia aos imortais o retorno do amado esposo.

Depois de aplacada a saudade que os consumia, conversavam, reclinados em confortáveis *canapei*, no *triclinium*, onde tomavam leve refeição de leite, pão e frutas secas.

- Não comas demais, minha cara!... - exclama ele, olhando-a com ar divertido. - Logo mais, teremos as delícias da estupenda mesa de *Nero!*...

- Oh, bem que tu me podias deixar de lado dessa!... - exclamada, com leve ponta de sarcasmo. - Tu sabes o quanto abomino as festas no paço imperial!

- Sei que te aborrecem tais banquetes, minha querida, mas terás a coragem de deixar-me ir sozinho a lugar tão detestável? - diz ele, sério. E prossegue, olhando-a, firme, nos olhos: - E, depois, o imperador poderá tomar a tua ausência como ofensa pessoal!... Sabes o quanto ele é louco!...

-Oh, faço-o apenas por ti, meu amor!... - exclamada, levantando-se e o abraçando com desvelado carinho. E prossegue, depois de beijá-lo, carinhosamente, à testa:- E, porque sei que te encontras, de fato, muito doente!...

Caius Petronius fica sério. Não lhe era fácil enganá-la.

- Oh, exageras!... - diz ele, disfarçando.

- Podes negar o quanto quiseres, *Caius* - observa ela, acariciando-lhe, ternamente, os cabelos, com a mão -, mas não me enganas, pois há momentos em que empalideces grandemente!... É a dor insuportável, não é mesmo?

O velho general olha-a longamente. Não adiantava mentir-lhe.

- É verdade, *Drusilla* - diz ele, baixando os olhos. - As dores tornam-se-me insuportáveis, e temo que o pior aconteça, muito em breve.

- Oh, não digas tal coisa!... - exclama ela, com os olhos cheios de lágrimas. - Amanhã mesmo, depois que terminarem todas essas detestáveis homenagens, eu mesma te levarei ao templo de *Aescu-*

lapius!... Mas, por ora, é bom que nos aviemos a preparar-nos para o *convivium!*... Vem!... - diz ela, levantando-se e lhe estendendo, amorosamente, os braços.

Lá fora, a tarde declinava, e a noite chegava de mansinho, temperada por amena brisa de primavera.

Quando a noite caiu de vez, lá no alto do Monte Palatino, os estu-pendos jardins do paço imperial encontravam-se literalmente tomados por alguns milhares de convivas de esplêndido banquete que se oferecia em homenagens às extraordinárias vitórias sobre a Gália, obtidas pelas legiões comandadas pelo general *Caius Petronius Tarquinius*. Por todos os recantos das magníficas aléias de tílias e de rododendros floridos, pendiam fantásticas guirlandas de perfumadíssimas flores, aliadas a uma enormidade de vasos de jasmims, oleandros, lavândulas e gerânios, colocados em profusão, por todos os lados, a despejarem agradabilíssimos odores em estonteantes ondas, carregadas por sutil e agradável brisa primaveril a espalhar e a impregnar de deleitantes olores todos os recantos do extraordinário jardim; nos corredores das aléias, colocavam-se centenas e centenas de pequenas mesas com tampo de mármore branco, repletas de finíssimas iguarias: carnes assadas frias de várias espécies, pão de trigo, pão de mel, doces variadíssimos, frutas frescas, frutas secas, frutas em compotas e vinho, muito vinho, de excelente qualidade, tudo servido por uma legião de escravos domésticos, ricamente vestidos de peplos de linho alvinhento e presos aos ombros por fivelas de prata; aos pés, traziam sandálias de couro curtido - luxo para escravos que, usualmente, caminhavam descalços ou, no máximo, calçavam sandálias de couro cm, que mais lhes martirizavam os pés que lhes davam algum conforto -, mas que ali, por tratar-se do paço imperial e, obviamente, para não contrastar e destoar com o desmedido luxo reinante, até esse fato escapava à regra. E eram criaturas formosíssimas: não se admitiam criados velhos no palácio imperial; somente moças e rapazes portadores de espetacular beleza e que

demonstrassem graça e desenvoltura, pois o imperador era exigentíssimo nesses critérios.

Nero esbanjava luxo e requinte no vestir-se: trajava fina pretexta de seda branca, franjada de dourado e, aos ombros, preso por descomunal broche de ouro maciço, pendia-lhe um manto de linho púrpura; trazia, ainda, grossos braceletes de ouro puro enroscados aos braços, valiosíssimos anéis aos dedos e, à cabeça, ostentava a coroa imperial e se fazia acompanhar de sua segunda esposa, a imperatriz *Popeia Sabina*³; felicíssimo, passeava por entre seus convidados, sempre sorridente e inchado como um pavão, e recebendo deles uma série de falsos elogios, como falso cheirava e, certamente, era tudo que ali se encontrava.

Numa praça do jardim principal e sob alto dossel de seda levantina púrpura, armava-se extensíssima mesa, ricamente decorada e contendo impensados manjares, onde o imperador e seus convidados mais proeminentes reclinar-se-iam em *canapei* forrados de almofadões de seda vermelho-escuro com franjas douradas. Ao lado da mesa principal, colocava-se grande orquestra de cordas, sopro e percussão e cujos músicos arrancavam, magistralmente, sonoros acordes de agradável melodia. Era muito grande a expectativa para saber quem seriam os convidados a terem o privilégio de sentar-se à mesa principal do *convivium*, ao lado de *Nero* e da imperatriz, além do homenageado e de sua esposa. Os olhos faiscavam de ansiedade, e os cochichos ao pé do ouvido

3. Nero teve três esposas: a primeira, Otavia, era filha de seu antecessor, o imperador Claudius, mas, repudiando-a por estéril, Nero, a seguir, dela se divorciou, exilando-a de Roma e, finalmente, não satisfeito, forjou-lhe um pretense de adultério e a mandou executar; a segunda foi Popeia Sabina, com quem teve uma filha, Claudia Augusta, falecida ainda pequena; entretanto, Nero matou Popeia com um pontapé, chutando-lhe a barriga, quando grávida, ela o repreendia por ter chegado tarde de uma corrida de bigas, e a terceira esposa foi Estatília Messalina, personagem que se tornou famosíssima na História pela sua habilidade em armar intrigas e por saber manejar os venenos como ninguém.

ocorriam por toda parte. O fogo que ardia nos fachos breados, presos a tocheiros de ferro, espalhados por toda parte, arrancava faíscas às preciosidades que ornamentavam os cabelos, os pescoços, os braços, punhos e dedos do fino patriciado da Roma Imperial que ali ocorria em peso, para festim daquela monta!... Apenas o principal homenageado e sua adorável companheira não compartilhavam de toda aquela expectativa que arrancava risinhos nervosos e gritinhos que mal disfarçavam o concorridíssimo interesse de ganhar a preferência e a atenção do imperador, nem que fosse por aquela noite, apenas. *Nero* caminhava por entre seus convidados, gozando-lhes da excessiva bajulação; beijava uma dama aqui, apertava a mão de um cavalheiro ali, distribuía acenos e desfilava, acompanhado da esposa que o seguia, com o rosto coberto de maquiagem berrante e pesada a emoldurar-lhe uma fisionomia bela, mas em cujos traços predominavam o deboche, o cinismo e as viciações morais mais detestáveis que se possa imaginar. *Popeia Sabina* ia despejando seu riso fácil e falso, em todas as direções, sempre mantendo a cabeça altiva e encimada pela coroa imperial de ouro e sobejamente cravejada de rubis e de diamantes fabulosos, a espalharem esplêndidas faíscas, petiscadas pelo dançante fogo que brilhava nos archotes que iluminavam a noite.

A um canto, *Caius Petronius Tarquinius* e *Drusilla Antônia*, com ligeiros acenos de mão e balançares de cabeça, cumprimentavam os conhecidos que por ali passavam, no incansável ir e vir pelas alamedas do jardim, vendo e sendo vistos; mostrando, inchados de orgulho e de vaidade, a exuberância e o requinte das jóias, das vestes e dos impecáveis penteados, que costumavam levar horas intermináveis para serem confeccionados por incansáveis e pacientíssimos criados e escravos, até serem aprovados pelos seus donos, não sem terem aquelas pobres criaturas, antes, levado uma carrada de xingos, beliscões, pontapés, queimaduras com tições e violentas chicotadas e, com muita frequência, acontecia que muitos deles acabavam freneticamente apunhalados até a morte por seus

temperamentais senhores, em terríveis e tétricos descargos de fúria, quando estes, tomados de crises de furor extremo, exasperavam-se ao verem que seus trajes e penteados não lhes atendiam ao apuro desejado!... Triste era a condição dos servos e escravos dessa terrível época da Humanidade!... O valor de um excelente cavalo de raça superava muito o de um ser humano!

A noite avançava e a angústia de *Caius Petronius* e de *Drusilla Antónia* aumentava. Sabiam que os banquetes no paço imperial costumavam virar a noite e até durar dias, se o imperador estivesse bem animado! Ambos torciam para que **Nero** se indispusse bem depressa e se retirasse logo, coisa que, fatalmente, acabaria com a festa; entretanto, já haviam se entrevistado com o soberano e este demonstrara estar muitíssimo bem disposto e de excelente humor.

- Prepara-te, minha cara - cochicha ele à mulher -, pois este *convivium* durará, no mínimo, uns três dias!...

- Por *Jupiter!*... - exclama ela, fitando-o com olhos brilhantes. - Não sabes o quanto sacrifiquei aos imortais para que tremenda tempestade desabe sobre Roma, ainda esta noite!

- Oh, és de fato uma mulher sapientíssima!... - exclama ele, beijando-lhe, amorosamente, as mãos. - Que *Júpiter Capitolinus* te ouça e mande, de fato, terrível tempestade, recheidíssima de ventos fortes e de raios fulminantes, que ponham toda essa escória a correr como baratas afrontadas no ninho!...

-Tu verás, meu adorado!... Tu verás!... - diz ela, piscando-lhe um olho maroto. - Mandei que sacrificassem cem pombas e três bezerras!...

- Oh, com tal presente, duvido que Nosso Pai não vá atendê-la, minha cara!... -exclama ele, divertidíssimo.

Neste comenos, o mestre de cerimônias aproxima-se de ambos e, gentilmente, condu-los à mesa principal, onde já os aguardavam *Nero* e a imperatriz.

-Aproximai-vos, general! - grita *Nero*, cheio de agrados, ao vê-los aproximarem-se. - Assentai-vos aqui, bem próximos de nós - e lhes

indica dois dos canapés que se postavam vazios ao lado dos que ocupavam ele e sua esposa.

- Magnífica festa, Majestade!... - exclama *Drusilla Antónia*, fazendo longa reverência diante de *Nero*.

-Oh, *Drusilla!*... *Drusilla!*... - grita *Nero*, puxando-a, deslealmente, para si e a beijando, efusivamente, às faces e depois, à boca, dando largas mostras de que já se encontrava grandemente embriagado pelo vinho. E prossegue, quase a berrar: - Fina flor da sociedade romana!...

Popeia Sabina limita-se a olhar para a outra com um sorriso falso.

- Reservamos-vos espetáculos interessantíssimos para esta noite, caríssimo general!... - exclama o imperador, dirigindo-se, em seguida, a *Caius Petronius*.

"Tu próprio já és um grande espetáculo!...", pensão general, enquanto sorri, forçadamente, *para Nero*.

Diante da mesa principal, em extenso tablado recoberto de lona rubra, uma porção de bailarinos - rapazes e moças seminus - dançavam frenético e lascivo bailado, embalados por música ligeira e inebriante. O banquete começara e, em toda a parte, a comilança era desbragada, chegando às raias da indecência. O vinho capitoso era servido em profusão, coisa que vinha fugindo à tradição, pois, na Roma republicana de antanho, nos tempos áureos de glória e grandeza, pessoas distintas jamais bebiam vinho puro; entretanto, *Nero* fomentava a ingestão da jeropiga nos banquetes palacianos, fato que proporcionava estados de alta embriaguez, em pouquíssimo tempo.

As horas passavam, e a noite avançava agradável e refrescada por brisa amena. No céu, a lua cheia caminhava lenta e ia derramando sua luminescência opalescente sobre os miríficos jardins do palácio de *Nero*. Risadas, gargalhadas e gritos de euforia ouviam-se por todos os lados, entressachando-se ao som estrugidor da orquestra que tocava sem cessar, e o abuso do álcool provocava indecências gritantes que se viam por todos os lados. A comilança, regada de

vinho em profusão, varava a noite. À toda hora, alguns criados, especialmente treinados em promoverem o *vomitum*⁴ corriam de um lado para outro, atendendo aos insistentes chamados que lhes dirigiam os glutões. Casais *seminus* abraçavam-se, escandalosamente, em colóquios libidinosos, enquanto que, no tablado, os bailarinos desenvolviam danças com movimentos altamente eróticos e cheios de sensualidade. *Nero* vibrava com o andamento de sua festa. Aos berros, incitava os dançarinos e não raras vezes tinha ele mesmo saltado para o palco e, juntamente com os bailadores, ensaiado uma série de movimentos daquela dança sensual. Roma degradava-se, e aquilo trazia dor aos poucos que permaneciam fiéis aos costumes e tradições ancestrais que tanto haviam engrandecido e diferenciado o povo latino dos demais povos existentes então. O general *Caius Petronius Tarquinius* e sua esposa eram dos poucos que ainda permaneciam fiéis à tradição e velavam pela manutenção da moral e dos bons costumes que tanto haviam elevado seu povo; entretanto, ambos viam, altamente entristecidos, que os tempos mudavam, que as pessoas, paulatinamente, iam ganhando novos e estranhos hábitos, que bebiam mais, que comiam mais, que valorizavam mais o excesso de requinte e de luxo, em detrimento dos valores morais que Roma tão sabiamente soubera acalentar e cultivar entre seus filhos!... Roma ensinara ao mundo o senso de justiça, através do Direito, que

4. Vômito, em latim. Nos banquetes que se faziam na antiga Roma Imperial, comia-se muito, sem parar, e às vezes, por dias seguidos. Então, era prática comum, uma vez saciado o apetite, provocar-se o vômito e, a seguir, prosseguir-se comendo, repetindo essa ação. indefinidas vezes. Os criados especializados em provocar o vômito agiam assim: empre-gando longa e delgada varinha de marfim, faziam cócegas na garganta do comensal, provocando-lhe o vômito, que era recolhido em bacias. A seguir, para se tirar a acidez que permanecia na boca, enxaguavam-na, abundantemente, com água, e, em seguida, mastigavam uni olho de lebre cru, embebido em mel de abelhas - a ação do humor aquoso contido no globo ocular neutralizava-lhes a acidez da boca provocada pelo vômito.

sempre se praticara no *Fórum*, através dos *Magistrati*⁵. E a Política?... A Filosofia?... A Religião?...

Caius Petronius e *Drusilla Antonia* mal tocavam nos alimentos. Amiúde se olhavam e encontravam, reciprocamente, na luz dos significativos olhares que trocavam, o desdém e o repúdio que ambos sentiam por aquelas coisas. *Nero* espiava-os com o canto dos olhos. No íntimo - embora não o demonstrasse de jeito nenhum -, admirava o general e, no fundo, tinha inveja dele. Invejava-o por dois motivos: primeiro, pela inteligência e capacidade incontestável que o militar possuía como estrategista imbatível; segundo, porque amava e era amado por *Drusilla Antonia!*... E era amor de verdade!... *Nero* sabia disso e se roía de despeito, posto que jamais amara ou fora amado assim! A intervalos, cochichava aos ouvidos de *Popeia Sabina*, e ambos riam, sarcástica-mente, enquanto olhavam para *Caius* e para *Drusilla*. Era uma maneira de vingar-se deles: humilhando-os, desdenhando-os. O general tinha vontade de se levantar e de esbofetear a ambos, repetidas vezes, até se cansar. *Drusilla Antónia* apaziguava-o com os olhos. Sabia que, se o marido cometesse tal afronta, acabaria morto ali mesmo, diante de todos. E talvez fosse isso mesmo o que *Nero* desejasse: um espetáculo de alta monta!... Não era o que sempre vivia proporcionando aos seus convidados?

Nero continuava mordiscando a orelha de sua esposa e lhe cochichando indecências ao ouvido. Notava-se que era grande seu estado de embriaguez. A imperatriz, não menos bêbada que seu esposo, escancarava-se, agora, em escandalosas gargalhadas. Olhando para *Drusilla Antónia* com acentuado desdém, cochichava ao ouvido de *Nero* que se espatifava de rir, enquanto olhava para o casal que se mantinha sério e sóbrio o tempo todo.

5. Magistrados, em latim. O conjunto dos juízes, promotores e ministros que atuavam nas cortes de justiça.

- O general *Tarquinius* se enraivece, querida! - cochicha *Nero* ao ouvido de *Popeia Sabina*. - Queremos ver até onde vai, sem afrontar-nos!

- Que fareis, se ele saltar sobre vós?... - sussurra, divertida, a imperatriz, ao ouvido de *Nero*. - Acho que tereis de matá-lo!

- Oh, não!... - responde *Nero*. - Conhecemos o general!... Ele não fará isso!... E um cavalheiro!... Sabias que nós o admiramos muito?...

A imperatriz não entendeu o real sentido das palavras de **Nero**. Achou que ainda zombava do outro e explodiu em estrondosa gargalhada.

Caius Petronius lutou bravamente consigo mesmo para não cometer o regicídio. Várias vezes acariciara o cabo do punhal que trazia guardado por dentro, junto ao peito, numa dobra de sua pesada *praetexta* de linho branco. Tivera ímpetos de lançar-se sobre aquele porco imundo e apunhalá-lo até se esfalfar, mas se contivera por ela, *Drusilla Antônia*, que, com os olhos súplices, vigiara-o e o controlara todo o tempo.

Entretanto, pouco depois, como não obtivesse resposta das provocações e como se cansasse logo das coisas, **Nero** passou, deliberadamente, a ignorar o general e sua esposa, e principiou a dar atenção a outros que lhe estavam próximos.

De repente, como se lembrasse de algo sumamente importante, o imperador de Roma levantou-se e, aos berros, pediu silêncio. A orquestra estacou, e um burburinho geral percorreu a imensidão de convidados que se acotovelava em derredor do imenso tablado coberto de lona vermelha. O mestre-de-cerimônias bateu palmas, e os bailarinos recolheram-se céleres.

-A luta!... - a seguir grita *Nero*, estentóreo. - Que entre *Therupon*!... Depois, truculento gladiador de tez amorenada salta lépido para o tablado e se exhibe para a platéia ululante. *Nero* salta também para a arena, que ali se improvisava, e passa a examinar, com minudências, o físico avantajado do lutador que, seminu e enrijecendo, forte e propositadamente, o corpo todo, fazia sobressair

a desmedida musculatura dos braços, do peito, dos ombros e do dorso avantajado, como o de um gigantesco urso.

-*Therupon*, o egípcio!... - grita *Nero*, apresentando orgulhoso o que seria a sua maior surpresa para a noite. - Já o vi matar um cavalo e dois leões com as mãos!...

A platéia emite sonora exclamação de admiração e de espanto e se enche de ansiedade e de expectativa para o que, certamente, seria o espetacular corolário daquela noite.

Acotovelando-se e se empurrando, para disputarem melhor lugar para apreciarem a luta, os convidados de *Nero* fechavam o círculo em torno do imenso tablado recoberto de lona vermelha. Grandemente espremidos, na primeira fila de expectadores, achavam-se *Iulius Maximus* e sua jovem companheira *Susanna Procula*. **A** mocinha deslumbrava-se com as maravilhas do *convivium*. Era o primeiro do qual participava e se sentia cheia de euforia, pois sabia que, a partir daquele, seu companheiro certamente levá-la-ia aos próximos que ali houvesse.

- Oh, *Iulius!*... - exclama ela, apertando-lhe fortemente a mão. - Não sabes o quanto me sinto feliz!... Não imaginas como tinha curiosidade em saber como eram os banquetes no paço imperial!... Promete que me trará de novo!... Vamos!... Promete!...

- Prometo-te, minha querida!... - diz ele, atraindo-a para si, num forte abraço. - Doravante, como minha noiva, tu irás aonde eu for!...

- Que entre o primeiro adversário!... - grita *Nero*.

Faz-se silêncio total, e entra outro gladiador, não tão forte quanto o primeiro, mas também dono de avantajado físico.

-As apostas!... As apostas!... Senhores, fazei vossas apostas!... -grita ***Nero***, excitadíssimo como um doido, enquanto corria descalço e totalmente descomposto, em derredor da arena.

Um burburinho de vozes inquietas e cheias de excitante expectativa perpassava pela multidão, enquanto se coletava o dinheiro das apostas. Depois, *Nero*, à guisa de juiz, ordena que o combate se inicie. E os dois gladiadores, como duas feras sanhudas, a princípio

estudam-se, meticulosamente, por instantes, e em seguida, lançam-se em feroz combate de luta livre. O silêncio faz-se e é quebrado apenas pelas exclamações da platéia que, atenta, não perdia nenhum dos golpes de ataque e de defesa que se aplicavam os hábeis lutadores, no combate feroz. *Nero* saltitava em volta dos contendores, incitando-os ao embate brutal, ora rindo, ora gritando como um desvairado e aplicando formidáveis pontapés aos flancos dos dois gigantes, divertindo-se grandemente em provocar-lhes, assim, ainda mais dificuldades para a defesa ou para o ataque.

Como ambos os contendores eram muito fortes e treinadíssimos, a luta equilibrou-se por longo tempo, mas o egípcio, por ser um pouco mais avantajado que seu opositor, passou a dominar a contenda e, habilmente, desferiu golpe certo, aplicando terrível gravata em seu adversário e passou a sufocá-lo com seu possante braço. O outro envidou esforços hercúleos para livrar-se da terrível tenaz que lhe aplicava ao pescoço o gigantesco egípcio, mas foi em vão: era-lhe inferior em força e em habilidade de combate e acabou por tombar sem vida, depois de algum tempo de inútil resistência. Um frêmito de gozo intenso percorreu a multidão que se deliciou com o brutal desfecho da contenda. *Nero*, tresloucado, saltitava sobre o ventre do gladiador morto, e seus convidados aplaudiam-no, freneticamente, gritando-lhe o nome em coro. Mas, o que fez aquela platéia deliciar-se e entrar em delírios de êxtase foi quando o terrível gladiador egípcio ajoelhou-se ao lado do cadáver de seu oponente e, mordendo-lhe uma das orelhas, arrancou-a de uma só dentada. Em seguida, mastigou-a e a engoliu, ali, diante de todos, com o sangue do infeliz a escorrer-lhe pelos cantos da boca!

Nero extasiava-se. Rindo-se, às gargalhadas, retirou finíssimo anel que trazia ao dedo indicador da mão direita e o estendeu a *Therupon*, beijando-o, a seguir, às faces, repetidas vezes.

- *Quod vult perderé, primus dementai Júpiter!...*⁶ - exclama *Caius*

6. Aqueles que Júpiter quer arruinar, primeiro os enlouquece!”, em latim

Petronius cheio de ironia. - Esse louco não demora a colher o que está semeando!...

Drusilla Antonia limita-se a olhar horrorizada para o marido. Aquelas cenas terríveis eram demais para ela.

- Vamo-nos daqui, minha cara! - exclama o general, levantándose, decidido. - Isso aqui não é lugar para nós!... *Nero* está tão bêbado que sequer sentirá a nossa falta!... Vamo-nos, sem mais delongas!...

A multidão ululava de prazer pelo espetáculo que lhes apresentara o imperador. Em seguida, fazem entrar na arena feroso corcel negro, ainda semi-selvagem e conduzido por hábeis palafreiros que o sustinham, firmemente, por uma corda a lhe prender o pescoço. O cavalo, grandemente assustado pelo vozerio da platéia, empinava e negaceava, bufando e escoiceando, a torto e a direito, em todas as direções.

O animal, depois de algum tempo e a muito custo, foi razoavelmente contido no centro do tablado de lona rubra, e *Nero*, pedindo silêncio, bradou:

- Patrícios, lançai vossas apostas!... *Therupon* ou o cavalo!... Feitas as apostas rapidamente, o egípcio saltou para o centro do tablado e fez um gesto para que os cavaliários soltassem a corda que continha o animal. O bicho, sentindo-se solto, quis fugir, mas o gladiador, ligeiro como uma fera, saltou-lhe sobre o dorso, abracándose fortemente ao pescoço do animal, que começa a empinar e a corcovear, tentando arrojá-lo de sobre si. Entretanto, o gladiador grudara-se-lhe ao pescoço e nem se mexia, malgrado todas as tentativas que o cavalo fazia para livrar-se da indesejada carga. Por longos minutos, durou a luta que se igualava em força e em sei vageria. Entretanto, o cavalo cansava-se, e *Therupon*, aplicando-lhe forte gravata ao pescoço, passou a sufocá-lo, minando-lhe as forças. Debalde o bicho lutou, feroz e valorosamente, para livrar-se daquele terrível torniquete, saltando, negaceando, escoiceando e correndo em círculos pelo tablado, mas

vencido, tombou pesadamente, já sem vida. O terrível gladiador egípcio havia quebrado o pescoço do cavalo com as mãos!

Nero exultava tresloucado, correndo de um lado para outro, enquanto seus convidados ululavam de prazer e de excitação.

-Oh, que coisa extraordinária!... - *exclama Susanna Procula* que a tudo assistira, cheia de excitação, diante daquelas chocantes apresentações, até então inusitadas para ela. - Não supunha o quanto eram singulares as atrações *que Nero* propiciava a seus convidados!...

- Nem no *Circus Maximus* jamais verás coisas assim com tamanha intensidade, minha cara!... - *exclama Iulius*, inchando-se de satisfação. Sabia que, com aquilo, ia ganhando as graças da mocinha.

-O leão!... O leão!...-grita Afero, enlouquecido.

A seguir, avantajada jaula, contendo um enorme leão, é colocada bem no centro do tablado. A fera, propositadamente mantida sem alimentação, estava furiosa ao máximo e se arrojava, altamente enfurecida, contra as grades de ferro que a sustinham. Com modos altamente grosseiros, **Nero** retira das mãos de um dos tratadores uma garrocha de cabo longo e passa a espicaçar, insistentemente, o bicho, deixando-o extremamente irritado a dar patadas violentas e a morder os ferros da jaula com as potentes e afiadíssimas presas, que se mostravam como terríveis punhais. Tamanho era o rebuliço que o imperador aprontava com o leão que a enorme jaula de madeira balançava, perigosamente, o que fazia os tratadores do bicho entreolharem-se, cheios de receio. Temiam que a jaula não tivesse a segurança necessária para tamanha desordem, mas não ousavam nada dizer. Quem é que tinha a coragem de enfrentar a fera que estava pelo lado de fora da jaula?... Certamente era bem pior do que a que estava por dentro...

E, o que os tímidos tratadores temiam aconteceu. Como o leão era extremamente avantajado e, aliando-se a isso a fúria que nele o inso-

lente **Nero** despertava, o bicho, altamente enfurecido, acabou por lançar-se com tal impetuosidade sobre a gradaria que acabou por estourar as grossas traves de madeira que sustentavam as barras de ferro das grades da jaula, fazendo-a esboroar-se, desmanchando-se toda.

Um terrível frêmito de desespero percorreu a platéia que, até então, divertia-se às pampas, com mais aquela paspalhice que lhes apresentava o imperador de Roma. Estarrecidos, sentiram o sangue enregelar-se-lhes nas veias, diante da iminência da tragédia. Entretanto, **Nero**, com magistral presença de espírito, defendia-se, controlando e mantendo o leão a distância, ameaçando-o com a longa garrocha e conseguindo, por fim, correr e saltar sobre a mesa do banquete, pondo-se, assim, a salvo do ataque da fera.

Entretanto, a turba desesperou-se ao ver o bicho solto que, recompondo-se, saltou sobre um dos tratadores, arrancando-lhe, de uma só patada, um ombro inteiro, com o braço junto.

A correria tresloucada instaurou-se e **Nero**, de cima da mesa do banquete, gritava como um possesso, para que não matassem o bicho, pois se divertia às pampas, vendo o leão fartar-se das carnes do infeliz tratador que agora lhe servia de pasto.

Com o leão solto, a balbúrdia que se instalou foi total: pessoas aos gritos, correndo, desesperadamente, para todos os lados; outras, desmaiando estrondosamente, e outras, ainda, sendo derrubadas e pisoteadas, sem comiseração, pela turbamulta em debandada.

Susanna e *Iulius*, fortemente empurrados e prensados pela onda humana que se abateu, de inopino, sobre eles, separaram-se, perdendo-se um do outro. A juvenzinha, terrivelmente assustada, juntou-se, também, àquela avalanche que corria apavorada, buscando refúgio entre as árvores do bosque que circundava o palácio. Pouco depois, tremia de medo, sozinha e perdida, no meio da imensidão do arvoredo. A tênue luminescência prateada da lua cheia coava-se por entre a ra-maria das árvores e formava uma penumbra opalescente, dando ao ambiente um tom tétrico e

fantasmagórico. Ao longe, ainda se ouviam estridentes gritos de pavor.

Susanna Procula, premida pelo medo intenso, pôs-se a correr por entre os troncos retorcidos das árvores, soluçando e chamando por *Iulius Maximus*, primeiro, em voz baixa, e depois, em altos brados. De repente, do alto de um galho de árvore, saltou-lhe um vulto à frente, e antes que dele se pudesse esquivar, o estranho tomou-a e a reteve num forte abraço.

- *Iulius?*... - pergunta ela, não lhe podendo reconhecer as feições na penumbra do bosque.

- Não... - diz ele e, tomando-a pela mão, puxa-a, delicadamente. - Mas, acalma-te!... Vem que te guio para fora daqui!

Susanna Procula hesita por instantes, mas aquela voz suave, porém, ao mesmo tempo, firme e resoluta, dá-lhe confiança e ela o segue, sem opor resistência. Por um bom tempo, ele a guiou para fora do bosque, e ela o seguia e lhe sentia a mão quente, forte, segura; entretanto, ainda não conseguia divisar nada dele, a não ser o porte avantajado, de ombros largos. Quando se acharam nas alamedas iluminadas do jardim principal, onde, pouco antes, acontecia a festa, respirou aliviada. Agora, poderia, finalmente, ver-lhe o rosto. Tudo em derredor estava mergulhado em silêncio; não se via ninguém por ali, e o *convivium*, certamente, já se haveria encerrado.

Deliberadamente, ele a conduziu bem próximo de um tocheiro, pois também ele estava morrendo de vontade de ver o rosto dela. E, quando os olhares encontraram-se, algo de mágico aconteceu: *Susanna* tremeu de emoção ao fixar-lhe o rosto amorenado, bem delineado, iluminado por um par de tocantes olhos marrom-escuros. Suas pernas bambearam, e ela quase caiu, se ele, ligeiro, não a tivesse amparado com os braços fortes. E ela quase desapareceu, engolida pela imensidão daqueles potentes braços. Nada se disseram, apenas, por longos instantes, ele a abraçou, e ela se deixou abraçar, sentindo-lhe a fortaleza dos músculos apertando-a forte, como jamais houvera sentido antes.

- Está tudo bem, agora!... - exclama ele, apertando-a forte.

E ela, então, deixa as lágrimas correrem. Era a tensão que se desmanchava, após terríveis momentos de aflitiva apreensão.

Depois de extravasar a angústia que a sufocava desde o início da tragédia, *Susanna* levanta a cabeça, que até então mantivera recostada ao peito dele, e o olha no rosto. E ele lhe sorri amigo, afofando-lhe, delicadamente, os cabelos cor de mel. A seguir, gentilmente, puxa-a pela mão, convidando-a a sentar-se em niveo banco de mármore, sob o dossel das estrelas que, lá no alto do céu, seguiam seu eterno pisca-piscar. A noite já avançara bastante, e a madrugada chegava, embalada por leve brisa refrescante.

- Oh, sinto-me grata pela ajuda!... - diz ela, por fim. - Que horror!... Se não fosse por ti, ainda estaria correndo, perdida no meio daquele bosque!

- Ora!... - diz ele, olhando-a no rosto, sempre, como se estivesse embriagado pela beleza da juvenzinha. - Nada fiz além de minha obrigação !... Como conheço bem este palácio, não me foi difícil andar por aí, também à noite!

O rapaz continua a olhá-la, como se estivesse magnetizado pela candura da jovem. Seus olhos passeavam dos cabelos para o rosto, para os braços, para as mãos, de novo para o rosto; Encantava-se com a delicadeza e o jeitinho agradável da mocinha. *Susanna*, percebendo-lhe o intenso interesse, sente-se corar diante do insistente olhar dele. Era estranho aquilo!... Ela não costumava ruborizar-se diante de ninguém!... Entretanto, ao lado daquele rapagão que lhe era totalmente desconhecido, sentia-se frágil, totalmente vulnerável.

- Oh, que indelicadeza a minha!... - diz ela, recobrando, depois de algum esforço, a loquacidade que lhe era peculiar: - Deixa que me apresente: *Susanna Procula*, neta de *Cornélius Helvetius Pisanus*!

- Não me digas que és neta do grande senador *Cornélius Pisanus*!... - exclama ele, cheio de admiração. - Meu avô foi grande amigo do teu!... Eu sou *Flavius Antoninus Rimaltus*!

- Acho que já ouvi vovô falar sobre os *Rimalti!* - diz ela, altamente interessada. - E tua família não é natural de Roma!... Acertei?...

- Acertou!... - exclama ele, rindo-se e mostrando, pela primeira vez, os dentes incisivos, brancos e bem-feitos. - Somos de *Neapolis!*...

- É por isso, então, que ainda não te vi pela cidade!... -exclamada. _ Pois vivo no *Circus Maximus* e no *Theatrum*, com meu noivo, e não me lembro de ter-te encontrado antes!

Ao ouvi-la dizer que era noiva, o rapaz abaixa triste os olhos. A *Susanna* não passa despercebida a súbita mudança no brilho dos olhos dele. Dá-se conta então de que *Iulius* desaparecera, deixando-a sozinha.

- E onde está teu noivo agora? - pergunta ele, com uma pontinha de ironia.

- *Iulius* apartou-se de mim, quando começou a correria - diz ela, um pouco envergonhada. - Já deve ter-se ido.

- Deixando-te só?... - pergunta *Flavius Antoninus*, olhando-a, matreiramente, com o rabo dos olhos.

- Deve se ter cansado de procurar-me... - diz ela, altamente desapontada. -Agora não sei como voltar para casa, pois vim acompanhando-o em sua liteira.

- Posso resolver isso, se quiseres - diz ele, olhando-a nos olhos. - Tenho meu carro estacionado na viela diante do palácio. Posso conduzir-te a casa...

Susanna levanta-se e se coloca diante dele.

- Vamos, que já amanhece... - diz ela, estendendo-lhe a mão. No horizonte, a aurora chegava de mansinho, acendendo um luaréu róseo no límpido céu azul-turquesa...

Capítulo IV

Pela primeira vez, *Jesus*

O carro corria célere pela viela calçada de pedras e ladeada de exuberantes e altíssimos ciprestes verde-escuros e, em suaves zigue-zagues, ia descendo o Palatino, onde se localizava o palácio imperial. Lá do alto, avistava-se a cidade que, espreguiçando-se, já se acordava, iluminada pelos fulgentes raios da manhã radiosa. *Susanna Procula* deliciava-se com a fresca brisa matinal a fustigar-lhe o rosto e a revoltar-lhe os longos cabelos cor de mel, enquanto a biga corria, habilmente conduzida pelo rapaz, que manejava as rédeas com destreza ímpar, ao mesmo tempo em que ia estalando no ar longo chicote, para incitar a belíssima parelha de fogosos corcéis negros que disparavam ligeiros, em desabalada carreira, batendo, ritmicamente, os cascos no calçamento irregular de pedras do caminho. "Abraça-te a mim, firme, para não caíres", dissera-lhe ele, antes, ao tomarem o carro. "Em pouco tempo, deixar-te-ei sã e salva em tua casa!..."

Fortemente abraçada ao desconhecido, *Susanna* sentia-se estranhamente feliz. Amiúde, olhavam-se com o canto dos olhos e se riam contentíssimos. Ele, por estar conduzindo preciosíssima carga em seu carro; ela, por estar ali, fortemente jungida àquele rapaz que, além de forte e musculoso, era dono de admirável beleza. E, com que naturalidade ela se agarrava a ele, enquanto o carro descia, célereamente, a viela cheia de curvas, em direção da cidade!

Para *Susanna*, foi inevitável a comparação de *Flavius Antoninus* com *Iulius*. "Engraçado, nunca senti por *Iulius* o que sinto por este!...", pensa ela, reconhecendo que se sentia atraída pelo rapaz que a salvara de situação tão difícil. "Não fosse por ele, ainda estaria perdida no bosque do paço imperial!... Deste, gosto do olhar, da voz, do sorriso!... Gosto de tudo, gosto até do cheiro dele!..." e, aproximando mais o rosto do fortíssimo dorso do rapaz, aspira-lhe

o perfume. E ele, então, percebendo que ela se lhe recostava mais às costas, volta a cabeça e lhe sorri cheio de paixão. E *Susanna* permanece assim, mais colada, ainda, ao corpo do rapaz. "Que diferença de *Iulius* que, às vezes, irrita-me, com seu jeito mandão e prepotente!...", pensa ela. "E, além do mais, tem um cheiro que não me agrada muito!..."

O carro agora já percorria as estreitas mas da periferia da cidade que, paulatinamente, iam enchendo-se de pessoas que caminhavam ligeiras, em direção das atividades que as aguardavam, na própria cidade, ou nos campos e vilas adjacentes.

Quando se está feliz, o tempo voa. *Susanna* nem percebeu a enormidade da distância que haviam percorrido e foi com certa consternação que viu o carro estacionar diante da mansão de seu avô. Um tanto relutante, ela retirou os braços que, tão deliciosamente, trazia envolvidos ao corpo do rapaz. Ele também emitiu fundo suspiro de desolação, e uma intensa sensação de frio, de vazio, tomou-lhe a alma.

- Vem, que te apresento a meu avô!... - diz ela, quando ele lhe deu a mão, para ajudá-la a saltar do carro. - Ele ficará feliz em conhecerte!...

- Não sei se devo!... - diz ele, reticente. - Ainda é tão cedo!..

Oh, vovô é um madrugador nato!... - diz ela, com os olhos brilhantes de expectativa. - E, a esta hora, já deve se achar no *triclinium*, comendo o *ientaculum!*..¹

- Por onde andaste até a esta hora, menina?... - exclama *Cornélius Helvetius*, tentando ralar com a neta que, como sempre, entrava intempestivamente no *triclinium*, onde ele, recostado num *canapeum*, principiava seu desjejum.

- Adivinha quem eu trouxe para conhecer-te, vovô!... - exclama ela, exibindo, orgulhosa, o desconhecido rapaz.

1. Na antiga Roma, a primeira refeição do dia, que se tomava bem de manhãzinha e que, normalmente, consistia de pão, frutas, leite e queijo.

Cornélius olha espantado para o jovem que, um tanto envergonhado, adentrava o *triclinium*.

- *Flavius Antoninus!*!... - exclama ela, tomando a mão do rapaz. - Salvou-me de ser devorada pelo leão de *Nero*, ontem à noite!

- Que dizes?!... - espanta-se o velho senador, empalidecendo ainda mais do que já lhe era natural. - Onde é que foste te meter, menina?!...

-Oh, explico-te, vovô!... - exclama ela, rindo-se. E, arrastando o rapaz pela mão, diz-lhe: - Senta-te aí e come conosco!... Não estás faminto? Apanhando um grande pedaço de pão, *Susanna* untou-o de mel e o passou ao rapaz. Em seguida, preparou outro para si, não menor que o anterior, e enquanto comia com acentuado apetite, principiou a relatar ao avô, com riqueza de detalhes, a terrífica experiência da noite anterior.

Durante a esdrúxula narrativa da neta, *Cornélius* emitia uma série de exclamações de espanto e, estarrecido, passeava o olhar, da jovem, para o desconhecido rapaz, que comia calado e cheio de apetite, e apenas se limitando a olhar para o velho, com um par de olhos marrons, repletos de bonomia.

- O imperador enlouqueceu!... - exclama o senador, levantando-se e se pondo a caminhar, enquanto falava, gesticulando muito. - Começo a temer pelos destinos do Império!... Onde já se viu cometer tais barbáries, indignas de um soberano de Roma?... Que ande a assassinar, desavergonhadamente, os seus inimigos políticos, suas esposas e até mesmo a mãe e os parentes, para manter-se no trono, vá lá, mas daí a atirar feras sanhudas em gente indefesa já é sinal de iminente loucura!

- Vovô, não imaginas a que extraordinários combates assisti no paço imperial!... -exclama a jovem, dando pouca importância ao que falava o avô. - O próprio imperador conduziu o espetáculo!...

- *Nero* supera-se!... - exclama o velho, levantando ambas as mãos, em patente demonstração de escárnio. E prossegue, extravasando sua indignação: - E o que é pior: arrasta atrás de si a juventude, a

fina flor romana, que lhe segue os desvarios!... Oh, **Susanna**, jamais poderia supor que andavas a freqüentar o paço, indo às festas daquele doido!...

-*Iulius* levou-me, vovô!... - exclama a jovem. - Eu andava louca para participar de um *convivium* de *Nero*!... Oh, havia tanta gente bonita, tanto esplendor, que jamais poderás imaginar!...

- Posso, sim, minha cara!... - contesta o velho, em tom de censura.

-Posso, sim, imaginar a carrada de descaramentos e de impudência que presenciaste naquele lugar!... Oh, *Susanna*, desejei tanto que jamais viesses a pôr os pés naquele antro!... Mas, o traste de teu primo, malgrado as minhas instâncias e a minha resistência, está a arrastar-te à lama onde ele costuma chafurdar!...

Flavius Antoninus mantinha-se quieto no seu canto, a roer grossa fatia de queijo de cabra e a observar atento o desenrolar do colóquio entre o avô e a neta. A desenvoltura, a graça e a beleza da juvenzinha encantavam-no, e ele se sentia magnetizado, preso àquele rosto de tez acentuadamente clara e ligeiramente afilado, de traços nobres, com os lábios bem delineados, sempre abertos num sorriso de satisfação e de jovialidade, em que exibia os dentinhos brancos e bem torneados; os olhos marrom-claros, sempre vivazes e brilhantes, passeavam alegres pelo ambiente e atentos a tudo que a cercava. O rapaz encantava-se e ficava boquiaberto, seguindo-a com os olhos, sem lhe perder um mínimo movimento.

- E tu, meu rapaz, também lá estavas?... - pergunta *Cornélius*, deixando-se sentar, pesada e desanimadamente, no *canapeum*, e emitindo fundo suspiro de desolação. Só agora é que realmente reparava, com acentuada atenção, no rapagão que a neta arrastara consigo, ao adentrar, intempestivamente, o *triclinium*. - A propósito, não me lembro de tê-lo visto antes...

- Oh, ele é *Flavius Antoninus*!... - apressa-se *Susanna* em responder ao avô. - Como já te disse, salvou-me do leão de *Nero*!

-Por *Hecate Infernal*!... - exclama o velho, altamente agastado.

- Como é que aquele doido lança leões sobre donzelas indefesas, assim, a torto e a direito?!... Ninguém toma providências acerca disso?

- Deixai-me explicar-vos, senador *Pisanus* - diz, gentilmente, o rapaz. - Primeiro, que me apresente: *Flavius Antoninus Rimaltus*, atualmente, servindo no exército do Império e sob o comando do general *Caius Petronius Tarquinius*...

- Não me digas que és parente de *Lucius Antoninus Rimaltus*!... - atalha o velho, agora altamente interessado no rapaz.

- Sim, sou neto dele!... - diz, orgulhoso, *Flavius Antoninus*. - Oh, que imenso prazer em ter-te aqui, meu rapaz!... - exclama *Cornélius*, abraçando, efusivamente, o jovem. - Que alegria ver alguém da família de *Lucius Rimaltus*!... Dize-me, ainda morais em *Neapolis*!

- Sim, moramos no mesmo lugar: a *villa* ao pé do *Vesuvium*!

- Que saudade de meu velho companheiro de lutas!... - exclama o velho, contentíssimo por rememorar tempos que lhe foram muito bons, no passado. - *Lucius* e eu lutamos no exército, quando jovens, assim como tu, e depois, nomeados por *Augustus*², servimos no senado, desde então. Mas, dize-me: como está teu avô?

- Vovô encontra-se razoavelmente bem - responde o rapaz, sempre gentil. - Porém, como a catarata cega-o, lentamente, quase não sai. Mamãe faz-lhe companhia, depois que papai morreu.

- És, então, filho de *Caius Longinus* - observa o velho senador. - Pelo que sei, teu avô só tinha a teu pai.

- Sim, sou filho único de *Caius Longinus*, morto na guerra, logo que nasci - explica o rapaz, entristecendo-se de repente. E, depois de instantes, prossegue cheio de orgulho: - Na realidade, educou-me o meu avô, a quem amo imensamente e devo tudo o que sou!

- Tiveste, então, excelente educação, meu rapaz!... - exclama, en

2. Caius Iulius Oclavianus Augustus (63 a.C. - 14 d.C.), 3a imperador de Roma.

fático, *Cornélius*. - Digo-te isto, porque teu avô é uma das pessoas mais dignas que conheço!

Depois de algum tempo, durante o qual relata mais notícias acerca de sua família, *Flavius Antoninus* levanta-se e se predispõe a sair. *Susanna*, então, lépida como uma raposa, toma-o pela mão.

- Oh, não te vás ainda!... É tão cedo!... - exclama ela, súplice, olhando-o nos olhos.

- É cedo, mas te esqueces de que não dormimos nada?... - observa ele, mal sofrendo um bocejo teimoso.

- Oh, então promete que virás visitar-nos logo mais!... - diz ela, segurando, insistentemente, a mão dele.

- Sim, prezado *Flavius*, desejo que tu venhas visitar-nos, amiúde

-diz *Cornélius*, satisfeitíssimo, em ver que a neta se interessava pelo rapaz. - Tua presença aqui será sempre uma honra para nós!

Conduzindo o carro, de volta para casa, *Flavius Antoninus* ria-se de satisfação. Como ela era linda!... Encantara-se com ajoventinhae tinha a certeza de que ela também se encantara com ele!... E era neta de um grande amigo de seu avô!... Isso facilitaria as coisas, pois nenhuma das famílias opor-se-ia ao relacionamento deles. Felicíssimo, fustigava os fogosos cavalos que disparavam, e o carro rodava veloz pelas estreitas mas dos arrabaldes cheios de bulício: meninos descalços e queimados do sol corriam vivazes e, aos gritos, perseguiram-se em brincadeiras de pega-pega; mulheres desgrenhadas e sujas voltavam para casa, depois de venderem o corpo à soldadesca que, invariavelmente, infestava as tavernas pelo varar da noite, e vendedores ambulantes de leite, de frutas e de legumes, carregando pesadíssimas cestas de vime à cabeça, apregoavam suas mercadorias em altos brados.

Uma hora depois, *Flavius* estacionava o carro diante da grandiosa mansão que a família mantinha em Roma. O avô havia morado ali por muitos anos, enquanto tivera forças para exercer o mandato de senador; depois, envelhecera, a saúde debilitara-se-lhe e, como era natural do Sul da Península, resolvera fixar residência em *Neapolis*.

Agora estava ele ali, morando sozinho, pelo menos enquanto durasse o serviço militar; depois, possivelmente, retomaria para o Sul, para viver ao lado do avô e da mãe.

-*Ave, domine!*... - exclama um criado que, ao vê-lo chegar, corre-lhe ao encontro e, pondo-se de joelhos, beija-lhe, respeitosamente, a mão e lhe pergunta: - Sirvo-vos o *ientaculum*?

- Nada de comidas, *Marcus* - responde *Flavius*. E ordena ao servo que passa a segui-lo, enquanto adentra, rapidamente, o *triclinium*.

- Prepara-me um banho.

Pouco depois, no *balneum*,² mergulhado em riquíssima banheira de mármore branco, o jovem deleitava-se com o tepor da água que lhe propiciava um delicioso relaxamento dos músculos extenuados e doloridos pelo excesso de horas de vigília. Luta, então, como um desesperado, contra uma atrevida modorra que tenta dominá-lo. Mas, ele quer ficar lícido, quer ficar envolvido pelas doces lembranças dos momentos que passara ao lado dela. *Susanna Procula*... A imagem da mocinha não o deixava. O fiel servo permanecia em silêncio, a seu lado, cuidando para que ele não dormisse e viesse a afogar-se na banheira.

- Estais quase a dormir, *dominei*... - grita o criado, percebendo que o outro lutava, desesperadamente, para vencer a sonolência que o dominava. - Não seria melhor irdes para o *cubiculum*?

- Oh, és um idiota, *Marcus!*... -exclama, irritado, *Flavius*. - Principiava a sonhar com uma deusa, e tu me acordaste!... Melhor mesmo ir, de vez, ao *cubiculum*; só assim tu me deixarás em paz!

A seguir, extremamente agastado, o rapaz levanta-se da banheira, e o criado, então, enxuga-o, cuidadosa e meticulosamente, com alva toalha de linho. Depois, trajando leve pretexta de seda branca, toma a direção do *cubiculum* e se atira sobre o leito. Ia dormir e, quem sabe, não sonharia com ela, a adorável mocinha de olhos cor de mel?

²Nas antigas casas romanas, o quarto de banho.

Diante das escadarias de mármore branco do *Capitolium*, *Drusilla Antónia* detém, por instantes, seu apressado marido.

- Vê bem o que vais fazer, *Caius* - cochicha ela ao ouvido dele -, não te vás deixar levar por mesquinhas, diante do sumo sacerdote de *Júpiter Capitolinus*, hein!... Jura-me aqui, antes, que farás tudo o que ele te mandar fazer!

- Ora, *Drusilla*!... - diz ele, olhando-a com ar divertido. - Mesmo que me esfolem vivo, juro-te que nada regatearei!... Darei tudo o que nosso Pai *Júpiter* solicitar de mim!...

O templo, àquela hora da manhã, fervilhava. Toda a imponente construção fora erigida em mármore branco, ricamente embelezada com detalhes em granito rosa e em mármore negro. As colunas que sustentavam a cúpula do majestoso e colossal edifício eram imponentes, prova da capacidade arquitetônica de seus idealizadores. O interior do santuário encontrava-se inundado por espessa nuvem de fumaça de incenso que queimava em espantosa quantidade aos pés da agigantada estátua do pai dos deuses, cujos olhos altamente penetrantes, encravados num rosto extremamente severo e emoldurado pela longa barba bifurcada, parecia olhar a todos com austeridade e ameaçando fulminar os maus e os pecadores com o poderoso raio que trazia à mão direita.

O sumo sacerdote do *Capitolium* aguardava-os e os recebe, solícito, conduzindo-os, a seguir, para o pátio dos sacrifícios que se situava nos fundos da imponente construção e se constituía, na verdade, mais de um horripilante matadouro de animais - desde pequeníssimos pardais e outras aves, a carneiros, bodes, bezerras e gigantescos bois - que eram imolados ao deus que ali se cultuava. O fortíssimo bodum, exalado pelos bichos que aguardavam o momento de serem mortos, empestava o lugar, causando náuseas aos menos acostumados àquele tipo de coisas, aliando-se, ainda, ao forte odor do sangue fresco que jorrava aos borbotões das centenas e centenas de gargantas degoladas, incessante e ininterruptamente,

pelos afiadíssimos cutelos dos sacerdotes que oficiavam no majestoso templo de *Júpiter Capitolinus*...

- Os arúspices não vos predizem boas coisas, general - diz o sumo sacerdote. - De fato, vossa saúde encontra-se terrivelmente abalada e só teremos aplacada a ira de nosso Pai com uma *hecatombe*.⁴

Caius e Drusilla Antonia entreolham-se. Ele entendeu logo o que ela lhe queria dizer.

-Fazei conforme o solicitado - diz *Caius*, resoluto, ao sumo sacerdote. - Se é isso o que nosso Pai deseja para libertar-me deste mal, não poupeis nenhum sacrifício!...

- Só que imolaremos os bois de uma só vez, general - explica o sumo sacerdote. - E vós ambos deveis estar presentes no dia e hora aprezados.

-Assim faremos - diz *Drusilla Antónia*. - Para que meu *Caius* se restabeleça, qualquer coisa se justifica!

- E, aconselho-vos, também, a sacrificarem a *Aesculapius*, para que não se ofenda e não vos mande mal pior! - diz o sumo sacerdote de *Júpiter*, despedindo-se deles, à porta do descomunal templo.

A praça do *Fórum* fervilhava de gente que se juntava num gigantesco burburinho, entre transeuntes que passavam apressados, e outros que ali permaneciam, vendendo bugigangas, água, comida ou, ainda, conversando, animadamente, em duplas e em pequenos grupos. O sol brilhava forte, indicando que o dia avançava bastante. No palanque de proa de navio do *Comitium*, um orador inflamado discursava para reduzida, mas atenta platéia. *Caius e Drusilla Antónia* atravessam todo aquele bulício sem muita pressa e tomam a liteira que os aguardava numa das mas laterais.

Uma hora depois, ambos repousavam no *peristylum*,⁵ recostados em largos e confortáveis *canapei* de vime.

4. Nos antigos cultos pagãos, sacrifício de 100 bois.

5. Nas antigas casas romanas, extensa varanda sustentada por colunas e que dava para um jardim ou pátio interno.

- Estás cada dia mais magro... - diz *Drusilla Antónia*, tomando a mão de *Caius* entre as suas e a acariciando ternamente.

Ele se limita a olhá-la e a lhe sorrir tristemente.

- Oh, *Caius* - continua ela, cheia de preocupação -, há momentos em que noto que empalideces de repente!... Dize-me, são as dores, não é?

- Sim, minha cara - responde ele, baixando os olhos -, não adianta mentir-te!... As dores são-me insuportáveis!... Penso que não suportarei!

- Céus, meu amor!... - diz ela, levantando-se e se abraçando a ele. As lágrimas brotam-lhe dos olhos em catadupas. - Que posso fazer para ajudar-te a aliviar tal sofrimento?...

-Tu já tanto me auxilias, meu tesouro!... - diz ele, beijando-lhe os olhos molhados de lágrimas. - Sei que minhas dores são também tuas!... Sofres o tanto quanto eu!

-Oh, *Júpiter Capitolinus!*... - exclama ela, levantando os braços, em súplica. - Grandioso Pai, ouvi minhas preces!... Dar-vos-emos uma hecatombe em breve!... Sede misericordioso para com meu *Caius!*... De um canto e semi-acobertados pela colunata do *perystilium*, *Dulcina* e *Iustus*, o fiel casal de servidores da casa, ouviam condoídos as súplicas que sua senhora fazia pela saúde de seu amado esposo.

- Nosso senhor sofre muito, *Iustus* - cochicha *Dulcina* ao ouvido de seu esposo. - Não achas que deveríamos conversar com *Rufus*⁶?...

- Não sei, não - responde, preocupado, o *majordomus*. - Tu sabes como são nossos amos!... Crês que irão trocar *Júpiter Capitolinus* por Ele?... Conheces muito bem os *patricii*⁶... São cheios de orgulho até as orelhas!... Imagina se cultuarão um deus *plebeius*,⁷ um simples carpinteiro!...

6. Patrícios, em latim. Entre os antigos romanos, a classe dos aristocratas.

7. Plebeu, em latim. Na sociedade romana antiga, correspondia à classe mais humilde da população.

- Oh, mas a dor nivela-nos!... - exclama a criada. - Se concordares, falo hoje mesmo com nossa ama!... É pessoa bondosa e humana; penso que me ouvirá!...

- Não sei, não, minha cara! - exclama, hesitante, o *majordomus*. - Tu sabes como eles são!...

- Deixa-me tentar!... - diz ela, súplice. - Dói-me vê-los assim, sofrendo!... Quem sabe *Rufus* não atenderá nosso amo, mesmo sendo ele um patrício romano?

- Que *Rufus* o atenderá, não tenho a menor dúvida; o caso é se nosso amo irá até ele!

- Mas, *Rufus* poderá vir até aqui!... Se nós lhe pedirmos, tenho a certeza de que virá!

No final da tarde, *Drusilla Antónia* encontrava-se no *balneum*, mergulhada em sua banheira, e *Dulcina* lavava-lhe os cabelos, esfregando-os, delicadamente, com a ponta dos dedos. Sua senhora tinha os olhos semicerrados e estava mais triste que nunca.

- *Domina* - arrisca-se a criada -, posso dizer-vos algo?

-Vai lá, dize-o!... - exclama *Drusilla Antónia*, sem muita animação. - Que não sejam mexericos da *culina*⁸, pois hoje não estou para tais coisas!

- Sei o quanto sofreis, vós e vosso augusto esposo, *domina!* - diz a criada, enchendo-se de coragem. - Mas, penso que podemos ter a solução para isso!

- Que dizes, tonta?... - exclama *Drusilla Antónia*, abrindo os olhos e encarando a criada. - Sabes o que estás falando?... Já consultamos os melhores médicos de Roma, já fizemos uma carrada de sacrifícios a *Aesculapius*, a *Júpiter Capitolinus* e acho que ao Panteão todo, sem nenhuma exceção!... E vens dizendo-me que tens a solução?... Pelo visto, perdeste o juízo!... - e volta a cerrar os olhos, altamente contrariada com a ousadia da criada.

8- Cozinha, em latim.

- Não, não, *domina!*.... - diz a criada, persistindo em seu intento. -
- Existem outros métodos que, possivelmente, ainda não conheceis!.. .

Drusilla Antónia limita-se a olhá-la, abrindo apenas um dos olhos, tamanha era a desolação que a dominava. A outra, entretanto, continua, apesar do descaso que lhe mostrava a ama:

- Já ouvistes, por certo, falar em *Jesus*, o Carpinteiro Judeu!...
- Ah, a nova seita, a dos Cristãos, que encanta os pobres e os escravos!... Não sabia que andavas a freqüentar tais coisas!... Pelo que me consta, são cheios de superstições e de credices absurdas, não é assim?... Prometem riquezas e glória num outro mundo!... E o tal carpinteiro, o fundador da seita, foi crucificado por subverter a ordem!...

A criada abre um ligeiro sorriso. Também sua ama achava tudo aquilo uma bobagem... Mas, não se contém e prossegue:

- Se me permitis, *domina*, digo-vos quem, na realidade, é *Jesus*, e qual é a mensagem que nos trouxe!

Drusilla Antónia dá de ombros. Sabia que, dificilmente, conseguiria calar as tagarelices de sua criada.

- Então crês que o tal Deus Judeu poderia curar meu *Caius!* - pergunta a matrona, com um sorriso de deboche nos lábios. - Como faria isso?... Acaso seria maior e mais poderoso que *Júpiter Capitolinus?*

- *Rufus*, um dos seguidores de *Pedro*, que foi apóstolo de *Jesus*, tem o dom de curas. Poderá curar vosso esposo, instantaneamente, apenas impondo-lhe as mãos e orando sobre ele!... Se tiverdes fê, *domina*, vosso esposo será curado!... *Jesus*, em sua vida pública, curou inúmeras pessoas: cegos, coxos, paralíticos, leprosos, endemoninhados!... Até mortos ressuscitou!...

- Sinto muito, *Dulcina* - diz *Drusilla Antonia*, com um sorriso de incredulidade. - Mas, fazer com que *Caius* vá até um desses lugares onde se reúnem os cristãos seria uma tarefa impossível de realizar!...

Conheço-o muito bem. Ele jamais trocaria *Júpiter Capitolinus* ou qualquer um dos deuses do Panteão por um deus carpinteiro!... E ainda mais judeu!... Acho que preferiria morrer!...

- Mas, *domina*, eu mesma vi!... - exclama a criada, cheia de extremo entusiasmo que em nada era partilhado pela outra. - Ontem mesmo, quando nos reunimos na casa de *Rufus*, várias pessoas foram curadas, instantaneamente, de males gravíssimos!... Até um velho leproso limpou-se, imediatamente, mal foi tocado pelas mãos do seguidor de *Pedro*!... E algo extraordinário!... Vede como Deus se manifesta todo-poderoso e mostrando Sua misericórdia infinita, através de Seus verdadeiros seguidores!...

- *Iustus* também compartilha dessa tua fé? - pergunta *Drusilla Antonia*, intrigando-se com o tom de espontaneidade que percebera nas palavras e na narrativa da criada. Nunca dera muito trato às conversas de suas criadas, mas sabia que ninguém jamais conseguiria mentir com tal veemência. Levanta-se resoluta da banheira e ordena:

-Veste-me e depois chama *Iustus*, que o aguardo no *viridarium*⁹. Pouco depois, o *majordomus* apresenta-se a ela que passeava entre os perfumadíssimos canteiros de lilases a exalarem seu pitoresco perfume, na tepidez da tarde primaveril.

-*Iustus*, sei que és um homem correto e que não mentes, pois te conheço desde quando ainda eras um moçoilo, comprado por meupai, no mercado de escravos - diz *Drusilla Antónia*, olhando firme nos olhos do criado.

- *Sic est, domina!* ¹⁰ - responde o *majordomus*, baixando, humildemente, os olhos.

9. O jardim, que costumeiramente enfeitava as antigas residências romanas, podendo ser interno ou externo.

10 - " Assim é, senhora!..." , em latim

- Então, apelo para o teu caráter que sempre me pareceu, assim, ímpoluto e me respondas, sem nada omitires ou encobrires com a nódoa da mentira: estás a par do que me disse *Dulcina*, esta tarde, acerca da seita do Deus Crucificado?

- Sim, *domina* - responde o *majordomus*. - Estou a par de tudo.

- Então confirmas, sem reservas, o que me disse ela sobre as curas fantásticas que observastes em casa do mestre cristão?

- Perfeitamente, *domina* - confirma ele, sem titubear. - Tudo o que vos relatou *Dulcina* é verdadeiro!... Tendes a minha palavra!

Drusilla Antónia olha séria no rosto do *majordomus* como a lhe sondai" fundo no recesso da alma. Ele lhe sustenta, firmemente, o olhar, e ela se convence: o homem não estava mentindo. Conhecia-o como a palma de sua mão.

- Dize-me, *Iustus* - observa ela, aproximando-se mais e quase a cochichar-lhe: - E verdade que o sacerdote cristão limpa leprosos, instantaneamente?

- Sim, *domina!*... - exclama o criado, iluminando o rosto de súbita alegria. E prossegue, com os olhos tomados de brilho vivaz: - Não só leprosos limpam-se, mas também paralíticos voltam a caminhar com a maior desenvoltura, cegos vêem, dementes retomam a razão!... Oh, senhora, o poder de *Jesus* é insuperável!... E a mensagem de fé, de esperança e de consolo que nos legou?... Passamos horas, ouvindo-a, embevecidos!...

Drusilla Antónia ainda hesita. Não seria esse sacerdote cristão um poderoso feiticeiro a lançar estranhos encantamentos sobre essas criaturas ignorantes e crédulas?... Ouviam-se tantas coisas sobre os cristãos... Estranhos e absurdos boatos corriam sobre a conduta dos seguidores do Judeu Crucificado: diziam que os adeptos daquela nova e estranha seita faziam rituais macabros, sacrificando crianças roubadas aos pais, bebendo-lhes o sangue e lhes devorando as carnes emas, em diabólicos festins; outros, que eram perigosos revolucionários e que pretendiam insurgir-se e libertar os escravos, causando, assim, a falência do Império.

Drusilla Antónia sentia-se confundir. Contudo, ardente curiosidade apoderava-se dela.

- Dize-me, *Iustus* - pergunta ao *majordomus* -, quando é que ireis à casa do sacerdote cristão?

- Ainda esta noite, *domina* - responde ele. - Quando tudo estiver quieto, e completarmos nossas tarefas, iremos *Dulcina* e eu.

- Também eu irei, *Iustus!*... - diz ela, resoluta. - Entretanto, não desejo que *Caius* saiba. Propinarei forte dose de *ladanum*¹¹ a ele e, assim que adormecer, juntar-me-ei a vós.

A noite caíra escura e sem luar. Três vultos encapuzados caminhavam apressados, por sombria mela esburacada e cheia de poças de água estagnada e malcheirosa, seguindo, cuidadosos, a frouxa claridade que derramava a pequena lanterna que *Iustus* carregava, dois passos adiante. O fedor de fezes e de urina humanas era insuportável, e era preciso caminhar premendo as narinas para não se enjoar. Tugúrios miseráveis, feitos de adobes e de terra batida, permeavam a viela que, àquela hora, silenciava pelo avançado das horas. Apenas se ouviam os latidos insistentes dos cães vadios e um ou outro grito que se perdiam no silêncio da noite.

Depois de caminharem por mais de hora e meia em marcha forçada, através de uma interminável sucessão de escuras e deploráveis melas, fétidas e esburacadas, o grupo pára diante da porta de pobre casa de tijolos de barro cm e coberta de grossa camada de colmo já bastante enegrecido pela intempérie. *Iustus* adianta-se e bate com a mão fechada, em toques pausados. Instantes depois, a porta abre-se com um chiado, surge uma cabeça e alumia o rosto dos recém-chegados com uma lanterna de azeite. Dita uma curta senha, a entrada é-lhes franqueada, e os três desaparecem pelo interior da choupana.

11. ládano ou láudano, em latim. Sedativo derivado da eslewa, planta da família das cistáceas.

Drusilla Antónia espanta-se com a penúria do ambiente. A pedido de *Dulcina* e de *Iustus*, declinara de seus ricos trajes costumeiros e se vestira com sobriedade para não chamar a atenção. Tiveram de sentar-se ao chão, sobre esteiras de palha, pois não havia qualquer móvel no ambiente, exceção de tosca mesa, sobre a qual havia alguns rolos de pergaminho e uma lamparina de azeite. A matrona, então, cheia de apreensão, passeia os olhos pelo ambiente. As paredes, prendiam-se três fumarentas e malcheirosas tochas de betume, a lançarem fraca luminosidade no ambiente, que não passava de uma sala de médias proporções, em cujo assoalho de tijolos crus acocoravam-se umas três dezenas de pessoas que, em silêncio, pareciam, ansiosamente, aguardar por algo. Deitados sobre as esteiras de palha e envoltos em trapos imundos, havia alguns enfermos, notadamente cegos, paralíticos e portadores de enfermidades crônicas diversas e, mais afastadamente, ao fundo da sala, agrupavam-se quatro pessoas totalmente envoltas em panos, deixando à mostra, apenas os olhos, o que fez *Drusilla Antónia*, com um calafrio, constatar que se tratavam de leprosos.

Alguns minutos mais e, de uma porta lateral, adentrou um homem de meia idade, portando barbas longas e já um tanto grisalhas. Postou-se ao lado da acanhada mesa e, encarando a pequena assembléia com olhos brilhantes, disse:

- Que a paz de Nosso Senhor **Jesus**, o Cristo, esteja convosco! Depois, desenrolando um dos pergaminhos que se achavam sobre a mesa, aproximou-os da luz da lanterna e leu, com voz pausada: "*Delendeabo essa templa et in treabus deabus ea reedificata...*"¹²

Em seguida, passou demoradamente os olhos pela pequena assembléia e disse, com voz suave:

12. "Destruirei esse templo e em três dias eu o reconstruirei...", em latim. Evangelho de S. João 2-19.

- Podem parecer estranhas essas palavras nos lábios dAquele que foi e é o Príncipe da Paz!... Não é à toa que se sentiram chocados os maioraís de Israel, quando souberam e disso também se utilizaram para forjarem as provas para O condenarem à morte!... Entretanto, caríssimosirmãos, não obstante queira ou não o grande sacerdócio organizado da terra, os ídolos estão cansados!... Não conseguem atender mais aos apelos e aos anseios dos que lhes freqüentam os riquíssimos templos, erigidos em mármore e em granito. Permanecem mudos e impassíveis, do alto de seus pedestais, e se acham ricamente adornados de ouro, prata e preciosidades sem par, enquanto o grosso da humanidade encontra-se relegado à miséria!... Ah, a miséria, esse terrível monstro que campeia por todos os lados!...

O pregador silencia por instantes e passeia os olhos pela pequena assembléia que o ouvia atenta. Sorri um sorriso triste e prossegue:

- Que é pior, pergunto-vos: a miséria física ou a miséria moral?... Vós outros sofreis a sobejo a ambas, porque vos conheço, estou convosco todos os dias e, principalmente, porque sou um de vós!... Olhai em derredor, irmãos!... O que vedes?... Miséria, misériae mais miséria!... O luxo e a luxúria afrontam-nos todos os dias!... Os costumes barbarizam-se, fazendo as criaturas nivelarem-se às bestas mais rasteiras de que se tem notícia!... Que fazem os poderosos, trancados em seus ricos e admiráveis palácios?... Festejam *Baccus*¹³ e se locupletam nas mais dissolutas orgias, como se tudo isso fosse natural!... E, quando se encontram esgotados, doentes do corpo ou do espírito, vão aos pés de *Aesculapius* ou de *Júpiter Capitolinus*, e os sacerdotes desses santuários perguntam-lhes: "Quanto podeis dar ao deus?... Um boi?... Dois?... Trinta?... Uma hecatombe?..."Negociam, irmãos!... Vendem os favores da divindade que representam!... E, nós, que nada temos?... "Não

13. O deus do vinho na mitologia latina.

possuís nem um mísero sestércio para um pardal ou para uma pomba?...", é o que nos perguntam eles que, de graça, nada fazem!... Arrancam até dos que nada têm!... Como pode Deus cobrar pelo que faz?... Imaginai se, de repente, Nosso Pai resolvesse cobrar-nos o ar que respiramos, a água que nos mata a sede ou a luz do sol que nos alumia?... Pobres de nós!... Não, caríssimos irmãos!... O que vem de Deus não tem preço, porque o que Ele nos venderia é de tão alto custo e de tão fina procedência que nem o maior dos tesouros deste mundo seria suficiente para pagá-lo!...

Rufus silencia, novamente, enquanto parece reorganizar as idéias e, fazendo um largo gesto com as mãos, prossegue:

- "Destruirei esse templo...", disse-nos, simbologicamente, o Mestre Nazareno, mas se referindo, na realidade, a que já é chegado o momento de novas e grandes mudanças para todos nós, pois a mensagem que nos trouxe é ímpar!... Esse templo a que se referiu *Jesus* é a Fé, que deve se fundamentar no amor a Deus, ao próximo e à prática da caridade, coisas que, decididamente, mingnam nos dias atuais!... Onde o respeito às coisas santas?... O homem se embrutece e se envilece como nunca!... A injustiça, o egoísmo e o desamor imperam em toda a parte!... A humanidade está podre, carcomida pelo vício, pela incúria e pela insensatez e é preciso, bem depressa, reabilitarem-se as virtudes; é necessário, urgentemente, ressuscitar o amor nos corações dos homens!... Mas, para que isso aconteça, é preciso que se deite abaixo o antigo templo dos ídolos mudos e impassíveis, cheio de viciações, de superstições e de crenças absurdas, onde viceja a fé fria e exterior, e se reconstma um novo, cujos alicerces fundamentem-se na rocha viva do Evangelho!...

Drusilla Antónia ouvia a pregação do missionário cristão e se espantava: jamais ouvira coisas ditas assim e relacionadas à prática religiosa, com tamanho poder de incisão, e de forma a promover rupturas na estrutura da fé de alguém. Perturbara-se, e ligeiro mal-estar acomete-a. Aflita, busca o rosto dos companheiros e nota que eles se mantinham presos às falas do pregador cristão, cheios de

embevecimento. E agora?... Começa a sentir medo. E se, de fato, fossem realmente bruxos e a enfeitiçassem?... *Iustus e Dulcina* pareciam magnetizados, com os olhos fixos no rosto do missionário, sem dele perderem um mínimo gesto. Às raias do desespero, *Dru-silla Antônia* procura pela porta, com os olhos. "Se tentarem enfeitiçar-me, saio correndo!", pensa.

- Agora, as bênçãos, para o encerramento - diz o pregador e sinaliza para dois auxiliares que se mantinham a postos, junto à porta de entrada.

Os dois homens, com gestos comedidos e portando os semblantes serenos, organizam pequena fila que se forma diante de *Rufus* que se mantinha de pé, com os olhos semicerrados e em profunda concentração. Em seguida, o insigne pregador ergue os braços ao alto e diz, com voz súplice:

-Ó Divino Mestre *Jesus!*... Seguimos as Vossas recomendações e aqui estamos!... Diante de nós, acham-se os pequenos do mundo em busca do Vosso amor!... Derramai sobre eles a Vossa graça, Senhor, e fazei segundo o merecimento de cada um!...

A seguir, atende ao primeiro da fila: tratava-se de uma mulher excessivamente magra e maltrapilha e que trazia uma criança ao colo. Ela estende os braços descamados, mais parecidos a dois galhos de árvore ressequidos que braços propriamente, e apresenta o seu bebê - uma pequenina trouxa, envolta em imundos farrapos, que sequer tinha forças para chorar. O pregador cristão olha, demoradamente, para a mulher e para o bebê que ela lhe estendia com os olhos súplices, olhos de uma mãe que via a tênue vida de seu rebento esvair-se-lhe por entre os dedos. *Rufus*, então, sente duas lágrimas descerem-lhe, teimosas, pelas faces, também largamente batidas pelas dores do tempo. A seguir, toma o bebê nos próprios braços e o ergue, acima da cabeça, e diz com a voz carregada de emoção:

- Vede, Senhor, a quantas andam os Vossos filhos!... Apiedai-Vos desses pequenos!... Dai-lhes o consolo, conforme nos prometestes!

O bebê emite fraco vagido e se põe a mover as mãozinhas e as perninhas. Contentíssima, a mãe recebe de volta o seu filho e o aconchega forte ao peito. A seguir, num ato espontâneo, ajoelha-se e, tomando a mão de *Rufus*, beija-a, agradecida. A um sinal do pregador cristão, um de seus auxiliares apanha uma das cestas de alimentos adrede preparadas e que se amontoavam num dos cantos da sala e a entrega à pobre mulher que se desmancha em agradecimentos.

Drusilla Antônia, ainda sentada sobre o estrado de palhas, a tudo observava, cheia de espanto. Não se haviam colocado em fila, juntamente com os demais, porque *Iustus* pretendia que ficassem para o final dos atendimentos e, assim, teriam privacidade e mais tempo para conversarem com *Rufus*. A matrona, às vezes, sentia-se sufocar pelo cheiro nauseabundo, exalado por aquelas criaturas maltrapilhas, sujas e, na grande maioria, enfermas, acometidas de cegueira, aleijões, lepra, mas, mesmo assim, esforçava-se e seguia atenta ao desenrolar das atividades no singelo templo cristão e lhe era difícil entender aquelas coisas, pois não pertenciam a seu mundo. Sempre fora rica e vivera em estupendas mansões, erigidas em finíssimos mármore e em granitos reluzentes, e gozara sempre de todo o conforto que lhe propiciavam os bons móveis e o requinte das obras de arte. dos bons vestidos e das jóias de fina lavra. Jamais supusera quão difícil e árdua era a vida de seus conterrâneos mais pobres. Por outro lado, como poderia aceitar um deus miserável como aquele que vivia entre gente tão esfarrapada e tão desprovida de tudo?... Que diferença entre o *Capitolium* e o *Pantheonem*¹⁴, onde a beleza e a exuberância de luxo marcavam a verdadeira morada de um deus!

14. Panteão, templo arredondado que, tanto na Roma quanto na Grécia antigas, era dedicado a todos os deuses.

Depois de assistirem a uma dezena de curas e de manifestação de fé extraordinária, a fila esgota-se, e *Rufus*, deitando os olhos sobre o pequeno grupo que restara acorçado sobre o estrado de palhas, faz-lhes um sinal com a mão, chamando-os a aproximarem-se. O coração de *Drusilla Antónia* principia a bater descompassado. Ela estava terrificada com as estranhas manifestações que houvera presenciado ali. *Iustus* olha para ela, encorajando-a, e *Dulcina* aperta-lhe forte a mão.

- Sede bem-vinda entre nós, *domina!* - exclama *Rufus*, sorrindo-lhe, gentil. - E não tenhais medo, pois *Jesus* é conhecido como o Cordeiro de Deus e, conforme sabeis, esses bichos são os mais mansos que existem!

Drusilla Antónia limita-se a olhá-lo com os olhos desmedidamente abertos. Era patente o terror que ora a invadia.

- Se tiverdes fé, senhora, *Jesus* curará vosso esposo!...

- Co... co... mo sabeis que meu esposo está enfermo?!... -espanta-se ela. - Acaso contou-vos *Iustus*?

- Não, *domina* - diz *Rufus* sem se alterar -, nada me disseram vossos servos; porém, o Sublime Cordeiro tudo sabe!... - e, apontando o dedo para o peito de *Drusilla Antónia*, prossegue incisivo: - Mas, primeiro, é preciso que derribeis o antigo templo que ainda aí se encontra erigido dentro de vosso coração, para que *Jesus* possa nele fazer sua morada...

- Prometemos uma hecatombe a *Júpiter Capitolinus*... - diz ela, baixando os olhos.

- Quando estiverdes pronta para a demolição, *domina*, retornai aqui, que *Jesus* reconstruirá em vós um novo templo!... - exclama *Rufus*, fazendo-lhe ligeira reverência e desaparecendo, a seguir, pela porta lateral, seguido de seus dois auxiliares.

Drusilla Antónia, altamente consternada, olha para seus criados.

- Vamos, *domina* - convida *Iustus*.

E os três deixam o singelo templo, agora totalmente vazio, e saem para a madrugada escura e fria, de volta para casa. Apoiando-se em

Dulcina, enquanto caminhavam pelas ruas escuras e esburacadas, *Drusilla Antónia* soluçava baixinho. A dor que lhe roía fundo a alma era a maior do mundo...

Capítulo V

O novo Templo.

Diante das escadarias do *Capitolium*, *Drusilla Antonia* pára. Seus olhos percorrem a imensidão do frontispício do magnífico templo, dedicado ao pai dos deuses. As altíssimas colunas jónicas em mármore negro; os capitéis redondos, coroando os fustes, ricamente trabalhados em alto-relevo, com bordaduras milimetricamente perfeitas. A profusão de mármore polido e de granito resplendente encantava os olhos. "A verdadeira morada de um deus!...", pensa. E, conseqüentemente, sua mente busca a comparação com o tugúrio onde celebravam o Deus Judeu. "*Delendeabo essa templa...* ", pareceu-lhe, então, ouvir, claramente, as palavras do pregador cristão. Um calafrio percorre-lhe a espinha de alto a baixo e, com o canto dos olhos, ela espiona *Caius* que se postava a seu lado, rindo para ela. Ele parecia feliz e confiante. Iam imolar uma hecatombe a *Júpiter Capitolinus*, aplacando-lhe, assim, a fúria e, quem sabe, o grande pai não restituiria a saúde de seu amado esposo!... Tinha sido dessa forma que seus antepassados sempre haviam feito!... E então, por que é que ela iria, agora, atrás de um deus estrangeiro, um carpinteiro sem eira nem beira?... Que poder teria, realmente, aquele deus, se nem da crucificação conseguira escapar?... Que bobagem!... Aperta, ternamente, a mão de seu amado *Caius* e lhe sorri cheia de esperança.

- Vamos, que Nosso Pai espera por nós!... - diz *Drusilla Antonia*, puxando, amorosamente, o esposo pela mão.

No *immolatorium*¹, o cheiro de sangue fresco era insuportável. Sob os certeiros golpes de afiadíssimo cutelo, nas hábeis mãos do sumo sacerdote, o sangue jorrava em catadupas, quente, fumegante - grossos borbotões rúbidos, que se lançavam em macabras e ininteruptas cascatas, inundando e tingindo de vermelho-rubro as pedras quadranguladas do granito cinza-claro do pavimento. Sob um dossel de seda alvitente e franjado de ouro e de prata, e sentados em cadeirões de madeira pesada e ricamente lavrada e marchetada em marfim e em bronze polido, *Drusilla Antônia* e *Caius* assistiam à carnificina. O espetáculo era deveras dantesco: os bois eram conduzidos um a um, diante do altar de *Júpiter*, e degolados pelo sumo sacerdote, com destreza ímpar. Parte do sangue era, então, colhido em grandes taças de ouro e, ainda a exalar vapores, era depositado, solenemente, diante do altar do deus. A cada animal que abatia, o sumo sacerdote repetia uma série de orações e, em altos brados, emitia súplicas em favor da recuperação da saúde do general *Caius Petronius Tarquinius*. A carnificina durou algumas horas, e foi com grande alívio que *Drusilla Antônia*, altamente enjoada com o forte cheiro do sangue que empestava o ambiente, pôde, finalmente, respirar o ar puro da praça do *Fórum*. O dia avançara bastante, e a tarde caía luminosa e agradável. *Caius Petronius* caminhava a seu lado em silêncio. Durante a cerimônia, mantivera-se calado, quase que o tempo todo, e *Drusilla Antônia* pensou que ele estivera assim, por ser muito devoto do deus, e que, certamente, suplicava pela graça que da divindade obteria, mediante a oferenda de sacrifício daquela monta. Entretanto, na liteira, de volta para casa, ele se recosta ao colo dela, e ela lhe sente as contrações dos espasmos doloridos que ele tenta, inutilmente, dela esconder.

1. Nos antigos templos pagãos, lugar onde se imolavam os animais.

- Sei que estás sofrendo muito, meu amor!... - exclama ela, beijando-lhe o alto da cabeça. - E sei, também, que tentas esconder de mim que tuas dores tomam-se, a cada dia que passa, mais constantes e insuportáveis para ti!

Como ele se encontrasse recostado ao colo dela, não se podiam olhar nos olhos. Então, ela, delicadamente, levanta-lhe a cabeça e o olha no rosto. Penalizada, constata que *Caius* tinha os olhos rasos de pranto.

- Haveria um modo de eu esconder algo de ti, minha rainha? - diz ele, baixinho, quase num sopro, com as palavras molhadas pelas lágrimas.

- Oh, meu amor!... Meu amor!... - exclama ela, desesperada, abraçando-o forte. - Se pudesse trocar a minha vida pela tua!... Mas, tem fé!... Acabamos de imolar uma hecatombe a *Júpiter Capitolinus* e tenho a certeza de que ouvirá nossos apelos em favor de teu restabelecimento!...

- Nem *Júpiter Capitolinus* nem ninguém, minha querida!... -exclama ele, meneando a cabeça, cheio de desespero. - Rendo-me à *Hecate Infernal*!...

-Oh, não digas tal asneira! - diz ela, ralhando com ele. - Esqueceste a fé que sempre depositaste em teus *lares*!... Teu pai dedicou-te a *Júpiter*, quando nasceste, e tu jamais abandonaste teu *numen*² e fizeste dele o tutelar de tua casa!... Por que blasfemas, agora?... Sempre te considereei um homem de fé!... És bom, *Caius*!... Ninguém, mais do que tu, merece a atenção dos imortais!... Imploro-te, querido, tem um pouco mais de paciência!...

Mais tarde, descansavam na *exedra*, recostados em confortáveis *canapei*, e *Drusilla Antónia*, estarecida, percebia que seu esposo sofria muito: encontrava-se extremamente abatido, tinha o rosto tomado por profunda palidez, e os olhos, bastante encovados,

estavam emoldurados por escuras olheiras.

- Que desejas que te faça, meu amor? - pergunta ela, apertando-lhe forte a mão.

Caius Petronius limita-se a olhá-la, com um sorriso triste.

- Olha, bebe mais *ladanum!*... - exclama ela, apresentando-lhe uma taça.

- Não, minha cara - diz ele, tristemente. - O *ladanum* já não me surte mais nenhum efeito, a não ser provocar-me mais náusea!

- Oh, fazes-me desesperar, dizendo isso! - observa ela, altamente preocupada. - Que te darei a beber para as dores, então?

- Manda chamar o médico, minha querida - diz ele, contorcendo-se de dores. - Não suporto mais!

- Oh, *Caius!*... *Caius!*... - grita *Drusilla Antónia*, pondo-se de joelhos diante do marido e, tomando-lhe as mãos, banha-as de lágrimas. Depois, em desespero, levanta as mãos e brada: - Oh, *Júpiter Capitolinus!*... Uma hecatombe não foi suficiente para aplacar a vossa ira?... Que vos fez meu adorado *Caius*, para o perseguirdes dessa forma?...

- *Drusilla*... - geme *Caius* baixinho e prossegue com a voz fraca: - Não te desesperes assim!... Apenas, manda que busquem *Sempronius*... Peço-te...

Pouco tempo depois, o *majordomus* anunciava a chegada do facultativo que, sem delongas, pôs-se a examinar *Caius Petronius*.

- Agora, somente o *opium*,³ general - diz o médico, após longo e meticoloso exame. - O *ladanum* não produz mais efeito...

- Dá-lhe o remédio, *Sempronius!*... - adianta-se *Drusilla Antónia* e prossegue, torcendo as mãos, nervosa: - Não suporto mais vê-lo dessa forma, sofrendo tanto!

- Entretanto, não é tão simples assim - observa o médico. - Melhor é guardarmos o *opium* para... - e se cala receoso de continuar.

3. Ópio, em latim - potente narcótico, extraído dos frutos imaturos da papoula.

- Para o fim?... - completa *Caius Petronius*, com um sorriso triste.
- Oh, não!... - grita a matrona, desesperada. - *Sempronius*, por favor, nada omitas!... Queres dizer que meu *Caius* sofrerá ainda mais?
- Assim será, cara *Drusilla Antónia* - diz o médico, sério. - *Caius* terá espasmos dolorosíssimos, até que lhe venha a derrocada final!... Se lhe propino o *opium* agora, nenhum efeito a ele fará depois, quando as dores realmente se lhe tomarem insuportáveis!... Essa substância perde a eficácia mais rapidamente que o *ladanum*!
- Que faremos por ora, então? - pergunta ela, cheia de dor.

Sempronius baixa a cabeça, desanimado, e dá de ombros. Depois, fixando-a, firme, nos olhos, diz, altamente consternado:

- Rezar, cara *Drusilla*, rezar muito e esperar... Infelizmente, apenas isso nos resta fazer...

* * * * *

Neste comenos, no *triclinium* da mansão de *Cornélius Helvetius*, o jovem *Iulius Maximus* caminhava de um lado para outro, agitadíssimo. O velho senador, recostado num *canapeum*, fingia ler um pergaminho e, disfarçadamente, observava o rapaz que extravasava ansiedade por todos os poros.

- Senta-te aí e te aquieta, *Iulius!*... - brada, por fim, *Cornélius*, irritado com o vaivém do rapaz pela sua sala.
- *Susanna* demora-se, titio!... - diz o rapaz. - Dessa forma, perderemos os espetáculos no *Circus Maximus!*...
- Até parece que ainda não conheces *Susanna!*... - exclama o velho senador, cheio de ironia. - Melhor é te sentares aí e sossegares que, antes de uma hora, garanto-te que ela não se apronta!...
- Mas, ela não pode fazer isso comigo!... - exclama o rapaz, altamente agastado. - Combinamos tudo direitinho, ontem, e me jurou não se atrasar!...
- E acreditaste nela?... - observa o velho, rindo-se.

- A propósito, titio - diz o rapaz, como se de repente se lembrasse de algo muito importante -, *Susanna* já completou catorze anos, e acho que está em idade de arranjar um noivo!

Cornélius olha-o, cheio de raiva. Então aquele fedelho insuportável estava a dar-lhe ordens, é?

-Achas o quê, *Iulius!*... -pergunta, empertigando-se furibundo, no *canapeum*, e prossegue, espumando de raiva: - Fica sabendo que ainda não morri, e quem deve achar se *Susanna* está pronta para encontrar um noivo ou não, ainda sou eu!...

O orgulhoso mancebo lança-lhe um olhar carregado de desdém e diz, cheio de empáfia:

- Pois é bom que saibas de uma vez, meu tio, que *Susanna* já me escolheu!... Considero-me seu noivo!

- Caro *Iulius* - diz o velho senador, de repente se lembrando de algo com que poderia, com facilidade, ferir mortalmente aquele imbecil -, não sei se o que me dizes é fato, mas outro dia aqui esteve o neto do senador *Lucius Antoninas Rimaltus*, antigo camarada meu, e me pareceu que o jovem impressionou deveras a minha neta!... Presinto não sejas o único da fila, querido sobrinho!...

- Que dizes!?...- exclama o rapaz, levantando-se de um salto como se tivesse sido picado por uma vespa. - Quem é o tal?...

- *Flavius Antoninas Rimaltus*, o mesmo que salvou *Susanna* de ser devorada pelo leão daquele doido, quando tu a abandonaste à própria sorte, nos jardins do paço imperial, lembras-te?-diz *Cornélius*, olhando-o firme nos olhos e saboreando, enormemente, as reações de despeito e de quase desespero que se apoderavam do rapaz.

- Mentos! - explode *Iulius*, com as feições transtornadas num rictus de raiva suprema. - Tu me odeias e inventaste toda essa mentira suja!

- Quando estiveres a sós com *Susanna*, tu mesmo lhe perguntarás tudo, e ela lhe relatará com riqueza de detalhes!... Então, verás se

estou mentindo!... - diz *Cornélius*, levantando-se e deixando o *triclinium*, quase a explodir de tanta satisfação.

Antes, porém, de abandonar o salão, na soleira da porta, volta-se e confere: *Iulius* fuzilava de raiva e até parecia ter calafrios a percorrer-lhe o corpo. *Cornélius* meneia a cabeça e se ri, satisfeitíssimo, desaparecendo, a seguir, na semi-obscuridade do corredor.

O *Circus Maximus* ululava na tarde quente de primavera. *Iulius* puxava *Susanna* pela mão, com modos grosseiros, praticamente arrastava-a atrás de si, enquanto que, com os olhos, sondava a platéia, em busca de algum lugar que, eventualmente, sobrara no renque de assentos do anfiteatro.

- Demoraste tanto a te aprontar que não resta mais um só lugar plausível, minha cara!... - diz ele, espumando de raiva. - Teremos de nos contentar com os que sobraram lá em cima e nada veremos dos espetáculos!

- Por que permaneces emburrado, *Iulius*? - pergunta *Susanna* ao se sentarem, após verdadeira maratona para galgarem o topo do renque de assentos em forma de escadaria. - Sequer conversaste comigo, durante o trajeto!... Tudo isso somente porque me atrasei um pouco?

O rapaz limita-se a fuzilá-la com um par de olhos raivosos.

Susanna dá de ombros e passa a vibrar com o andamento dos espetáculos. Lá embaixo, na arena, um grupo de excelentes malabaristas apresentava-se, arrojando-se para o ar em prodigiosos saltos, como se portassem asas. De repente, tonitruante som de trompas interrompe o espetáculo: era o imperador que chegava ao *Circus Maximus*. Todas as cabeças voltam-se, tautocronamente, para o camarote imperial, e *Nero* surge, acompanhado da imperatriz *Popeia Sabina*. Um frêmito ululante percorre a multidão e, num crescendo, explode em gritos e em assovios de ovação ao imperador de Roma. **Nero**, satisfeitíssimo com a grandiosa manifestação que lhe dedicava o povo, incha-se todo de orgulho e, levantando as mãos,

agradece os aplausos, abrindo-se em sorrisos e fazendo ligeiras reverências em todas as direções.

- Nosso povo nos ama!... - exclama ele para *Popeia Sabina* ao recostar-se, depois, em seu luxuosíssimo *canapeum* forrado de seda púrpura.

- Vós o mereceis, Majestade - diz a imperatriz, cheia de inveja. E olha *para Nero* com olhos malevolentíssimos, incrustados num rosto ridiculamente carregado de maquiagem berrante.

A tarde transcorre-se cheia de excitantíssimas apresentações de artistas circenses, num variadíssimo repertório de números altamente interessantes e bizarros. No final, o espetáculo chega ao ápice com a apresentação dos gladiadores mais famosos de Roma, em combates mortais, entre si, e com feras terríveis, trazendo ao povo sensações inimagináveis.

Iulius Maximus permanecera o tempo todo calado, cheio de amuos. Baldadamente, *Susanna* intentara arrancar-lhe o motivo de tamanha mudança no humor, mas foram tentativas em vão. O rapaz negava-se a dizer o porquê de tal atitude. O dia chega ao fim, e os espetáculos no

Circus Maximus também. De volta para casa, *Iulius* conduzia o carro, nervosamente, aplicando sua fúria nos cavalos que, altamente fustigados pelo inclemente chicote do rapaz, abriam-se em desabalada carreira, pelas melas estreitas e esburacadas dos arrabaldes de Roma.

- Assim tu acabarás por virar o carro! - grita *Susanna* que se mantinha agarrada firme ao dorso do rapaz.

Ele se limita a olhá-la com o canto dos olhos e fustiga ainda mais os cavalos.

- *Iulius*, peça-te!... Vai mais devagar!... - suplica ela, quase em lágrimas.

O carro seguia correndo em altíssima velocidade, sacolejando e saltando, amiúde, perigosamente, com ambas as rodas no ar, na iminência de provocar gravíssimo acidente. Transeuntes esbaforidos

colavam-se às paredes das casas, para deixarem o trânsito livre ao carro que surgia de inopino em alta velocidade. Entretanto, em dado momento do percurso, após dobrarem uma curva acentuada, deparam-se, de repente, à frente, no meio da estreita via, com um ancião trêmulo e amedrontado que se atrapalha e não consegue furtar-se a tempo e é violentamente colhido e pisoteado pelas patas dos possantes corcéis. As rodas do pesado carro arrematam a tragédia com violenta pancada, passando por cima do pobre velho, esmagando-lhe, cruelmente, o tórax.

Susanna emite um grito terrível.

-Atropelaste um homem, *Iulius!*... Pára!...

O rapaz sequer se volta para trás. Ainda mais furioso, desfere uma série de violentas chicotadas aos lombos dos animais que pareciam voar. *Susanna* principia a soluçar, cheia de medo.

-És um monstro, *Iulius!*... Pára o carro, por favor!... Peço-te, por *Júpiter!*... - grita ela e desfere, com uma das mãos, uma série de tapas à nuca do rapaz.

O jovem, tresloucado, ignorava-lhe as súplicas e continuava fustigando os cavalos. Ela, então, às raias do desespero, aplica-lhe formidável mordida ao ombro.

A dor que ele sente é tremenda. Entretanto, não pára o carro, apenas diminui-lhe a velocidade. Furioso, aplica formidável cotovelada ao estômago da moça, que se curva, premida pela dor do golpe recebido.

- Monstro!... - geme ela, e principia a soluçar.

Pouco mais e o carro estaciona diante da mansão de *Cornélius Helvetius*. *Susanna* salta sozinha da biga e corre para dentro, em pranto. O rapaz, carrancudo e com os olhos terrivelmente injetados pelo ódio, vai atrás dela. Encontra-a em seu *cubiculum*. Estava arrojada sobre o leito e soluçava. Violentamente, puxa-a pelos cabelos e a faz sentar-se na cama.

- Dize-me, sua leviana, é verdade que andaste a flertar com outro? - pergunta ele, segurando-a, forte, pelos pulsos.

Susanna Procula olha para ele, com os olhos inchados pelo pranto, e nada consegue dizer. Apenas chora, e os soluços convulsionam-na, intensamente.

-Vamos, conta-me, rameirinha!... - diz ele, quase aos gritos. -É mesmo verdade o que me disse teu avô?... Andas pendendo para o lado de algum vagabundo?

Susanna dá um safanão e tenta libertar-se das mãos do rapaz que, como se fossem duas tenazes de ferro, prendiam-lhe os braços.

- Solta-me, *Iulius!*... - consegue ela, por fim, gritar. - Não tens nenhum direito sobre mim!...

- Ah, não tenho?!... - diz ele, irônico. - Dás-me todas as esperanças do mundo e dizes agora que não tenho nenhum direito sobre ti?!... Vamos, anda, quem é o traste que anda atrás de ti?...

- Não existe ninguém atrás de mim, *Iulius*, juro-te!... - diz ela, na expectativa de que ele se acalmasse.

- Verdade?... - exclama ele, cheio de sarcasmo. - Mentiu o teu avô, então?... Não sabia que o senador *Pisanus* era um grandíssimo mentiroso!... Vou atirar-lhe às fuças, então, que não passa de um velho mexeriqueiro!...

- Vovô não é mentiroso e muito menos mexeriqueiro!... - exclama a juvenzinha, arrostando-o, furiosa. E, num rompante de raiva, diz: - E, se queres mesmo saber, há, sim, um outro em minha vida!... E, muitíssimo melhor, mais bonito, mais forte e mais rico que tu!

Iulius Maximus sente-se zonzear. Era verdade, então!... Tudo pareceu escurecer-se diante dele, e um calafrio percorreu-lhe a espinha de alto a baixo. A revelação desabara sobre ele como uma avalanche de pedras, esmagando-o. Sentiu o sangue martelando-lhe nas têmporas. Não, não poderia ser verdade!... Estavam mentindo para ele. Sente as pernas fraquejarem-se-lhe, e se senta na cama, diante dela. Toma as mãos da jovem entre as suas e, olhando-a, firme, nos olhos, diz:

- Dize-me que estás mentindo, *Susanna!*... Não há nenhum outro homem em teu coração!

- Há, sim, *Iulius!* - responde ela. - Conheci-o na festa de *Nero*. Ele me salvou do leão!

O rapaz fita-a, com os olhos cheios de revolta e de ódio. Em seguida, depõe a mão dela sobre a cama, levanta-se e sai, sem olhá-la uma única vez e sem dizer qualquer coisa.

Susanna segue-o, com os olhos mareados de lágrimas. Por que *Iulius* tinha de ser tão temperamental, tão impulsivo?... É verdade que *Flavius Aníoninus* encantara-a, enormemente, e, entre ambos os rapazes, seu coraçãozinho balançava. Mas, *Iulius* era seu primo e seu amigo, antes de tudo. Por que se enfurecera daquela forma?... Amá-la-ia tanto assim, a ponto de maltratá-la daquele jeito e até de matar um pobre velho atropelado, sem sequer se voltar para trás ou esboçar um mínimo gesto de arrependimento até então?

- *Iulius* é um monstro!... - murmura *Susanna* baixinho, entre lágrimas, e afunda o rosto na fofa almofada de penas de ganso. Uma sucessão de soluços sacode-a, violentamente. E prossegue, tomada de profunda desolação: - Não posso amar um monstro que já começa a se voltar contra mim na menor das contrariedades!.. .

O *cubiculum*, paulatinamente, vai mergulhando na mais absoluta escuridão e *Susanna*, vencida pelo cansaço e pelas fortes emoções daquela tarde, acaba por adormecer.

- *Susanna... Susanna...*

A voz doce e delicada do avô fá-la despertar. *Cornélius* afagava-lhe, docemente, os cabelos.

- Esperei-te, tanto, para a *cena* e, como não aparecias, vim à tua procura! - diz ele, sorrindo-lhe, afável.

- Oh, vovô!... Vovô!... - exclama ela, abraçando-se, firme, ao velho.

- Quer tens, meu tesouro? - pergunta *Cornélius*, olhando-a à pálida luz da lanterna que trouxera consigo e depositara sobre uma mesinha. - Tens os olhos desmedidamente inchados!... Acaso andaste chorando?...

Susanna enterra o rosto no peito do avô e retoma o choro, sem nada dizer.

- Foi aquele traste miserável que judiou de ti? - pergunta o velho senador, já se enchendo de indignação. - Só pode ter sido aquele pulha, porque eu estava no *viridarium* e vi quando ele saiu, intempestivamente, como um desvairado!... Que te fez ele?

Susanna volta a olhá-lo, com os olhos terrivelmente inchados pelo excesso de choro. Não adiantava mentir para o avô.

- *Iulius* maltratou-me, vovô, por causa de *Flavius*...

-Ah, maltratou-te o miserável, então?... - observa *Cornélius*, furioso. - Mas, era a mim que o desgraçado deveria maltratar, não a ti!... Fui eu que o espiceei, ainda antes de saídes para o *Circus Maximus*!

- Oh, vovô!... Acalma-te!... - diz *Susanna*, abraçando-o. - Estás tão doente, e não quero que te enerves, assim, por causa de *Iulius*!

- Só me acalmarei, se tu me relatares tudo o que aquele maldito fez-te hoje!... - diz o velho, levantando-se e se pondo a caminhar, altamente enraivecido, pelos aposentos da neta.

A jovem, então, obedientemente, reporta ao avô os terríveis fatos daquela tarde.

-Ah, desgraçado!... Desgraçado!... Eu sabia!... - brada *Cornélius*, espumando de raiva. - Como eu temia: ele é um monstro!... Um terrível e frio assassino!... Não, *Susanna*, não posso jamais permitir que esse demônio continue a rodear-te, fazendo-te a corte!... Para teu bem, é hora de eu proibir as visitas de *Iulius* a esta casa!...

-Às vezes, tenho medo de *Iulius*, vovô!... - diz a jovem, encolhendo-se no leito.

- Nada temas, meu amor!... - diz *Cornélius*, abraçando-a. - Estou velho, terrivelmente doente e enfraquecido, mas ainda não estou morto!... Esse canalha não se aproximará mais de ti!... Garanto-te!... Agora vem, vamos comer, que já é tarde!

* * * * *

Naquele mesmo instante, na mansão do general *Tarquinius*, *Drusilla Antónia* desesperava-se. Seu amado esposo contorcia-se no leito, premido pelos fortíssimos espasmos da dor excruciante que lhe aco-

metia o abdômen. Não sabendo mais o que fazer para aliviar as terríveis dores que atacavam, impiedosamente, seu querido *Caius*, mandara buscar o médico que, naquele momento, examinava, pacientemente, o doente.

- E chegou o momento de propinar-lhe o *opium*, *Drusilla* - cochicha-lhe o facultativo, após minucioso exame. - Doravante, ele não suportará mais as dores. Entretanto, advirto-te: o efeito anestésico durará pouco tempo e, em pouquíssimos dias, nenhum alívio mais lhe trará.

- Que faremos então, *Sempronius*? - pergunta ela, com os olhos mareados de lágrimas.

O médico olha-a, sério, no fundo dos olhos, e pensa por instantes. Era cruel o que ia dizer-lhe.

- Sei que amas *Caius* mais que a ti mesma, *Drusilla*, pois sois meus amigos, há muito tempo - diz o médico, segurando, ternamente, as trêmulas mãos da matrona. - E sei também que, por amá-lo tanto, não desejarás vê-lo extinguir-se entre sofrimentos inimagináveis, sem nada podermos fazer para minimizar-lhe as excruciantes dores. Só nos restará uma saída, então, quando o *opium* deixar de fazer efeito: dar-lhe um fim piedoso!

- Não!... - grita, aterrorizada, *Drusilla Antônia*, retirando, abruptamente, as mãos que o médico segurava entre as dele. - Não, *Sempronius*!... Isso, não!

-Mas, *Drusilla*, não há outra saída! - diz o médico, tentando convencê-la. - É terrível, mas é a única coisa que poderemos fazer por ele!... Propinar-lhe-ei forte e fatal dose de *digitalis*⁴, e seu decesso dar-se-á rápido e sem dores!

4. *Digitalis purpurea*, planta herbácea eurasiática, cujas folhas fornecem a digitalina - substância cristalina empregada como tônico cardíaco.

Drusilla Antónia olha para o médico, cheia de horror. Quis xingá-lo, descarregar nele toda a sua frustração, a sua raiva, o seu medo, mas calou-se. O velho amigo não tinha culpa de nada. Limita-se, então, a abraçar-se a ele, soluçando.

- Pensa nisso, minha cara... - diz-lhe o médico, suavemente, ao ouvido. - Pensa nisso...

Pouco depois, a sós com o esposo que, finalmente ressonava, descansando, *Drusilla Antónia*, sentada ao lado do leito, acariciava-lhe, docemente, os cabelos já quase totalmente encanecidos. O médico propinara-lhe boa dose de *opium*, e o temporário alívio das dores favorecia-lhe dormir.

Pé ante pé, ela deixa o *cubiculum* e sai. Vai até o *triclinium* e, no altar doméstico, prostra-se de joelhos diante da estátua de *Júpiter*.

- Oh, Pai amantíssimo!... - suplica ela, com as lágrimas a rolarem-lhe face abaixo. - Demos-vos, ainda dias atrás, uma hecatombe e continuastes surdo a nossos apelos!... Que vos fizemos, *Caius* e eu, para que assim continueis, tão impassível a nossos rogos?... Olhai, grande Pai!... Dar-vos-emos outra hecatombe!... Creio que vossa sede de sangue aplacar-se-á e devolvereis a saúde a nosso *Caius*!... Amanhã, mesmo, irei ter com vosso sacerdote no *Capitolium* e vos prometo, grandiosíssimo *Jupiter*!... Tereis mais uma hecatombe!

Lá do alto de seu pedestal, fina e esplendorosamente esculpida em mármore alvinitente, a estátua permanecia na sua fria impassibilidade. E *Drusilla Antónia*, cheia de fé, movia os lábios, murmurando sentida e fervorosa prece ao pai de todos os deuses...

Cinco dias depois, ei-la a galgar, novamente, as escadarias do *Capitolium*. Dessa vez, ia só. Seu amado *Caius* encontrava-se tão debilitado que sequer conseguia levantar-se do leito. Resoluta, transpõe o imenso portal do templo, e a colossal estátua do deus dominava toda a nave com sua exuberante imponência de mármore alvinitente, incomensurável gigante, que as mãos de hábeis artesãos haviam esculpido, e que ora reinava soberbo, acima de suas

pretensas criaturas a fervilharem como formigas a seus poderosos pés, rendendo-lhe honras, queimando nuvens de incenso e, continuamente, tributando-lhe preces e sacrifícios.

Antes de procurar a porta que dava para o *immolatorium*, *Drusilla Antónia* coloca-se diante da estátua de *Júpiter* e, ousadamente, arrosta-o, fixando-lhe, firmemente, os olhos no rosto severo.

- Grande Pai!... - murmura ela, súplice. - Por que vos fazeis surdo a meus rogos?... Não vedes que nosso *Caius* apodrece em vida?... - e lágrimas brotam-lhe, aos borbotões, dos tristíssimos olhos. E, cheia de dor, prossegue, encarando, fixamente, o rosto do ídolo: - Mal lhe suporto o hálito pútrido!... Oh, grande e misericordioso *Jupiter*!... Que vos fez meu adorado amor?... Sentis tanta raiva assim dele?... Olhai bem, que hoje vos aplaco a sede com nova hecatombel!... E vos prometo, ainda, se restabelecerdes a saúde a *Caius*, mandar imolar, em vossa honra, uma rês, diariamente, durante um ano todo!...

Do alto de seu imenso pedestal de granito negro, o colosso de *Júpiter* permanecia frio, insensível e imóvel, envolto numa nuvem de aromas de incenso de mirra. Segurava, ameaçadoramente, o raio, à mão, como se fosse arremessá-lo, a qualquer instante, calcinando, inopinadamente, aquele mundéu de fiéis que se juntava a seus pés!

Cheia de fé, *Drusilla Antónia* acompanha, uma vez mais, a matança dos bois em honra de *Júpiter Capitolinus*. Novamente, sente-se enjoar, grandemente, pelo odor adocicado do sangue a jorrar quente e aos borbotões das gargantas, precisa e rapidamente degoladas pelo hábil cutelo do sumo sacerdote. Uma centena de libações, oferecidas em gigantescas taças fundidas em ouro puro e cheias de sangue ainda fumegante, para aplacar a ira e a sede de *Júpiter Capitolinus*!

A matrona acompanhava, com o coração carregado de fé, cada taça transbordante de sangue que os acólitos da cerimônia depositavam aos pés da estátua do deus e se juntava às súplicas que os sacerdotes faziam à divindade, em nome de *Caius Petronius*. Depois de quase três horas, a matança chega ao fim, e o sumo sacerdote, embebendo

um lenço de seda alvinitente na derradeira taça de sangue deposta aos pés da estátua, entrega-a a *Drusilla Antónia*.

- Colocai esse sangue consagrado sobre o ventre do general, *domina* - diz o sumo sacerdote. - Nele está toda a força de nosso pai *Júpiter*, e constatareis com que furor vê-lo-eis curar vosso esposo!

Drusilla Antónia apanha, respeitosamente, o tecido manchado de sangue e sai. Atravessa a imensa nave do templo e, ao transpor o altíssimo portal do santuário, volta-se, instintivamente, para trás. Lá no fundo, perdido no meio das abundantes bmmas do incenso de mirra, *Júpiter* olhava-a, cheio de raiva. "*Delendeabo essa templa et in treabus deabus ea reedificata!...*", uma voz potentíssima explode dentro de sua cabeça. A matrona sente-se zonzear, e um forte calafrio percorre-lhe o corpo de alto a baixo. "Oh, *Júpiter*, meu pai!...", exclama, cheia de temor. Terrível idéia perpassa-lhe a cabeça: "Aqueles cristãos enfeitiçaram-me!...", murmura baixinho e se põe adescer as escadarias, ligeira, e atravessa a praça quase a correr, em direção da liteira que a aguardava numa das mas laterais.

- Tem fé, meu amor!... - exclama *Drusilla Antónia*, passando o lenço manchado de sangue sobre o ventre de *Caius*. - Jurou-me o sumo sacerdote do *Capitolium* que este sangue consagrado a *Júpiter* curar-te-á, instantaneamente!

- Oh, *Drusilla!*... *Drusilla!*... - murmura o general, com os lábios ressecados e partidos pela sede constante. - Ainda crês que nosso Pai *Júpiter* irá lembrar-se mim?... Não, meu amor!... - prossegue ele, com os olhos brilhantes pela febre altíssima. - Deixa-me morrer...

- Não!... Não!... Enquanto houver luz em teus olhos, meu amor, lutarei por ti!... - grita ela, alçando-o aos braços e o apertando forte de encontro ao peito. - Se te fores, vou-me em seguida!...

E, segurando-o assim tão perto, tão fortemente jungido a si, percebe-lhe, estarecida, o hálito apodrecido, fétido, insuportável. "Ele apodrece!...", pensa, com os olhos cheios de lágrimas, e os soluços a sacudirem-na, violentamente. Como estava magro!... Onde se escondia o homenzarrão forte, bonito e tão valentemente destemido

que fazia tremer o inimigo só de ouvir falar-lhe o nome?... "Se te fores, mato-me, em seguida!...", pensa e estremece de tanta dor. "*Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei...*"⁵ Estranha e potente voz grita-lhe, de inopino, dentro da cabeça. Horrorizada, levanta-se e, apertando os ouvidos, exclama:

-Afasta-te de mim, demônio!...

- Que tens, meu amor?... - pergunta *Caius*, espantado com a atitude da mulher e se esforça ao máximo para erguer-se do leito. Mas, encontrava-se tão fraco que a vista se lhe escurece e a respiração principia a tomar-se-lhe ofegante. Gélidas gotas de suor brotam-lhe à testa.

- Oh, assustei-te, meu amor? - acorre ela, solícita, a enxugar-lhe o suor que abundava, molhando-lhe as vestes.

- Dize-me, *Drusilla*, por que gritaste?... - insiste ele, tomando-a pela mão.

-Nãofoi nada!... Assustei-me!... - menteela.

- Não ficas nada bem, mentindo-me, meu amor!... - diz ele, olhando-a nos olhos.

-Estábem!... - aquiesce ela, abrindo ligeiro sorriso. - Quando é que consegui mentir-te alguma vez?

E passa a narrar a *Caius* a estranha aventura que vivera no templo cristão, e as estranhas vozes que passara a ouvir desde então. Ele a escuta, sem interromper, demonstrando um interesse que *Drusilla Antonia* chegou até a estranhar.

- Vejo que isso te perturbou, meu amor!... - exclama ela, abraçando-o.

-Não sabes o quanto me arrependo!... Mas, crê!... Fi-lo por ti!...

- Eu o sei, meu amor!... - diz ele, conseguindo sorrir para ela, a despeito das dores intensas. - Entretanto, tenho também algo

a dizer-te: faz três dias que me aparece em sonho um homem de meia idade, de barbas e cabelos longos e se diz pescador. No sonho, presenteia-me com um cesto repleto de peixes prateados e ainda vivos, e me diz que me traz os peixes a mando de seu Mestre!... E eu, então, como dos peixes e me curo, instantaneamente!... Esse sonho vem se repetindo exatamente igual, por três dias, e na noite passada, intrigado, perguntei ao pescador: "Quem é teu Mestre?..." Ele, então, olhou-me, fundo, nos olhos, e disse, com a voz cheia de ternura: "Meu Mestre é pescador de almas!..."

Drusilla Antônia olha, espantada, para *Caius*.

- O feitiço alcançou-te, também!... - exclama, apavorada. - Oh, *Júpiter Capitolinus!*... Mais essa agora!...

- Oh, não!... - diz *Caius*, sereno, segurando a mão dela. - Não creio que os demônios intentem curar alguém!... Não lhes é do feitio, não concordas?...

- Oh, não sei, não!... - responde ela, receosa. - Os senhores das sombras vivem a rondar-nos a todo instante, meu amor!...

- Como disseste que era o pregador cristão? - pergunta *Caius*. - Ah, meu amor!... Não é melhor esquecermos tudo isso?

- Não, *Drusilla* - diz ele, firme. - Pelo que me descreveste de *Rufus*, é ele o pescador que me visita em sonhos...

- Que dizes?!... - brada ela, aterrorizada, dando um salto e se levantando da cama. - Se for ele, poderemos mesmo ter certeza: os cristãos são terríveis feiticeiros!

- Insisto, *Drusilla!*... - diz *Caius*, resolutamente. - Desejo ver *Rufus!*...

A matrona olha para o marido, cheia de dúvidas. Sonda-lhe o rosto esquelético, quase cadavérico. Os olhos súplices convencem-na. Como poderia deixar de atender a um pedido dele?... Determinada, levanta-se e sai. Ia em busca de *Rufus*.

Capítulo VI

Conhecendo *Jesus*

Rufus olha, demoradamente, para o homem que se achava prostrado diante dele, no leito. Estranhamente, pareceu-lhe já tê-lo visto antes, mas não conseguia lembrar-se de onde.

- General... - diz-lhe, timidamente, pois o outro achava-se adormecido.

Caius Petronius abre os olhos e tem um sobressalto: era ele!... Tenta soerguer-se na cama, mas não tinha forças.

-Permaneei deitado, *domine!*... - ordena-lhe, firme, o missionário cristão.

Em seguida, aproxima-se mais do leito, estende as mãos sobre o doente e, elevando a voz, diz, súplice:

-Senhor *Jesus!*... Oh, amantíssimo Mestre!... Olhai por nosso irmão que tanto sofre!... Derramai sobre ele o Vosso amor!... Restituí-lhe as forças, Senhor!...

De um canto do amplo e luxuoso *cubiculum*, *Drusilla Antónia*, *Iustus* e *Dulcina* acompanhavam, em silencioso respeito, a fervorosa prece de *Rufus*. E, fato inusitado acontece: a matrona, que se mantinha altamente vigilante, pois ainda temia que os cristãos pudessem conjurar algum terrível sortilégio contra seu amado esposo, passa, estarrecida, a observar que as feições do doente iam, paulatinamente, adquirindo uma tonalidade rósea, substituindo a palidez cadavérica que ele possuía até minutos antes; a respiração, outrora difícil e entrecortada por dolorosa apnéia, regularizava-se, ganhando níveis de normalidade.

Caius, então, readquirindo súbita e instantânea força, busca, afoitamente, com os olhos, pela esposa e, quando se acham, fixam o olhar um no outro, e uma explosão de alegria ilumina-os.

- *Caius!*... - grita ela, correndo e se lançando aos braços que ele, amorosamente, estendia-lhe.

- Estou bem, meu amor!... - grita o general, sentando-se no leito, muito bem disposto. -*Rufus* curou-me!...

Drusilla Antônia então se volta e, banhada em lágrimas, lança-se aos pés do tímido pregador cristão, que se sentia vexadíssimo, com a atitude de espontânea humildade e gratidão que revelava a finíssima dama.

- Oh, não!... Não, *domina!*... - exclama ele e, amorosamente, segura a matrona pelas mãos e a levanta do chão.

Caius Petronius, tomado de intensa emoção, soluçava. As terríveis dores haviam sumido por completo!

- Oh, *Rufus!*... *Rufus!*... - dize-me o que queres que faça por ti e eu farei!... - exclama o general, entre lágrimas de alegria e de gratidão. -

Sou um homem muito rico!... Dize-me o que desejas, e eu te darei!...

- Nada desejo, senhor... - responde o pregador cristão, com sincera humildade. - Nada fiz para merecer pagamento algum, pois Quem vos curou foi *Jesus!*... Eu apenas Lhe servi de instrumento, nada mais!...

- Oh, és por demais modesto, *Rufus!*... - exclama *Drusilla Antônia*, agora felicíssima com o restabelecimento de seu *Caius*. -Entretanto, sei que és infinitamente pobre!... Vamos!... Aceita o que te dá meu adorado esposo!

- Cara *domina*, sou-vos imensamente grato pela oferta que me fazeis - diz *Rufus*, encarando firme a matrona nos olhos. E, sem perder a afabilidade em nenhum momento, prossegue: - Entretanto, *Jesus*, o Ser mais poderoso que este mundo já viu, nada tinha de Seu!... Pregou e viveu, Ele mesmo, na mais honrada pobreza, posto que era um simples carpinteiro, e nos deu o exemplo vivo de que as coisas transitórias da vida têm apenas o seu valor relativo!... Nada mais que isso!... Ensinou-nos que deveríamos cuidar dos tesouros da alma - riquezas que a traça e a ferrugem não corroem e os ladrões não roubam!¹

1. Evangelho de S. Mateus, 6.19

Drusilla Antónia e *Caius* entreolham-se, admirados com a lógica e a sinceridade nas palavras do homem. Até então, tudo o que se referira à religião custara-lhes caro, muito caro...

- Tenho fome, querida... - diz *Caius Petronius*, olhando para a esposa. Uma alegria intensa estampa-se no rosto da mulher.

- Mandarei que te façam um *convivium*, como nunca tiveste!... E com *mensae postremae*² que jamais provaste em lugar algum!... Agora, entretanto, a *comissatiol*...³ Por ora, permanece no leito um pouco mais!... Não te quero por aí, fazendo traquinagens!... - exclama ela, com os olhos brilhantes, e grita, feliz: *-Iustus*, apostos!... Ao trabalho, sem delongas, que temos muito a fazer!

Drusilla Antónia deixa, apressada, o *cubiculum*, seguida pelo *majordomus* e pela criada. *Caius* permanece no leito, e *Rufus* senta-se a seu lado, em confortável cadeira, fazendo-lhe companhia.

- *Omnia vincit amor!*...⁴ - diz *Rufus*, altamente comovido com as demonstrações de legítimo carinho e amorosa atenção que a matrona dispensava ao marido.

- Es meu principal convidado para o *convivium*, *Rufus* - diz *Caius Petronius*, altamente comovido, ao pregador cristão.

- Não me leveis a mal, general, mas não posso aceitar esta homenagem que me fazeis - replica o homem, com sincera humildade.

- Como, não?!... - estranha *Caius*. - Realizaste o maior prodígio que já presenciei em toda a minha vida!... Quero mostrar-me aos meus principais amigos e lhes dizer que tu és o principal responsável por isso!...

2. Na antiga Roma, o requintado cardápio de doces e de finas guloseimas que encerravam os banquetes festivos.

3. Sequência de vários brindes e de abundantes libações com vinho misturado com água, quando se desejava festejar algo ou alguma pessoa.

4 - O amor vence tudo!..." , em latim.

- Sei que realizamos prodígios fantásticos, general! Mas, nada tão grandioso perto do que realizou *Jesus* em sua curta vida terrestre!... - diz, humilde, o missionário. - Sei que vos encontras altamente agradecido pelo que hoje recebestes. Entretanto, as honras e tributos do mundo não nos interessam. Ensinou-nos o amantíssimo Mestre que os que buscam fazer o bem com ostentação já recebem seu galardão de antemão, aqui mesmo, na terra;⁵ mas, o mundo que nós, os cristãos, almejamos não é este!... Ensinou-nos o Cristo que Seu reino não é deste mundo!⁶

-Estranha moral essa, pregada por teu deus!... - observa, admiradíssimo, o general. - De todas as criaturas que conheço, sei que nenhuma delas jamais declinaria de quaisquer riquezas e de glórias que se lhe oferecessem!... Entretanto, vós deixais escapar tudo isso, assim, sem mais nem menos?... Desculpa-me, *Rufus*, mas me é extremamente difícil entender isso!

-Parece-vos estranho, senhor, porque vossa vida se volta, exclusivamente, aos valores do mundo!... Porém, que vos deu o mundo?... Glórias transitórias e dores, nada mais que isso!... Onde é que estavam os vossos amigos leais, ainda há pouco, quando estáveis mesmo à beira da morte?... Sequer vos vinham visitar, com medo da doença!... Não é assim?... E o Império?... Quando veio o Imperador visitar-vos alguma vez?... E vós não trouxestes tantas glórias a Roma?...

Caius Petronius Tarquinius ouvia, cabisbaixo, o missionário cristão. Calava-se diante de argumentos tão fortes.

- Mesmo *Júpiter Capitolinus*... - prossegue *Rufus*, que agora ia tocar na ferida mais dolorosa do general: a fé. - Mesmo *Júpiter*... Não prometestes a ele uma hecatombe?...

- Demos-lhe duas... - diz o general, em voz baixa, sem encarar o outro.

5. Evangelho de S. Mateus, 6.1

6. Evangelho de S. João, 18.36

-E, mesmo assim, ficou insensível a vossos rogos...

- E... - concorda *Caius*, ainda sem coragem de olhar para *Rufus*. Nesse ínterim, *Drusilla Antónia* adentra o *cubiculum*.

- Passemos ao *triclinium*, que a *comissatio* está pronta!... -observa, alegre, a matrona.

-Acautelai-vos, general, das glórias do mundo, para que algo pior não vos aconteça! - diz o missionário cristão. E prossegue, levantando-se, resoluto: - Agradeço, sinceramente, tudo o que desejastes fazer por mim, mas, em verdade, nada posso aceitar!... Nem mesmo a *comissatio*!

Em seguida, olha, demoradamente, para *Caius* e, depois, para *Drusilla Antónia*. Faz longa reverência diante de ambos e sai abruptamente.

- Que lhe disseste, *Caius*!... - pergunta, preocupada, a matrona e sem nada entender sobre a atitude do homem.

- Melhor perguntares o que me disse ele, minha cara... - diz *Caius*, entre pensativo e melancólico.

Pelo resto daquele dia, o general permaneceu no leito. Sentia-se miraculosamente bem, as terríveis dores haviam desaparecido por completo e estava até sentindo fome!... Encontrava-se tão bem disposto que tinha desejo de levantar-se, de caminhar pela casa e de ir até o *viridarium* e passear entre as aléias floridas. Entretanto, *Drusilla Antónia* permaneceu vigilante e não admitiu que ele deixasse o *cubiculum* de jeito nenhum. Na manhã do dia seguinte, porém, despertou bem mais disposto e conseguia caminhar, se bem que ainda com certa dificuldade, em virtude da extrema debilidade física em que se encontrara até então. Contudo, misteriosamente, sentia-se mais e mais fortalecer à medida que as horas passavam. Havia tomado leve refeição, constituída de sopa de legumes e de pequeno pedaço de pão. A esposa seguia-o, fazendo-lhe companhia, pois ele queria visitar cada canto da casa. A entrada do *triclinium*, onde se localizava o altar dos *lares* -as divindades domésticas -, *Caius* pára diante da estátua de *Júpiter*. O fogo sagrado bruxuleava

aos pés do níveo ídolo, e *Drusilla Antónia* havia acendido longa vareta de incenso de mirra que queimava, lançando ao ar uma coluna de fumaça branca que subia em forma de espira.

Caius Petronius olha, longamente, para o rosto da estátua do patrono de sua casa. Depois, passeia os olhos pela efígie do pai, gravada em cera e também colocada no altar, ali bem ao lado de *Júpiter*. Ao nascer, seu pai consagrara-o à tutela daquele *numen* e, desde então, fora aprendendo a cultuar e a reverenciar o deus, com especial carinho e sempre cheio de deferência. Volta a olhar, demoradamente, para o rosto frio e impassível de *Júpiter* e meneia a cabeça, em patente demonstração de desagrado e de reprovação. "Traidor!...", pensa o general, mantendo firme os olhos no rosto do ídolo de mármore alvini-tente. "Fostes vencido por um deus estrangeiro, um judeu carpinteiro!... Não vos envergonhais disso?..." E estranha cólera foi assenho-reando-se de *Caius Petronius*. Num ímpeto, lança-se sobre a estátua e, com todo o furor que lhe permitia as parcas forças, atira a estátua ao chão, espatifando-a em mil pedaços.

- Oh, não, *Caius!!!*...- grita *Drusilla Antónia*, espantadíssima com a atitude do esposo. - Que fizeste?!... Acabas de destruir a estátua de teu *numen* sagrado!

- Que me vale um deus imprestável e que se faz surdo e insensível aos meus apelos?... - diz ele ainda ofegante pelo rompante. E, devagarinho, sentou-se no chão, posto que o esforço fizera-o perder a sustentabilidade das pernas. Passa a mão sobre a testa e sobre o rosto para enxugar o suor frio que lhe exsudava, abundante, em grossos bagos, e depois, prossegue cheio de mágoa: - Melhor matá-lo, de vez, em meu coração!...

- Oh, meu *Caius!*... Meu querido *Caius!*... A dor suprema mutilou-te a alma a ponto de execrares o deus de teus antepassados!... -diz a matrona, também se sentando no chão ao lado dele e o abraçando ternamente.

-Não, minha cara!... - exclama o general, com os olhos cheios de lágrimas. - Não estou matando o deus de meus antepassados!... Mato um deus que já estava morto e o troco por outro - o Deus vivo, que me tirou da gafa da morte!

- Não entendo o que dizes, *Caius*... - diz a matrona, olhando-o, confusa.

- Simples, minha cara: doravante sou cristão! - declara ele, olhando-a, firme, nos olhos.

-Que dizes?!... -exclama ela, levantando-se, abruptamente, cheia de espanto. - Renegas a religião de teus antepassados?!... Oh, *Caius*, não é porque te salvaram da morte, coisa que ainda me suscita dúvidas, pois não deves te esquecer de que, concomitantemente, demos duas hecatombes a *Júpiter Capitolinus*!... Como podes ter tanta certeza de que não foi nosso Pai *Júpiter* que te devolveu a saúde e não o Deus Estrangeiro a quem nunca rendeste uma única homenagem sequer?... Não te parece estranho?... Como Ele poderia gostar de ti, se nem te conhecia?

Caius olha, demoradamente, para o rosto nervoso da esposa. Os argumentos dela pareceram-lhe, de repente, tão infantis, como infantil e vazia se lhe afigurava a crença que abraçara pela vida inteira. "Os ídolos principiam a morrer...", ouve ele, no recôndito da mente. "Todos cairão, um aum, vencidos e derrotados, aos pés do Cordeiro...", prossegue a voz, e seus olhos enchem-se de lágrimas.

Drusilla Antonia espanta-se. Como seu marido estava frágil!... Agora andava chorando a torto e a direito!... Ondeé que se escondia o valoroso, destemido e intrépido general de Roma?... *Caius Petronius* estava deveras irreconhecível.

- Não achas melhor pensares um pouco mais, antes de te declarares cristão, assim, abertamente?... - observa ela, cheia de apreensão.

- Primeiro, darei baixa no exército... - diz ele, com a voz tremendamente mudada, muito diferente do tom que sempre lhe fora habitual: forte, alto, decidido. Agora, ele falava mansamente, tinha o semblante tranqüilo e pensava muito, antes de emitir uma frase. -

Depois, dedi-car-me-ei a conhecer, profundamente, a seita dos cristãos!

-Oh, meu amor!... - diz *Drusilla Antonia*, abraçando-se a ele. -Temo tanto que essa tua atitude venha trazer-nos muitos dissabores!... Tu sabes o quanto os cristãos são malvistos e execrados!... Tenho a absoluta certeza de que todo o patriciado romano rir-se-á de nós, ao saber-nos seguidores do Carpinteiro Judeu!... Dize-me, com toda a sinceridade: não temes o escárnio público?

Caius Petronius olha-a, longamente, nos olhos. Amava-a muito e não gostava de indispor-se com ela.

- Meu amor - diz ele, sem demonstrar o mínimo de impaciência, mesmo sabendo que ela tentava demovê-lo daquelas idéias -, pouco se me importa o que Roma ou o Império todo diga sobre minha vida!... Quando sentimos o bafejo pútrido da morte, que vem dar-nos o seu beijo fatal, e quando perdemos de vez as esperanças, vendo frustradas e malogradas todas as tentativas de escaparmos da algidez da noite eterna do frio *Averno*, vemos quantos amigos temos de verdade!... Os meus, minha cara, foram tão poucos a me visitar que, contando-os aos dedos de uma só mão, garanto-te que sobrou a metade dos dedos por contar!... Encontrava-me tão desesperançado, tão perdido no meio das trevas da aflição e, de repente, fez-se o Sol em meu viver!... Ingrato seria eu, se não reconhecesse de onde me veio a salvação!... Não, *Drusilla*, não me engano!... Estou convencido sobre a veracidade da doutrina dos cristãos!... E, digo-te mais: paradoxalmente, hoje, seria capaz de dar a minha vida por *Jesus*!... Ele ma salvou, e eu a dou por Ele!

Drusilla Antónia olhava-o, sem entender muita coisa do que ele lhe falava. Mas, com profundo suspiro, principiava a resignar-se: tinha de volta o seu amor!... Que mais desejaria neste mundo?... Cristão ou não, o que importava é que ela o tinha de novo ali, fortalecendo-se a olhos vistos e, em pouquíssimo tempo, agora tinha a absoluta certeza, estaria bonito e forte como antes!... E, como era de seu feitio,

abraça-o, de inopino, e o cobre de beijos, até cansá-lo. Ele não era o seu amor?...

* * * * *

A notícia do rápido restabelecimento de *Caius Petronius* chegou até *Cornélius Helvetius*. Fortemente emocionado, ainda segurava às mãos a *tabula* que *Drusilla Antônia* lhe mandara, havia pouco, por um mensageiro. "Então ele se recuperou!...", pensa, alegre, o velho senador. Entretanto, intriga-se: "Como é que conseguiu, se andava mesmo à beira da morte?... Preciso vê-lo!...", e se ri, contente.

Cornélius andava tão mal, tão desgostoso com as confusões em que vivia se metendo a neta, mas, mesmo assim, arrebanharia forças para visitar o velho amigo. Custava-lhe crer que *Caius* conseguira restabelecer-se de doença tão grave, pois segundo os relatos que obtivera de *Drusilla Antonia*, o esposo encontrava-se moribundo. "Ah, *Caius, Caius...*", pensa, cheio de pesar, o velho senador. "Es um dos últimos baluartes do Império!... Se te vais, mais um passo damos para a derrocada final!..." Com o inesperado restabelecimento do amigo, *Cornélius* sentia-se deveras feliz e, também, aliviado, pois ***Caius*** seria a única pessoa, em toda a Roma, a quem, de olhos fechados, confiaria a tutela de *Susanna*. E, além disso, sua neta teria a constante presença de *Drusilla Antonia* a acompanhar-lhe os passos, orientando-a com sabedoria e amor, como se lhe fosse a verdadeira mãe. "Agora posso morrer feliz...", pensa o velho, com os olhos cheios de lágrimas. Resoluto, *Cornélius* bate palmas, do *tablinum* onde se sentara para ler a correspondência, e ordena ao mordomo que assoma, solícito, à porta.

-*Aulus*, prepara-me a liteira, que vou sair.

O outro se espanta e, momentaneamente, fica sem ação. Fazia anos que o senador não deixava a *villa*.

-Vamos, homem, mexe-te! - exclama *Cornélius*, agastando-se com a parvalhice de seu mordomo.

Uma hora depois, amparado pelo *majordomus* que com ele viera, *Cornélius* galgava, dificultosamente, os degraus que davam ao *atrium* da casa de seus amigos.

-*Cornélius!*... Que surpresa!... - exclama *Drusilla Antonia*, contentíssima, recebendo o velho amigo aporta. - Vem, que *Caius* aguarda-nos no *peristylum!*... Far-lhe-ás uma surpresa!... Nada lhe disse sobre a tua chegada!...

O general abre-se em largo sorriso de contentamento ao ver o velho companheiro que assomava por um dos corredores. Levanta-se e corre a abraçá-lo, ajudando-o a sentar-se num *canapeum*, pois o outro caminhava com extrema dificuldade, amparado por *Drusilla Antonia* e pelo *majordomus*.

- Oh, *Cornélius!*... *Cornélius!*... -exclama *Caius*, felicíssimo. -Que bom que vieste!

- Folgo em ver que te recuperas, *Caius!*... - diz o velho senador, com as palavras entrecortadas pela respiração ofegante, pois o esforço para caminhar judiava muito dele.

Drusilla Antonia desculpa-se e se afasta para dar algumas ordens ao *majordomus*. Os dois amigos permanecem sós e se entreolham, emocionadíssimos, por alguns instantes.

- E como estás, meu bom amigo? - pergunta *Caius*, despendendo o máximo de atenção ao combalido amigo.

- Mal, meu caro, muito mal... - diz *Cornélius*, olhando, triste, para o outro. - Acho que foi até uma temeridade vir até aqui, ter contigo!... Se *Tacitus*, meu médico, disso tomar conhecimento, passarei por maus bocados!... Mas, tinha duas coisas a fazer, antes de morrer: ver-te novamente cheio de saúde e... - cala-se, então, por instantes, como a se preparar para o que iria dizer. E, depois de algum tempo, esforçando-se ao máximo para conter a emoção que teimava em embargar-lhe a garganta, prossegue: - E, a segunda coisa, é um pedido que te faço, do fundo de minha alma, e espero que não mo recuses, *Caius!*...

- Ora, *Cornélius!*...- diz o general. - Que te negaria eu?

- Pois bem, meu amigo - continua o outro -, sei que meu fim se aproxima!...

- Ora, *Cornélius*, deixa de dizer asneiras!

-Não, não me engano!... - sorri, tristemente, o velho senador ao outro que lhe cortara as palavras, reprovando-lhe a triste afirmação e continua: - Estou morrendo, meu caro, e, diferentemente, de ti, que não sei de onde tiraste de volta a tua saúde, a minha esvai-se, céleremente!... Morro e temo deixar *Susanna*, minha diletta neta, sozinha, neste mundo terrível em que vivemos!... Pensei casá-la, mas com quem?... Com o pulha de meu sobrinho, filho de minha irmã *Metella*, que se mostra doido por ela, mas que é um monstro, um assassino e que, com toda a certeza, irá machucar e magoar muito a minha menina!...

Cornélius cala-se, altamente comovido, e enxuga uma lágrima que lhe rolara pelas faces macilentas e grandemente enrugadas.

- Que pensas fazer, então, *Cornélius*? - pergunta *Caius*, tocado pela aflição do amigo.

- *Susanna* é muito rica, pois é minha única herdeira, *Caius* - continua o velho. - Se morro e a deixo por aí, sozinha, choverão os interesses, os rapiñadores, que tentarão, a todo custo, espoliar-lhe os bens!

-Além de teu sobrinho, nenhum outro pretendente sério dela se aproximou? - pergunta *Caius*. - Quantos anos tem *Susanna*?

- Já fez catorze anos - responde *Cornélius*. - Sei que está na hora de arranjar-lhe um casamento.

- Sim - concorda *Caius*. - Mas, a quem darás a tua neta em casamento?

- Outro dia, ela me trouxe alguém que poderia, talvez, ser-lhe um bom marido. Lembras-te **de** *Lucius Antoninus Rimaltus*? - pergunta *Cornélius*.

- Como não?... - responde *Caius*. - O senador *Rimaltus* é velho conhecido meu, mas ao que me consta, deixou Roma há muito tempo. Reencontraste-o, então?...

- O neto dele - diz *Cornélius*. - *Susanna* encontrou o rapaz num banquete de *Nero*, numa situação estranhíssima, quando um dos leões escapou da jaula e atacou os convivas!... Ao que me consta, o jovem ajudou minha neta a voltar para casa.

- E que te pareceu o rapaz?

- De berço, meu caro!... De berço, como nós!... - exclama *Cornélius*, com os olhos brilhantes. - Aliás, foi criado e educado por *Lucius*, o avô, pois o pai, *Caius Longinus*, morreu ainda jovem, na guerra, deixando-o órfão. E um excelente rapaz, forte e educado, digno de esposar minha neta!

- E, por que não acertas o noivado com ele? - pergunta *Caius*. - Tua neta não gostou dele?

- Tenho a certeza de que gostou!... - exclama *Cornélius*, ani-mando-se. - Entretanto, o demônio de *Iulius*, meu sobrinho, interpõe-se entre eles como uma sombra sórdida!... Não desgruda de *Susanna* um só dia, levando-a, para baixo e para cima, ao *Circus Maximus* e ao *Theatrum*, e a enchendo de mimos e de agrados!... Não podes aquilatar o desgosto que isso me traz!

-Então, alegre-te, caro *Cornelius*! - exclama o general, contente.

- O jovem a que te referes encontra-se muito próximo de mim!... É um de meus ordenanças!

- Pequeno mundo esse, não? - observa o velho senador, abrindo-se em largo sorriso de satisfação. - Dizes então que conheces e muito bem o jovem *Rimaltus*!

- Como a palma de minha mão!... - diz *Caim Petronius*. - E não será difícil trazê-lo para junto de tua neta, não, meu amigo!... Fica tranqüilo!... Se o rapaz, de fato, interessou-se por ela, daremos um jeito nisso!

Cornélius emite longo e profundo suspiro de alívio. Finalmente as coisas davam mostras de acomodar-se! Se *Caius* empenhava-lhe a palavra, poderia confiar! Satisfeitíssimo, pareceu ganhar inusitado vigor à face e muda o rumo da conversa.

- Queres dizer, então, que te livraste de vez da gafa de *Hecate*!...

- exclama *Cornélius*, iluminando o rosto com um sorriso. - Quem diria?

- Sim, *Cornélius* - diz o general, baixando os olhos. - Encontrava-me já desesperançado e pronto para deixar este mundo!

- Mas, conta-me, *Caius*, como tudo aconteceu? - pergunta *Cornélius*, altamente interessado.

Caius Petronius Tarquinius fita longamente o vazio, sem nada dizer, enquanto duas lágrimas brotam-lhe dos olhos. Depois, ele as enxuga com a ponta dos dedos e diz:

- O Deus dos cristãos curou-me, *Comelius!*

- Que dizes?!... - espanta-se o velho senador, empertigando-se no *canapeum*. - Ouvi direito?... Disseste que os cristãos curaram-te?!

- Sim, meu amigo - responde o outro, fitando-o, firme, nos olhos.

- Sei que isso pode parecer-te esdrúxulo e inusitado, logo em mim, que sempre fui fiel ao meu *numen* de nascimento!... Entretanto, estranhos fatos aconteceram...

E, minuciosamente, *Caius* relata ao espantado senador seus misteriosos sonhos com o pregador cristão, e a conseqüente cura milagrosa que recebera das mãos deste, em nome de *Jesus*. Após o término do relato, *Cornélius* meneia, longamente, a cabeça e diz:

- *Caius*, sei que és um dos maiores generais que o Império já possuiu! Louco seria eu, se duvidasse de tuas palavras; entretanto, o que me relataste é por demais estranho!... Não te precipitas em declarar-te cristão, assim, abertamente?... Sabes muito bem qual é a fama que acompanha os seguidores dessa seita!

- Sei, perfeitamente, *Cornélius* - rebate o general -, que o conceito que fazem dos seguidores do Carpinteiro Judeu não é nada agradável; entretanto, posso afiançar-te de que nada disso é verdadeiro!... Tudo não passa de calúnia e de difamação!... De que maneira poderiam criaturas tão abjetas - como largamente se propala serem os cristãos - fazerem o bem dessa maneira tão extraordinária como nunca se viu antes?... E sem nenhuma ostentação ou remuneração?... E, olha, *Cornélius*, que lhe ofereci

dinheiro e fama, e ele nada aceitou; pelo contrário, sentiu-se até ofender!

- Oh, *Caius, Caius!*... - exclama o velho senador, apertando forte a mão do amigo. - Acautela-te das coisas que não conheces!... Não estarias enfeitado?... Ouvem-se tantas coisas acerca dessa gente...

- Juro-te, *Cornélius* - diz *Caius*, inflamando-se por estranha e potente força que o dominava, sempre que se referia à seita que abraçara -, que tudo o que te disse é verdade e que não me senti, em nenhum momento, coagido ou vítima de algum sortilégio desconhecido!... Nada disso: apenas coisas feitas às claras e dentro da mais rígida razão!... Muito mais racional, aliás, do que pregam os ilustres sacerdotes do *Capitolium* cuja única preocupação tem sido o quanto de ouro ofertamos ao gazofilácio do templo...

Cornélius limita-se a olhar para o outro e assentir, afirmativamente, com a cabeça.

- Demos duas hecatombes a *Júpiter Capitolinus* e abarrotamos o escrínio do sumo sacerdote de ouro, meu caro - continua *Caius* -, entretanto nada recebemos dos frios e mudos ídolos!

- Oh, *Caius* - diz o velho senador, com bonomia aos olhos. - Quem sou eu para julgar-te, afinal!... - Se dizes que assim foi, eu creio em ti!... Entretanto, falta-me a fé, o elemento indispensável para obter o que tu recebeste do Deus Cristão!... Desculpa-me, se não faço como tu, mas encontro-me excessivamente velho para tal empreitada!... - e se cala por instantes, como se um gualho lhe apertasse forte a garganta. Mas, logo, como se precisasse, urgentemente, livrar-se daquele incômodo embargo, meneia, tristemente, a cabeça e prossegue: - Velho, desgostoso e desesperançado com o mundo!... Percebes para onde está caminhando o Império?... Para a mina, meu caro!... Para a mina, e não há nada que eu e tu possamos fazer!... Que dizes do Senado?... Não passa de um covil de bandidos e de assassinos que, ao invés de legislar, agir com justiça e fiscalizar o imperador, ajudam-no a corromper e a espoliar o erário público!... E, quem se acha sentado sobre o trono de Rómulo?... Um doido, um

déspota assassino, parricida, matricida, uxoricida e tu podes imaginar o que mais, pois tenho vergonha de dizer-te!... E os generais, os grandes generais, como tu, estão acabando, estão em franco desaparecimento!... Vós sois os verdadeiros veladores pela sanidade do Império!... Sempre defendestes Roma de seus inimigos externos, mantendo firmes e coesas as nossas fronteiras, mas, principalmente, salvaguardastes, sempre, a integridade interna, livrando-nos de nossos piores inimigos: nossos governantes!... Não, meu amigo, falta-me, principalmente, coragem, para continuar vivendo num mundo assim!

Caius limita-se a olhar para o outro, cheio de pena. Entendia-o e sabia que ele tinha razão. Neste comenos, *Drusilla Antónia* aparece.

- Servirei o *prandium* **no** *triclinium*, meus queridos - diz ela, contente. - Vinde ambos, sem delongas, que tudo se esfria rapidamente!

- Imenso prazer em ter-te à nossa mesa, *Cornélius*, depois de tanto tempo!... - exclama *Caius*, auxiliando o velho amigo a levantar-se do *canapeum*.

Lá fora, o sol, já no meio do céu, indicava que dia avançara bastante, e os três amigos, felizes pelo reencontro, caminhavam abraçados, para o interior da residência.

* * * * *

Flavius Antoninus Rimaltus, depois que conhecera a jovem *Susanna Procula*, não era mais o mesmo. Muito pouco saía, para divertir-se com os amigos, e passava os dias vagando como uma sombra pelos imensos cômodos da mansão que pertencia à família, nos arredores de Roma. Não tinha mais sossego: havia momentos em que era incapaz de permanecer sentado por mais de cinco minutos no mesmo lugar, e já uma estranha inquietude apoderava-se dele. Invariavelmente, era a figura alegre e linda da jovem patricia que o perseguia, tirando-lhe a paz. Outras vezes, quedava-se meditabundo, sentado num banco, sob o dossel de frondosas árvores do imenso parque que circundava a suntuosa mansão,

edificada em rutilantes granitos multicores e em mármore brancos e travertinos, e passava horas, com o olhar perdido no vazio. Amiúde, soltava profundos suspiros, e seu rosto demonstrava profundo pesar, como se nada no mundo mais lhe interessasse, a não ser um par de olhos marrons, bem clarinhos, enfeitando um magnífico rosto branco, ligeiramente mosqueado de quase imperceptíveis sardas, como se fossem respingos de mel a bordarem-lhe, graciosamente, o alto das bochechas coradas e em derredor do colo, bem acima dos seios. "Oh, *Susanna, Susanna!*... Afável *Naiadé*⁷ que me enfeitiçou a alma!..."

Naquela cálida tarde de fim de primavera, *Flavius Antoninus* encontrava-se recostado num *canapeum* sob o *peristylum*. Andara lendo alguns trechos de *Ovidius*,⁸ entretanto não conseguia manter-se atento ao assunto. Acabara por desistir da leitura e, invariavelmente, seu pensamento convergia-se para ela, *Susanna Procula*. Fazia já algum tempo que dúvida atroz roía-lhe a alma: procurar ou não a jovem que o encantara grandemente. Deveria voltar à casa de *Cornélius Helvetius Pisanus!*... O velho senador não era amigo íntimo de seu avô?... Não o havia convidado a retomar, assim que desejasse?... *Cornélius* até se encantara com ele!... Tinha a certeza absoluta de que o amigo do avô gostara dele!... E, *Susanna!*... Oh, ela lhe dera mostras de carinho tão patentes!... Abraçara-se tão forte e tão espontaneamente a ele no carro. Aquelas lembranças tão tocantes, *Flavius Antoninus* ri-se, emocionado. E, quando ele fingira não ter percebido os momentos em que ela lhe aproximava aquele narizinho tão delicado e formoso ao dorso, para cheirá-lo repetidas vezes?... *Susanna* encostava o rosto às costas dele e aspirava tão profundamente!... Depois, emitia longos e profundos suspiros e, novamente, aspirava-lhe o cheiro e suspirava, enquanto o carro corria célere, descendo o Palatino... Divertindo-se com tais

7. Náiade, em latim. Divindade mitológica inferior que presidia aos rios e às fontes; ninfa das águas.

8. Publius Ovidius Naso (43 a.C - 16 d.C), poeta latino.

recordações, o rapaz ri-se sozinho. "Ah, meu amor!... Meu amor!...", repete baixinho, e seus olhos brilham de saudade. Entretanto, terrível lembrança gela-lhe o sangue: *Susanna* estava noiva!... E se gostasse do outro?... Não, decididamente, não poderia interpor-se entre o casal, separando-o. Não era de seu feitio!... Por isso é que sofria terrivelmente e se negava a retornar à casa de *Cornélius Helvetius*.

A meio desse intenso sofrimento, avista dois cavaleiros a aproximarem-se pela viela que dava acesso à sua casa. Levanta-se e firma os olhos. Alegra-se e sai, quase a correr, pois reconhecia os que chegavam: eram seus mais leais camaradas de armas que vinham visitá-lo.

- Ah, aí te encontras entocado! - exclama um dos rapazes, apeando do cavalo.

- Salve, *Valerius!*... - diz *Flavius*, abraçando o amigo, efusivamente.

- Pensávamos que tinhas morrido de peste!... - brinca o outro companheiro.

- Não morri de peste, mas quase morro de outra coisa, caro *Silverius!* - exclama o jovem anfitrião, agora abraçando-se ao outro companheiro. - Que alegria tê-los aqui, meus amigos!

- Como não foste mais ao *Circus Maximus* nem ao *Theatrum*, pensamos que algo te tivesse acontecido! - explica *Valerius*, enquanto se encaminhavam os três para a sombra do *peristylum*.

- Além do mais, há outra terrível epidemia de peste grassando por toda a cidade, e sabes como é: ninguém está livre de tais coisas!... Há pouco, passamos por pilhas e pilhas de cadáveres que apodrecem ao sol!... O mau cheiro ali é insuportável!... - diz *Silverius*.

- Nem os urubus estão dando conta de dar cabo de tanta comida!... - observa *Valerius*, rindo-se. - Estão tão gordos que mal conseguem voar!

- Se não morro de peste, certamente morrerei de outro mal que me aflige a alma, companheiros!... - exclama *Flavius*, entristecido.

- De que se trata? - pergunta *Silverius*. - Vejo que te encontras um tanto abatido!

- Conto-vos, meus amigos, conto-vos o que me aconteceu!... - diz o rapaz e passa a narrar o que lhe ia à alma.

Os outros dois, entre altamente interessados e divertidos com os fatos que lhes expunha *Flavius*, interrompiam-no, amiúde, com observações de galhofas e de zombarias, posto que adoravam pregar-se peças e brincadeiras. Ao final da narrativa, os dois visitantes entreo-lham-se, trocando-se significativo olhar, e *Valerius* diz:

- Se não tiveres coragem de ir até a casa do senador *Pisanus*, iremos em teu lugar!

- Sim - emenda *Silverius* -, e quem sabe a jovem *Susanna Procula* não se decide, tendo mais dois belíssimos pretendentes a seus pés!... Ha! Ha! Ha! Ha!...

- Sois uns cretinos!... - brinca *Flavius*, acabando por rir-se da pilhéria que lhe faziam os companheiros.

- Brincamos, contigo, *Flavius* - diz *Valerius*, pondo-se sério. -Mas, se eu fosse tu, lutaria por meu amor!...

- Sim - concorda *Silverius* -, tu vais deixar o campo de batalha assim, sem lutares?... Não, meu amigo, no amor e no furor dos entreveros e dos recontros, tudo é válido!

Flavius Antoninus olha para os amigos, cheio de gratidão. Em seguida, levanta-se de seu *canapeum* e os abraça, comovidamente.

- Viestes a bom tempo, meus companheiros!... - diz ele, comovido. - Vós me convencestes!... Amanhã, mesmo, irei visitar o senador *Pisanus*!

-O senador *Pisanus* ou a neta dele? - pergunta *Valerius*, malicioso. Os três rapazes explodem numa ruidosa gargalhada e passam a conversar, animadamente, sobre as novidades que aconteciam na cidade. A tarde caía, mansamente, sossegada, fortemente iluminada pelo brilhante sol que já dava mostras da jactância com que se vestiria no verão que se aproximava.

Capítulo VII

Na Seara do Mestre

Depois que se decidira pelo Cristianismo, *Caius Petronius* passara a freqüentar, assiduamente, o singelo templo onde se reuniam os seguidores de *Jesus*. Passados alguns dias, desde quando recebera a miraculosa cura das mãos de *Rufus*, o general encontrava-se tão forte e tão recuperado em suas forças que, dificilmente, alguém acreditaria que ele, pouquíssimos dias atrás, tivera a vida suspensa por um fio. *Drusilla Antónia* seguia-o em sua nova crença e se sentia feliz; tinha o seu amado esposo de volta, posto que já o considerava morto, terrivelmente carcomido pelo tumor carcinomatoso que lhe devorava, sem piedade, o estômago, provocando-lhe acerbos e terríveis dores. Ela sabia que *Caius* havia recebido um milagre e agradecia aos céus por isso. Só não conseguia atinar quem, de fato, houvera-lhe curado o marido: *Júpiter Capitolinus* ou *Jesus*... Mas, isso pouco se lhe importava; o que realmente contava é que agora via o seu *Caius* tomado de novos e reconfortantes vigores e apaixonadíssimo pelos ensinamentos que trouxera o Carpinteiro Judeu, tanto que não perdia uma só pregação que *Rufus* fazia todas as semanas, às noites de sextas-feiras.

O verão já avançava forte, trazendo o insuportável calor e, acocorados sobre as pobríssimas esteiras de junco, achavam-se agora os quatro - *Caius*, *Drusilla Antónia*, *Iustus* e *Dulcina* -, juntamente com a reduzida congregação, a ouvirem, atentamente, as pregações do Evangelho de *Jesus*.

O missionário cristão, como sempre, apanha o rolo de pergaminho onde se achavam copiados à mão os trechos evangélicos, aproxima-os da lâmpada de azeite e lê, com a voz cheia de emoção:

- "*Homo quídam habuit duos filios. Et dixit adulescentior patri: Pater, da mihi portionem substantiae quae me contingit. Et pater divisit Mi substantiam...*"

Terminada a leitura da parábola, *Rufus* depõe o surrado velino sobre a tosca mesa e passeia os olhos pela pequena assembléia que se sentava ao chão do pobre templo. Intensa luminescência aureolava seu semblante, quando ele se põe a explicar, em palavras simples, o conteúdo da mensagem evangélica. E, com magistral competência, desvenda, nas entrelinhas da célebre parábola, os ocultos ensinamentos nela contidos, para gáudio e maravilha dos que a ouviam, cheios de atenção e interesse!... Como havia sede de luz e de conhecimento naquelas criaturas pejudadas de dor e de sofrimentos acerbos!... Eram as verdades consoladoras da inefável mensagem do Cristo que se espalhava, a consolar os pequeninos e simples de coração!... A Grande Revolução, que mudaria e dividiria o mundo em duas épocas distintas, antes e depois dEle, principiava, exatamente do modo como Ele previra: não para os grandes e soberbos do mundo, mas para os simples e humildes... "*Graças te rendo, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por as teres revelado aos simples e aos pequenos...*"² Dessa forma, principiava a grande mudança; nos pequeninos e humildes templos, nos misérrimos arrabaldes de Roma, e, concomitantemente, em outras cidades do mundo, levado pelas corajosas e incansáveis mãos dos primeiros missionários cristãos, como ali fazia *Rufus*, o Evangelho espalhava-se, promovendo alívio aos que estavam aflitos e sobrecarregados...³

Terminada a pregação e a sessão de curas, com a imposição das mãos, *Rufus* aproxima-se dos quatro que permaneciam esperando por ele.

1. "- Certo homem tinha dois filhos; o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte que me cabe dos bens. E ele lhe repartiu os haveres...", em latim. Evangelho de S. Lucas, 15.11-12.

2 Evangelho de S. Mateus, 11.25

3. Evangelho de S. Mateus, 11.28

- Salve, amigos!... - exclama o pregador, abraçando, fraternalmente, a todos, um por vez. - Que o Senhor *Jesus* vos abençoe e vos dê paz!...

- *Rufus* - diz-lhe o general -, acho que já percebeste que me dedico, agora, ao culto cristão.

- Sim, *domine* - diz o pregador, baixando a cabeça, humilde. - Sei que vós já entregastes vosso coração a *Jesus*, e isto muito nos alegra!

-Entretanto, *Rufus*, sinto faltar-me algo, além do conhecimento que, pouco a pouco, venho recebendo, através das leituras dos Santos Ensinos de *Jesus* e das tuas pregações - diz o general.

- Sei o que vos falta, general... - fala *Rufus*, tocando de leve com a mão no ombro de *Caius*. - Falta-vos a ação!... A fé sem obras é morta!

Caius Petronius limita-se a olhar para o outro, sem entender muita coisa.

- Explico-vos melhor, meu irmão - diz *Rufus*. - Não basta apenas crer em *Jesus* e Lhe conhecer os ensinamentos; é preciso pô-los em prática!

- Mas, como?... - pergunta o general.

- Vinde, amanhã, ao nascer do sol, e vos mostrarei, senhor!... - responde *Rufus*, dando-lhe amável tapa ao ombro.

Em seguida, o missionário despede-se e desaparece por uma das portas laterais. *Caius* fica parado por alguns instantes, refletindo nas palavras que o outro lhe dissera.

-Vamos, meu amor!... -chama-o *Drusilla Antonia*, tocando-lhe, amorosamente, no braço. - Já é bem tarde...

Na manhã subsequente, mal surge o sol, *Caius* e *Drusilla Antonia*, acompanhados de seus dois fiéis servidores, *Iustus* e *Dulcina*, já se encontravam diante do simplíssimo templo cristão. Era a primeira vez que se expunham às claras em lugar tão sórdido. A penúria ali era pungente: casas paupérrimas, erigidas de adobes e cobertas de enegrecidas palhas de centeio, abrigavam criaturas sujas e

esquálidas que assomavam, curiosas, às porta e janelas, a verem os patrícios que, inusitadamente, vinham até ali.

- Da próxima vez, será melhor virmos em trajas mais simples e a pé, minha cara - observa *Caius* à esposa. - Chamamos a atenção, ostentando poder e luxo, vestidos com nossas *chlamydae*⁴ patrícias e viajando numa quadriga deste porte!

-Tens plena razão, meu amor! - diz a matrona. - Percebeste quão ementa é a miséria em que vivem nossos patrícios *plebeu*?

- Sim, minha cara!... - concorda *Caius Petronius*, olhando, consternado, o magote de mulheres, crianças, velhos e rapazolas que, paulatinamente, fora juntando-se em derredor deles, no momento em que deixavam a riquíssima quadriga, tirada por duas parelhas de reluzentes e bem tratados corcéis negros, em que haviam feito o percurso até ali.

Um tanto intimidado pelos olhares curiosos e alguns onde até era possível encontrarem-se traços de rancor gratuito e de inveja pelo luxo ostentado pelos odientos *patricii*, o pequeno grupo abriu passagem entre as pessoas e adentrou o singelo templo. Lá dentro, *Rufus* aguardava-os, juntamente com mais três companheiros. Ao vê-los adentrarem o recinto, abre-se em largo sorriso de contentamento.

- Salve, amigos!... - exclama o pregador, abraçando-os, um a um. - Que bom que viestes!... Há muito serviço a fazer!... Estais dispostos?

- Podes contar conosco, *Rufus*!... - apressa-se em responder o general *Tarquinius*. - Estamos à cata de serviço!

- Muito bem!... - diz o outro e prossegue, encaminhando-se para uma porta que dava para os fundos do salão: - Segui-me!

Ao transporem a porta, mal contêm uma exclamação de espanto com o que se deparam: nos fundos do pequeno templo, sob uma

4. Clâmide, em latim. Manto que se prendia por um broche ao pescoço ou ao ombro direito.

frágil e improvisada cobertura de enegrecidas e mofadas palhas de centeio, abrigavam-se algumas dezenas de leitos onde jaziam enfermos de todas as idades e vitimados pelas mais variadas formas de doenças, desde a terrível lepra até os portadores da mais plena desnutrição, cujos corpos exangues deixavam à mostra os esqueletos, com riqueza de detalhes!... A grande maioria era de crianças, de velhos e de mulheres, embora houvesse, também, alguns homens, mormente soldados feridos em batalha e que eram relegados à própria sorte, posto que agora se encontravam imprestáveis e se tomavam um peso ao Império.

- Eis a seara do Cristo!... - exclama *Rufus* e, com um largo gesto dos braços, apresenta aos novos amigos o dantesco quadro que se lhes descortinava.

Caius e *Drusilla Antónia* entreolham-se, cheios de consternação. Nunca haviam suposto haver tanta miséria e tanta aflição, ali mesmo, em derredor de sua luxuosíssima *villa*, erigida em rutilantes mármore e em finíssimos granitos. Os altos muros com os quais haviam se cercado isolara-os de toda aquela miséria! "Maior é o muro do orgulho!...", pensa *Caius*, de repente, envergonhando-se do egoísmo absurdo em que vivera mergulhado até então. "Sabia, sim, da extrema miséria em que vivia o povo; apenas, nunca desejei enxergá-la!... Até que Vós, Senhor, através da Vossa Excelsa Sabedoria, lançastes mão de Vosso instrumento mais eficaz - a dor, a Suprema Dor - e com ela me fustigastes a alma até desfiar-me, fibra a fibra, o coração, e me mostrastes, assim, o real significado da vida!...", e lágrimas pungentes invadem-lhe os olhos. Desesperado, busca os olhos da mulher amada. Os olhos dela também lacrimejavam. Abraçam-se e, comovidamente, passam a percorrer o pequeno sanatório improvisado. A cada leito, deparavam-se com um drama comovente. *Rufus* acompanhava-os, explicando a situação de cada um daqueles desvalidos da vida e que os olhavam agradecidos pela atenção que se lhes dispensavam. Que terríveis

dramas se podiam ler naqueles olhos cheios de desesperança, de miséria extrema e de descaso!

- Damos-lhes mais atenção que outra coisa, *domine!* - diz o pregador cristão, cheio de ternura à voz. - Somos tão pobres quanto eles, e quase nada podemos dar-lhes, a não ser carinho, remédios de ervas que coletamos nos campos e orações!... Mas, temos a certeza de que *Jesus* está conosco, pois Lhe sentimos a inefável presença sempre!...

- exclama o valoroso seguidor de Cristo e prossegue, felicíssimo, com os olhos brilhantes, como se estivesse a exhibir o maior de seus tesouros:

- Agora vinde a essa outra sala!...

E, a seguir, passam a um outro compartimento que se erguia no fundo do terreno, logo após a enfermaria improvisada. Ao adentrarem a pequena sala, *Drusilla Antónia* e *Caius* entreolham-se, estarecidos, mas ao mesmo tempo maravilhados. Na pequena e pobríssima sala, deitados sobre catres de varas e recobertos por trapos, achava-se uma porção de bebês!... Algumas das criaturinhas emitiam leves vagidos e eram prontamente atendidas por quatro mulheres que, amorosamente, aprestavam-se a socorrê-las; outros bebês dormiam um sono tranqüilo e pareciam todos felizes.

- De onde vêm? - pergunta *Caius*. - Onde se acham seus pais?

- De onde vêm, general? - responde *Rufus*, com um sorriso triste. - Das ruas, dos esgotos, das *latrinae*⁵ e do depósito de lixo!... Roma abandona apropriada sorte suas crianças indesejáveis, *domine!*... Quando as encontramos, trazemo-las para cá, antes que os cães vadios ou os urubus venham devorá-las ainda vivas!

Drusilla Antónia sente-se zonzear ao ouvir as terríveis palavras de *Rufus* e se apoia em *Caius*.

- Céus!... - exclama a matrona, recompondo-se. - Como podem esses pais desnaturados fazerem isso?!

⁵ *Latrinas*, em latim. Roma foi a primeira cidade no mundo a construir um sistema de latrinas públicas, com coleta de esgoto em dutos, alguns dos quais em funcionamento até os dias de hoje.

- Normalmente, esses bebês são filhos de prostitutas que os parem, às vezes, na ma mesmo, deitando-os fora, em seguida, por não terem como criá-los!... Mal conseguem suprir-se a si mesmas, com a insignificância que ganham, mercadejando o corpo, quanto mais, ainda, terem crianças a alimentar!... Oh, não sabeis, *domina*, o que é a miséria extrema!...

Drusilla Antônia e *Caius* passeiam os olhos pelo berçário. Havia uma profusão de bracinhos e de perninhas mo vendo-se no ar. Estranha ternura parece apoderar-se, concomitantemente, de ambos e se entreolham, como se adivinhassem, reciprocamente, os pensamentos: "Tereis muitos filhos!...", recordam-se, então, do oráculo de *Vênus Genitrix*⁶, muito tempo atrás, quando eles, ainda jovens, percorriam todos os templos, a consultar os augures, diante da impossibilidade que tinham de gerar filhos. Ali estava a resposta.

Sem mais titubear, *Drusilla Antônia* toma uma daquelas criaturinhas e a chega, carinhosamente, ao colo. O bebê, sentindo-lhe o calor do seio, abre-se num meigo sorriso, pejado de inocência pura, numa boquinha desdentada.

- Vê, *Caius* - exclama a matrona, altamente comovida com a reação do bebê. Ele sorri para mim!...

- Sim, meu amor - diz o general, também comovido. - Presente-te o carinho que lhe dás!

Drusilla Antônia aproxima seu rosto da pequenina face do bebê e lhe sussurra doces palavras de enlevo. A criaturinha, tomada de súbito contentamento, põe-se a rir, como se lhe murmurassem as coisas mais engraçadas deste mundo, contagiando a *Caius* e a *Rufus* que se põem, também, a rir.

- Amor!... Amor, caríssimo general!... - exclama o missionário cristão. - Só o amor para suprir tamanhas deficiências que trazem tais criaturas!... E o que nos recomendou o Cristo:

6. Na mitologia latina, deusa que acompanhava a gravidez das mulheres

"...assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros."7

Aqui temos pouquíssimo pão a lhes dar, mas o Divino Mestre supre-nos a falta do alimento material, com sua inesgotável e abundante fonte de amor!

Caius Petronius reflete, por alguns momentos, sobre as palavras do novo companheiro. Que coragem e que estranha força aquela que fazia daqueles homens, aparentemente rudes e incultos, verdadeiros gigantes, diante da imensa tarefa que tinham sob sua responsabilidade!... Como é que conseguiam alimentar quase uma centena de pessoas ali internadas?... Intrigava-se com aquela questão.

- Dize-me, *Rufus* - pergunta por fim -, como é que consegues alimentar e manter tanta gente assim?... De quem recibes ajuda?

- DEle, general - diz o missionário cristão, apontando para o alto e com um sorriso confiante nos lábios. - Recibemos a ajuda de *Jesus* que, conforme a promessa que nos fez, não nos deixaria órfãos!...

- *Rufus*... - insiste, incrédulo, o general -, não vais dizer-me que Ele faz chover pão do céu!...

- Não da forma como imaginais, *domine*!... - diz o outro, rindo-se de como o outro se expressara. - Não em forma de chuva!... - e, aproximando-se, toca-lhe, respeitosamente, no peito, com a ponta do dedo indicador. - Manda-nos os pães dentro de corações assim grandes e misericordiosos como o vosso, general!

- Dizes, então, que viveis da caridade?!... - espanta-se *Caius Petronius*. - Apenas disso?!

- Há muita gente do patriciado, como vós, *domine*, que também aceita *Jesus* como o salvador do mundo! - explica o outro. - Não vos esqueçais de que a dor visita a todos, sem exceção!... Não fostes o único a ter o privilégio de receber das mãos do Mestre a misericórdia da cura!... Onde quer que campeiem a dor e o sofrimento ali estará *Jesus*!... Ou credes que a Bondade Infinita teria

preconceitos para com Seus filhos, selecionando-lhes a raça, a cor ou a crença?... Não, general, Deus impera em todos os corações; estes é que muitas vezes não Lhe ouvem a amantíssima voz, chamando-os, posto que se encontram obnubilados pelo orgulho ou pela frieza da descrença!

Caius limita-se apenas a abaixar a cabeça, comovido. A mensagem cristã era deveras diferente de tudo o que ouvira antes. *Rufus*, percebendo quão fortemente suas palavras haviam tocado a alma do general, apõe-lhe, amigavelmente, a mão ao ombro, sorri-lhe, cheio de doçura, e prossegue:

- Cristo veio, na verdade, para sacudir os corações, general!... Disse-nos que não nos trouxera a paz, mas a espada!⁸

Num arroubo, *Caius* abraça-se ao novo amigo. Tinha o peito carregado de fortes emoções. E, tudo o que fizesse por aquele homem seria pouco. Ele não Lhe salvara a vida, o bem mais precioso que alguém pode possuir?

O missionário cristão retribui, longamente, o abraço sincero do novo amigo e, depois, encarando-o, firme, nos olhos, como se Lhe adivinhasse os pensamentos, diz:

- O dinheiro, meu amigo, só tem valor pelo bem que ele possa proporcionar!... Nada vale, além disso!... Dizei-me, em sã consciência, general, que proveito tiraríamos de uma montanha de ouro ou de prata, se a mantivéssemos intocada, apenas para gáudio e prazer de nossos olhos?... Nenhum, pois não passaria de um monte de metal inerte e nada mais nos proporcionaria, a não ser o ínfimo prazer de *ter o* ouro, simplesmente, e só serviria para alimentar a nossa cupidez e o nosso orgulho, tornando-nos ridículos!... "*Fortuna in onmi re dominatur; ea res cunctas celebrat obscuratque!*"⁹ Entretanto, é o que a maioria dos ricos faz, e vós

9 "A fortuna domina em tudo; ela eleva e envilece todas as coisas!...", em latim.

- mesmos sois a prova viva disso. Éreis feliz, com todo o vosso ouro, e fechado dentro de vosso palácio?... Não, não tínheis o principal elemento para gozardes de vossa riqueza: a saúde!... E vos pergunto: o que é mais importante em nossa vida? O dinheiro ou a saúde?...

- *Rufus*, sou um homem rico - diz *Caius Petronius*, olhando, fixamente, o rosto do amigo. E, com a alma repleta de emoção pelas palavras cheias de sabedoria que o outro lhe dissera, prossegue, com a voz embargada pela emoção: - Deixa-me ajudar-te nesta tarefa de minorar as dores destes desgraçados!

- *Jesus* já vos fez esse convite, general, no momento em que expulsou de vós o mal que vos corroía as entranhas! - diz o outro. - Agora, só depende de vós!... A seara aí está e, como vedes, há muito o que fazer!... E vossa esposa, pelo visto, já pôs as mãos à obra!

Satisfeito, *Caius* observa que *Drusilla Antonia* já se devotava a cuidar dos pequermchos, auxiliando aquelas incansáveis e dedicadas obreiras no afã de alimentar, limpar e ninar a pequenina multidão de bebês que, como se podia, facilmente, perceber, não era de dar tréguas às suas mãos postiças.

Rindo e meneando a cabeça, ao constatarem quão complicado para eles era o mister a que se devotavam aquelas cinco mulheres, *Rufus* e *Caius* saem, pois doravante competiria a ambos a tarefa de arranjar comida, remédios e roupas para, diariamente, suprirem aquela pequena multidão de desvalidos, e a exigência tornava-se cada vez mais crescente, uma vez que a miséria e o abandono enxameavam por todo o lado...

* * * * *

Susanna Procula aprontava-se em seu *cubiculum*. Velha aia auxiliava-a a pentear-se, e a mocinha, vaidosa como sempre, não conseguia chegar ao apuro desejado.

- Oh, *Tilla* - queixa-se a juvenzinha, altamente agastada com a criada -, hoje, particularmente, estás mais lerda do que nunca!...

- Perdão, *domina!* - geme a velha aia. - Minhas mãos não estão mais boas como antes!

- Precisaria ter treinado outra para pentear-me!... - explode a mocinha, agastando-se. - Tu já não te agüentas nem contigo mesma!... E, logo mais, *Flavius Antoninas* já deverá estar a porta!... Vovô convidou-o para a *cena*, e não desejo atrasar-me!... O que ele pensará de mim?... Oh, *Tilla*, ele é tão lindo!... Forte!...

- Mesmo, *domina!*... - exclama a velhota, abrindo um sorriso desdentado. - Quem sabe o senador *Cornélius* não o convidou para a *cena*, com o propósito de acertar o vosso noivado?

-Que *Vénus*¹⁰ te ouça, minha cara!... - exclama a juvenzinha, excitadíssima. - *Flavius* é o homem dos sonhos de qualquer mocinha núbil!

- Vosso avô, o sereníssimo senador *Cornélius Helvetius* clama por vós, *domina!*... - exclama uma escrava à porta do *cubiculum*.

-Eleja chegou?... Eleja chegou?... - pergunta, afoita, *Susanna* para a escrava que se mantinha de joelhos à porta do quarto, em atitude servil.

-Sim, *domina*, o convidado e vosso augusto avô já se acham no *tablinum* - responde a escrava.

-Oh, *Tilla*, que azar!... - exclama *Susanna*, mirando-se no espelho de prata polida. - Eleja chegou e eu estou um monstro!... Vês essa mecha que se desprende aqui?... Prende-a, depressa, vamos!... -e se voltando para a escrava que se mantinha de joelhos à porta, ordena:
- E tu, *Dalla*, corre até lá e espia se meu avô se enfada com a minha demora!

A escrava sai, e *Susanna* prossegue no afã de pentear-se até a perfeição.

- Não sei por que não te dão ao *Circus Maximus*, para alimento das feras de *Nero!*... - exclama a mocinha, altamente zangada e tomando

10. Na mitologia latina, *Vénus* era a deusa da formosura, do amor e dos prazeres.

a escova das trêmulas mãos da aia. - Deixa que eu mesma termino aqui!... Agora, dá-me a *Chlamyde*, depressa, e o broche grande de marfim e de ouro, o que me deu vovô!... Quero fazer-lhe uma surpresa, usando-o hoje!

- Vosso avô impacienta-se, *domina!* - diz, já de volta, a escrava, da porta do *cubiculum*.

- E o jovem convidado, como está ele? - pergunta *Susanna*, enquanto a velha aia, afoitamente, abotoa-lhe, com dedos trêmulos, o broche, prendendo-lhe, graciosamente, o rico manto de linho alvini-tente ao ombro direito.

- Oh, é um homem lindíssimo, *domina!*... - diz a escrava com um sorriso maroto aos lábios. - E está ricamente vestido com uma *prae-texta* de linho branco e uma capa púrpura aos ombros!

- Peste!... - exclama *Susanna*, cheia de ciúme. - Se o olhares de novo, mando arrancar-te os olhos!... Agora, some-te daqui!... - e lhe atira a escova de cabelos.

Uma última e meticulosa olhada no espelho de prata polida que a velhota, pacientemente, segurava-lhe, *Susanna* confere o resultado: estava bem; já poderia apresentar-se ao convidado.

-Estás linda, *domina!*... - exclama a velha aia, sorrindo-lhe com as gengivas murchas.

Susanna sequer escuta o que a aia lhe diz e sai em disparada. Quando assoma à porta do *tablinum*, o jovem *Flavius* tem um sobressalto e quase deixa cair a taça de *mulsum* que segurava à mão. A mocinha estava lindíssima, e seu coração principia a bater descompassadamente.

-Rivalizas com *Vénus*, minha cara!... - diz o rapaz, fazendo-lhe longa reverência.

- Oh, exageras, *Flavius!* - exclama ela, rindo-se e pondo à mostra os dentinhos redondos e brancos como porcelana.

- Passemos ao *triclinium* - convida *Cornélius*, gentil, e com largo sorriso de satisfação a iluminar-lhe o vetusto rosto.

"Como são lindos!...", pensa o velho senador, vendo-os caminharem de braços dados, à sua frente, pelo corredor que dava ao *triclinium*. "Juro, por *Júpiter Capitolinus*, uni-los em matrimônio, meus amores, antes de me ir!...", e sorri, satisfeitíssimo.

Depois de bem instalados em confortáveis *canapei*, *Cornélius* ordena que sirvam a *cena*. A seguir, servos especialmente treinados para essa função ajoelham-se ao lado de grandiosa mesa de pernas curtas, posta no centro do vasto *triclinium* e repleta de iguarias finíssimas e, pacientemente, começam a servir os três comensais, passando-lhes às mãos os alimentos prontos para deglutir, espetando-os à ponta de facas de prata ou, ainda, em pequenos pratos de ouro polido e lhes enchendo, amiúde, as taças com *mulsum*.

- Tiveste notícias de teu avô, *Flavius!* - pergunta *Cornélius*, procurando deixar o rapaz plenamente à vontade.

- Escrevi-lhe uma missiva dias atrás, porém ainda não me deu resposta - diz o rapaz, sempre tranqüilo, atencioso e cheio de bons modos.

"Que diferença de *Iulius Maximus!*...", pensa *Susanna*, enquanto estudava, minuciosamente, o rapagão, que comia um pedaço de cordeiro assado, espetado na ponta de reluzente faca de prata. Com os olhos cheios de apaixonada curiosidade, percorre-lhe o avantajado corpo, recostado, elegantemente, no *canapeum*, que se colocava entre ela e o avô. "*Iulius* está sempre irrequieto, mexendo-se e é tremendamente grosseiro e mal-educado!..."

- Quanto tempo ainda permanecerás no exército? - pergunta *Cornélius*.

- Como só tenho dezoito anos, deverei permanecer ainda por mais dois anos, senador - responde o rapaz, sempre com esmerada educação e bonomia no olhar.

- Isso quer dizer que ainda terás de lutar nas guerras? - pergunta *Susanna*, cheia de preocupação.

- Sim - responde ele, encarando-a com os olhos melados de paixão e felicíssimo porque ela lhe dirigia a palavra. E prossegue, cheio de animação: - Pertencço às tropas comandadas pelo general *Caius Petronius Tarquinius* e, como regressamos de recente incursão às Gálias, nosso regimento encontra-se em descanso. Entretanto, se houver necessidade de alguma intervenção em qualquer ponto de nossas fronteiras, para lá iremos, sempre com o intuito de restabelecer a paz.

-A propósito, sabias que teu general encontrava-se muito doente? - pergunta *Cornélius*.

- Sim, sabia que meu comandante encontrava-se doente, posto que sou um de seus ordenanças e lhe faço companhia constante -explica o rapaz. - Sei que ele sofria bastante, mas nunca deixou transparecer fraqueza ou se queixou de qualquer coisa. Apenas, que lhe chamássemos o médico, vez ou outra, e que vivia tomando remédios. Nada mais que isso.

- Nunca foste visitá-lo?... - pergunta *Susanna*. - O general e sua esposa, *Drusilla Antonia*, são fiéis amigos de vovô e sabíamos que ele se encontrava gravemente enfermo.

- Sim, fui visitá-lo algumas vezes - diz o rapaz. - Mas, na última vez em que lá estive, a esposa do general não permitiu que eu o visse. Alegou estar o esposo descansando, porém achei-a extremamente abatida e desconsolada.

- *Caius* quase foi avistar-se com *Hecate*, meu caro!... - explica o senador. - Porém, não sei, precisamente, através de quais sortilégios conseguiu safar-se desta e se recupera a olhos vistos!... E me fez uma revelação perturbadora: tomou-se cristão!

-Cristão?!... - exclamam, concomitantemente e espantadíssimos, ambos os jovens.

- Sim - continua *Cornélius*-, e *Caius* jurou-me que foi o Judeu Crucificado que o livrou da morte!...

- Como se deu isso, senador? - pergunta o rapaz, ainda bastante espantado com a notícia. - E muito difícil para mim crer que o

general tornou-se cristão, pois em sua tenda sempre havia uma ara em honra de *Jupiter!*... E o vi inúmeras vezes sacrificar, devotadamente, a seu *numen*, antes e depois das batalhas!...

- *Drusilla Antônia* disse-me, reservadamente, ainda ter dúvidas sobre quem realmente curou *Caius*, pois, ao mesmo tempo em que tiveram contato com o sacerdote cristão, sacrificaram duas hecatombes a *Jupiter Capitolinus*...

-Foi *Jupiter Capitolinus*, claro!... -exclama Susana. E, em sua ingenuidade juvenil, prossegue opinando, cheia de espanto: - Imaginem só!... Nosso Pai estava com tanta sede que bebeu o sangue de duzentos bois!

- Não sei, não, meus amores - diz *Cornélius*, pensativo. - Existem tantas coisas abaixo do céu...

- E tu, *Flavius*, o que pensas sobre isso? - pergunta a mocinha, doida para ouvir a opinião do rapaz.

- Não sei, minha cara - responde ele, entre pensativo e ainda chocado pela notícia. - Conheço muito bem o general *Petronius* e me é difícil acreditá-lo cristão...

- Não no teriam enfeitado, vovô? - pergunta *Susanna*, encolhendo-se no *canapeum*, de repente se lembrando das tantas coisas absurdas que diziam sobre os cristãos.

- Ora, *Susanna!* - exclama *Cornélius*, rindo-se da ingenuidade da neta. - Nada sei de concreto acerca da seita cristã, entretanto algo posso asseverar-te: metade do que dizem sobre eles não passa de fantasia do imaginário dessa gente!... Além do mais, para alguém que estivesse enfeitado, *Caius* pareceu-me, surpreendentemente, muito bem!

- E tu o que pensas, *Flavius!* - pergunta a mocinha, dirigindo-se ao jovem convidado.

- Penso ser muito lógico tudo o que disse o senador *Pisanus* - responde o rapaz. - A razão indica-nos que os sortilégios devam trazer malefícios e não benefícios como esse que recebeu o general

Tarquinius... Se ele realmente se encontra curado de terrível doença, isso lhe foi extremamente benéfico!

-Mas, isso por si só justificaria o abandono da crença em nossos imortais? - pergunta *Susanna*.

- Não nos compete julgar a atitude do general *Tarquinius*, *Susanna* - observa, com gravidade, o velho senador. - Grandes provações, como essa pela qual passou nosso querido *Caius*, são capazes de promover transformações radicais em nosso caráter e até mesmo em nossa personalidade!... Não o culpo por isso, não!... Ele lutou, bravamente, contra *Hecate* e a venceu!... E se sente imensamente grato ao Ser que o salvou das gafas da morte, a ponto de se sujeitar a Ele de corpo e alma!

-Mas, vovô, e *Drusilla Antônia*?... -pergunta a jovem, sem capacidade ainda de entender quão complexas eram as intrincadas tramas nas quais o coração das pessoas costumava envolver-se. - Custa-me aceitar que nossa amiga, tão devota de *Júpiter Capitolinus*, esteja a bandear-se para a seita dos cristãos!... Cansei-me de encontrá-la, quase que diariamente, diante do *Capitolium*, quando ia sacrificar ao Grande Pai!

- Coisas do amor, minha cara!... - exclama *Cornélius*. - Coisas do amor!... Tu sabes o quanto *Drusilla Antônia* é eternamente apaixonada pelo esposo!... Tenho a certeza de que ela o seguiria até às profundas do *Avernum*!...

- Espero que não venham a desfazer-se da fortuna que possuem, como fazem os *patricii* que se convertem a essa estranha seita que prega a miséria absoluta a seus adeptos!... - observa *Flavius*, rindo-se. - Que o general se tenha convertido à fé cristã, posso até aceitar, mas, se doar tudo o que possui aos pobres e estropiados, passarei a duvidar de sua sanidade mental!... Quem é que poderá ser feliz na extrema miséria?

- Não me digam que fazem isso?!... - pergunta *Susanna*, espantadíssima. - Que seita mais absurda!...

- Sim, minha cara, eles fazem isso! - observa *Cornélius*. - Nesse ponto até posso concordar de que se utilizem de algum esconso sortilégio para ludibriarem os detentores de riquezas a ponto de fazê-los doarem tudo o que possuem em favor das comunidades onde passam a residir!

- Que horror, vovô!... - exclama a juvenzinha. - Espero nunca me deparar com cristãos!... E se me lançam um feitiço?

- Não há nenhum perigo de que isso aconteça, minha cara! - diz o rapaz, sorrindo para ela. - Primeiro, porque estarei sempre por perto, para protegê-la desses espertalhões e, depois, será preciso que tu desejes estar entre eles!

- Mesmo, *Flavius*?... - diz ela, enviando-lhe um olhar cheio de paixão.

E então, os dois jovens, esquecidos do resto do mundo, prenderam-se os olhos uns nos outros, como se magnetizassem mutuamente. *Cornélius*, embevecido com o que presenciava, sentiu-se alegrar. Agora, tinha a absoluta certeza de que a neta apaixonava-se pelo garboso rapaz. Aliviado, emite fundo suspiro. "Acho que eu acabo de te expulsar de vez desta casa e de nossas vidas, calhorda!...", pensa ele, referindo-se ao odiado sobrinho *Iulius Maximus*, o terrível pesadelo de sua sofrida existência. "Quero ver se deitarás tuas imundas patas em minha *Susanninha*!...". O velho senador encerra tal pensamento com um pleno sorriso de satisfação nos lábios e, levantando-se, sai muito discretamente, deixando os dois enamorados que, de tão mergulhados no enlevo que fortemente os arrebatava, nem perceberam que ficavam sozinhos...

- Vovô deixou-nos a sós... - murmura *Susanna*, de repente quebrando o arrebatamento em que se encontravam.

- E mesmo?... - pergunta ele, relutando em despregar os olhos daquele par de olhos cor de mel que tanto o encantavam. - Que tristeza!... Então, a boa educação insiste em dizer-me que também me devo ir...

- Não desejas ser mal-educado nem uma só vez?... - diz ela, levantando-se de seu *canapeum* e lhe tomando, apaixonadamente, as mãos. - Vem, levo-te ao *viridarium*, que a lua cheia deve estar linda!...

- Não sei se devo... - diz ele, retraindo-se. - Teu avô confiou em mim...

-*Insanis, Flávie!...*¹¹ - observa ela, rindo-se. - Não percebeste que meu avô adora-te?...

O plenilúnio derramava uma luminescência leitosa e opalescente sobre o *viridarium* que, sob a amena temperatura do alto verão, emanava um forte e olente *bouquet* de gerânios e sempre-lustrosas, pejudas de florinhas multicores, mais as cataratas de hidranjas floridas que se derramavam das copas dos velhos rododendros. Os jovens, altamente envolvidos pelo ambiente de profusas luzes, formas e perfumes inebriantes, deixam-se levar pela paixão que já nascia avassaladora.

-Acho que te amo, *Susanna!*... - diz o rapaz, altamente emocionado e, tomando a jovem aos braços fortes, aproxima-a de si.

-Oh, *Flavius*, beija-me!... - diz ela, oferecendo-lhe a boca aflante.

E, segue-se, então, o primeiro e apaixonado beijo, que se emoldurava de tão deslumbrante panorama!... Nascia, assim, o grande amor entre eles... Ou, quem sabe, não acabava de renascer ali, o potente fogo da paixão de duas almas que se reencontravam pelos esconsos e quase imperscrutáveis meandros da reencarnação?...

11. "- És um bobo, Flávio!...", em lalim

Capítulo VIII

Terrível tragédia

Flavius Antoninus Rimaltus, com a efusiva permissão de *Cornélius*, passa a freqüentar-lhe a casa, já na condição de noivo de sua neta. *Susanna Procula* não cabia em si de contentamento, pois, finalmente, aquietara-se o seu tão conturbado coração. Agora, tinha a certeza absoluta de que era aquele homem a quem ela buscava, incessantemente, para compartilhar o resto de sua vida - o rapagão amore-nado de *Neapolis*¹ - e que, além do mais, era neto de velho companheiro de seu avô. Aqueles doces olhos marrom-profundos encantavam-na!... E não lhe saía da lembrança a imagem do rapaz, fitando-a, com tanto interesse, como se ela fosse algo muito raro ou por demais precioso.

Perdida em tão deleitosas reminiscências, a jovem não se cansava de recordar o primeiro beijo apaixonado que haviam trocado sob o luar, no jardim. E um frêmito de emoção e de prazer percorria-lhe o corpo, ao repassar na memória cada momento que antecederia o primeiro longo contato dos possantes braços, que a envolveram, tão louca e apaixonadamente, como se fossem, de repente, esmagá-la, entre aqueles fortes e proeminentes músculos, semelhantes às grossas raízes de vetusto carvalho!... Oh, céus, parecia até que ia arrebentar de tanta emoção, enquanto ele lhe sussurrava juras de amor ao ouvido e lhe mordiscava, suavemente, o lóbulo da orelha...

- Tendes visita, *domina!* - diz-lhe a velha serva, tirando-a de mais de um de seus idílicos devaneios com seu amado.

- Ahn!. De quem se trata, *Tilla?*- pergunta *Susanna*, altamente aborrecida pela interrupção da criada, que viera tirá-la das fantasias amorosas com seu amado.

1. Atual Nápoles, ao Sul da Itália.

- Encontra-se à vossa espera, na *exedra*, o jovem *Iulius Maximus*, vosso augusto primo - responde a velha aia.

Susanna tem um sobressalto e, sentindo-se perturbar pela inesperada visita que lhe fazia o primo, pergunta para a aia:

- Disseste-lhe que eu estava?

- *Sic, domina* - responde a velha. E prossegue, engolindo em seco: - Fiz mal?...

- Muito mal, sua galinha velha!... - responde *Susanna*, enfurecendo-se. - Ainda te doarei ao *Circus Maximus* para gáudio das feras, mesmo que sejas só ossos e pelancas!...

- Oh, perdão, *domina*!... - diz a velha, arrojando-se aos pés da ama.

- Pára de fazer dramas, sua doida! - exclama a jovem, agastando-se ainda mais com a atitude extrema da velha serva. - E vovô, onde está?

- O sereníssimo senador *Cornélius* lê, enquanto passeia pelo *viridarium, domina*. - diz a aia.

-Anda, corre até vovô e lhe dize que o idiota de meu primo está aqui e que não desejo avistar-me com ele a sós!... - ordena *Susanna*, com voz firme.

A velha sai, arrastando os pés, cansada e arqueada pelo peso dos anos, e *Susanna* aguarda um pouco mais em seu *cubiculum*. Não desejava, de modo algum, estar a sós com *Iulius* e ter de dar-lhe novas explicações acerca de seu noivado com *Flavius Antoninus*. Havia algum tempo, o avô dera uma festa aos amigos mais chegados, para anunciar-lhes, oficialmente, seu desejo de casar a neta e fizera questão de não convidar *Iulius* que, ao tomar conhecimento de que a eleita de seu coração pretendia casar-se com outro, enfurecera-se tanto que acabou por apanhar tremendo pifão numa taverna da *Via Trentina* e, quando retornou para casa naquela noite, descarregou toda a sua fúria, apunhalando, impiedosa e repetidamente e até a morte, o pobre escravo que viera abrir-lhe a porta e reduzindo o corpo do pobre infeliz a uma massa sanguinolenta e disforme!

Iulius não se conformava em perder as atenções de *Susanna* para outro pretendente e vivia correndo atrás da jovem e exigindo, insistentemente, que lhe desse explicações e tentando reconquistá-la com presentes e através de infrutíferas tentativas de carregá-la para os passeios e divertimentos públicos de que ela tanto gostava. Entretanto, *Susanna* negava-se, peremptoriamente, a sair com ele e até mesmo rejeitava os presentes cada vez mais caros e mais valiosos que ele lhe ofertava, fato que o tornava ainda mais exasperado e mais violento que o usual. Invariavelmente, deixava a casa de *Cornélius*, furiosíssimo, a gritar impropérios contra ambos - avô e neta-, e jurando vingança! Entretanto, acabava voltando, dando mostras de arrependimento e, uma vez mais rejeitado, repetia as odiosas e violentas cenas de ciúme. Tal procedimento se repetia por várias vezes, e tanto *Susanna* quanto *Cornélius* já se encontravam cansados desses rompantes ridículos que *Iulius* vivia aprontando ali.

Contudo, o rapaz era por demais persistente e, naquela manhã, lá estava ele de volta, segurando pequeno baú de marfim às mãos. Como *Susanna* demorasse em recebê-lo, enfurecia-se, grandemente, e caminhava, nervosamente, de um lado para outro.

- *Iulius*... - diz *Susanna* da soleira da porta da *exedra*. -Ufa!... Até que enfim vieste!... - exclamaele, bufando de enfado.

- Onde é que estavas que me fizeste esperar tanto?... - pergunta ele, aproximando-se e a beijando à testa.

- Abluía-me, como faço todas as manhãs... - diz ela, sem alterar a voz, porém sem deixar de olhá-lo, firme, nos olhos.

O rapaz ia dizer-lhe que ela não o respeitava mais, que agora vivia humilhando-o; entretanto, percebendo-lhe o tom rígido do olhar, con-teve-se. Em seguida, estende-lhe o bauzinho de marfim e diz:

-Aceita-o!... Trago-te de coração!...

Susanna olha para o mimo que ele lhe apresentava com tanta insistência. *Iulius* estava visivelmente alterado e tinha as mãos trêmulas. Por instantes, a mocinha sentiu pena dele: tinham sido tão amigos;

ele sempre lhe fizera companhia e a tratara com certo respeito até. Porém, agora descobria que não o amava; não pelo modo como ele a desejava. Gostava de *Iulius*, mas não queria tê-lo por esposo. Não, decididamente, não poderia aceitar aquele presente!... Se o aceitasse, o rapaz, certamente, iria pressupor que lhe estivesse dando alguma esperança, e isso era o que *Susanna*, decididamente, não desejava.

- Não devo, *Iulius*... - diz ela, mortificando-se por ter de fazer aquilo com o primo. Entretanto, era necessário: não poderia dar-lhe a mínima esperança. E prossegue, olhando-o nos olhos: - Tu sabes que não posso...

O rapaz não desiste e continua com as mãos estendidas, oferecendo-lhe, insistentemente, o pequeno baú de marfim. Arfava muito e tinha os olhos injetados de sangue pelo excesso de ansiedade que o consumia.

- Sinto muito, *Iulius*... - diz *Susanna*, baixando os olhos.

O jovem morde o canto dos lábios, cheio de raiva pela contrariedade que não estava habituado a receber, pois sempre lhe haviam feito as mínimas vontades e, num átimo, explode, arremessando o bau-zinho ao chão. A rica peça de lavor delicadíssimo despedaça-se em mil fragmentos e revela seu conteúdo: finíssimo bracelete em forma de uma serpente, confeccionada em ouro maciço, tauxiado de coral e ébano, a imitar as cores de uma víbora. Com o impacto, a pequena vípera saltou do meio dos estilhaços e exibiu seu brilho ofuscante sobre o ladrilho de granito negro; seus dois faiscantes olhinhos vermelhos de rubis cintilaram, vividamente, abaixo das carenas - verdadeira obra de arte que enganaria qualquer um, tão semelhante era a uma serpente viva!

- Queres dizer então que teu negócio com o sujeitinho é real?... - grita ele, estentóreo, dando evasão à fúria que mal contivera até então.

Susanna põe-se a soluçar baixinho e tenta fugir para seu *cubiculum*. *Iulius*, entretanto, ligeiro como um felino, salta sobre elae a segura, fortemente, por um dos punhos.

- Deixa-me ir, *Iulius!*... - suplica a jovem, tentando livrar-se da possante mão que a segurava forte. - Tu me machucas!...

- Não, sem antes me dizeres por que é que te bandeaste para os braços daquele imbecil!... - grita o rapaz, às raias da fúria extrema. - Que é que ele tem mais que eu?... Vamos, dize-me!...

- Apenas que não te amo, *Iulius!*... - exclama a mocinha entre lágrimas. - Como poderia casar-me contigo, se não te amo?...

- E queres dizer então que amas aquele miserável?... - pergunta o rapaz, aos gritos.

- Sim, amo-o!... - diz *Susanna*. E se enchendo de força e coragem, arrosta-o, firme, e lhe brada a plenos pulmões: - Amo-o como à minha própria vida, e a ti, da forma como me tratas, *Iulius*, passo, doravante, a odiar-te!...

Aquilo fora demais para o rapaz. Encara-a, com um par de olhos horríveis, transtornados pelo ódio e, sem piedade, desfere violento soco ao rosto de *Susanna*, que tomba sem sentidos. Os criados, alertados pelos gritos de ambos, acorrem, afoitos, a socorrerem a donzela que jazia desmaiada sobre o piso da *exedra*. *Cornélius*, avisado por *Tilla*, também chegava à porta e, deparando-se com a cena, e vendo o sobrinho ali, logo percebeu o que se passava.

- Que fizeste a ela, desgraçado? - grita o velho senador, adentrando a sala e, brandindo, ameaçadoramente, a bengala de que se utilizava para caminhar, arroja-se sobre *Iulius*, tentando dar-lhe violenta bastonada ao rosto.

O rapaz, ligeiro como uma cobra, apanha o punhal que trazia preso à cintura e, com hábil e certo golpe, acerta *Cornélius* ao peito. O velho senador sente como se um ferro em brasa lhe rasgasse o coração e leva, instintivamente, a mão ao ferimento. Imensa mancha brota-lhe do peito, tingindo-lhe de rubro a lã alviniente da toga. Sente a vista escurecer, zonzear e ainda consegue balbuciar, antes de tombar, pesadamente, sobre o granito polido:

-Maldito demônio !...

- Maldito és tu!... - grita *lulius*, fora de si e ainda segurando à mão o punhal ensangüentado. - Não fosses tu, e *Susanna* ter-se-ia casado comigo!... Mas, vingo-me!... Morre, desgraçado, já que a doença demora a matar-te!...

Susanna não assistira à terrível cena. Encontrava-se ainda sem sentidos, e os escravos tentavam reanimá-la a qualquer custo. Nem nada puderam fazer para evitar o assassinato de seu amo, posto que tudo ocorrera tão rápido, e o pobre mordomo, ao correr para prestar auxílio a seu senhor, que se encontrava caído e se esvaindo em sangue, recebera de *lulius*, à cabeça, tremendo pontapé que perdera os sentidos instantaneamente. Os demais escravos e servos que se achavam espalhados pela propriedade acorreram, ao ouvirem os gritos de socorro que vinham de dentro da casa, mas eram covardemente assassinados pelo rapaz que, abrindo caminho aos trancos, pontapés e violentas punhaladas, conseguiu chegar ao seu carro e fugir em disparada.

O desespero toma conta dos servidores da mansão de *Cornélius Helvetius Pisanus*. Não sabiam o que fazer, pois seu amo estava morto, no meio de uma poça de sangue; a jovem senhora, sem sentidos, com imenso hematoma ao rosto, já grandemente inchado, e o mordomo, também desacordado. Depois de algum tempo, a velha **Tilla** e outras criadas fizeram com que o mordomo recobrasse os sentidos, dando-lhe a cheirar uma pedra de resina alcanforada. O homem sentiu-se desesperar ao abrir os olhos: mais por medo de que o assassino ainda se encontrasse por ali. Tranqüilizado sobre a fuga do rapaz, ordena as idéias:

- Rápido, levem a *domina* para seu *cubiculum* e tentem reanimá-la, enquanto tu, *Cassius*, vai a cavalo até a residência do médico e o traz aqui, sem delongas!

Depois, olhando para o corpo do velho senador com os olhos mareados de pranto, diz, cheio de tristeza:

- Recolhamos o corpo de nosso amado senhor!... Por ele, nada mais há a fazer!...

As criadas e escravas rodeiam o corpo de Cornélius e, apanhando um lençol de linho, alçam-no e, em pequena procissão e cantando pungente nênia, carregam-no a seu antigo *cubiculum*. Iam lavá-lo e prepará-lo para as exéquias.

Debalde as servas tentaram reanimar a jovem *Susanna*. A moça recebera, covardemente, ao rosto, tremendo soco, desferido pelo possante braço de *Lulius*, e perdera, completamente, os sentidos. Sua linda face encontrava-se grandemente desfigurada: o lado direito estava totalmente inchado, incluindo o olho e os lábios que se mantinham intumescidos e roxo-enegrecidos.

Quando o médico chegou, espantou-se com a tragédia, pois era muito amigo de **Cornélius**. Constatou que o velho senador fora, de fato, cruelmente assassinado, e que a sua neta encontrava-se em estado delicadíssimo, pois a pancada recebida, possivelmente, houvera lhe afetado também o cérebro, daí a demora de a moça recobrar os sentidos. Utilizando-se dos poucos conhecimentos da incipiente medicina da época, propinou-lhe uma tisana e compressas sobre os ferimentos da face, mas, de antemão, já sabendo que pouco poderia proporcionar à pobre mocinha.

- Enviaste mensageiros aos parentes e amigos? - pergunta o médico ao mordomo.

- Sim, sábio *Tacitus* - responde, humildemente, o velho serviçal -, já despachei mensageiros a avisarem os amigos mais chegados e também ao jovem *Flavius Antoninus*, o noivo de nossa querida *domina*...

Depois de duas horas, chega o rapaz, trêmulo e pálido, ao constatar a real gravidade dos fatos.

- Meu amor!... Que fizeram contigo?... - grita ele ao adentrar o *cubiculum* e se deparando com o estado lastimável em que encontrava a mulher amada.

Sentindo como se o mundo caísse sobre ele, ajoelha-se ao lado do leito e toma, suave e delicadamente, as pálidas mãos de *Susanna Procula* e, levando-as aos lábios, beija-as repetidas vezes. O pranto

descia-lhe, abundante, dos olhos, ensopando as nveas mãozinhas da moça que permanecia completamente alheia a tudo que a rodeava.

- Oh, pelos imortais!... *Susanna*, desperta, meu amor!... - sussurra-lhe ele aos ouvidos, com as palavras molhadas pelo pranto. -Que te fez aquele miserável?... Por *Hecate* Infernal, juro-te, minha amada, que te vingarei!... Oh, que dor!...

Por longo tempo, *Flavius* permanece ao lado de sua amada, tentando reanimá-la, massageando-lhe as mãos e lhe sussurrando palavras encorajadoras ao ouvido. *Tacitus*, o médico, sentado a um lado, apenas observava a triste cena. Por fim, decide-se a interferir.

- Nobre *Flavius* - diz o facultativo -, tudo o que fazes  válido, entretanto nossa querida *Susanna* não pode ouvir-te. Melhor agora  deixá-la repousar. Ja lhe estamos ministrando os medicamentos e lhe apondo compressas de hamamlis virginiana ao rosto e cremos que, em pouco tempo, o inchaço desaparecerá. Tem paciência e confia!

Relutantemente, o rapaz levanta-se e olha, demoradamente, para a figura patética de sua amada que jazia inerte sobre a algidez dos lenois. O pranto aumenta, e ele é violentamente sacudido pelos soluços. Depois, sua mão crispa-se sobre o cabo do punhal que trazia preso  cintura.

- Corro atrás do verme que ousou ferir-te, meu amor!... - diz ele, como se soprasse as palavras que lhe saíam ensopadas de pranto. E, com as feições contraídas em violento rictus de dor, prossegue: - Corro até o covil onde, certamente, entocou-se o covarde e te juro, meu amor: dar-te-ei de presente as orelhas daquele maldito! -e sai, abruptamente, porta afora.

A noite cara morna e pejada de estrelas, num céu azul- cobalto. No imenso salão do *triclinium*, velhos e fiéis amigos velavam, pesorosamente, o corpo de *Cornélius Helvetius Pisanus*, covardemente assassinado pelo sobrinho. Sentados a um canto e tremendamente

tristes pelo infausto acontecimento que vitimara o tão querido amigo, *Caius* e *Drusilla Antônia* conversavam baixinho.

-Triste fim teve nosso querido *Cornelius!*... - exclama a matrona, entre lágrimas de tristeza. - Tive-o sempre à conta de um irmão!... Dava-me conselhos e proteção, quando tu te ausentavas pelas longas campanhas, meu querido!... E agora?... Que será de mim?...

- *Cornélius* sempre menosprezou o bandido do sobrinho!... - exclama ***Caius***, cheio de indignação. - Eu sabia que, cedo ou tarde, aquele demônio iria aprontar algo assim tão grave!... Não aceitou o fato de ser preterido por *Susanna* e procurou vingar-se da forma mais vil e abjeta!...

- E em que estado lastimável deixou a pobrezinha!... - observa *Drusilla Antônia*. - Se o que nos disse *Tacitus* realmente se efetivar, melhor seria que ela também se juntasse ao avô!...

- *Drusilla!*... - exclama *Caius*, admoestando-a pelas duras palavras. - Que dizes?!... Não tendes fé?...

- Oh, desculpa-me, meu amor!... - diz a matrona, abraçando-se ao marido. - Mas, é que, pelo estado em que a juvenzinha encontra-se, dificilmente creio que recobrará a normalidade. A pancada que aquele monstro deu-lhe à cabeça foi forte demais para ela. Deve ter-lhe afetado seriamente os miolos!

- Sabes que, a partir de agora, somos os responsáveis por ela, não? - diz o general. - Compete-nos cuidar para que recobre a saúde o mais depressa possível.

- Sim - concorda *Drusilla Antônia*. - E como faremos? -Após os funerais de *Cornélius*, transportá-la-emos para nossa casa e, sob os cuidados de *Rufus*, garanto-te que, em pouquíssimo tempo, tê-la-emos, novamente, sã e salva!... - diz o general, com os olhos brilhantes.

- Crês, realmente, nisso? - pergunta a matrona.

- Se *Jesus* curou-me, certamente curará, também, a que, doravante, passa a ser a nossa filha! - exclama ele, cheio de esperanças.

A noite avançava lentamente, sacudida pelos lancinantes gritos e pungentes lamentações das carpideiras que se arrebetavam em lamúrias, diante do defunto que fora colocado sobre uma essa coberta com panos de linho branco. *Cornélius* guardara, às ceráceas feições, as últimas impressões que tivera neste mundo, amalgamadas num esgar de horror e ódio - sentimentos estranhamente colocados juntos, numa mesma expressão, que lhe deixavam transparecer a sensação altamente confrangedora pela qual passara em seus terríveis e derradeiros momentos de vida. Roma acabava de perder um de seus grandes baluartes pelas vis mãos de um infame assassino...

Assim que cometera seu tresloucado gesto, assassinando fria e barbaramente o tio, de ter atacado, gravemente, *Susanna* e, por fim, apunhalado e ferido mortalmente uma porção de escravos e criados que tentavam interpor-se à sua passagem, impedindo-lhe a fuga, *Iulius Maximus* deixara a mansão de *Cornélius* e, conduzindo seu carro como um possesso pelas esburacadas mas dos miseráveis subúrbios da cidade e pondo os pobres transeuntes em fuga desesperada para dar-lhe passagem, chegara à sua mansão e se arrojava sobre um *canapeum* no *triclinium*. Aos gritos, chamara pelo mordomo e pedira vinho. Somente depois de engolir, sofregamente, algumas taças do reconfortante líquido, é que as idéias principiaram a voltar-lhe ao normal e se dera conta, então, da enormidade da tragédia que provocara. Ainda bastante trêmulo pela forte descarga emocional que sofrera, o rapaz, de repente, sente medo. E se viessem caçá-lo ali?... *Caius Petronius Tarquinius* era amicíssimo do tio, e o miserável - o noivo de *Susanna* - servia como ordenança do general, fato que poderia uni-los numarevanche!... Estarrecido, *Iulius* constatou que, se permanecesse em sua casa, correria risco de vida. Precisava fugir!... Mas, fugir para onde?... Não possuía nenhuma propriedade em outro lugar. Apesar da imensa fortuna de que era detentor, estava ela totalmente aplicada em Roma e, se saísse às pressas, teria de deixar tudo para trás. Não,

decididamente, não poderia ir para muito longe da cidade. De repente, súbita idéia clareia-lhe a mente: *Nero!*... E, satisfeito, dá com aponta dos dedos à testa. Um sorriso de satisfação enche-lhe, plenamente, os lábios. Sim!... O imperador não era seu amigo pessoal?... Dar-lhe-ia proteção, com certeza!... E quem se atreveria a desafiar *Nero!*... Só se fosse doido!... Ligeiro, ordena ao mordomo que lhe amimasse algumas peças de roupas e sai, sem dar a mínima explicação sobre o que faria, pois sempre agira assim. A tarde já principiava a cair, quando ele toma o carro e sai em disparada ramo ao Palatino, onde se localizava o palácio imperial.

- Dizeis, então, nobilíssimo *Iulius Maximus*, que destes cabo daquele velho infame? - pergunta **Nero**, altamente interessado e com o braço em torno do pescoço do jovem, enquanto passeavam a sós por exuberante aléia de um dos jardins do paço imperial. - Oh, que adorável notícia trazeis-nos esta tarde, caríssimo amigo!... Que mais um príncipe como nós poderia desejar no dia de hoje?...

- Sim, Majestade - diz o rapaz, inchado de orgulho pela particular deferência que lhe despndia o soberano de Roma-, tive de matá-lo, pois opunha-se ao meu relacionamento com minha prima!

-Oh, sois por demais corajoso!... - exclama **Nero**, efusivamente. E, como era dado a mexericos, prossegue, procurando inteirar-se mais do assunto: - Dizei-nos, nobre *Iulius*, matastes também a moça?

- Não, Majestade - responde o rapaz -, apenas dei-lhe uma bem dada surra, para lembrar-lhe a quem é que deveria amar!...

-Ha! Ha! Ha! Ha!...-explode o imperador, numa gargalhada.-Sois deveras excelente companhia, caríssimo jovem!... E, considerai-vos nosso hóspede e nosso protegido e ai daquele que ousar tocar em um único fio de vossos cabelos!... Aqui tereis a proteção da fiel guarda pretoriana, escolhida a dedo por nós, e duvidamos de que alguém se atreva a desafiá-la!

- Sou-vos imensamente grato, Majestade - diz o rapaz, ajoe-lhando-se e beijando a fímbria da toga do imperador.

- Oh, fizestes-nos um grande favor, nobilíssimo *Iulius Maximus!*... - exclama **Nero**, tomando-o pela mão e o fazendo levantar-se. - Nós, simplesmente, odiávamos o senador *Cornélius Helvetius Pisanus*, e vós o matastes para nós!... - Que felicidade!... Pena que destes cabo de um deles, apenas, pois nosso real desejo era liquidar o senado todo!... Não desejais fazer isso por nós, não?... - e explode numa gargalhada: - Ha! Ha! Ha! Ha!...

-Certamente, brincais, Majestade!...

- Não!... Não!... - exclama *Nero*, agora fazendo-se sério. E prossegue, em tom rancoroso: - Nós e o senado não temos andado muito bem, ultimamente!... Se dependesse de nossa vontade, exclusivamente, matá-los-íamos todos, livrando o Império dessa casta de miseráveis corruptos!... E doaríamos as províncias todas, sem exceção, juntamente com os exércitos e seus odientos generais, aos nobres cavaleiros romanos que fossem leais ao trono, como vós!... -e abraça o jovem, efusivamente.

-Oh, obrigado, *domine!*... - diz o rapaz, altamente emocionado. E emite profundo suspiro. Agora sabia que estava a salvo sob a proteção de *Nero*. Quem teria a mão suficientemente longa para alcançá-lo ali?

* * * * *

Fremindo de ódio, o jovem *Flavius Antoninus* estaciona sua biga diante da mansão de *Iulius Máximas*. O mordomo, solícito, corre até ele.

- Sede bem-vindo, *domine!*... - exclama o homem, pondo-se de joelhos e lhe beijando, respeitosamente, a mão.

- Depressa, conduze-me até o teu amo!... - diz *Flavius*, rispidamente.

- Nosso senhor não se encontra em casa, *domine!*... - responde o mordomo. - Saiu há poucas horas, muito apressado e carregando uma bagagem...

-Ah, fugiu, então, o maldito!... - explode o rapaz, crispando a palma da mão sobre o punho da espada que trazia à cinta. - Dize-me, homem, sabes para onde ele foi?

- Não, *domine!*... - responde o mordomo. - Nosso amo nunca nos diz aonde vai!

Miserável!... - exclama o rapaz, rilhando os dentes. - Mas, eu te encontrarei, mesmo que seja no *Avernum!*...²

Ligeiro, o rapaz salta sobre o carro e, aos berros, incita a fogosa parelha de garbosos corcéis brancos, que dispara de imediato. Enquanto conduzia, céleremente, o carro, pelas esburacadas vielas dos pobres arrabaldes de Roma, *Flavius* cogitava sobre o paradeiro de seu desafeto. Não seria difícil descobrir onde é que se entocara o miserável. De súbito, freia, bruscamente, a biga. Um pensamento desalentador perpassara-lhe a cabeça: e se o maldito já tivesse se escondido sob as asas do imperador?... Escondido no paço imperial, seria quase impossível atingi-lo!... Sente-se desolar. Ia retomar a marcha de volta para casa, porém se lembra de um conhecido, antigo camarada do exército, que ora servia na guarda pretoriana de *Nero* -a guarda de elite do imperador -, escolhida a dedo por ele mesmo. *Lucius Nigrus*, o tal rapaz, era filho de distinta família de *patricii*, e ele, *Flavius*, sabia onde moravam. Resoluto, faz meia volta e se dirige para a residência do amigo. Tinha a certeza de que, se ainda estivesse servindo na guarda, certamente teria acesso a todos os recantos do palácio imperial.

Hora e meia depois, estacionava o carro diante de formosa *villa* ao sopé do *Aventino* e teve sorte: *Lucius* encontrava-se ali e o recebe de braços abertos:

- Quanta honra receber-te em minha casa, nobre *Flavius!*... -exclama o rapaz, abraçando, efusivamente, o amigo a quem não via fazia já algum tempo.

2. Inferno, em latim.

-A honra é minha, meu caro *Lucius!* - exclama o recém-chegado, correspondendo ao abraço do amigo.

- Quanto tempo!... - diz *Lucius*, conduzindo o outro para o interior da casa.

- Sim, faz já quase um ano que não nos vemos!... - concorda *Flavius*. Refestelados em confortáveis *canapei*, no *peristylum*, principiam a conversar:

- Mas, dize-me a que viestes!... - pergunta *Lucius*. - Sei que não foi somente para ver-me!... Noto que estás um tanto nervoso e abatido!

- Agora vejo como o exército fez-nos bem, pois além de transformar-nos em excelentes guerreiros, aguçou-nos o espírito, tornando-nos bastante perspicazes!... - diz *Flavius*, apertando forte o braço do amigo. - Acertaste!... Encontro-me deveras atormentado pela ocorrência de gravíssimos fatos em minha vida... - e passa a narrar, minuciosamente, ao antigo companheiro de armas a tragédia ocorrida no dia anterior.

- O que me dizes é terrível, meu amigo!... - observa *Lucius*, muito entristecido. E prossegue, cheio de amargura: - Não sabes o quanto me dói servir na tropa de elite daquele doido!... E quero que saibas que faço isso às instâncias de papai, que é grande fornecedor de provisões para o exército e depende da benevolência do imperador para continuar nesse negócio que, como deves imaginar, é muito lucrativo!... Não fora isso, eu não ficaria nem mais um só dia a ter de ver as fuças daquele depravado ridículo!... Mas, fica sossegado, que tenho acesso a todas as dependências do paço imperial e, se o miserável que assassinou, covardemente, o senador *Pisanus* e te feriu, gravemente, a noiva lá se encontrar entocado, eu descobrirei! De volta para casa, *Flavius* remoía-se de ódio contra seu desafeto. Se *Lucius Nigrus* realmente o encontrasse, no paço imperial, sob a custódia de *Nero*, não lhes seria difícil idearem um plano e atraírem o miserável para uma armadilha e o fazerem pagar pelos crimes. Seria perda de tempo denunciá-lo aos magistrados, pois estes não passavam de uma súcia de bandidos, nomeados pelo próprio

imperador!... Que justiça poderia esperar daquele covil de lobos, sempre sanhudos, à espera de uma presa?... Onde é que andava o *múnus público*, que tanto engrandecera a Roma de antanho, proporcionando a Justiça e o Direito a todos os cidadãos, independentemente da classe social a que pertenciam?... Outros tempos eram aqueles... Agora, quem realmente desejasse justiça, era preciso fazê-la com as próprias mãos!

Em casa, *Flavius* lembra a situação em que se encontrava sua amada *Susanna*, e as lágrimas vêm-lhe aos olhos. Que tragédia!... Ela sequer sabia da morte do avô!... Nem tivera condição de assistir-lhe aos funerais!... Quando acordasse do coma - se é que acordaria! -, sofreria, imensamente, a perda do avô a quem tanto amava!... "Ah, *Iulius Maximus*, miserável covarde!...", pensa o rapaz, esmurrando, violentamente, a parede de seu *cubiculum*. "Tu sentirás o peso de minha mão!...", e os soluços sacodem-no, insistentemente.

Terminadas as exéquias de *Cornélius*, e após lhe haverem sepultado o corpo no magnífico jardim de sua mansão, *Caius* e *Drusilla Antónia* encarregaram-se de transportar *Susanna* - que ainda permanecia inconsciente - para a casa deles, pois, assim, teriam condição de prestar assistência intensa à pobre enferma. *Drusilla Antónia*, qual mãe desvelada, não deixava a cabeceira da juvenzinha que, apesar dos intensos cuidados que lhe dispensava o médico *Sempronius*, nenhum resultado positivo demonstrava.

Fazia já uma semana que a tragédia acontecera e *Susanna* não dava nenhuma mostra de retornar à razão. *Caius* e *Drusilla Antónia*, então, resolveram apelar aos préstimos do bom *Rufus* e, como haviam se afastado, temporariamente, das atividades que desenvolviam ao lado do missionário cristão, na assistência aos doentes e aos órfãos, surpreendidos que foram pela terrível tragédia que vitimara os amigos *Cornélius* e *Susanna*, ora retomavam contato com os amigos do templo cristão e solicitavam auxílio para a doente.

Pouco tempo depois, *Rufus* assomava à porta do luxuoso aposento onde a jovem patricia jazia quase sem vida, com as feições

totalmente desfiguradas pela inclemente pancada que lhe desferira o tresloucado primo. O missionário cristão olha, demoradamente, para a jovenzinha e, condoidamente, levanta as mãos ao alto e brada, com a voz carregada de forte emoção:

-Oh, sublime Mestre *Jesus!*... Dignai-vos a olhar para as misérias deste mundo cruel!... Vede, Senhor, o que a maldade dos homens fez a esta criança!... Derramai sobre ela a Vossa Luz!... Devolvi-lhe a saúde, restituí-lhe a razão! - e estende as mãos sobre o rosto de *Susanna* que, ao leve toque da ponta dos dedos de *Rufus*, emite leve gemido e se agita no leito.

Drusilla Antónia e *Caius* entreolham-se, maravilhados. Era a Força do Amor Crístico manifestando-se ali, em seu lar, pela segunda vez. O missionário cristão continua a estender as mãos sobre a jovem que, paulatinamente, foi readquirindo as cores habituais e, ao longo de pouquíssimos minutos, abre os olhos e os corre, muito espantada, em derredor.

- *Drusilla!*... *Caius!*... - exclama ela, já retomando a completa lucidez.

- Que faço aqui em vossa casa?... Quem são essas pessoas?...

-Oh, meu bem!...- diz *Drusilla Antonia*, abraçando-a carinhosamente.

- E uma longa história que te contarei em seguida!... - e, beijando-a, ternamente, à testa, prossegue: - Por ora, é bom que descanses um pouco mais!...

Sentindo muito sono, *Susanna* não reluta e se deixa levar pela doce tranqüilidade que dela se apodera. Em pouquíssimo tempo, ressonava em paz como se jamais houvesse sofrido a terrível agressão.

- Deixem-na dormir, por ora - observa *Rufus*, serenamente, em voz baixa. - E, quando despertar, dêem-lhe de comer. Sobre os infaustos acontecimentos, contem-lhe aos poucos. A pobrezinha já sofreu demais... -e sai depressa, sem esperar pelos agradecimentos efusivos que, certamente, adviriam.

E, enquanto *Susanna* dormia, *Caius* e *Drusilla Antonia* observavam, estarecidos, que o terrível hematoma que tomava todo o lado

direito do rosto da pobrezinha desfazia-se como por encanto, dando lugar à delicada pele que o rostinho possuía antes da agressão.

- Ainda tens alguma dúvida se foi *Júpiter Capitolinus* ou *Jesus* que me devolveu a vida, minha cara?... - pergunta *Caius*, olhando nos olhos de sua mulher, em tom de brincadeira.

- Nenhuma dúvida, meu amor!... - responde ela, tomando as mãos do marido. E, abrindo um terno sorriso, repete: - Nenhuma dúvida...

Agora, só restava darem à pobrezinha a triste notícia da tragédia que vitimarão adorado avô!... Mas, só o fariam, assim que ela estivesse mais fortalecida. Ela era jovem e, certamente, suportaria mais aquele terrível golpe que lhe dava a vida, tão precocemente. Porém, eles estariam ali, ao lado dela, cobrindo-a de carinho e de atenção. O amor não era capaz de suprir todas as deficiências?...

O dia avançava, e ambos saem, pé ante pé, felicíssimos. Na soleira da porta, voltam-se e olham para a juvenzinha que dormia tranqüilamente. Como haviam sonhado ter uma filha!... Agora tinham uma!... Que mais lhes faltaria para coroar a felicidade?

Capítulo IX

Roma em chamas

Depois que deixara a casa de *Lucius Nigrus, Flavius* sentia-se um pouco mais aliviado do terrível incêndio que lhe devastava o peito, pois, com a ajuda do amigo, vislumbra alguma possibilidade de deitar as mãos no miserável que lhe destruíra os sonhos de casar-se e de ter uma vida feliz e aprazível, ao lado da eleita de seu coração. Agora, conduzia seu carro com menos violência pelas melas dos miseráveis arrabaldes, em direção da *villa* do general *Tarquinius*.

Sabia que haviam transportado *Susanna* para lá, a fim de lhe dispensarem melhor tratamento. *Caius* e *Drusilla Antónia* eram pessoas altamente confiáveis e, doravante, seriam os pais adotivos de sua noiva. A lembrança da mulher amada, seu peito freme de emoção. Como era tocante vê-la com o rosto todo desfigurado, vítima da brutalidade daquele desgraçado !... Ah, maldito cão infernal!... Não quisera aceitar a derrota e se vingara da forma mais vil e abjeta, assassinando, covardemente, um velho indefeso e descarregando sua fúria bestial sobre uma donzela frágil como era *Susanna*!... Somente um monstro como *Iulius* para executar tais barbaridades!... "Desgraçado!...", murmura *Flavius*, entre dentes, enquanto fustiga os fogosos cavalos, estalando o chicote no ar. "Não sossegarei, enquanto não te sentir tremer, dando o último suspiro, na ponta de minha espada!..."

Ao saltar do carro, pouco tempo depois, diante da esplêndida mansão do general *Caius Petronius Tarquinius*, *Drusilla Antónia* vem recebê-lo à soleira do *vestibulum*.

- Oh, que bom que vieste, querido *Flavius*!... - diz a matrona, abraçando o rapaz e o beijando, respeitosa, à face. - Mandei que te avisassem em tua casa, mas não te encontraram!

- Não vais me dizer que *Susanninha* piorou!... - exclama o rapaz, de repente, empalidecendo.

- Oh, não, bobinho!... - diz *Drusilla Antónia*, puxando-o, cortesmente, pela mão. - Pelo contrário!... Vem tu mesmo conferir!...

Ao deparar-se com a jovem que, recostada sobre confortável *canapeum*, banhava-se, langorosamente, nos esplendorosos raios do sol que penetravam pelo *compluvium*⁴ do centro do *atrium* onde descansava, recobrando as forças, depois do terrível incidente com *Iulius*, *Flavius* mal crê no que seus olhos vêem.

-Susanna!... Meu amor!... - grita ele, correndo a abraçá-la.

⁴Abertura quadrada, feita no centro do telhado do átrio das casas romanas, pela qual se captava a água da chuva, para ser recolhida no *impluvium*. espécie de cisterna subterrânea.

-Tu?!... - exclama a juvenzinha, cheia de felicidade. - Ah, onde é que te encontravas, maroto, que não te achavam?

-Oh, *Susanna!*... - diz ele, abraçando-se a ela e a beijando, afoitamente, aos olhos, à boca, ao rosto, aos cabelos, como se fosse, de repente, devorá-la, de tanta paixão.

- Doido!... - diz ela, rindo-se, espantada com a tremenda manifestação de alegria que ele lhe demonstrava. - Desse jeito, farás comigo o que aquele peste não conseguiu!... - brinca ela.

- Oh, meu amor, meu amor!... - repete ele, olhando-a e a beijando sem cessar. - Tu estás bem!... Tu voltaste para mim!...

Caius, que para ali acorrera, ao ouvir a efusão da alegria do reencontro dos jovens, abraçara-se a *Drusilla Antónia* e, divertidamente, olhavam ambos para o casal de namorados e se riam com a manifestação de júbilo de *Flavius*.

- Cuida para não estragá-la de novo, meu rapaz!... - brinca o general, diante da veemente demonstração de amor que o jovem dedicava à sua eleita. - Nem imaginas o que nos custou pô-la de pé!

Somente após ter o fogo da saudade abrandado é que *Flavius* dá-se conta da extraordinária e rápida recuperação de *Susanna*.

- Dizei-me, general *Tarquinius* - pergunta ele, intrigando-se -, a que se deveram a rapidez e a perfeição da recuperação de *Susanninha?*...-

Ainda ontem ela se encontrava sem sentidos e com o rosto em lastimável estado, inchado e cheio das marcas da violência daquele desgraçado!... Como se explica isso?

Caius e *Drusilla Antónia* entreolham-se. Será que o rapaz teria condição de entender a grandeza daquilo?

- *Flavius*, meu filho - diz, paternalmente, o general. - Deixa *Drusilla Antónia* tomando conta de tua *Susanna* e vem comigo até a *exedra*. Lá te explicarei tudo.

Sentados em confortáveis cadeirões, na sala particular do general, a conversa prossegue:

- Sei que percebeste que a cura de *Susanna* não se deu pelos processos normais - diz *Caius*, encarando o jovem que o ouvia sério, acostumado que era a proceder assim, posto que servia ao general como ordenança e o amava e respeitava como a um pai. E, firme e objetivamente, como era de seu costume, o velho militar prossegue: - Ocorreu um fato aqui, ontem, e tu, como noivo de *Susanna*, tens o direito de saber!... -e, momentaneamente, cala-se, para recobrar-se da emoção que já principiava a embargar-lhe a voz. E, depois de respirar fundo algumas vezes, prossegue: - Pois bem, meu caro, *Jesus* curou-a!...

O rapaz olha para o general com os olhos arregalados de espanto. Com a tragédia, esquecer-se de que seu comandante tornara-se cristão e que, doravante, *Susanna*, sendo sua tutelada, estaria também sujeita àquele tipo de influência.

- Mas, general, tendes certeza de que assim ocorreu?... - pergunta o rapaz, receoso de ferir a suscetibilidade de seu superior. - Não poderia ter sido outra coisa?... A fama dos cristãos não é nada boa e...

- O que dizem sobre os cristãos é tudo mentira!... - atalha o general de forma enérgica. - Espalharam uma série de boatos infundados, com a única finalidade de injuriar e suscitar perseguições gratuitas a essa gente que só tem feito o bem!... Ora, *Flavius*!... - prossegue o general, inflamando-se.-Tu me conheces há quanto tempo?... Não tens convivido comigo, na dureza dos campos de batalha?... Ter-me-ias, acaso, à conta de mentiroso?

- Por vós, empenho minha honra e minha vida, senhor!... - diz o rapaz, baixando a cabeça, envergonhado.

- Então, se te digo que *Susanna* foi merecedora de um milagre, diretamente recebido das mãos de *Jesus*, digo-te que assim foi!... O Deus dos Cristãos curou-a!... E isso não te basta para crer?... E não me viste, também, à beira da morte, dias atrás?... Como explicas a minha recuperação tão rápida?...

- São coisas que não entendo, senhor!... - diz o rapaz, com os olhos rasos de lágrimas. - Entretanto, não gostaria de ver minha *Susanna*

ligada a essa seita!... Amo-a por demais e vos pediria que deixásseis a ela escolher!

- *Susanna* veio para esta casa porque estava muito enferma e porque seu avô, meu insigne companheiro de tanto tempo, foi covardemente assassinado por um infame tresloucado!... Entretanto, ela é livre e livre será para ficar ou se ir, se esse for o seu desejo!... Apenas, que a derradeira vontade de **Cornélius** foi - se é que tu ainda não sabes! - que sua neta ficasse sob a nossa tutela até o seu casamento!

- Oh, desculpai-me, senhor!... - diz o rapaz, altamente arrependido do que dissera.

- E outra coisa: ela ainda não sabe sobre a tragédia que vitimou o avô!... - diz o general, levantando-se. - Esperávamos contar-lhe mais tarde, assim que se fortalecesse um pouco mais; entretanto, se fazes tanta questão de levá-la contigo, terás também essa terrível incumbência!... Só que, se ela, eventualmente, piorar, não me venhas devolvê-la para que *Jesus* a conserte para ti outra vez!... Seria bom tentares *Júpiter Capitolinus*... - e arremata, saindo da *exedra*: - Esse, garanto-te que não te envergonhará diante de Roma!...

Pouco depois, o rapaz retorna para junto de *Susanna*, um tanto desenxabido. A mocinha encontrava-se a sós, ainda no *atrium*.

- Voltaste meio sem-graça do colóquio que tiveste com o general... - diz ela, notando-lhe o desencanto que lhe ia ao semblante, momentos antes, tão cheio de alegria.

- Não é nada, meu amor!... - diz ele, tomando-lhe a mãozinha e a beijando, apaixonadamente. - Apenas, que refleti mais seriamente sobre o quão te encontravas doente e como te recuperaste tão depressa!...

- Mas, isso não é motivo para ficares assim triste!... - diz ela. - Acho que existe algo mais sério por trás disso...

- Não, não há nada!... - apressa-se ele em dizer. - Garanto-te que não há nada de errado comigo!... Fica tranqüila!...

- Insisto: há algo que me intriga, meu querido! - diz ela, olhando firme nos olhos dele. - Por que me encontro aqui e não em minha casa?... E vovô, porque não vem me visitar?... Minha cabeça encontra-se ainda um pouco confusa... Lembro-me, vagamente, de como tudo aconteceu; recordo-me de *Iulius Maximus*, extremamente colérico, a gritar-me improperios e depois, segurando-me, fortemente, pelo braço, dá-me forte soco ao rosto e...

- Ora, meu amor! - atalha ele. - Não é bom ficares relembando tais coisas!... Procura descansar... - e, atraindo-a, docemente, ao peito, passa a acariciar-lhe os revoltos cabelos cor de mel. - Já sofreste tanto por causa daquele pulha...

- Estou tão confusa, meu amor... - murmura *Susanna*, quase inaudivelmente, e ele sente que grossas lágrimas brotavam dos olhos dela.

- Oh, estás chorando!... - exclama o jovem, afastando a cabeça dela do peito e a fixando no rosto. - Por que estás chorando, minha linda?...

Ela nada lhe responde. Apenas uma sucessão de soluços acomete-a, sacudindo-a, violentamente.

-Oh, *Susanna!*... *Susanninha!*... - exclama ele, abraçando-a mais fortemente. - Não há mais nada!... Tu já te encontras fora de perigo!... Como me afirmou *Drusilla Antonia*, *Sempronius* já te examinou, detalhadamente, e nada mais encontrou de anormal em ti e que pudesse trazer-te algum mal!... Tu estás curada!...

A jovem continuava sem nada responder. Preocupado, *Flavius* constatou que ela agia de modo diferente do que costumava ser antes do incidente com *Iulius*. A vivacidade e a loquacidade que lhe eram tão peculiares davam lugar a um estranho mutismo melancólico, sensível, e ganhara, às feições, um ar de resplendente bonomia e os gestos, antes nervosos e agitados, agora os trazia cheios de comedimento e de suavidade.

-*Flavius*... - diz ela baixinho. - Posso perguntar-te algo, e juras que me dirás a verdade?

- Sim, meu amor... - responde ele, cheio de ternura. - Pergunta o que quiseses...

- Vovô está morto, não está?

Ele não responde de imediato. Apenas, aperta-a, mais fortemente, ao peito, e lhe beija o alto da cabeça, repetidas vezes. Como ela reagiria à verdade?... Mas, prometera dizer-lhe a verdade e, depois de engolir em seco por diversas vezes, dá-lhe a triste notícia:

-Sim, meu amor!... Teu avô já se foi...

Susanna afasta a cabeça do peito de seu amado, para poder olhá-lo nos olhos.

-Dize-me, querido, como foi?...

Flavius titubeia. Como iria dizer-lhe que *Iulius* houvera assassinado *Cornelius*"?... Ela continuava olhando-o, com os grandes olhos marrom-amendoados, inchados pelo choro, na expectativa da resposta.

- *Iulius* matou-o... - diz *Flavius*, de uma só vez, e a abraça forte, como se quisesse absorver para si todo o ardor daquela terrível punhalada.

-Oh, não!... - exclama ela, desmanchando-se em lágrimas.-Por que ele teve de fazer isso?

Por longo tempo, *Susanna* e *Flavius* choraram abraçados. A perda de *Cornelius* para eles era insuperável. Amavam o bom velhinho, de coração, e contavam tê-lo, ainda por muito tempo, apesar da terrível doença que o carcomia, inclemente. Quando perceberam, a noite já havia caído, e *Drusilla Antonia* vinha chamá-los para a *cena*.

- Poupávamos-te sobre a morte de *Cornelius*, minha querida, para que não sofresses ainda mais!... - diz *Drusilla Antonia* a *Susanna*, enquanto a ajeitava num *canapeum* ao lado de *Flavius*, já no *triclinium*, prontos para a *cena*.

- Sim, querida - completa *Caius* -, víamos-te ainda tão debilitada e não te queríamos dar mais esse terrível golpe!

- E eu me precipitei a dar-te tal notícia!... - desculpa-se o rapaz.

- Eu já desconfiava de que algo de errado havia acontecido com vovô e, cedo ou tarde, acabaria sabendo, meu querido - diz ela, demonstrando uma tranqüilidade que impressionava a todos. - Não te mortifiques por isso!... Hoje creio, sem sombra de dúvida, que meu adorado avô encontra-se feliz, ao lado de seus parentes e amigos, do outro lado da vida!...

Drusilla Antónia e *Caius* entreolham-se, espantados com as palavras da mocinha. Já haviam notado que ela saíra diferente do terrível acidente pelo qual passara, mas surpreendia-os cada vez mais com as novas idéias que apresentava.

- General *Tarquinius* - diz ela -, sei que vos tornastes cristão, convencido pelo milagre que recebestes das mãos de *Rufus*, o homem que trouxestes aqui para curar-me também!

- Mas, como sabes que te trouxemos *Rufus*? - pergunta, espantada.

Drusilla Antónia. - Nada te dissemos sobre isso!

- Sim - concorda o general, admiradíssimo com o fato. - Pouquíssimas pessoas aproximaram-se de ti, além de mim, de *Drusilla*, de *Sempronius*, o médico que de ti cuidou, e de uma escrava que é muda!... Ninguém mais!... Impossível que soubesses tal coisa!... Além disso, passaste todo o tempo sem sentidos!

- Mas, alguém me revelou, sim, general - diz a moça, com um sorriso de satisfação aos lábios. - Alguém muito especial revelou-mo!...

- E quem te contou que foste curada pelos cristãos, se ninguém mais falou contigo, senão nós, os da casa, e proibimos os servos de tocarem no assunto? - observa *Drusilla Antónia*, estranhando o fato.

A jovem permaneceu calada por instantes, tomada de forte emoção, e depois, com lágrimas aos olhos, prosseguiu:

- Um enviado de *Jesus* contou-me!...

Drusilla Antónia e *Caius* olham-se, espantados e cheios de emoção.

- Conta-nos, minha filha - apressa-se em dizer o militar. - Consegues lembrar-te de como foi?

- Sim, general - responde ela, e prossegue com segurança: - Até então, de nada eu tivera consciência; havia apenas escuridão e o vazio, em minha alma. De repente, senti alguém me tocar, com extrema leveza, à testa, com a ponta dos dedos, e chamar pelo meu nome. Ao abrir os olhos, deparei-me com um rosto magnificamente nimbado de luz que me sorriu, bondosamente, e depois me disse: "*Susanna*, desejo que voltes, imediatamente, para a tua casa!..." Eu, então, perguntei-lhe: "Quem sois, senhor?" Ele me olhou, com um par de olhos inesquecivelmente azuis, e me respondeu: "Meu nome não importa!... Importa que *Jesus* mandou que eu te curasse!... Agora, vai e dá testemunho do poder que tem o Deus vivo!..."

Susanna cala-se, extremamente emocionada. As lágrimas descem-lhe, abundantes, dos olhos. O *rapaz*, altamente comovido pelo estado em que encontrava a amada, levanta-se a enlaça, amorosamente, aos braços.

- Oh, *Susanna*!... - exclama ele. - Tens certeza de que não sonhaste tudo isso?... Não te deixes levar por fantasias!...

- Não são fantasias, meu caro! — exclama ela, olhando-o, firme, nos olhos. - Depois que me encontrei com o enviado de *Jesus*, disse não consigo mais me esquecer!... Sua voz magnífica, seus olhos fantásticos e suas palavras seguem-me, insistentemente, desde então!

- Oh, esses malditos cristãos enfeitiçaram-te, meu amor!... -exclama o rapaz, desesperando-se.

- Não digas tal absurdo, *Flavius*!... - brada ela, arrostando-o, cheia de indignação. - Se repetires essa barbaridade, deixo-te, imediatamente!

-Far-me-ias tal despropósito?!... - diz ele, altamente melindrado pelas palavras da noiva. - Trocar-me-ias por esse Carpinteiro Judeu?!...

- Sem titubear um só instante! - diz ela, resoluta. Desesperado, o rapaz olha para *Caius* e para *Drusilla Antónia*

que se mantinham calados, apenas observando o desenrolar dos fatos. -E vós, o que dizeis sobre isso?... - pergunta ele, altamente confuso.

- Já conheces o nosso ponto de vista, meu rapaz - observa o general.

- *Susanna* é livre para escolher seu caminho...

- Olha, meu amor - diz ele, nervosamente, ajoelhando-se ao lado do *canapeum* da amada. - Ainda outro dia, disseste não acreditar nesses fanáticos cristãos e que achavas mesmo que quem havia curado o general *Tarquinius* era *Júpiter Capitolinus*, não esse... esse...

- *Jesus!*... - atalha ela, séria. - E me lembro, perfeitamente, do que eu disse. Mas, isso foi *antes, Flavius!*... *Agora*, mudei de idéia!...

- Estás mesmo enfeitçada!... - exclama o rapaz, consternado, e, meneando a cabeça, deixa-se sentar, pesadamente, em seu *canapeum*.

- Que farei para tirar essas idéias malucas da tua cabeça?

- Benditos feiticeiros, então, esses que nos devolvem a saúde, instantaneamente, e nos abrem os olhos, fazendo-nos ver o quanto caminhávamos por sendas tortuosas e cheias de escolhos!... - exclama a jovem, de forma decidida.

Flavius olha-a, ainda mais espantado. *Susanna* jamais fora dada àquele tipo de conversa.

- Oh, meu bem!... - diz ele, tentando demovê-la daquelas idéias. -

Acho que aquele maldito bateu com demasiada força à tua cabeça!...

Só pode ser essa a explicação!... Esses cristãos ignorantes não poderiam ter posto essas coisas em teu coração, assim tão depressa!... Tu ainda tens o cérebro afetado!

- Não, meu amor! - diz ela, com segurança. - Se ainda me amas,

deves acreditar em mim!... Ninguém me meteu nada à cabeça!...

Nem precisou!... *Jesus* curou-me, eu tenho certeza disso, como curou também o general *Tarquinius!*... Só tu não consegues enxergar a realidade dos fatos!...

Flavius levanta-se e se põe a caminhar pela sala. Era patente que se encontrava grandemente preocupado com a mudança que a noiva apresentava. Se teimasse em levá-la dali, certamente ela resistiria,

desejando permanecer com seus tutores e amigos. E, além do mais, o general já havia demonstrado grande contrariedade pelo fato de ele, *Flavius*, não aceitar os cristãos!... Agora, *Susanna* perdia-se também nessas esquisitices!... Se a noiva permanecesse ali, seus tutores, agora fanáticos cristãos, iriam meter-lhe mais doidices à cabeça!... Que faria?... A dúvida invadia-o, atrozmente. Precisava pensar rápido. Era bem capaz de perder *Susanna*, se persistisse num ponto de vista assim tão radical. Só havia uma solução: casar-se com ela, o mais rapidamente possível. Uma vez casados, mantê-la-ia longe, quem sabe em *Neapolis*, junto da mãe e do avô, e sua amada, então, bem depressa, esquecer-se-ia do tal Judeu Carpinteiro. Sim, essa era a melhor solução. Rapidamente, então, muda de atitude e se volta para a noiva:

- Ora, como sou estúpido, meu amor! - exclama ele, ajoelhando-se ao lado dela e, tomando-lhe a mão, beija-a, repetidas vezes. - Tu te encontras ainda tão frágil, e eu te colocando num impasse assim tão difícil, exigindo-te coisas!... Perdoa-me, meu bem!... Sou um imbecil!...

- Ficaste preocupado, meu querido!... - diz ela, sorrindo-lhe, meigamente. - Apenas isso!... Tu te preocupaste em demasia comigo!... Mas, tranqüiliza-te!... Estou bem!...

Entretanto, a ligeira mudança de comportamento que o rapaz principia a apresentar não passa despercebida de *Caius*, tão experiente era ele nas lides com as pessoas. O esperto general troca longo e significativo olhar com a sua esposa que também percebera tudo. Sabiam que o jovem, no íntimo, não aceitara nada; apenas, fingia conformar-se. Porém, *Susanna*, dada à sua inexperiência com as pessoas ou porque amasse, perdidamente, o rapaz, nada percebeu e emite sentido e fundo suspiro de alívio, quando ele a abraçou, fortemente, e a beijou repetidas e apaixonadas vezes aos lábios. Em seguida, *Flavius* despede-se e sai, prometendo vir vê-la na manhã do dia subsequente.

Alguns dias passaram-se, após os tristes acontecimentos que mudaram, radicalmente, a vida de *Susanna*. Seu noivo vinha vê-la todos os dias e, aparentemente, aceitava o fato de ela pretender tornar-se cristã, seguindo o que faziam seus tutores - *Caius* e *Drusilla Antônia* -, e ela, *Susanna*, até já havia manifestado, abertamente, o desejo de conhecer o templo onde cultuavam *Jesus*. Só não tivera ainda realizado esse desejo, porque não queriam que ela se indispusse com o noivo.

Entretanto, a mocinha era pertinaz em sua vontade e vivia insistindo com os amigos que a levassem, também, quando estes saíam para desenvolver suas atividades de assistência aos órfãos e doentes que se asilavam sob a proteção e o amparo da singela comunidade cristã que *Rufus* fundara e, incansável e amorosamente, dirigia.

Àquela tarde de final de verão, *Flavius* viera visitá-la, e *Susanna* estava só, pois seus tutores encontravam-se no templo cristão, em auxílio aos necessitados. O rapaz trazia-lhe novidades.

- Encontramos *Iulius*, minha cara!... - diz ele, com a voz tremendo de raiva. - Meu antigo companheiro de armas, *Lucius Nigrus*, e que hoje serve na guarda pretoriana, achou-o entocado no paço imperial!... E o desgraçado encontra-se sob as asas de *Nero*, exatamente, como eu supunha!...

- Oh, meu amor!... - exclama a mocinha, tomando-lhe as mãos e as beijando, fervorosamente. - Suplico-te: nada tentes contra a vida de *Iulius*!...

- Como?!... - espanta-se o rapaz. - Percebes o que me pedes?... *Iulius* assassinou, bárbara e friamente, teu avô, e tu o perdoas?!... E a ti, deixou-te em estado tão lastimável que até hoje não consigo entender como conseguiste voltar ao normal!

- Sei de tudo isso, meu adorado!... - exclama *Susanna*, com os olhos cheios de lágrimas. - Mas, imploro-te: não manches as tuas mãos

com o sangue daquele infeliz!... Apropriada vida encarrigar-se-á de dar-lhe cobro aos malefícios que ele vive fazendo aos outros!...

- *Susanna!*... - diz o rapaz, olhando-a nos olhos. - Desconheço-te, completamente!... O que me pedes é impossível!... Eu devo lavar a tua honra com sangue!... Esqueces de que esse é o costume?...

- Não, meu amor!... - diz ela, pondo-se de joelhos diante dele. - Penso diferente, agora!... Olha, é preciso perdoar aos nossos inimigos e àqueles que nos perseguem!...

- De onde tiraste tais idéias, minha cara?... - pergunta ele, olhando-a de modo estranho. - Não vais dizer-me que isso são idéias do... daquele...

- Sim, meu querido! - diz ela, segurando as mãos dele e as cobrindo de beijos e de lágrimas. - São ensinamentos de *Jesus!*...

- Ah, *Susanna!*... *Susanna!*... - exclama *Flavius*, retirando as mãos que ela tanto beijava. - Por certo, enlouqueceste!... Como posso perdoar tais afrontas?... De onde esse Judeu Carpinteiro tirou essas idéias absurdas?... Onde iremos parar, se sairmos por aí, perdando a todos que nos fazem mal?... Não percebes o absurdo dessa atitude?... Os maus e delinquentes ganharão força sobre os puros de coração e, então, adirão caos!...

- Não!... - exclama ela. - Errados estão os conceitos da vingança!... Não percebes que sangue derramado atrai mais sangue?... Quantos casos de vingança tu não conheces que não acabam nunca?... Matam-se, indefinidamente, com a desculpa de se estarem vingando, mutuamente!... Ou tu achas que, matando *Iulius Maximus*, não atrairás a ira do imperador sobre ti e sobre nossa casa?... Tu mesmo acabas de me dizer que *Iulius* esconde-se sob a proteção de *Nero!*... Sabemos que são amigos!... Queres, acaso, atrair mais desgraças sobre nós?... E isso que realmente desejas, meu amor?

Flavius cala-se. Os argumentos que ela acabava de apresentar-lhe eram fortes demais. Se atraísse *Iulius* para uma emboscada e conseguisse matar o infame, seria bem possível que *Nero* ligasse uma

coisa a outra e resolvesse desferir uma perseguição contra ele! E, depois de ponderar bastante sobre as palavras da noiva, o rapaz abraça-a, comovido, e diz:

-Acho que tens mais juízo que eu, meu amor!... Se mato *Iulius*, é bem capaz que o doido do *Nero* declare-me o assassino daquele desgraçado e então...

- Então, estarás perdido, meu amor! - atalha *Susanna*, abraçando-o forte. - Melhor é esquecermos o que passou!... A Divina Justiça encarregar-se-á de punir os crimes de *Iulius*!... E que não seja por nossas mãos, meu amor!...

- Tens razão, meu tesouro! - exclama ele. - Amo-te por demais, para perder-te assim, tão cedo!... - e lhe sela os lábios com ardente beijo.

Nesse exato momento em que ocorria o diálogo entre *Flavius* e *Susanna*, no outro lado da cidade, no paço imperial, *Nero* e *Iulius Maximus* almoçavam a sós.

- Dizeis então, Majestade, que a remodelação da cidade já se encontra delineada por vossos arquitetos? - pergunta o rapaz ao imperador que lhe acabara de confidenciar secreto plano, diante de riquíssima e variadíssima mesa de estupendos quitutes e de finíssimos pratos. Pequeno batalhão de jovens escravos e escravas seminus serviam a ambos que se achavam refestelados em confortabilíssimos *canapei*, sob amplo dossel de lona púrpura, sustentado por colunas de ébano, trabalhadas em alto-relevo, e que se armava em formoso pátio, cercado de arbustos densamente floridos, a exalarem fortes e exóticos aromas.

- Sim, querido *Iulius*!... - responde *Nero*, com os olhos faiscantes de tanta excitação. - Arrasaremos esta cidade desgraçada, pejada de edifícios horrorosos e imundos, erigidos de tijolos carcomidos pelo desfilar dos séculos, e faremos renascer outra, magnificente, a ostentar garboso brilho de mármore e de granito!... Tu verás!... E contamos com tua prestimosa ajuda para pormos abaixo esse lixo que aí está!... -e faz largo gesto de desprezo com as mãos, indicando a cidade que, mais abaixo, brilhava, à luminescência do meio do dia.

A distância, as águas do Tibre reluziam qual imensa serpente de prata que se arrastasse, coleando sobre o vale que se abria pleno, a perder-se no esfumado azul-esverdeado do horizonte distante. E, depois de fitar, longamente, a cidade, prossegue *Nero*, cheio de animação: - As legiões que se encontram sob o comando de *Severus Iustus* já estão de sobreaviso; as demais legiões encontram-se longe de Roma, e os eventuais generais que se encontrarem na cidade, não terão como se organizar!... - Tudo será feito de assalto, e não haverá tempo para qualquer tipo de reação!... Já pensamos em tudo!

- E podeis dizer-me que espécie de ação pretendeis realizar, Majestade? - pergunta o rapaz, altamente interessado.

- Oh, não!... Não por ora, meu caro!... - diz o imperador. - Sabemos que te mataremos de curiosidade, querido, mas só ficarás sabendo amanhã, pouco antes da hora aprazada!... - e se ri, satisfeitíssimo.

- Se assim desejais... - diz *Iulius*, abaixando a cabeça, fingindo resignação, mas, no fundo, sentiu mesmo foi um ódio terrível daquele homem que, às vezes, causava-lhe repugnância, pelos trejeitos afetados e pela melifluidade no falar.

- Oh, não fiques assim!... - exclama *Nero*, tomando-o pelo queixo, com a ponta dos dedos, fazendo-o levantar o rosto que baixara para tentar esconder a grande contrariedade que sentia. Fora-lhe terrível constatar que o imperador não confiava nele. E, mirando-o, firme, nos olhos, o soberano de Roma prossegue, cheio de orgulho: - Terás o privilégio de te sentares à nossa mesa, amanhã, para assistires ao estupendo espetáculo que prometemos aos nossos mais eminentes convidados, logo ao cair da tarde!... Nada perdeis por esperar, dulcíssimo *Iulius*!... - diz, elevando a taça, à guisa de brinde, e, em seguida, sorvendo dela longo trago. Depois, piscando um olho, maliciosamente, prossegue: - Prometemos-te um espetáculo que jamais viste em toda a tua vida!... Um esplendor digno de surgir apenas da excelência da mente de um príncipe como nós!... E temos a absoluta certeza de que nenhum outro que venha a reinar sobre

Roma, depois de nós, irá superar-nos em grandeza e em originalidade!...

Iulius olha-o, desconfiado. Coisa boa não deveria ser. Era amigo de **Nero**, não porque gostasse dele: era amigo do imperador de Roma, porque isso lhe trazia uma infinidade de privilégios e de vantagens. *Nero*, por sua vez, divertia-se, às pampas, com o grande desapontamento do rapaz que, embora tentasse fingir que superava aquela decepção, ao constatar que o imperador não confiava nele, mal sofrea o ardente desejo de dar-lhe o troco à altura. "Um dia, pagar-me-ás por isso, safado!...", pensa *Iulius Maximus*, olhando a furto para **Nero** que se deliciava, sugando, ruidosamente, o recheio de uma ostra.

* * * * *

O dia subsequente surgia sem as claridades marcantes do verão, que se mostrava já um pouco desbotado pelas brumas secas do outono; a temperatura tomava-se mais amena, distintamente da canícula terrível que caracterizara o verão que se ia. *Susanna Procula* despertou muitíssimo bem, àquela manhã, e lhe deu imensa vontade de sair. Sabia que se encontrava a sós, na mansão. *Caius* e *Drusilla Antônia*, como de costume, haviam saído, bem cedinho, para suas atividades junto de *Rufus*, na comunidade cristã. Ainda em seu quarto, enquanto se preparava para abluir-se, *Susanna* pensava. Quanto tempo fazia que estava confinada em casa?... Pelas suas contas, havia mais de quarenta dias que não deixava o lar. E se ri, divertida. Jamais houvera acontecido aquilo até então!... Sequer ficara um dia, sem sair, sem ir ao *Theatrum*, ou ao *Circus Maximus*, ou, simplesmente, passear pela praça do *Fórum*, de mãos dadas com *Iulius*!... Ah, *Iulius*... **A** lembrança do primo assassino fá-la entristecer-se, e discreta lágrima rola-lhe pela face. Onde estaria o tresloucado *Iulius*?... Será que sentiria remorso por ter feito aquelas coisas tão horríveis?... A voz trêmula de sua velha escrava tira-a dos tristes pensamentos:

-Lavarás também os cabelos, *domina*?

- *Sic, Filial...* - diz *Susanna*. - Pretendo sair, logo mais à tarde.

- *Quo vadis, domina ?!*...² - pergunta a criada, espantando-se. - Não acho que deveríeis sair a sós, por aí!... Ainda se fôsseis com a nobre *Drusilla Antónia*...

-Oh, sua velha tola!... - diz *Susanna*, rindo-se. - Fica tranqüila!... Não vês o quanto estou bem?... *Drusilla Antónia* e *Caius* não precisam ficar sabendo!... E já sabes, hein!... Se contares a eles que saí, mandarei que te cortem a língua!... Acho que ficarás melhor, sendo uma escrava muda!...

A velha engole em seco e se atém a pentear os delicados cachos de cabelos cor de mel de *Susanna* que, no íntimo, segurava-se para não rir da cara que fazia a escrava, extremamente amedrontada pela ameaça que lhe fizera sua jovem senhora.

Era já bem no meio da tarde, quando *Susanna*, ricamente vestida, saía em sua liteira, carregada por doze possantes escravos núbios. Agora, já poderia ostentar a fabulosa riqueza de que era dona, depois da fatídica morte do avô. Passaria pelo centro da cidade, percorreria algumas lojas, para inteirar-se das novidades e, depois, de surpresa, quando fosse bem de tardezinha, pretendia visitar o noivo em sua mansão. Aí então, jantariam juntos, e ele, certamente, conduzi-la-ia de volta para casa, quando a noite caísse.

Estranhamente, o bulício das ruas do centro de Roma não a atraíam mais da mesma forma que antes.³ Os artigos de luxo e as novidades, trazidos dos quatro cantos do mundo e exibidos, em profusão, na infinidade de lojas do centro comercial que pululava de mercadores a apregoarem suas mercadorias, em altos brados, para a multidão que passava pelas ruas, não deixaram, totalmente, de atrair a

2. Aonde vais, senhora?!...", em latim

3. Por essa época, século 1 da era cristã, por volta do ano 65, Roma, a capital do Império Romano, contava com, aproximadamente, um milhão de habitantes.

atenção de *Susanna*; entretanto, não mais se atirava às coisas materiais com a ansiedade de antes; tudo aquilo, de repente, parecia-lhe ter o significado e o valor relativo que realmente deveriam ter. Nada mais. Agora, enxergava o verdadeiro valor que tudo deveria ter na escala das coisas: para que ter tanto?... Alguns até nada tinham e, no entanto, sempre lhe pareceram mais felizes que outros que tanto possuíam!... Isso era a prova cabal da incongruência dos valores que se atribuem aos bens da vida!... Se, de fato, ter tudo fosse a condição *sine qua non* para obter-se a felicidade, por que é que havia tantos ricos infelizes?...

Mesmo sem demonstrar o irrefreável desejo de comprar tudo o que fosse novidade, *Susanna* continuou percorrendo as ruas do comércio e se entreteve em procurar algo com que pudesse presentear o seu amor: uma jóia, talvez. Sabia que ele iria gostar e se acalmar, depois da espinafração que, sem dúvida, ele lhe daria, ao vê-la aparecer ali, sozinha, sem nenhuma proteção, a não ser a dos escravos que, certamente, fugiriam tresloucados e espavoridos, deixando sua ama à própria sorte, se, de repente, algum facínora resolvesse atacar e roubar a ocupante da rica liteira. *Susanna* sabia de todas essas coisas; tinha plena consciência do quanto a cidade era perigosa, cheia de ladrões e de armadilhas de toda espécie, mas ela era assim, gostava de aventurar-se.

Depois de muito andar pelos vários joalheiros, encontra, afinal, o que buscava e o que considerou ser digno de seu adorado: um bracelete de ouro maciço, um aro grosso que lhe abarcaria os volumosos bíceps braquiais e que tinha incrustada a efígie de um urso, arreganhando furiosas fauces. "Um urso para enfeitar o meu adorado urso!...", pensa ela, ao escolher a jóia.

Deixando a loja do joalheiro e saindo para a ma, *Susanna* depara-se com inusitado corre-corre. Pessoas corriam, gritando, espavoridas e descontraídas; um inesperado bulício tomava conta das ruas centrais de Roma. *Susanna* sente medo. Havia deixado a liteira longe

dali, pelo menos a uns trezentos metros, numa das mas laterais da praça do *Fórum*. "Céus!...", diz ela baixinho, sendo, barbaramente, atropelada pela multidão em fuga desenfreada. "Que será que está acontecendo?..." Tenta parar alguém para perguntar, mas ninguém lhe dá atenção. Apenas se nota o terror estampado no rosto da turbamulta que corre, desenfreadamente, para todas as direções. *Susanna* encosta-se, então, rente à parede de uma loja e tenta proteger-se dos desesperados encontrões que recebe da turba em fuga. De repente, sente um forte cheiro de fumaça e, levantando os olhos, percebe grossos tufos de fumaça negra que tomavam, apressadamente, o céu. "Um incêndio!...", pensa, apavorada. Era preciso, então, fugir, e tentar escapar dali, a qualquer custo.

Deixando-se contaminar pelo desespero, junta-se ao populacho e se põe a correr para o fim da rua em que se encontrava. Porém, ao aproximar-se do final da rua, constata, estarrecida, que os soldados, protegidos por imensos escudos de latão, apontavam, ameaçadoramente, suas reluzentes lanças, fechando, completamente, a rua e impedindo a passagem da multidão em fuga!

Susanna sente as pernas bambearem. Estariam, irremediavelmente, perdidos?... Extremamente desesperados, uma multidão de homens, de mulheres e de crianças, amontoavam-se e, aos gritos, suplicavam aos soldados que baixassem suas lanças, liberando-lhes a passagem. A soldadesca, entretanto, mantinha-se impassível, diante das súplicas do povo. Os que, ousadamente, tentavam forçar a passagem eram fria e terrivelmente trespassados, sem piedade, pelas pontiagudas lanças. Então, *Susanna* tenta voltar para o lado oposto e o que vê, deixa-a mais estarrecida ainda: o fogo, multiplicando-se, velozmente, em infinitas línguas rubras e vorazes, já devorava, inclementemente, os telhados e os toldos que sombreavam as fachadas das lojas daquela rua, lançando ao ar negras nuvens de fumaça!

Desesperada, *Susanna* põe-se a gritar. Sua voz junta-se ao tétrico coro dos que, de forma tão terrível, estavam condenados à morte!...

Mas, por quê?... Qual o crime que haviam cometido para merecerem tal suplício?... Era o que, no íntimo, a aterrada multidão perguntava-se. *Susanna* chorava e gritava. Os olhos ardiam-lhe, enormemente, e o calor era insuportável, pois o incêndio alastrava-se, devorando o velho casario, com voracidade espetacular. Era como se, de repente, alguém tivesse arremessado aqueles pobres infelizes dentro de uma fornalha!... Quase sem forças para resistir, *Susanna* deixa-se cair de joelhos, premida pelo desespero. De repente, lembra-se de *Jesus* e ora. "Senhor!...", grita ela, em sua aflição. "Sei que estou para morrer!... Acolhei-me, Divino *Jesus*, em vossos braços amorosos!..."

Quando ia mesmo desfalecer, ouve a inconfundível voz a gritar-lhe.
- *Susanna!*... Não!...

Abre os olhos e apura os ouvidos. Parecera-lhe ouvir a voz dele! ... Como era possível?!... Mas, distinguira, perfeitamente, avozdele, no meio de tantos gritos!...

- Não, meu amor, não!... - ela o ouve, bem próximo.

Abre os olhos, antes de perder os sentidos, de vez. Sim, não se enganara!... Era ele, ***Flavius***, que a levanta, e a carrega nos braços, correndo como um doido, tirando-a daquele inferno. Ao chegar diante da barreira de lanças, os soldados baixam a guarda e o deixam passar. Alguns deles eram seus amigos de antigas batalhas...

Capítulo X

O terrível holocausto

Aquela noite caía com inominado terror para os habitantes de Roma. Dez, dos catorze bairros que compunham a Cidade dos

Césares, ardiam em chamas. As labaredas vermelhas, quais ciclópicas línguas incandescentes, elevavam-se para as alturas, iluminando o horizonte até onde a vista alcançava. A população, tomada de extremo pavor, tentava fugir, entupindo as vias que davam acesso à cidade; o rumor que aquelas criaturas desesperadas faziam era ensurdecedor - um misto de gritos, choros, improperios e alterações, deveras estarrecedor!... Homens e mulheres, desgrenhados e enlouquecidos pelo medo, gritavam e corriam, deixando para trás as crianças que, perdidas dos pais, choravam e eram violentamente pisoteadas pelos adultos em fuga; velhos e enfermos eram abandonados, relegados à terrível sorte que os aguardava - serem mortos pelo incêndio -, se, antes, não pudessem ser massacrados pelo populacho ou pelas cavalgadas dos soldados e dos mais ricos que, afoitamente, debandavam para os campos adjacentes, em busca de lugares seguros, longe daquele inferno. Jamais se vira tamanha balbúrdia em Roma!...

Do alto do Palatino, em seu palácio e em total segurança, *Nero* festejava aquele espetáculo!... Ordenara que se preparasse um extraordinário banquete e convidara os amigos mais chegados, para apresentar-lhes os projetos da nova cidade que idealizara, juntamente com seus arquitetos. Sobre imensa mesa, num grande salão do paço imperial, a maquete da nova Roma arrancou exclamações de admiração e de espanto da súcia, especialmente convidada para a ocasião.

- Eis a nova cidade!... - exclama o imperador, estourando de orgulho.

Curiosos, os convivas de ***Nero*** rodeiam a planificação do que seria a nova capital do império. Mesmo em miniaturas, as edificações que deveriam constituir a nova Roma eram fabulosas!

- Destmímos uma Roma de tijolos - uma cidade carcomida pelos séculos, suja e feia! -, e vos damos uma nova, feita em mármore rutilantes e em esplendentes granitos! - grita *Nero*, satisfeitíssimo, com o brilho de assombro que via nos olhos de seus amigos. - Assim

que terminarmos a limpeza dessa imundície, poremos nossas mãos à obra!...

- e, com acentuada expressão de repulsa ao semblante, prossegue:

- Ufa!... Encontrávamo-nos enfiado de tanta sujidade!... Já havíeis percebido o quanto Roma fedia?... Uma afronta à nossa integridade, não concordais?

- Sois deveras um gênio, Majestade!... - diz um bajulador, aproximando-se de *Nero* e, ajoelhando-se, beija-lhe a fímbria da clâmide.

- Oh, que amáveis palavras, nobre *Suetonius!*... - diz o monarca, altamente lisonjeado. E, a seguir, num rompante dos que lhe eram peculiares, abraça e beija o outro, às faces. Depois, grita, batendo palmas e chamando a atenção de todos: - Vinde ver como será nossa nova casa!... - e corre até a maquete da *Domus Áurea*,¹ o novo palácio que projetara para si.

Novas exclamações de admiração e de assombro, diante do que seria a esplendorosa construção. E, como uma criança, diante de extraordinário brinquedo, **Nero** descreve, com riqueza de detalhes, a deslumbrante edificação que pretendia erigir. Entretanto, logo se cansou daquilo. E, grandemente agitado, lembrou-se de que, lá fora, o dantesco espetáculo continuava: Roma ardia em chamas, e era preciso mostrar aquela colossal façanha a seus convidados!

- Vinde agora mesmo ao *peristylum!* - brada, extremamente eufórico, o imperador!... Nossa Graça reserva-vos mais uma surpresa! Lá embaixo, o descomunal incêndio continuava! Apenas os locais onde se situavam as luxuosas *villae* dos *patricii* - a nobreza romana - haviam sido poupados. Os demais bairros, entretanto, onde viviam os *plebeu*, o povo miserável, pereciam sob a inclemência do fogo!... As imensas quantidades de telhados, cobertos de negro e ressequido colmo, nos populosos e misérrimos arrabaldes, peçados de choupanas e de casebres feitos de tijolos crus, eram o excelente combustível a alimentar a sanha das chamas que a tudo devoravam, descontroladamente!... Quantas criaturas não perdiam o pouquíssimo que tinham, adquirido a duríssimas penas!...

1. "A Casa de Ouro", em latim. Antigamente conhecido como "A Casa da Passagem", o palácio imperial localizava-se no Monte Palatino; primeiramente, Nero remodelou-o, aumentando-lhe o tamanho, do Palatino até o Esquilino; depois, como o fogo acabou por destruir-lhe uma parte, o imperador reconstruiu-o, dando-lhe o nome de Domus Áurea - descomunal construção que, só no vestíbulo, havia uma estátua do próprio Nero, com cento e vinte pés de altura; a fachada do palácio era tão larga que possuía dois pórticos, com três filas de colunas, medindo mil passos de comprimento. O tanque, semelhante a um pequeno mar, era rodeado de edifícios, como se fosse pequena cidade. Os demais cômodos do palácio eram recobertos de ouro, incrustado de pedras preciosas e de madrepérola; os refeitórios possuíam as paredes recobertas de lâminas de marfim móveis, que possibilitavam espargir pétalas de flores, perfumes e óleos aromáticos sobre os convivas. O salão principal era circular e girava continuamente, noite e dia, de acordo com o movimento da Terra, e os banheiros recebiam a água por canalizações, diretamente do mar.

E quantos não perdiam a vida de forma tão horrível!...

Às vezes, é-nos difícil entender a que ponto desce o homem em sua insanidade!...

É o único ser, em toda a Criação, capaz de pensar, de fazer uso da razão, mas é, também, o único a promover tamanhas loucuras que a própria razão nega-se a explicar!

-Nossa Graça cantará para vós, caríssimos!... -brada Vero, esfuziante, e altamente estimulado, quase às raias da loucura, pelo gigantismo da descomunal fogueira que fizera de Roma!... E ordena, aos gritos: - Nossa lira!... Trazei-nos nossa lira, depressa!...

E, para uma platéia de sarcásticos bajuladores, *Nero Claudius Caesar*, o sétimo imperador de Roma, passou a dedilhar sua lira e a recitar um poema em louvor à deusa *Hecate*. Ironicamente, ele mesmo houvera composto aquela elegia, para que a guardiã das sombras recebesse aqueles que ele, de forma tão cruel, a ela enviava, aos milhares, naquela terrível tarde!

O vermelho da imensa fogueira reflete-se no rosto gordo, redondo e macilento do imperador, deixando-o com uma aparência quase sobrenatural. Sua voz engasgada e roufenha soa como um chiado, acompanhada pelo dedilhar de uma lira mal-executada. E ele segue,

eternamente embevecido, pela noite de horrores que sua mente satânica houvera criado...

- Preciso tirar-te daqui!... - repetia baixinho, *Flavius Antoninus*, enquanto corria, desesperado, pelas mas, carregando sua amada nos braços. - Oh, meu amor!... Coragem!... - sussurrava-lhe ao ouvido, enquanto saltava sobre a infinidade de corpos que jaziam sem vida, a meio de escombros das edificações que, com terríveis estrondos, iam desmoronando e entupindo as estreitas mas de entulho e dificultando, ainda mais, a fuga dos desesperados cidadãos romanos, pegos de surpresa por aquela terrível tragédia!

O rapaz, embora fosse forte e estivesse acostumado aos rigores dos campos de batalha, sentia a boca seca e os olhos lacrimejarem pela fumaça que, insistentemente, invadia todos os recantos. Como estavam no outono, não havia vento, o que dificultava ainda mais a dispersão da terrível fumaça que lhe queimava os lábios, a boca e a garganta. Entretanto, sabia que não poderia fraquejar. Ou ambos, ele e sua adorada *Susanna*, pereceriam carbonizados, ali, naquela fornalha infernal em que se havia transformado o centro comercial de Roma!

E, depois de muito sacrifício, foi com certo alívio, que viu surgir, à sua frente, a grande praça do *Fórum*; ali, local mais aberto, poderia descobrir alguma eventual rota de fuga, para escapar daquela pavorosa armadilha em que haviam caído! Porém, estarecido, constata que a praça não era nenhum lugar seguro!... Pelo contrário, para ali havia confluído imensa multidão que se espremia, comprimindo-se, violentamente, e pisoteando, de forma cruel, até a morte, os infelizes que não conseguissem manter-se de pé!... E ele, o que faria com sua adorada menina que ainda se mantinha sem sentidos?... Certamente, a turba, em seu desespero extremado, arrancá-la-ia de seus braços e, fatalmente, ele a perderia para sempre, no meio daquela balbúrdia infernal.

De repente, como bendita luz que surgisse a meio de terrível escuridão, vem-lhe, à lembrança, o treinamento que recebera no exér-

cito: "Em caso de incêndio, deve-se procurar água!...", lembra-se das palavras do instrutor. "O único inimigo que o fogo realmente respeita é a água!..."

Água!... Mas, onde encontrar água, ali?... "O *balnear ium!*...", lembra-se, então. Ficava perto dali. Era só descer a ladeira, que se iniciava na praça, indo em direção do Tibre. Então, ligeiro, abrindo caminho entre a população, com os possantes ombros, e aconchegando *Susanna* ao peito, como se fosse um bebê, põe-se a correr. Em pouquíssimo tempo, estava diante dos pórticos que davam acesso ao balneário público. Estranhamente, o recinto estava quase vazio, à exceção de alguns estrangeiros que, sabiamente, molhavam-se para escapar do fogo. O povo, altamente enlouquecido com a perspectiva da fuga, esqueceram-se de buscar abrigo nas inúmeras piscinas subterrâneas dos banhos públicos de Roma!

Flavius, então, mergulha-se nas águas frias e se sente refrigerar do calor escaldante das ruas. Não largara sua amada um só instante. A jovem, ao contato da água, emite fraco gemido, o que faz o rapaz animar-se e se encher de expectativa.

-*Susanna!*... *Susanna!*... -chama-a, beijando-lhe, delicadamente, as faces descoradas.

Novo gemido, e a jovem abre os olhos.

- Oh, meu amor!... - exclama o rapaz, cheio de alegria. - Tu voltaste!... *Susanna* olha em derredor, cheia de espanto, ainda meio zozna, e

sem atinar direito onde é que se encontrava. Depois de alguns instantes, pergunta baixinho:

- Que aconteceu, *Flavius!*... Não consigo me lembrar de muita coisa...

-Terrível tragédia, meu amor!... -exclamao rapaz, abraçando-se a ela.

- Roma inteira arde em terrível incêndio!...

- Ah, então foi isso!... - diz a jovem, estremecendo. - Agora me lembro!... O fogo!... Apanhou-me de surpresa!...

- Não fosse o homem que me avisou onde te encontravas, estarias morta, meu amor!... - diz ele, beijando-a às faces, ainda grandemente descoradas.

- Que homem avisou-te, meu amor?... - Não havia ninguém conhecido !... - estranha ela. - Eu estava sozinha, a comprar-te um mimo!...

- Entretanto, simpático senhor, de longas barbas e olhos penetrantemente azuis, indicou-me o caminho a seguir em teu socorro - diz o rapaz, também se intrigando com a história. - E olha que eu estava bem longe do local onde te encontravas!... Para ser mais exato, já estava em meu carro, pronto a regressar para casa, pois havia percebido estranha movimentação das legiões pelas ruas da cidade e te garanto que, em seguida, constatei, estarrecido, que, acendendo tochas, os soldados passaram a atear fogo aos edifícios e às casas, nada poupando!...

- Que horror!... - exclama a mocinha. - Mas, qual será o intuito?... Pelo que dizes, não são soldados inimigos de Roma!

- Não te esqueças jamais de que o pior inimigo de Roma mora no Palatino, minha cara!... - diz o rapaz.

-Crês, então, que...

- Sim - atalha o rapaz, baixinho. - O maldito desgraçado promoveu mais esta terrível monstruosidade!...

- Meu Deus!... - exclama *Susanna*, enchendo-se de preocupação. - E o que terá acontecido a *Caius* e a *Drusilla Antónia*!... Será que foram surpreendidos, também, pelo incêndio?

- Como saberemos, minha querida? - observa ele. - E só poderemos sair daqui, quando o fogo extinguir-se.

Dali do subterrâneo do *balnearium*, podia-se, perfeitamente, ouvir a balbúrdia que se seguia acima, pelas mas. Gritos lancinantes de desespero misfuravam-se a tropéis de cavalos, e a terríveis explosões motivadas pelo desabar das paredes das seculares construções de Roma. Mesmo protegidos pelo subterrâneo e pela abundância de água corrente que alimentava as imensas piscinas do balneário

público, o calor ali era muito grande; entretanto, suportável. E a noite caiu e avançou.

paulatinamente, os gritos e lamentações das pessoas foram diminuindo, à medida que as horas passavam. Apenas o tétrico crepitar das chamas, em sua insaciável voracidade, permanecia ainda. *Flavius* e *Susanna* continuaram abraçados e mergulhados, numa das grandes piscinas subterrâneas, e esperavam, pacientemente, que aquele inferno passasse.

Aninhada aos aconchegantes braços de seu amor, *Susanna* sentia-se protegida. Premida pelo cansaço extremo daquelas terríveis horas em que ambos lutaram para sobreviver àquele inferno, a jovem sente incontrolável sonolência apoderar-se dela. Luta, desesperadamente, para vencer o sono, mas lhe sente o abraço irresistível, não mais lhe oferece resistência e acaba por entregar-se. O rapaz, percebendo que ela adormecera, beija-lhe, suavemente, o alto da cabeça. "Dorme, meu tesouro!...", murmura baixinho. "Dorme tranqüila, que te velarei o sono!..." Parecendo ouvir-lhe as ternas palavras, *Susanna* aconchega-se mais àquele peito forte e emite fundo suspiro. Depois, sorri, e *Flavius* teve a certeza de que sua amada sonhava com ele...

Quando amanhece, ambos deixam o subterrâneo do *balnearium* e, estarecidos, constataam a triste realidade existente onde outrora vicejava a exuberante Cidade Eterna!... Por todos os lados, só a desolação!... Montes e montes de entulhos enegrecidos e fumarentos, guardando, ainda, resquícios da inclemência do fogo da véspera!

Com extremo pesar, os dois jovens observam os montes de cadáveres que se espalhavam às ruas, aos milhares - toscos pedaços de carvão! -, que muito pouco lembravam criaturas humanas!... *Susanna*, apavoradíssima pelo quadro dantesco em que se transformaram as mas, põe-se a tremer e a chorar, tomada de grande desespero.

- Tranqüiliza-te, meu bem!... - diz o rapaz, abraçando-a forte. -Vem, tentemos sair daqui!... - e a toma, docemente, pela mão.

Ele se encontrava um pouco menos chocado pela terrível tragédia, porque se acostumara às não menos horrorosas condições que se achavam nos campos de batalha. Porém, como era pessoa de boa índole e sensível, era natural que aquela terrível desolação em que se reduzira a esplêndida metrópole dos Césares, também o deixasse altamente abatido. Quanta gente havia morrido? Pelo menos, um terço da população da cidade, certamente, houvera morrido na colossal tragédia!

- Vamos, *Susanna* - diz, tomando-a pela mão -, saiamos daqui!... - Aonde me levas, *Flavius!*... - pergunta ela, com a voz trêmula, deixando-se dominar pelo medo, pois tinham que caminhar com cuidado, saltando por sobre uma infinita profusão de cadáveres, terrivelmente deformados pelo impacto da tragédia, e que se espalhavam por todos os lados.

- Vamos até à casa de *Caius e Drusilla Antónia* - diz ele. - Como a *villa* de teus tutores se localiza fora da cidade, o incêndio, certamente, não a atingiu. Apenas que teremos de caminhar até lá, pois meu carro e meus cavalos a essa hora...

- E minha liteira e meus escravos núbios? - pergunta a jovem. - Será que conseguiram fugir?

- Onde é que os deixaste?

- Bem próximo à praça do *Fórum* - diz *Susanna*.

- Certamente conseguiram safar-se a tempo - observa o rapaz. - Os africanos são fortes e estão acostumados a uma vida difícil em sua terra natal!

- Pobres coitados!... - diz *Susanna*. - Se pudesse imaginar!

- Tu não os mantiveste acorrentados, enquanto te aguardavam, não é? - pergunta o rapaz.

- Oh, não!... - responde ela. - Vovô nunca manteve nenhum escravo sob cadeias!... - Ele, simplesmente, abominava esse tipo de coisa!... Até era a favor da libertação dos escravos!

- Teu avô foi um grande homem!... - exclama o rapaz. - Quão diferente era ele desse verme que hoje se senta no trono do palácio do Palatino!...

Com extrema dificuldade e, tendo, às vezes, de carregar *Susanna* aos braços, finalmente, deixam o que antes fora o centro da cidade e passam a percorrer os bairros periféricos. Ali, a balbúrdia não fora menor. Apenas que, pelo motivo de as construções serem menores, os entraves à passagem eram também, menores, diferentemente dos bairros mais próximos ao centro onde as construções eram de tijolos queimados e possuíam até três pavimentos e que, ao desabarem, haviam, literalmente, entupido as mas e vielas, tomando a passagem impossível.

Depois de quase quatro horas de caminhada, quando o sol já havia avançado bastante no alto do céu, finalmente, ambos adentram o *vestibulum* da mansão dos amigos *Caius* e *Drusilla Antonia*. A matrona foi quem primeiro os viu, que chegavam extremamente exaustos, descalços, sujos de lama e de fuligem até os olhos e com as roupas em frangalhos.

- Oh, graças a Deus!... - exclama ela, correndo-lhes ao encontro. - *Jesus* ouviu-nos as preces!... Como estão, filhinhos meus?... - pergunta ela, agora abraçando-se a eles e os beijando efusivamente.

-Oh, *Drusilla!*... *Drusilla!*... - exclama *Susanna*, em lágrimas. -Que horror, querida mãe!...

- Deus seja louvado, minha adorada!... - brada a matrona, abraçando a mocinha. - Tremia de tanto desespero, imaginando-te morta no fogo!... Como pudeste sair sozinha?!...

- Perdoa-me, querida! - exclama *Susanna*, em lágrimas. - Não podia imaginar que tal tragédia ocorreria hoje!...

- E onde se encontra o general? - pergunta *Flavius*.

- *Caius* auxilia *Rufus* e os outros, na comunidade - responde *Drusilla Antonia*. - O fogo destruiu tudo e é preciso reconstruir, sem delongas!

- E as pessoas? - pergunta *Flavius*. - Houve muitas mortes?

- Infelizmente, muitos morreram, querido!... - exclama *Drusilla Antonia*, com os olhos mareados de lágrimas. - Eu e **Caius** encontrá-vamo-nos lá quando tudo começou e, como loucos desesperados, conseguimos conduzir os que podiam caminhar até um campo aberto próximo dali; entretanto, muitos bebês e enfermos que não podiam locomover-se foram terrivelmente tragados pelas chamas inclementes!... Não houve como salvá-los!...

- Miserável monstro!... - diz *Flavius* entre dentes. - Quem imaginaria que suas monstruosidades chegariam a esse ponto?...

- Por que dizes isso, meu filho?... - pergunta a matrona, sem entender o significado das palavras do rapaz.

- *Flavius* viu os soldados atearem fogo à cidade, cara *Drusilla*!...

- diz *Susanna*, com os olhos cheios de lágrimas. - E não fosse a intervenção miraculosa de meu amor, também eu não teria escapado, pois me encontrava bem no centro da cidade, quando tudo começou!... E os soldados de **Nero** impediam-nos de fugir, bloqueando as ruas com suas lanças em riste!...

- Que horror!... - exclama *Drusilla Antônia*, terrificada. - Então foi ele?!...

- Podes ter a absoluta certeza de que tudo partiu dele, minha cara!...

- exclama o rapaz, cheio de indignação.

- Mas, a troco de quê?!... - exclama a dama patrícia, inconformada.

- Mas, o imperador é um monstro!... Será que tem consciência de que mandou assassinar metade de Roma, de forma tão covarde?

- Se considerares que os doidos possam, eventualmente, ter consciência. .. - observa, ironicamente, o rapaz. - Entretanto, logo saberemos qual é o real motivo que se oculta por trás dessa monstruosidade!...

-Agora, entretanto, faz-se mister que vos banheis, tomeis alimento e repouseis, meus queridos!... - diz *Drusilla Antônia*. - Devemos render graças a Deus por permitir que retomassem sãos e salvos!

A seguir, os jovens abluíram-se, trocaram as vestes, tomaram substanciosos alimentos e repousaram por várias horas. Mais tarde,

quando a noite já caía, enfeitando o céu de miríades de faiscantes estrelinhas de brilhante puro, totalmente refeitos do terrível impasse sofrido, *Flavius* e *Susanna*, fortemente abraçados um ao outro, conversavam, recostados numa pilastra do *peristylum*. O jardim exalava odores variados, e uma diversificadíssima orquestra de insetos executava desafinada, mas vivaz sinfonia.

- Ainda me custa crer que consegui tirar-te daquele inferno, meu amor!... -diz ele, beijando, ternamente, as mãos dela.

_ Fizeste isso, porque és forte como um urso!... - exclama ela, beijando-lhe as faces, repetidas vezes.

-Entretanto, algo intriga-me, *Susanna!*... - diz ele, olhando-a nos olhos. - Aquele homem que me indicou o caminho até onde tu estavas!... E me disse que me chamavas!...

- Estranho isso, porque a ninguém pedi para chamar-te!... - observa ela. - Sequer imaginava que te encontravas por ali!...

- Sim - prossegue ele, altamente intrigado -, e o homem guiou-me, com perfeita segurança, até onde te achavas; entretanto, depois de ver-te, virei-me para ele, a fim de lhe solicitar ajuda para sairmos dali, mas o sujeito, simplesmente, havia desaparecido!...

- Como era esse homem? - pergunta *Susanna*.

- De meia idade, alto, com longas barbas... Porém, o que me chamou a atenção nele foram os olhos!... Profundos olhos azuis, tão brilhantes como o céu!...

Susanna Procula riu-se. Já conhecia aquele homem...

- Se te disser algo, não te zangarás comigo?... - pergunta ela, olhando-o, firme, nos olhos.

- E por que haveria de zangar-me contigo?... - diz ele, estranhando-lhe a pergunta.

- Eu, na realidade, já conhecia esse homem!... Foi ele que, a mando de *Jesus*, salvou-me da morte!...

Flavius Antoninus nada responde. Limita-se a olhá-la, sério, nos olhos. Agora, já tinha algumas dúvidas a roerem-lhe o cérebro, acerca daquelas estranhas coisas que vinham acontecendo por ali. E

se *Susanna* e os outros tivessem razão?... Coisas realmente estranhas estavam acontecendo a eles, ultimamente... Coisas que começavam a fazê-lo pensar, seriamente, sobre a veracidade dos fatos. Tinha de investigar tudo aquilo e investigar minuciosamente...

* * * * *

Rodeado de bajuladores, *Nero* encontrava-se inconsolável àquela manhã. Já houvera gritado, feito uma série de escândalos, esmurrando, violentamente e até cansar-se, as faces de um escravo, quebrando-lhe o nariz e, ainda, apunhalara, ferozmente, um outro que lhe houvera respingado vinho à clâmide de imaculado linho branco. Decididamente, o ácido mau humor que o acometia tinha um motivo. E era um motivo bem sério!

-Calhordas!... Malditos miseráveis!... - gritao imperador, possesso e espumando de raiva.

-Dizeis, então, Majestade, que vos culpam pela tragédia?!... ~ exclama um bajulador, fingindo alta indignação.

-Sim!... Sim!... Querido *Crispinus* - exclama *Nero*, desman-chando-se em lágrimas. - O senado inteiro acusa-nos de termos planejado tudo!... E conspiram!...

- E nada fareis contra tal calúnia, Majestade?... - observa um outro conviva de *Nero*.

- Que faremos, *Rufinus!*... - brada o imperador. - Acaso devemos ordenar aos pretorianos que invadam o senado e passem aquela súcia de bandidos todos, a fio de espada?...

- Não achamos que devais chegar a tanto, Majestade!... - exclama um dos bajuladores. - Não vos deveis esquecer de que o senado ainda representa o povo!... Se acabardes com os senadores, certamente tereis todo o povo contra vós!... E, infelizmente, já se espalham boatos de que tudo partiu, realmente, de vós...

- São eles, os senadores!... - grita, estentóreo, *Nero*. - Os canalhas que espalham essas mentiras!... Querem a minha cabeça, porque lhes cortamos o quinto sobre todo o comércio do azeite e do vinho!... Mas, não perdem por esperar!... Matá-los-emos, um a um!...

-Majestade!... - diz *Iulius Maximus* que, até então, mantivera-se calado, apenas observando o desenrolar dos fatos. - Acho que tenho uma solução para esse impasse que vos atormenta!

-Oh, dissei, então!... Dissei logo, nobilíssimo *Iulius Maximus!*... - exclama o imperador, correndo até onde o jovem patrício se sentava e, tomando-o nos braços, beija-o, efusivamente, às faces.

- Os cristãos, Majestade!... - diz o rapaz, piscando um olho para o imperador. - Esquecei-vos, acaso, de que foram os execrandos cristãos que atearam fogo à nossa amada cidade, provocando tão terrível desgraça?

- Oh, que cabeça, a nossa!... - exclama o imperador, dando um fundo suspiro de alívio. - Esquecíamos-nos, totalmente, de que sabíamos, antemão, que os demônios cristãos planejavam destruir-nos a todos!.- Oh, é por isso que vos amamos tanto, nobilíssimo *Iulius Maximus!*... - exclama o imperador, abraçando e beijando o rapaz, repetidas vezes, às faces. E prossegue, em altos brados: - Escribas, anota!..."Nossa Graça, *Nero Claudius Caesar*, fazemos decretar, a partir da presente data, proscrito o Cristianismo, em todo o Império, e todos os cidadãos que se declararem, publicamente, sectários dessa seita serão passíveis de encarceramento, julgamento e condenação à morte!..."

Iulius Maximus remexe-se em sua cadeira. Inchava-se de satisfação. Um sorriso malévolo brota-lhe, então, nos lábios. Pronto!... Sua vingança iria, finalmente, consumir-se por completo!... Os malditos não perderiam por esperar!...

- E vós, nobilíssimo *Iulius Maximus* - prossegue o imperador, solenemente -, tereis, doravante, por acréscimo de vossa renda pessoal, novecentos milhões de sestércios, anualmente pagos pelo governo, como tributo a vossa genial participação como conselheiro permanente do Império!... Agora, ao *convivium!*...

E o grupo de bajuladores segue o imperador até um dos inúmeros salões de festa do palácio, pois o fantástico banquete, que alija os aguardava, prometia durar vários dias...

O decreto do imperador *Nero* caiu como uma bomba sobre as comunidades cristãs, não só nas igrejas da capital, Roma, mas também em todas as das províncias, onde a Águia Conquistadora mantinha cravadas as suas possantes garras!... Fazia, já, sessenta e cinco anos, desde a morte de *Jesus*, e a nascente doutrina angariava prosélitos em todos os cantos do mundo, com sua sublime e renovadora Mensagem de Fé e de Esperança!... E ali, em Roma, por ser a capital do mundo da época, e para onde confluíam pessoas de todas as partes, o Cristianismo firmava-se, uma vez que as perseguições, iniciadas pelo imperador *Claudius*,² algumas décadas antes, foram motivadas apenas pelo preconceito contra certa casta de judeus, tidos como fanáticos seguidores de uma seita perigosa que disseminava "superstições maléficas", por todo o Império. Os romanos haviam promovido, a princípio, cruel perseguição aos seguidores de Cristo, com o intuito de promoverem uma "limpeza étnica", como costumavam fazer, para impedirem que grupos afins se juntassem e, eventualmente, revoltando-se, colocassem em risco a segurança do Império. Havia leis rigorosíssimas que impediam qualquer tipo de agremiações, associações ou de reuniões de indivíduos pertencentes ao mesmo grupo trabalhista ou racial, como os sapateiros, os padeiros, os aguadeiros, os gauleses ou os judeus... Se teimassem em se juntar, para promoverem qualquer tipo de manifestação ou de reivindicação, eram imediatamente sufocados, e a punição era severa: nada menos que a crucificação!... Entretanto, o próprio imperador *Claudius* declarara, publicamente, não ver, pessoalmente, nenhum risco na nova seita e ordenara a suspensão da perseguição e da matança dos cristãos. Fora assim que as comunidades cristãs, livres da ameaça que as rondava, floresciam e se multiplicavam, até aquela fatídica data em que, novamente, para livrar-se das acusações que lhe faziam o senado e o povo, **Nero** resolvera culpar os cristãos da infâmia que cometera, ao incendiar

Roma e, conseqüentemente, assassinando milhares de patrícios seus, de forma tão brutal!

A notícia espalhou-se como rastilho de pólvora!... Imediatamente, ordens de prisão foram dadas, e recompensas para denúncias e delações de comunidades cristãs foram fixadas.

No singelo grupo de cristãos a que *Drusilla Antônia* e *Caius* pertenciam, o trabalho de reconstrução do templo, da enfermaria e do

2. Tiberius Claudius Caesar Augustus Drusus Germanicus (10 a.C - 54 d.C), imperador de Roma e antecessor de Nero.

berçário recomeçara de forma lenta e dificultosa. Não fora a ajuda material que o general e a esposa dispensavam, dificilmente conseguiriam voltar às atividades normais, em não menos de um ano de lutas e de sacrifícios inomináveis!... Entretanto, sob a diligente e firme orientação de *Rufus*, aliada à expressiva contribuição pecuniária que o casal de patrícios, amorosamente, colocava à disposição da comunidade, as antigas atividades de culto e orações e de assistência aos necessitados - agora mais miseráveis e mais numerosos que antes! - recomeçava. Apenas que, mais um casal passava a freqüentar, assiduamente, aquela comunidade: *Flavius* e *Susanna* que, completamente refeita dos dois terríveis incidentes pelos quais recentemente passara, resolvera, de vez, declarar-se cristã e se juntara aos seus tutores, devotando-se a estudar e a praticar os ensinamentos de *Jesus*

. Já o rapaz, seu noivo, seguia-a, porque gostava muitíssimo dela e queria vê-la feliz. Não que duvidasse ou que ainda não aceitasse as verdades cristãs, que surgiam como verdadeiro refrigério, trazendo luz e esperança para uma época em que as criaturas - invariavelmente, tanto os pobres quanto os ricos - viviam mergulhadas num mar de dissolução e de libertinagem!... Uma interminável avalanche de corrupção, nos poderes constituídos,

sangrava, descaradamente, o erário público; a cínica inversão dos valores sociais favorecia o apadrinhamento e o nepotismo; o banditismo alastrava-se de forma incontável, gerado pelo descaso das autoridades quanto à miséria extrema que grassava por todos os lados e cercava uma minoria de patrícios parasitas, escandalosamente ricos e esbanjadores, e que humilhava, constantemente, a indecente pobreza que a rodeava qual imensa e terrível coroa de espinhos, amontoada em bairros misérrimos e desprovida de tudo!... O mundo de então estava cansado de tanta injustiça!... E a inefável mensagem do Evangelho de *Jesus* vinha, exatamente, ao encontro dos que andavam aflitos e sobrecarregados, em busca de alívio!...³ Muitos já se cansavam de serem enganados pela astúcia dos espertalhões que governavam as riquezas que deveriam pertencer a todos!... "*Panem et circenses*"⁴ era a ordem dada pelos poderosos para acalmarem os ânimos da turbamulta que, perigosamente e em número infinitamente maior que eles, rodeava-lhes as miríficas mansões e as *villae* luxuosas! Quando percebiam que as multidões não iriam mais suportar, e que estourariam qual manada incontável, e que eles, os rapiñadores do dinheiro público, seriam os primeiros a pagarem o preço pela miséria a elas imputada, pousavam, então, de magnânimos, e se punham a distribuir alimentos e a promover exuberantes espetáculos públicos, engambelando, assim, indefinidamente, a fé das massas ignoras!... Era a doação das migalhas que lhes sobejavam das mesas fartas!

Jesus viera no tempo certo. Sua Mensagem trazia paz aos corações esbraseados pela revolta; promovia esperança aos desesperançados e consolo aos aflitos!... E ia mais além: ousadamente, recomendava, ainda, o perdão às ofensas⁵ e o amor aos inimigos!⁶... Tais ensina-

⁵ Evangelho de S Mateus, 5. 44

⁶ Evangelho de S Lucas, 6. 35

mentos eram, de fato, grande inovação, num mundo totalmente materializado e onde a lei de talião vigia com plena intensidade!

O jovem *Flavius Antoninus*, embora fosse de família patricia e, conseqüentemente, nunca houvesse tido problemas com dinheiro, sempre sentira um vazio dentro de si, em questão de fé. Fora educado pelo avô, na religião tradicional de sua pátria, devotando-se ao culto dos deuses do Panteão, entretanto sentia que algo lhe faltava. Acompanhando *Susanna* aos cultos no templo cristão, passara a ouvir, com atenção, as pregações de *Rufus* e encontrara nelas lógica irrefutável, infinitamente maior que aquela pertinente

3. Evangelho de S. Mateus, 11.28

4- "Pão e circo", em latim.

ao frio e exterior culto devotado às divindades que tanto orgulho traziam ao povo romano. Luxo e ostentação eram as únicas manifestações que realmente se encontravam nos muitos templos espalhados por toda a Roma. *Flavius* não conseguira encontrar explicação plausível para o estranho fato que lhe ocorrera no dia do fatídico incêndio, mas, ali, no templo cristão, embora o ambiente fosse de humildade ímpar, sentia-se bem. Solicitara a *Rufus* explicação para o estranho fenômeno, entretanto o pregador cristão limitara-se a responder-lhe: "*Jesus* dar-te-á a resposta. Não te aflijas!"

Naquela tarde, todos se encontravam reunidos, trabalhando, arduamente, na reconstrução das edificações destruídas pelo incêndio, quando um dos membros da fraternidade aproxima-se, esbaforido, quase a estourar-se pelo esforço que fizera, ao vir correndo do que fora, outrora, a praça do *Fórum*.

- Irmãos!... Acorrei, depressa!... - exclama ele, esforçando-se para respirar. - Tenho péssimas notícias a dar-vos!

- Dizei, irmão *Silvinus*!.. - exclama *Rufus*, aproximando-se, juntamente com os demais irmãos da fraternidade. - De que se trata?

- Estava na praça do *Fórum*, quando ouvi os pregoeiros imperiais anunciando por todos os lados!... - exclama o homem, com a voz entrecortada pela apnéia do esforço. - E também pregavam cartazes nas ruínas das paredes, dizendo o mesmo!... Irmãos, o imperador decretou nova perseguição aos cristãos!... Culpa-nos pelo incêndio da cidade!...

-Oh, amantíssimo *Jesus!*... - exclama *Rufus*, caindo de joelhos. E, extremamente emocionado, levanta os braços aos céus e, com voz súplice, continua: - Senhor nosso, sabemos que se avizinha a hora de Vos darmos o nosso testemunho!... Fortalecei a nossa fé e não nos deixeis fraquejar, nestas horas difíceis que se aproximam!...

Os demais, premidos pela emoção do pregador, também se deixam cair de joelhos e, dando-se as mãos, seguem-lhe as palavras, altamente comovidos.

Caius e *Drusilla Antónia* entreolham-se, preocupados; *Flavius* e *Susanna* abraçam-se fortemente. Será que até eles pagariam pelo preço de serem cristãos?... *Caius Petronius Tarquinius* tinha a certeza de que, se delatados, não seriam poupados; conhecia de sobra o monstro que assinara aquele decreto, culpando os inocentes cristãos. *Nero*, espertamente, eximia-se, assim, de tão nefasto crime que ele mesmo houvera cometido...

Capítulo XI

O início das dores

Apesar da encarniçada perseguição que *Nero* promovera aos cristãos, *Caius*, *Drusilla Antónia*, *Susanna* e *Flavius* não deixaram de

participar das reuniões que *Rufus* promovia, para pregação do Evangelho de *Jesus* e a realização de curas fantásticas, que deixavam todos extasiados, diante da ostensiva manifestação do Poder Maior que se fazia, sem cessar, conforme as orientações que dera o Mestre Nazareno a seus fiéis seguidores: "*Restituía saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios...*" Enquanto *Nero* perseguia, encarcerava, torturava e matava, *Jesus* curava...

Alguns dos apóstolos de *Jesus*, que ainda se encontravam vivos à época, solidarizavam-se com a dor de seus companheiros perseguidos e, amiúde, enviavam cartas ao grande número de igrejas já existentes, com o intuito de reforçar-lhes a fé!... Passando

I. Evangelho de S. Mateus, 10.8

por Roma, nessa terrível época, Paulo, o insigne Apóstolo dos Gentios, visitara todos os núcleos cristãos, um a um, sem exceção, e, com sua grande sabedoria, aliada às inflamadas pregações que lhe inspiravam o próprio Cristo, trouxera-lhes oportuníssimas orientações, sendo ele mesmo, Paulo, o exemplo verdadeiro e sustentáculo vivo da fé, diante da extrema provação e testemunho que aguardavam os prosélitos do Cristianismo nascente!... E, foi sob a orientação do próprio *Jesus*, que as reuniões passaram a realizar-se, às escondidas, principalmente, ao longo dos intermináveis e abafados túneis, nas temidas catacumbas - tétricas escavações, nos subterrâneos de Roma, onde se sepultavam os mortos!...

Por algum tempo, aqueles seriam lugares relativamente seguros para a realização dos cultos cristãos, uma vez que a maioria dos cidadãos comuns - cheios de superstição, em relação às coisas da morte - procuravam evitar essas localidades, mormente à noite.

Entretanto, muitos já haviam sido presos por professarem a seita proscrita; as prisões encontravam-se abarrotadas e, uma semana apenas, após a promulgação do decreto de *Nero*, numa tarde de

final de outono, o *Circus Maximus* encontrava-se superlotado de ululantes expectadores. Extraordinário espetáculo anunciava-se: o imperador havia condenado algumas centenas de cristãos à morte! *Caius, Drusilla Antónia, Susanna* e *Flavius* encontravam-se entre os expectadores da terrível carnificina que aconteceria naquela tarde. Nervosos e preocupados, sabiam que o testemunho dos primeiros condenados ao suplício máximo, naquela segunda tentativa de exterminar o Cristianismo, não seria nada fácil!... Aproximadamente cem pessoas encontravam-se, já, colocadas na grande arena. Ajoelhados e em silenciosa e ardorosa prece, homens, mulheres, velhos e crianças angariavam forças para suportarem o terrível fim que os aguardava!... E os haviam deixado ali, demoradamente, de propósito, para escárnio da multidão que, entre divertida e enfurecida, gritava-lhes insultos e impropérios terríveis, convencidos serem eles, os cristãos, os responsáveis pelo nefando incêndio que lhes destruíra as casas e lhes matara parentes e amigos!...

Ansiosa, a turba aguardava por vingança!... Apenas o camarote imperial encontrava-se vazio!... *Nero* demorava-se de propósito. Aconselhado pelos fiéis bajuladores a deixar o povo inflar-se ao extremo e se faltar de execrar os pretensos culpados, a ele, **Nero**, caberia, depois, receber os aplausos e as ovações pelo extraordinário espetáculo!... Que excelente saída encontrara para safar-se das acusações de incendiário de Roma!... E, ainda por cima, passava-se por herói nacional!...

Por fim, as trompas soam fortes, anunciando a chegada do imperador. A multidão cala-se e, como se conduzida por invisível regente, volta-se em unísono para o camarote imperial. A figura redonda de *Nero* surge, extravasando orgulho e satisfação; vinha acompanhado da imperatriz *Popeia Sabina* e de mais meia dúzia de seus mais fiéis bajuladores.

- Vede!... - exclama *Susanna*. - *Iulius Maximus* acompanha o séquito imperial!

- Verme infame!... - murmura *Flavius Antoninus*, entre dentes.

- Encontra-se escondido sob a proteção de *Nero*!... - exclama *Caius*.

Lá no alto, *Nero* continuava acenando para a multidão que explodira em aplausos e ovações, assim que ele chegara. Depois de haurir, inchado de orgulho, as homenagens que lhe prestava o povo, *Nero* recosta-se num rico *canapeum* ao lado da imperatriz e, com um significativo gesto de cabeça, ordena ao mestre-de-cerimônias que se iniciassem os espetáculos. E, então, como se fortíssimos trovões ribombassem, estrondeiam as trompas e rufam os tambores. A multidão delira, apupando, furiosamente, os condenados que, de joelhos e tomados de ardorosa e inexplicável coragem, põem-se a cantar um hino a *Jesus*. Os portões gradeados que guardavam as jaulas das feras são abertos, e os animais, enfurecidos pelo ruído ensurdecedor e premidos pelo jejum forçado de vários dias, atiram-se, inclementes, sobre aquelas pobres criaturas, despedaçando-as, bestialmente, e lhes devorando as carnes ainda trêmulas, de forma terrificante!... Que espetáculo danresco aquele!... A que ponto pode chegar o homem, quando mal direcionado no curso de sua vida e quando desconhece, ainda, o real significado de sua existência sobre o mundo!... Quanto mal a ignorância pode fazer às criaturas!... E, com que famigerado prazer, as pessoas ainda se locupletam com as bestialidades e com os vícios!... E por isso que a iluminação do Espírito é tão custosa!... Alicerça-se sobre as experiências, sobre os erros e os acertos!... Assim age a Divina Pedagogia que, a duras e cruéis penas, promovidas pela presença constante da dor, vai aparando as praganas do ser; vai, incansavelmente, burilando, limando a alma, através do interminável tempo, na seqüência das reencarnações que se sucedem até que, lá no termo de sua jornada, o Espírito, finalmente despojado de toda a animalidade, apresenta-se realmente humanizado, sábio e rutilante de Luz!...

- Vamos-nos daqui!... - exclama *Drusilla Antonia*, em pranto e altamente chocada. - Não suporto mais ver tanta monstruosidade!

- Sim, vamos-nos!... - concorda *Susanna*. -É terrível demais tudo isso!...

Levantam-se e saem os quatro. Lá embaixo, na arena, a carnificina continuava. Nova leva de condenados haviam sido atados a postes e, tendo os corpos untados com betume, atearam-se-lhes fogo e, agora, ardiam como tochas vivas, iluminando a noite que caía!... Entretanto, não se ouviam deles nenhum gemido, nenhum xingamento ou imprecação; ninguém fugira à morte horrenda; nenhum dos condenados acovardara-se ou suplicara misericórdia ou apostatara, quando, num ato de pretensa magnanimidade do imperador, propuseram-lhes a oportunidade de abjurarem a crença que professavam!... Em vez disso, todos os condenados, unanimemente, apresentavam serenidade ímpar e cantavam hinos, cheios de júbilo, fato que os algozes não conseguiam entender!... E que seus olhos não podiam ver do outro lado, no mundo dos Espíritos, onde magnificente espetáculo de esplendorosas luzes acontecia, em honra daqueles mártires: *Jesus*, em pessoa, estava ali, acompanhado de toda a Sua magnificente corte celestial, recebendo os Seus amigos supliciados e os acolhendo, amorosamente, um a um, em Seus amantíssimos braços!

- Essa sucessão de horrores prolongar-se-á noite adentro!... - exclama *Caius*. - O demônio não se cansará tão facilmente!... Isso é apenas o começo!... Temo que nossa vez ainda chegará!...

- Oh, meu querido!... - diz *Drusilla Antonia*, abraçando-se ao esposo.

- Não sei se terei força suficiente para dar tamanho testemunho!...

- Quando chegar a tua vez, *Jesus* dá-la-á a ti, minha cara!... - diz o general, beijando a esposa, ternamente, à face. - Tem fé!... Notaste que ninguém abjurou?... Não te estranhou esse fato?... Pois eu sei: é o poder da fé, a certeza de que o Divino Mestre a ninguém abandonará! ... Ele não nos prometeu que quem permanecesse fiel até o fim seria salvo?... Aí tens a constatação!

Durou, porém, pouco tempo, a segurança das catacumbas para os cristãos!... Delatados, foram também lá perseguidos e presos pelos

soldados que passaram a fazer incursões noturnas por aqueles tétricos lugares e, uma vez surpreendidos em reunião, os seguidores do Mestre Nazareno eram, impiedosamente, presos e condenados à morte por suplício. Os mais abastados, quando aprisionados, conseguiam, às vezes, subornar os comandantes das milícias e eram, dessa forma, libertados; para os mais humildes, entretanto, não existia nenhum apelo. Restava-lhes a terrífica morte na arena do *Circus Maximus* ou a horrenda crucificação!... Os caminhos que conduziam a Roma estavam ladeados de cruces, por quilômetros incontáveis, tamanho era o número dos sentenciados!... A morte por crucificação era terrível e extremamente dolorosa, promovendo ao condenado uma agonia que durava várias horas e, até mesmo, dias de sofrimento inominável e de dores excruciantes, além da sede inclemente!... Os supliciados não podiam receber qualquer espécie de ajuda dos parentes, dos amigos ou dos transeuntes, sob pena de serem eles, os auxiliares, também presos e condenados à mesma pena!

Porém, mesmo sob severa perseguição, o número dos seguidores de *Jesus* aumentava. O núcleo de *Rufus* abandonara o singelo templo, que fora violentamente destruído por populares enfurecidos, envenenados pela calúnia que sobre os cristãos o imperador *Nero* lançara, culpando-os pelo nefasto incêndio que destruíra a quase totalidade da cidade. Mas, não haviam desistido. Agora, e sempre sobre a amorosa proteção de *Rufus*, que outrora fora seguidor de *Pedro*, o apóstolo de *Jesus*, o grupo reunia-se em lugares variados, mormente nas casas dos prosélitos, evitando, assim, serem surpreendidos pela milícia que, incansavelmente, caçava os que professavam a seita proscrita. A fé de *Drusilla Antónia* e de *Caius* crescia mais e mais, à medida que o tempo passava, pois testemunhavam, diuturnamente, a ostensiva manifestação do poder de *Jesus*, por meio de seus incansáveis missionários. Quanto mais o furor de *Nero* abatia-se sobre os perseguidos cristãos, mais *Jesus* se mostrava, através de extraordinários milagres de curas até então

inconcebíveis àquelas mentes embotadas e endurecidas pela crua descrença que lhes propiciara o materialismo e a degradação d moral e dos costumes que as tinha dominado até a vinda do Mestre Nazareno!... Nunca, antes, houvera acontecido tais coisas sobre a Terra!... É que o mundo andava tão atolado na lama da imoralidade e da viciação que muita luz houve de ser derramada para fazer frente a tanta miséria moral!... E somente sob a responsabilidade de um Ser do porte de *Jesus* é que se encontrava o poder para resgatar as criaturas do infame abismo em que se haviam arrojado!...

Susanna e *Flavius*, passado o medo inicial da perseguição, pois o homem acaba acostumando-se até as situações mais terríveis, reso veram casar-se. E levaram a público seu desejo de unirem-se em matrimônio, despachando mensageiros a convidarem grande parte do patriciado para a festa de casamento que aconteceria na *villa* de *Caius* e *Drusilla Antônia*.

-Ela vai casar-se com aquele maldito, Majestade!... - exclama, furioso, *Iulius Maximus* a *Nero* que acabava de receber um convite e o vinha mostrar, agitadíssimo, ao rapaz, que agora se tornara seu companheiro favorito.

- Infelizmente, vai. caríssimo!... - diz o imperador, divertindo-se às pampas, com a exasperação do outro. - E nós iremos à festa!

- Vós ireis, Majestade!... - exclama o rapaz, furibundo. - Eu não suportaria vê-la nos braços daquele miserável!...

- Oh, caro *Iulius*!... - diz o imperador, pegando-o pelo braço. Não nos agrada ver-te assim desesperado!... Deixa por nossa conta!... Que se casem!... Há inúmeras maneiras de se acabar com um casamento!... Toma o nosso exemplo!... Viste como nos livramos, facilmente, de Otav/a?... Nós não a amávamos!... Apaixonamo-nos por *Popéia Sabina*, embora fosse casada!... Que fizemos, então?... Tornamo-la viúva!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Mas não posso matar o marido de *Susanna*!... - exclama o rapaz, altamente contrariado.

Que te impede de matá-lo? - pergunta **Nero**, enlaçando-o pelo scoço.
- Acaso tens medo dele?... É mais forte do que tu?... ^ L Não, Majestade - responde *Iulius*, agastando-se com as palavras do imperador-, não temo aquele miserável!... Apenas que, se o mato, *Susanna* não me quererá, nem banhado em ouro!... Conheço-a de sobra!

-Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... - explode Atero numa gargalhada.-Estás deveras apaixonado, prestimosíssimo amigo!... E um homem apaixonado torna-se frágil, não consegue pensar direito!... Mas, deixa, que pensaremos por ti!... Sobre tais coisas, temos bastante experiência!... - diz o monarca de Roma, piscando, marotamente, um olho. - Repetimos-te: há mais de uma maneira de se acabar com um casamento!...

- Como faremos, Majestade? - pergunta o rapaz, altamente interessado nos planos de *Nero*.

- Se temes que ela te rejeite, caso venhas a matar-lhe o noivo, façamos com que briguem!... - diz o imperador a *Iulius*. - Deixemos até que se casem, pois será ainda melhor!... Virá, então, o divórcio e, como sabes, as separações litigiosas costumam suscitar mais brigas ainda e, então, não correrás o risco de vê-los reatarem o relacionamento!... Os divórcios costumam gerar ódios eternos!...

- Esplêndido, Majestade!... - concorda o rapaz, com intenso brilho nos olhos. - Mas, como os faremos brigar?... De antemão, advirto-vos de que são apaixonadíssimos um pelo outro!

- Isso veremos, caríssimo *Iulius*!... - diz *Nero*, cheio de si. - Não há paixão que resista ao ciúme!... Vamos espicaçar o ciúme do marido!... É só introduzirmos a desconfiança no coração do esposo de tua eleita, e o resto surgirá por si só!... Não existe um só homem apaixonado que não se consuma de ciúme pela mulher amada!... Queres apostar conosco?

- Ainda não entendi bem como fareis para separar a ambos - observa, intrigado, *Iulius*.

- Simplíssimo, caríssimo *Iulius!* - exclama o imperador, altamente excitado com a trama que urdia. - Nós fomos convidados para o casamento, não fomos?... Pois bem, como retribuição, enviaremos espetacular presente à noiva!... Mandar-lhe-emos rica cesta, recheada de formosas pérolas e sabes quem será o portador de tal presente?... O mais belo e o mais viril de nossos escravos pessoais!... E com as nossas especiais recomendações de que o mensageiro também faz parte de nosso presente à noiva!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

-Esplêndido!... – exclama *Iulius*, felicíssimo. - Quero ver se declinarão um presente pessoal do imperador de Roma!...

- Ah, se ousarem fazer-nos tal afronta!... -observa **Nero**, divertido. - Agora, vem e nos ajuda a escolher o rapaz mais propício!... Há de ser o mais formoso de todos!... Que dizes dos gregos?... Os escravos gregos são os mais especiais, não concordas?... Haverá gente mais bonita que os helénicos?... E convém instruí-lo a que se insinue à sua nova dona, ou nosso plano não vingará!

- Sim - concorda *Iulius* -, deverá ser um escravo que, além de belo e viril, seja também inteligente, senão o nosso propósito de provocar ciúme àquele miserável fracassará!

* * * * *

Susanna olha, altamente desolada, para a esplêndida cesta que recebia das mãos de tão formoso e garboso jovem amorenado que a olhava, fixamente, com um par de olhos negros e profundos. Qualquer mulher encantar-se-ia com a profusão de magníficas pérolas que lhe enviava o imperador, como presente de casamento!... Mas, não ela!... Ainda mais que o presente não se resumia tão somente às pérolas: vinha acompanhado de um outro, deveras inoportuno!... Um escravo pessoal!... E que estonteante beleza tinha aquele rapaz seminu, de pele moreno-acobreada que, postado de joelhos, ali diante dela, parecia querer, ousadamente, devorá-la, com aqueles imensos e profundos olhos negros como azeviche!...

_ Como é o teu nome? - pergunta *Susanna* ao jovem escravo que teria dois ou três anos mais que ela, apenas.

_ *Heracles, domina!*...- responde o rapaz, abrindo um sorriso que lhe deixou aparecer os dentes grandes, brancos, bem feitos, enquanto fixava, penetrantemente, sua nova e belíssima dona, com os olhos peçados de lascívia.

- Tu não és romano - diz *Susanna*, observando que ele articulava as palavras com ligeira aspereza.

- Não, *domina* - responde ele, encarando-a, ousadamente, com o par de olhos negros brilhantes. - Eu sou grego...

- Mas és tão jovem ainda!... - exclama *Susanna*. - Como te tornaste escravo tão cedo?

- Fui aprisionado, aos doze anos de idade, juntamente com meus pais, depois que nossa aldeia foi queimada pelos soldados romanos -explica ele.

- E onde estão teus pais? - pergunta *Susanna*.

- Não sei - responde o escravo. - Fomos separados, logo após a nossa captura.

Susanna olha para aquele homem que se postava diante dela. Do-ravante, ela era a dona de seu destino. Que coisa!... Nunca tivera escravos pessoais homens, só mulheres!... Embaraçava-se, pois não sabia, de imediato, o que fazer com aquele. Encontrava-se sozinha em casa; *Drusilla Antonia* e *Caius* haviam ido ao encontro de *Rufus*, para discutirem assuntos concernentes à comunidade cristã, e *Flavius* cuidava de seus negócios. *Susanna* teve ímpetos de devolver aquele estranho presente a *Nero*, mas acabou refletindo. Seria melhor pedir a opinião de seus tutores e de seu noivo. Não desejava precipitar-se e se mostrar indelicada logo com ele, o imperador, que poderia tomar como alta ofensa à sua pessoa e, então, quem é que saberia o que poderia acontecer?... Ela era ainda tão inexperiente nessas coisas!...

- *Heracles*, tu ficarás lá fora, junto dos demais escravos - ordena ela, com a voz firme. - Nada tenho para fazeres agora!...

O rapaz, num ímpeto, lança-se de joelhos e, tomando-lhe a mão, beija-a, repetidas vezes, enquanto, ousadamente, encara-a com um olhar penetrante, carregado de encantamento.

- Não é preciso que manifestes, assim, a tua gratidão - observa *Susanna*, retirando, abruptamente, a mão. - Agora vai!... - volta a ordenar, com mais energia à voz.

Observando o porte garboso do escravo que deixava o *triclinium*, a jovem começava a perceber que acabava de receber um grande problema. O rapaz mostrava-se impertinente, quase às raias da insolência. Teria de mandar castigá-lo, se aquelas efusivas demonstrações de carinho se repetissem. Que diria *Flavius*, ao deparar-se com escravo de tal aparência e agindo daquela maneira?... O rapaz era realmente possuidor de estonteante beleza, o que certamente iria piorar as coisas...

A tardezinha, chegam *Drusilla Antónia* e *Caius*, e *Susanna* narra-lhes o acontecimento daquele dia.

- *Nero* prepara-nos alguma das suas! - exclama, preocupado, o general.

- Oh, querido - diz *Drusilla Antónia* -, não creio que o imperador tenha feito isso de caso pensado!... Acho que quis apenas ser gentil!

- Não sei não!... - observa o general. - Não te esqueças de que *Iulius Maximus* é hóspede de *Nero*!... Não achas que preparam alguma armadilha para *Susanna* e *Flavius*!

-Acho, simplesmente, que o imperador demonstra deferência pela neta de *Cornélius*, apenas isso!... - diz a matrona.

- Queira Deus que tu tenhas razão, minha querida!... - completa o general. - De minha parte, ficarei de sobreaviso: tudo o que vem de **Nero** não é boa coisa!...

Naquela noite, quando *Flavius* chega para visitar sua noiva, depara-se com a intrigante novidade. Enfurece-se ao ver o escravo. *Nero* tinha razão: o ciúme picava-o!

-Tu não ficarás com esse escravo! - brada o rapaz, cheio de indignação pela afronta que lhe fazia o imperador. - E, por trás disso, podes estar certa de que se encontra aquele miserável do *Iulius!*

- Acho que estás certo, meu amor! - diz *Susanna*, tentando acalmar seu noivo. - E eu não desejo, de forma alguma, ficar com esse escravo!...

-Amanhã, mesmo, iremos, pessoalmente, eu e tu, devolvê-lo a *Nero* - brada, furioso, *Flavius*. - Quero ver a cara daquele miserável!..- Tenho a certeza de que atendeu ao pedido de seu protegido!...

- Tende calma os dois! - observa o general. - Conheço o imperador muito bem e acho que é exatamente isso o que ele deseja!... Achar um motivo para acabar com tua vida, *Flavius!*

- Por outro lado - observa *Drusilla Antónia*, altamente preocupada -, se *Susanna* se desfizer do escravo, isso será considerado como alta afronta ao imperador!...

- Calma, calma!... - observa *Caius*. - Acharemos uma saída para esse impasse. - Por ora, é recomendável que nada se faça ao escravo, pois o imperador estará de olho no destino que dermos a ele.

Entretanto, mal surgia o dia seguinte, inusitada surpresa acontece ao casal *Caius* e *Drusilla Antónia*. Enquanto, despreocupadamente, tomavam o *ientaculum*, no *triclinium*, ainda bem de manhãzinha, discutindo as atividades que logo mais desenvolveriam junto de *Rufus* e dos demais companheiros, são interrompidos por *Iustus*, o mordomo, que entra espavorido.

-*Domine*, não imaginais quem se aproxima!...

- Se não disseres, como vamos saber? - observa *Drusilla Antónia*.

- Os batedores e, logo atrás, o séquito imperial!... - diz o mordomo, com os olhos desmedidamente arregalados.

- **Nero**, aqui?!... - espanta-se o general, levantando-se. - Não veio visitar-me, nem mesmo quando eu estava à beira da morte!...

- Hum!... - exclama *Drusilla Antónia*. - É melhor nos prepararmos !... Aí vem confusão!...

Neste íterim, o capitão dos batedores adentra, intempestivamente, a sala e diz em altos brados:

- General *Caius Petronius Tarquinius*, o sereníssimo e majestoso príncipe de Roma, Sua Alteza Imperial *Nero Claudius Caesar*, manda informar-vos de que se encontra a caminho de vossa casa, com a finalidade de prestar-vos o favor de sua augusta visita!

- Dizei a Sua Majestade que nosso humilde lar encontra-se à sua digníssima disposição! - observa *Caius*, com a voz firme.

O soldado dá meia volta e sai ligeiro. O general oferece o braço a *Drusilla Antónia*, e ambos encaminham-se até a entrada do *vestibulum*, para darem as boas-vindas ao indesejado visitante.

-Que será que esse bandido quer em nossa casa?... - cochicha a matrona ao ouvido do esposo.

-Adivinho desgraças, minha cara!... - sussurra-lhe ele.

-Salve, general *Tarquinius*!... - exclama o imperador, saltando, efusivamente, da esplêndida quadriga que ele mesmo viera conduzindo. E prossegue, abraçando o general e o beijando às faces:

- Ficamos sabendo que vos encontráreis ligeiramente adoecido e nos dignamos a vir trazer-vos nossos excelentes eflúvios para que vos restabeleçais prontamente!...

-Vosso gesto é deveras digno de um príncipe como vós, Alteza!... - exclama o general. - E vos somos profundamente gratos, sinceramente, do fundo de nosso coração!...

- Oh, *Drusilla Antónia*, querida!... - exclama **Nero**, agora voltando-se para a venerável matrona e a beijando efusivamente à face. E prossegue, segurando-lhe as mãos: - Afina flor de nossa sociedade!...

- Oh, sois por demais lisonjeiro, Majestade!... - exclama *Drusilla Antónia*, fazendo-lhe ligeira reverência.

- Entrai, Majestade!... - convida *Caius*. - Dai-nos a honra de sentar-vos à nossa mesa!... Tomávamos ainda o *ientaculum*!...

- Provarei de vossa adega, general!... - diz *Nero*, adentrando o *vestibulum*.

Um pequeno séquito de bajuladores seguia o imperador que, curioso, olhava, minuciosamente, por todos os lados. Parecia que buscava algo. No grande e luxuoso *vestibulum*, *Nero* pára e pergunta, intrigado:

- Curioso isso, general!... Não mantendes a galeria de vossos ancestrais?... E vossos lares?... Não cultuais nenhum deus?...

Caius esperava por aquilo. Preparara-se para as respostas que o desgraçado, certamente, far-lhe-ia, ao notar que sua casa não possuía mais nenhum ídolo.

- Guardamos tudo, Majestade - responde, com tranqüilidade. - Como amanhã começaremos a reforma da casa, achamos melhor guardar os preciosos ídolos para que não se quebrassem!

- Boa medida, general!... - responde **Nero**, de repente inflando-se de júbilo. Sabia que o outro estava mentindo. Tinha quase a certeza de que o general se convertera ao Cristianismo!... Que sorte!... Viera até ali para roubar uma maçã e acabava de ganhar um pomar inteirinho!... Faltava-lhe, agora, ter a certeza absoluta. E prossegue, continuando a fingir que acreditara na deslavada mentira que lhe pregara o outro: -Dizei-nos, general *Tarquinius*, não vimos, até agora, nenhuma estátua nossa!... -e arremata, com um sorriso de triunfo nos lábios: - Será que nos considerais *persona non grata* em vossa casa?

- No jardim, Majestade!... - apressa-se *Caius* em responder. Ainda bem que não fizera a besteira de mandar destruir também a estátua daquele doido. E prossegue, com um fundo suspiro de alívio: - Temos uma enorme, digna de vossa grandeza!... Se desejardes vê-la...

-Depois!... - exclama, rispidamente, o monarca de Roma, e muda, inopinadamente, de humor.

Caius e a esposa trocam um rápido olhar. Daquela haviam escapado por um triz!... **Nero** irritava-se. Contava descobrir, já, se o general era mesmo cristão!... Mas, que fazer, se o espertalhão mantinha uma

estátua dele, **Nero**, no jardim?... Paciência!... Teria de investigar e confirmar suas suspeitas mais tarde.

- Dizei-nos, querida *Drusilla Antonia* - prossegue *Nero* -, onde se encontra vossa tutelada, a noiva?... Desejaríamos, imensamente, conhecê-la!

Drusilla Antonia troca um ligeiro e desesperado olhar com seu esposo.

- Ordena que chamem nossa querida filha! - diz *Caius* para a esposa, tranqüilizando-a, assim.

Pouco depois, a jovem adentra o *triclinium*, atendendo ao chamado de seus tutores. Havia percebido a estranha movimentação na casa, àquela manhã, e informada pelos escravos da inusitada visita que recebiam, resolvera permanecer em seu *cubiculum* para não ter de avistar-se com **Nero**. Entretanto, se o imperador fazia questão de vê-la, tinha de obedecer.

-Majestade!... - exclama *Susanna*, fazendo longa mesura diante do imperador.

- Oh, és linda!... - exclama *Nero*, encantando-se com a graça da jovem.

- Desejo agradecer-vos o excelente presente que vos dignastes enviar-nos, Majestade!... - diz *Susanna*.

- Ora vemos o quanto fomos mesquinho em presentear-te, minha cara!... - diz **New**. - Se, ao menos, imaginássemos o quanto eras graciosa e bela, nosso presente teria sido bem outro!... - e, lembrando-se da real finalidade de sua visita ali, pergunta: - E, a propósito, apreciaste, também, o escravo com que te presenteamos?... Mas, queridinha, não o vemos a teu lado!... Acaso o desdenhaste?... Não gostaste dele?... - pergunta **New**, fingindo estar altamente indignado.

- Oh, não, Majestade!... - exclama *Susanna*, percebendo que deveria haver algo por trás daquilo tudo. - É que nunca tive escravos pessoais; só escravas!

- Entretanto, agora que serás uma senhora casada, deverás ter um ou dois!... - exclama **New**, rindo-se. E prossegue: -E, a propósito, posso ver o escravo?... Amenos que já te desfizeste dele!...

- Oh, não!... - responde *Susanna*. - Vê-lo-eis, por certo! - e ordena que trouxessem *Héacles*.

Pouco depois, o escravo adentra o recinto e se arroja ao solo, diante de **Nero** que se sentava em luxuoso cadeirão marchetado em ouro e marfim, e lhe enlaçando, arrebatadamente, as pernas, com os braços possantes, passa a beijar-lhe, devotadamente, os pés. O imperador de Roma cutuca-lhe, então, o forte dorso com o longo e fino bordão de ouro que trazia à mão; o escravo levanta a cabeça e fixa o rosto do monarca e ambos trocam-se não mais que ligeiríssimo e significativo olhar.

- Espero que faças bom proveito dele, minha cara! - exclama o imperador, empurrando, grosseiramente, o escravo, com a ponta dos pés, e, levantando-se, sai, quase a correr, e sem se despedir de ninguém.

Lá fora, salta sobre o carro e, fustigando, violentamente, os fogosos corcéis negros de sua quadriga, põe-se a correr feito um doido, aos gritos, incitando os animais, e lhes chicoteando, impetuosamente, os luzidios lombos escuros como azeviche.

- Será bom que fiquemos de sobreaviso, minha cara!... - diz *Caius*, com o braço sobre o ombro de sua amada esposa, enquanto, da soleira do *vestibulum*, observavam o esbaforido séquito de **Nero** que se esfalfava para acompanhá-lo em sua louca corrida pelo caminho de volta para Roma.

- Desse louco, tudo se pode esperar, meu caro!... - exclama *Drusilla Antónia*, com tristeza aos olhos. - E só espero ter forças e fé suficientes para suportar o suplício, quando ele chegar!...

- Disseste-o muito bem, minha querida!... -concorda o general, beijando a face da esposa. - Podemos ter a absoluta certeza de que a nossa vez de darmos o testemunho de nossa fé chegará, cedo ou tarde!...

- Acho que mais cedo do que imaginamos, meu caro!... - diz *Drusilla Antônia*. - Essa visita do imperador pode ser o início de nosso fim...

- Oh, meu amor!... -diz ele, beijando as mãos dela. - Só peço a **Jesus** que nos dê a graça de partirmos juntos, eu e tu!... Imagina o desespero que não seria a nossa vida, se tivéssemos que nos separar!...

-Nem pense nisso, meu amor!... -exclama ela. -Nem pense nisso!... Pouco depois, quando se dispunham a sair de casa, recebem a inesperada visita de *Rufus*.

- Tenho excelentes notícias, meus caros!... - exclama o missionário cristão, abraçando-os. - Nem tive paciência de esperá-los; vim correndo!

- De que se trata, querido irmão? - pergunta *Drusilla Antônia*, curiosa.

-A notícia das terríveis perseguições que está sofrendo a Igreja de Nosso Senhor chegou até Jerusalém, e o discípulo do Mestre, *Pedro*, de quem eu fui seguidor, encontra-se em Roma, para encorajar e dar apoio a todos os que aceitam a *Jesus*!... - diz o pregador cristão, radiante de felicidade.

- Verdade?... - observa *Caius*, altamente emocionado. - Então *Pedro*, o pescador e companheiro de *Jesus*, está entre nós!...

- Sim - prossegue *Rufus* -, e fará pregações nas catacumbas, a partir desta noite!...

- Somente esta excelente notícia para dar-nos ânimo, *Rufus*!... -diz o general. - Tu nem podes imaginar quem esteve aqui, em nossa casa, hoje, logo de manhãzinha!

E, minuciosamente, passa a narrar ao pregador cristão os acontecimentos daquela manhã.

- Pressinto desgraças, general!... - diz *Rufus*. -*Nero* fecha o cerco...

- Tens razão, meu amigo - concorda o general. - E sabemos que não será fácil, não é mesmo?...

- Sim - concorda o outro -, teremos que lutar muito, principalmente, contra as nossa próprias fraquezas e as nossas próprias

imperfeições, pois o Reino de Deus será tomado pela espada, conforme nos disse *Jesus!*... E preciso combater, insistentemente, o mal que se enraíza dentro de nós!...

- Sem dar-lhe tréguas!... - concorda *Drusilla Antónia*. - Ou seremos, fatalmente, compelidos à fraqueza da apostasia, diante da estátua de *Diana!*...

- Isso seria a mais cruel a mais covarde das traições para com *Jesus!* - observa *Rufus*.

- Sim - concorda *Caius* -, principalmente, para alguém como eu que me encontrava morto, e ora ressuscito para a vida eterna!... Hoje entendo porque Deus enviou-me aquela doença terrível!... Foi preciso que a dor suprema mostrasse a mim o caminho a seguir!...

- *Jesus* faz-nos caminhar por estranhas veredas, general... - diz *Rufus*, encarando-o nos olhos.

O outro concorda, balançando, afirmativamente, a cabeça. Como se lhe afigurava paradoxal aquilo: *Jesus* salvara-o de uma morte horrível, extremamente cheia de dores inomináveis; entretanto, agora, ele, *Caius*, era capaz de devolvê-la ao Mestre Nazareno, da forma mais destemida e digna que jamais pensara fazer um dia...

- Estranhas veredas, meu irmão... - repete *Caius*, meditativo. - Estranhas veredas...

Lá fora, o dia avançava, pintado com as cores desbotadas do outono. Os três amigos permanecem em silêncio, pensativos. O que lhes reservaria a vida dali para frente?

Capítulo XII

Pedro, o apóstolo

Algumas tochas acesas expulsavam a negra escuridão do túnel que dava acesso às catacumbas dos subterrâneos do Aventino. E, pouco a pouco, pequena multidão ia espremendo-se silenciosa, em exíguo espaço, entre escavações de sepulcros, feitos na rocha viva das paredes dos corredores, a exibirem, téticamente, os restos mortais dos que ali haviam sido inumados. Aquelas pessoas que chegavam em pequenos grupos, cheias de cuidados e temerosas de serem vistas, eram cristãos de Roma que para ali vinham, com a finalidade de ouvirem a pregação que *Pedro*, o apóstolo de *Jesus*, faria naquela noite!... E, dentre os presentes àquele culto especialíssimo, achavam-se *Caius*, *Drusilla Antonia*, *Susanna*, *Flavius* e demais irmãos pertencentes ao núcleo cristão fundado por *Rufus*. Este, por ter sido amigo e seguidor de *Pedro*, encontrava-se sentado mais próximo do pequeno e improvisado púlpito que se arranjava para o ilustre pregador da noite.

Pouco depois, o apóstolo de *Jesus* surge de um dos escuros corredores, caminhando no meio de pequeno grupo que, cheio de cuidados, condu-lo até o estrado, diante da pequena multidão que o aguardava ansiosa. O velhinho, que outrora fora pescador no Mar da Galileia, passeia um par de olhos azuis brilhantes pela assistência que se mantinha em silêncio absoluto e sorri, meigamente. As longas barbas brancas emolduravam-lhe um rosto sereno e cheio de bonomia.

- Amados!... - brada ele, com a voz firme. - Tempos difíceis abatem-se sobre todos nós!... É hora, irmãos, de darmos o nosso teste-

Se a nossa fé ainda se achar contaminada por impurezas, o medo e a pusilanimidade tomarão conta de nós, e então, acovardados, fugiremos de nossos perseguidores e, conseqüentemente, nós nos apartaremos de *Jesus*!... Se, entretanto, puro estiver o nosso coração, nada temeremos diante do inimigo que virá saciar a sua fúria, devorando-nos as nossas carnes, como faz o lobo esfaimado às indefesas ovelhas!...

O insigne seguidor de Cristo cala-se, por alguns instantes, e corre os olhos pela profusão de rostos que, atentamente, seguia-lhe as palavras. A luz das tochas refletia-se em sua calva brilhante, dando-lhe um ar de beatitude. *Pedro* abre os braços, como se desejasse abraçar toda a comunidade ali presente, e sorri.

- Por três anos convivi com Ele!... - prossegue o apóstolo de *Jesus*. - Estes meus olhos cansados viram nosso amado Rabi fazer coisas que somente Aquele que estivesse, de fato, representando Deus entre nós poderia fazer!... Tantos foram os milagres presenciados, tantas foram as almas consoladas que passaria anos relatando-vos tais maravilhas!... "*Meu reino não é deste mundo...*"¹, ensinou-nos o Mestre. Logo, devemos entender que o reino de que Ele nos falou

1. Evangelho de S. João, 18.36

situa-se além desta vida!... Por que, então, temermos a morte?... Não nos deu Ele a prova maior de que não existe a morte?... Não esteve entre nós, depois da crucificação?... Eu mesmo estive com Ele que, por quarenta dias, apareceu-nos, reconfortando-nos e nos trazendo mais e mais ensinamentos, além dos que houvera dado quando vivo!... Oh, caríssimos, sei que vivemos momentos de muita dor e é exatamente por isso que vim a Roma!... Porque os gritos de dor e os clamores dos supliciados no *Circus Maximus* abalam as estruturas deste velho mundo!... Por todos os lados, campeia o desespero e grassa o sofrimento!... Nossos algozes pensam aniquilar a nossa fé, arrancando *Jesus* de nossos corações!... Mas, digo-vos: estão a pelejar contra Deus!... Que são as legiões romanas diante das potestades divinas?... Nada!... Quando O prenderam no Getsêmani, encontrava-me com Ele e tentei defendê-Lo dos soldados do templo, sacando de minha espada e com ela decepei a orelha do servo do sumo sacerdote. *Jesus*, entretanto, censurou-me, veementemente, para que eu não revidasse, dizendo-me: "*Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão!... Acaso pensas que não posso rogar a meu Pai, e Ele me mandaria neste momento mais de doze*

legiões de anjos?... ² Vede, irmãos!... A grandeza de nosso Mestre!... Se Ele o desejasse, poderia pulverizar aqueles que O perseguiam!... Entretanto, não o fez!... Deixou-Se imolar, qual cordeiro no meio de lobos sanhudos, a exemplificar-nos o amor!... Sim, caríssimos, eis a mensagem maior: o amor!...

Amiúde, os partícipes da assembléia entreolhavam-se, comovidos e contagiados pela expressiva fé que demonstrava o Apóstolo de *Jesus*.

Caius e *Drusilla Antonia*, de mãos dadas, bebiam as palavras de *Pedro*; *Flavius* e *Susanna*, também altamente comovidos, seguiam com atenção as palavras do insigne pregador que continuava, grandemente inflamado:

- *"Amái os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem..."* ³, ensinou-nos o Mestre. Onde encontraremos ensinamento que traga mais sabedoria que esse, em relação à vivência da paz?... Nele deverá resumir-se a prática dos cristãos que anseiem pela paz!... Que não se busquem contendanças!... Que não se revidem às ofensas!... **Nero** pensa destruir a nossa fé, matando-nos o corpo?... Vã tentativa!... A cada cristão que tombar na arena, cem outros surgirão, cantando louvores ao Senhor da Vida!... E cresceremos tanto que, em pouco tempo, seremos como as estrelas do céu!...

Pedro encerra sua pregação, deixando a assistência completamente comovida e reinflamada em sua fé. A seguir, todos entoam singelo hino, carregado de fortes expressões de louvor a *Jesus*. Depois, reforçados na esperança de que o Mestre não os abandonaria jamais, vão saindo, um a um, aos poucos, para não chamarem a atenção dos soldados que patrulhavam as entradas das catacumbas, com a finalidade de aprisionar os seguidores de Cristo. Sabiam que ninguém os livraria da perseguição e, conseqüentemente, da morte;

2. Evangelho de S. Mateus, 26.51-53

3. Evangelho de S. Mateus, 5.44

entretanto, tinham mais e mais consciência de que o reino de Deus, o qual buscavam para refrigério de suas almas aflitas e cansadas, efetivamente, não se localizava neste mundo...

* * * * *

O casamento de *Flavius* e *Susanna* ocorreu daí a alguns dias, na *villa* de *Caius* e *Drusilla Antónia*, que fizeram questão de dar uma festa que contou com a presença de expressivo número de convidados, mormente de *patricii*, antigos amigos e conhecidos de ambas as famílias. Os parentes de *Flavius* haviam vindo de *Neapolis*, e até o avô insistira em comparecer às bodas do neto, apesar da idade e de se encontrar um pouco enfermo.

Após a realização das bodas, *Susanna* e *Flavius* passaram a viver, então, o doce idílio dos que muito se amam, gozando da lua-de-mel, na esplendorosa mansão que a família do rapaz possuía na cidade. O avô e a mãe haviam resolvido permanecer alguns dias em Roma, mesmo porque o velho senador *Rimaltus* não conseguiria retornar ao Sul, logo de imediato, em conseqüência de sua debilidade física. Haviam acolhido *Susanna* com grande alegria, posto que a juvenzinha conquistara-lhes o coração com sua graça, educação e beleza, além de ser neta de grande amigo da família.

- Por que não ficam de vez em Roma? - pergunta *Flavius* à mãe e ao avô, enquanto tomavam o *ientaculum*, sentados no *peristylum*. O sol inundava de luz o bem cuidado *viridarium*, naquela amena manhã de outono.

- Oh, meu querido! - responde-lhe a mãe. - Bem que gostaríamos de permanecer junto de ti e de *Susanna*, gozando as delícias do convívio familiar!... Entretanto, teu avô não suportaria o clima romano por muito tempo!...

_O reumatismo, meu querido!... -exclamao velho senador. - O reumatismo mata-me devagar!... Os ares do Vesúvio fazem-me muitíssimo bem!... E, além do mais, há os banhos nas termas!... Não imaginas o quanto me reconfortam!...

- E por que não ides vós viver conosco em *Neapolis*? - pergunta a mãe.

- Poderemos pensar, não é mesmo, *Susanna*! - responde o rapaz, fazendo a pergunta à jovem esposa que até então se mantivera calada.

- Sabes que contigo viverei em qualquer lugar, meu amor! - responde ela, beijando a mão de *Flavius* a qual segurava, amorosamente, entre as suas.

- Tudo resolvido, então!... - exclama o velho senador, abrindo largo sorriso. - Poderemos até colocar à venda esta propriedade!... Roma toma-se muito perigosa a cada ano que passa!...

- Não creio que devamos vender a *villa*, vovô - observa o rapaz. - Nossa família possui esta propriedade há gerações!... Gosto daqui, e não sabemos se um dia teremos de voltar...

- Bem, isso é o de menos!... - observa *Lucius Antoninus Rimaltus*, sem perder o bom humor. - O importante é que, pelo menos por ora, permaneceremos todos juntos!

- Mas não tão já! - diz o rapaz. - Não te esqueças de que ainda não dei baixa no exército!... Encontro-me sob o comando do general *Tarquinius*!

- Se quiseres, ainda hoje falarei como cônsul geral!... Conheço-o, de longa data, e sabes que ele é o magistrado supremo e tem o poder de dar-te a carta de baixa! Tenho a absoluta certeza de que atenderá ao meu pedido!

- Não, vovô!... - responde o rapaz. - Tu te encontras doente e cansado! E, além do mais, *Susanna* e eu pretendemos nos demorar um pouco mais por aqui. Deixa que me avistarei com o cônsul geral, usando o teu nome!... Já servi ao exército por dois anos e tenho o direito abaixa!

- Faze como quiseres, meu querido!... - diz o velho senador. - Sabendo que ireis ter conosco é o que importa!

Daí a quinze dias, o velho senador e sua nora, *Cneia Otaviana*, a mãe de *Flavius*, deixam Roma e retornam para o Sul. O casal de recém-

casados segui-los-ia depois. Por ora, o que mais desejavam era ficarem a sós e darem evasão ao amor que sentiam, perdidamente, um pelo outro. Entretanto, o destino, que nem sempre é condizente com o desejo das criaturas, conspirava contra eles...

Naquela mesma noite, *Flavius* e *Susanna*, que não haviam deixado de participar das reuniões cristãs, nas catacumbas, ao lado de *Drusilla Antônia* e de *Caius*, encontravam-se em lugar adrede combinado e juntos caminhavam todos encapuzados e cobertos por longos mantos escuros, para melhor se camuflarem à escuridão da noite e, cheios de cuidados, dirigiam-se para a entrada de um dos túneis que davam para o interior das tetricas catacumbas. Entretanto, por mais cuidado que houvessem tomado para disfarçarem sua entrada em lugar tão suspeito, uma sombra seguia-os, acobertada por longo capuz e pela escuridão.

- Ah, *Nero* tinha razão!... - murmura *Iulius Maximus*, felicíssimo, abrindo-se num riso de plena satisfação. - São todos cristãos!... Preen-dê-los, agora, será apenas uma questão de querer!... E como eu quero!... Mas, não todos!... Apenas três deles!... Ela, não!... - e puxa o capuz, cobrindo, completamente, o rosto.

Sem demonstrar a mínima hesitação, *Iulius* adentra o escuro túnel e segue o pequeno grupo, à relativa distância. Queria vê-los, pois tinha curiosidade de saber que tipo de coisas faziam os cristãos em tão estranho lugar.

Coincidentemente, naquela noite, *Pedro*, o apóstolo, fazia ali uma pregação. Por esse motivo, a afluência de cristãos era muito grande, e *Iulius*, acobertado pela escuridão e pelo capuz que lhe cobria quase que totalmente o rosto, passava-se incógnito entre a pequena multidão que se comprimia por entre as paredes escavadas na rocha.

Em pouco, o insigne seguidor de *Jesus* surge e se dirige para pequeno púlpito, erguido sobre uma rocha, ficando assim, um pouco mais elevado que a profusão de cabeças que, em absoluto silêncio, olhavam ansiosas para o velhinho de calva brilhante e de longas

barbas alvas como a neve e que já se preparava para falar. *Pedro* abre um singelo e amável sorriso, cheio de bondade e, correndo um par de olhos vivazes pela assembléia, inicia sua pregação:

- Caríssimos, ontem, nosso amado Mestre mostrou-me, uma vez mais, o quanto infinitamente grande Ele é!... -exclama o apóstolo de *Jesus*, agora, com os olhos inundados de lágrimas. - Eu fugia de Roma, meus queridos!... Eu, novamente, abandonava o campo de lutas!... Digo-vos, agora, sem nenhuma vergonha, que, novamente, eu abandonava a batalha, porque eu já O renegara, antes!... - e se cala, com a voz embargada por fortíssima emoção.

A platéia permanecia muda, atônita, diante da profusão das sinceras lágrimas de *Pedro*, a descerem-lhe, abundantemente, pelas faces marcadas pelos duros embates da vida. E, por longo tempo, o velho apóstolo de *Jesus* chorou, amarga e sinceramente, até às raias da exaustão. Depois, arrebanhando forças, equilibra-se e prossegue:

- Pouco antes de O prenderem, comíamos a Páscoa juntos, Ele e nós, os dozes que O seguíamos, e o Mestre disse que entre nós havia um que O iria trair. Todos nós nos indignamos com aquela afirmação e eu, meus caríssimos, eu Lhe jurei fidelidade até a morte!...⁷ *Jesus*, então, sorriu-me com bonomia e me disse: "*Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes...*"⁸

Apesar de eu, naquele momento, ter-me arrojado a Seus pés, reiterando-Lhe minha fidelidade, o que Ele predissera, realmente, aconteceu: eu O neguei, acovardado, por três vezes, quando O prenderam e O levaram perante o Sinédrio, que se achava reunido na casa do sumo sacerdote *Caifás* e, reconhecido por uma das servas da casa, como seguidor de Cristo, eu O neguei, meus caríssimos!...⁸

Pedro silencia, por instantes, premido pela forte emoção que Lhe embargava a voz, enquanto as lágrimas banhavam-Lhe o venerável rosto. E, depois de enorme esforço, consegue retomar o equilíbrio e prossegue:

⁷ Evangelho de S. Mateus, 26.35

⁸ Evangelho de S. Mateus, 27.69-75

-E, agora, novamente, eu me acovardava diante do testemunho, meus caríssimos!... Como a perseguição *de-Nero* acirrava-se, tornando perigosa demais a minha permanência entre vós, aconselharam-me a retornar a Jerusalém!... Lá mantemos a Casa do Caminho, a requerer-nos a presença constante. Então, decidi-me a regressar e, quando deixava Roma, ontem de manhã, vi que o sol parecia vir ao meu encontro. Estarrecido, parei e, fixando a minha vista, no centro daquele intenso foco de luz, constatei que estava Ele, meus caríssimos!... E vinha caminhando apressado, passando por mim, sem se deter. Intrigado, chamei-O e Lhe perguntei: "*Quovadis, Domine?...*"⁹ "*A Roma...*", respondeu-me Ele. "*Para ser crucificado outra vez...* "

A voz de *Pedro* embarga-se, tomada de fortíssima emoção, impedindo-o de continuar a narrativa. As lágrimas desciam-lhe abundantes pelas vetustas faces, e a congregação, altamente comovida pelas palavras do insigne apóstolo de *Jesus*, mantinha-se em pesado e respeitoso silêncio pela dor que manifestava o velho pregador do Evangelho. Após intenso esforço para equilibrar-se, *Pedro* consegue prosseguir:

- Caríssimos, diante daquelas palavras que me disse o Mestre, entendi então que a hora de meu testemunho é chegada!... Caindo de joelhos diante de *Jesus*, uma vez mais, pedi-Lhe perdão pelas minhas fraquezas e retornei a Roma!... Que venham *Nero* e seus soldados!... - brada *Pedro*, inflamado, e prossegue: - Não mais fugirei ou renegarei o meu amado Mestre *Jesus*!... Estarei convosco todas as horas do resto de meus dias!... Não mais retornarei a Jerusalém, enquanto não cessarem as perseguições aos seguidores de Cristo!...

A seguir, a assembléia põe-se de joelhos e, exaltados na fé, que mais ainda lhes era reforçada pela amorável presença de *Pedro*, passam a entoar preces de agradecimento a *Jesus*, com expressiva manifestação do êxtase que lhes proporcionava a nova crença,

⁹"- Aonde vais, Senhor?...", em latim.

fundamentada no Amor, na Fé e na Esperança!... E, a reunião da noite prossegue, com ostensiva manifestação do Poder Maior, através de uma profusão de curas fantásticas, realizadas pelas mãos de *Pedro*, em que criaturas barbaramente martirizadas por enfermidades brutais eram instantaneamente purificadas de seus males: leprosos limpavam-se, paráliticos caminhavam, cegos enxergavam, mudos falavam, surdos ouviam... E todos se maravilhavam com o imenso poder que *Jesus* lhes outorgara... Quando houvera, antes, tamanho poder se manifestado sobre a terra?... Nem mesmo os horrores promovidos pelos perseguidores eram capazes de frear ou diminuir a intensidade da fé dos primeiros seguidores de Cristo!... Tinham as carnes dilaceradas pelas garras das feras sanhudas no *Circus Maximus*, em mirabolantes espetáculos vespertinos, para gáudio da plebe sempre sequiosa de novidades e de fortes emoções!... Os primeiros cristãos, entretanto, deixavam-se imolar, cantando!... E tão esdrúxulo comportamento chamava a atenção de muitos, o que favorecia a propagação da fé cristã!... O feitiço voltava-se contra os feiticeiros, pois, quanto mais se perseguia e se matava, mais se buscava conhecer a estranha seita que oferecia espetáculos muito mais extraordinários que aqueles apresentados no *Circus Maximus*!... Quem é que era capaz de limpar leprosos, instantaneamente, e de ressuscitar mortos?... Quem é que trazia o consolo supremo às dores mais aflitivas e libertava as mentes escravizadas pelos vícios torpes de uma era suja e degradada, mostrando que os homens foram criados para fins mais nobres que aqueles até então propalados?... Não, seriam necessários argumentos muito mais fortes que aqueles, para desejar abafar uma fé assim!... Nem a apelação para meios extremos, mesmo os mais cruéis até então já concebidos pelas mentes calcadas na maldade absoluta, como o de tentar afogá-la, covardemente, num inesgotável mar de sangue!... Nem assim!.. .

Enquanto a assembléia encerrava as atividades da noite, entoando uma série de hinos pejados de gratidão e de amor a *Jesus*, um vulto

que se mantivera o tempo todo incógnito, acobertado pela escuridão num vão de um dos corredores, deixa apressado o local. Era *Iulius Maximus* que, nem mesmo tendo sido testemunha daquela infinidade de extraordinários prodígios que ali se realizaram, deixara-se comover pela conduta dos cristãos.

- Bando de idiotas!... - exclama baixinho, enquanto caminha apressado pelos túneis escuros, em busca de uma saída. - Preciso localizar, rapidamente, uma patrulha para denunciar esse covil de raposas!...

Pouco depois, *Iulius* encontrava-se fora, a céu aberto. A madru gada já se anunciava, clareando o horizonte de uma tonalidade rosa. Ligeiro, procura por sua montaria que deixara amarrada ao tronco de um teixo. Encontrando-a, sem muita dificuldade, põe-se a cavalgar em busca de uma das inúmeras rondas montadas que sabia existir por ali. Não demorou muito, e divisou uma guarnição que vinha em sua direção.

-Ave, capitão! - saúda o rapaz ao comandante da tropa.

- Salve, tribuno!... - devolve-lhe a saudação o militar. - Podemos ser-vos útil?

- Sim, comandante - diz *Iulius* -, indico-vos local onde se reúne expressiva quantidade de cristãos!...

Em pouco, os soldados cercavam a saída do túnel que dava acesso à parte das catacumbas onde se reuniam, até momentos antes, *Pedro* e o grande grupo de cristãos. A prisão de todos foi precisa. Ninguém conseguiu escapar. *Iulius*, acobertado por um tufo de vegetação, a tudo assistiu, cheio de satisfação.

- Agora quero ver, malditos!... - exclama ele, com um pleno sorriso de contentamento aos lábios, ao ver os seus desafetos *Caius*, *Drusilla Antonia*, *Flavius* e *Susanna* serem manietados, grosseiramente, pelos soldados. - Pagar-me-eis tudo o que me fizestes!...

E, sempre à certa distância e protegido pela vegetação do campo o covarde delator foi acompanhando o grupo, enquanto eram todos brutalmente conduzidos às prisões do *Circus Maximus*.

Depois de duas horas de penosa marcha, chegam à praça do *Circus Maximus*. Já havia amanhecido, e uma multidão apupava os prisioneiros, curiosa para descobrir a identidade dos que ali eram conduzidos pelos soldados. E, explodindo em risadas de escárnio e de zombaria, ao se certificar da identidade de alguns *patricii* bem conhecidos, caso do general *Tarquinius* e de sua família, a turba divertia-se grandemente. Alija se iniciava o grande suplício, o grande testemunho que aquelas pobres criaturas deveriam dar **a. Jesus!**... O populacho, inflamado contra os cristãos, gritava-lhes xingamentos terríveis e impropérios infamantes, pensando serem eles os culpados do grande incêndio que devastara quase a totalidade da cidade; alguns populares, os mais exaltados pela cólera, armavam-se de pedras e de paus, atirando-os, desalmadamente, contra os prisioneiros, fazendo com que muitos deles, atingidos à cabeça e ao rosto, tombassem grandemente feridos, sobre as pedras de granito do calçamento da praça do *Circus Maximus*.

Naquele fatídico dia, as prisões do *Circus Maximus* ficaram abarrotadas de cristãos. Colocados juntos, numa mesma cela, *Caius*, *Drusilla Antonia*, *Flavius* e *Susanna* encontravam-se desconsolados.

- E agora, meu querido, que será de nós? - pergunta a matrona ao esposo.

- Resta-nos a coragem que nos dará a nossa fé, minha querida! - exclama o general, abraçando forte a esposa. - Acho que tinhas consciência de que este dia chegaria, não é mesmo?

-Oh, *Caius*, *Caius!*...-exclama *Drusilla Antonia*, em lágrimas. - Tenho tanto medo de fraquejar!...

- Oh, minha cara!... - diz ele, abraçando-a forte. - Tem confiança!... *Jesus* não nos abandonará!...

- Mas, e nossos queridos meninos? - observa *Drusilla Antonia*, olhando para o casal *Flavius* e *Susanna* que, fortemente abraçados, trocavam lânguidas carícias, um tanto alheios ao que os rodeava. -

Vê como se encontram!... Não podemos deixá-los morrer, assim, na flor dos anos!...

- Dói-me a mim tanto quanto a ti vê-los aprisionados e saber que irão perder a vida tão cedo, minha cara!... - exclama o general, altamente entristecido. - Mas que poderemos fazer por eles?

-Tu podes fazer, sim, *Caius!* -cochicha *Drusilla Antonia* ao ouvido do esposo.

- Que posso fazer, estando preso?... - pergunta ele.

- És rico e podes corromper os guardas!... - responde a matrona olhando firme nos olhos do esposo.

Súbito clarão perpassa pelos olhos do general. Sim, não lhe seria difícil comprar aquela súcia de corruptos!... Bastaria identificar-se centurião e tudo se resolveria!... Entretanto, uma nuvem de tristeza tolda-lhe o olhar. E *Jesus?*... Não estaria, como *Pedro* fizera um dia, negando *Jesus?*... O velho general emociona-se, e lágrimas pungentes inundam-lhe os olhos. Fixa, demoradamente, a esposa Como a amava!... Por ela daria a sua vida!... Depois olha *Flavius* e *Susanna* que permaneciam abraçados, tocando-se, sentindo-se, trocando ternas carícias. Amavam-se muito, também. E quão pouco tempo viveriam juntos!... *Caius* dividia-se. Estava em suas mãos o destino de todos eles. Deveria salvá-los ou não?... A dúvida martirizava-o. Se corrompesse os guardas, como ficaria perante os irmãos cristãos?... Que *Rufus* pensaria dele?... Era falsa, então, a sua fé?... Oh, somente Deus para inspirá-lo, diante de terrível impasse!... Com a garganta a fechar-lhe, num terrível nó, *Caius* deixa-se cair de joelhos e ora, cheio de fé. *Drusilla Antônia* também tomada pelo impulso da fé, ajoelha-se ao lado do marido e se põe a rezar. E, longamente, ambos suplicaram a Jesus que os iluminas diante da decisão a tomar. E, ao final de longa e fervorosa prece dirigida ao Divino Mestre, *Caius* levanta-se e, resoluto, apela para a sentinela que se postava de guarda diante das grades da cela.

- Soldado!... - exclama ele, com a voz forte.

- Que desejais? - pergunta o guarda de forma grosseira.

- Sou o general *Caius Petronius Tarquinius* e desejo falar ao comandante da guarnição! - e atira uma moeda de ouro de mil sestércios aos pés da sentinela.

O guarda, ligeiro como um alão, estira o pé e cobre a moeda com a pesada *coliga*. Depois, disfarçadamente, abaixa-se e, num átimo, recolhe a moeda e a guarda sob o cinto de couro. Em seguida, dirige-se à base da guarnição e, em pouco tempo, retoma, seguido do centurião.

-General *Tarquinius!*... - exclama o centurião, entre espantado e cínico. - Jamais imaginamos ter-vos sob a nossa proteção!...

- Proponho-vos um negócio, centurião - diz *Caius*, baixinho, quase a cochichar ao homem. E oferece ao cúpido militar gorda propina, para que propiciasse a liberdade de *Flavius* e de *Susanna*.

- Quando a noite cair, general - diz o centurião, com um sorriso de satisfação aos lábios -, o casalzinho estará fora daqui!...

Um fundo suspiro de alívio brota do peito de *Drusilla Antónia*. Ao menos *Susanna* e *Flavius* estariam a salvo!... Poderiam fugir para o Sul, irem ao encontro do avô e, distantes de Roma, talvez escapassem da fúria dos perseguidores. Ela e *Caius*, entretanto, não fugiriam, não abjurariam!... Não trairiam *Jesus*, jamais!... Seguir-Lhe-iam as pegadas até o fim!... Tremendamente emocionada, abraça-se ao marido e o beija, repetidas vezes, à face.

- Uma vez mais demonstraste o gigante que sempre foste, meu amor!... - exclama ela, orgulhosa.

- Fi-lo por ti, meu amor! - exclama ele, comovido. - Fi-lo por ti, e tudo que eu fizer, sempre pouco será, diante da imensidão de bondade que sempre foste para mim!...

Quando a noite cai, o mesmo soldado que *Caius* corrompera vem buscar *Flavius* e *Susanna*. A despedida foi tocante.

- Foge para *Neapolis*, sem delongas!... - exclama *Caius*, abraçando *Flavius*. E prossegue, aconselhando-o: - Se possível, faze-o ainda hoje!... Aproveita a escuridão, para te alongares o mais que puderes

de Roma!... E protege nossa *Susanna* que doravante estará somente sob os teus cuidados!...

- E vós general? - pergunta o rapaz, preocupadíssimo. - Não desejais que eu interceda junto ao imperador?

- Se fores até *Nero*, é bem possível que amanhã mesmo estejas de volta a esta prisão, meu caro!... - observa *Caius*, cheio de cuidados. E prossegue, aconselhando o rapaz: - Abstém-te de qualquer ato impensado a nosso favor, pois presumo que *Iulius Maximus* esteja por trás de nossas prisões!... E não te esqueças de que é a ti que ele, preferencialmente, deseja enviar ao *Circus Maximus*!... Portanto, se desejas escapar desta, permanece longe de Roma!...

Envoltos em longos mantos escuros e cobertos por capuzes *Flavius* e *Susanna* deixam a cela, secundados pelo guarda. *Drusilla Antonia* chora um choro convulso, pois a despedida de seus meninos, a quem tanto se afeiçoara, arrancara-lhe as fibras do coração. *Caius* abraça-se a ela e a consola. Também ele tivera o coração esfacelado ao vê-los partirem. Entretanto, doravante pertencia a *Jesus* e, pelo Divino Mestre, daria a sua vida, sem titubear um só instante!...

Quando o dia amanhece, um burburinho de excitação acontece nos corredores que davam acesso às celas das prisões.

- O imperador!... - ouvem-se as vozes dos soldados, extremamente nervosas, enquanto correm agitados pelos corredores.

- Sim, o imperador visita as prisões!... -Avia-te, imbecil!... Queres ser decapitado?... - escuta-se a voz nervosa do comandante, dando as ordens apressadas.

Acompanhado de pequeno grupo de fiéis e cínicos bajuladores, *Nero* passeava pelos escuros e abafados corredores das celas das prisões do *Circus Maximus*. E, enquanto alguns escravos, munidos de possantes archotes, iluminavam o interior dos infectos cubículos, o monarca romano perscrutava, minuciosamente e com elevado interesse, o interior das abafadas celas, a buscar os rostos cansados e sofridos dos prisioneiros que se amontoavam naquela imundície! Quando se deparava com algum conhecido, notadamente

pertencente ao patriciado, *Nero* apontava-o, com um dedo escarnecedor, e se ria a pregas soltas, acompanhado pelo coro do gargarhar sarcástico e ruidoso da súcia que o acompanhava. E foi nessa andança pelas celas que o imperador de Roma depara-se com os que, presumidamente, dir-se-ia que já buscava: *Caius* e *Drusilla Antonia!*

- General *Tarquinius!*... *Drusilla Antonia!*... - exclama *Nero*, fingindo espanto. - Que fazeis, aí, metidos no meio de tantos cristãos?

- Poupai-nos do escárnio, Majestade!... - exclama *Caius*, ar-rostando-o, sem se intimidar.

-Oh, por *Júpiter Capitolinus!*... - explode ***Nero***, num grito teatral. -Até o nosso prestimosíssimo general bandeia-se para o infame judeu!... Oh, pesar!... Oh, a desgraça abate-se sobre Roma!... -e continua, na grotesca pândega, montada para divertir os amigos, coisa em que era mestre: - E tu, *Drusilla Antónia*, a flor de nossa sociedade, presa como cristã!... Oh, terrível dia de nossa esplêndida vida!... Que não tem de passar um nobilíssimo príncipe como nós!... Como nos dói o valoroso coração!... - e se desmancha em espetaculosas lágrimas, cheias de falsidade.

A pequena platéia de adutores que o seguia ria-se, desbragadamente, da atuação do imperador. ***Caius***, entretanto, fremia de raiva. Tinha ganas de atirar-se sobre aquele monstro e de apunhalá-lo até cansar-se.

-Acalma-te, meu bem - diz *Drusilla Antónia*, baixinho. - Agora nada podes contra ele. Esqueces-te das lições de humildade que nos ensinou *Jesus*, quando O prenderam e O supliciaram?

As palavras de sua mulher caem-lhe como refrigerio à alma. Não poderia jamais se esquecer de ***Jesus***... Era chegado o seu momento de dar testemunho ao Divino Mestre e deveria seguir-Lhe os passos mais do que nunca!

- Tens razão, querida!... - diz o general, olhando envergonhado para a esposa.

Depois, volta os olhos para o alto e principia a murmurar, quase que inaudivelmente, sentida prece a *Jesus* e, como se não mais estivesse ali, pareceu não ouvir as tolices e a profusão de insultos que lhe dirigia o imperador e seus amigos. Quando, afinal, deu-se conta da realidade outra vez, o séquito real já se tinha ido.

- Já se foram, querido!... - diz *Drusilla Antônia*, apertando-lhe a mão. *Caius* nada diz. Apenas se limita a olhar, embevecido, para a mulher. Ela tinha um maravilhoso e intenso brilho no olhar! Era a certeza de que *Jesus* já os preparava para o terrível impasse pelo qual, brevemente, teriam de passar.

Na base da guarnição, à saída da prisão do *Circus Maximus*, *Nero* aproxima-se do centurião e lhe ordena, soberbo:

- Comandante, libertai, imediatamente, o general *Caius Petronius Tarquinius!* - e, arreganhando um sorriso pejado de maldade, acrescenta: - Somente o general, entendestes bem?... A esposa, não!

Depois, deixa, apressado, o *Circus Maximus*, radiante de felicidade, enquanto pensava: "Desejamos que sofraís, general, as dores infernais da perda de vosso amor!... E juramos estar presentes, quando isso acontecer, para gozarmos um pouco da vossa dor!...", e um sorriso de felicidade ilumina-lhe a face redonda e enxundiosa.

Capítulo XIII

Os terrores do cárcere

Deixando, apressadamente, a prisão, sobre a proteção do centurião e do guarda que *Caius* corrompera, *Flavius* e *Susanna* foram engolidos, rapidamente, pela densa escuridão da noite.

- Querida, passaremos, ligeiramente, em casa, apenas para apañarmos dois bons cavalos e dinheiro suficiente para a viagem!... -

exclama *Flavius*, conduzindo a jovem esposa pela mão, em passos rápidos.

- Oh, meu amor!... - exclama a moça, entre lágrimas. - Que será de *Drusilla Antónia* e de *Caius*!

- Aguarda-os o que tu já sabes, querida!... - responde o rapaz, com a voz embargada pela tristeza. - Terrível suplício, a meio de odientas humilhações, no *Circus Maximus*!

- Mas, como isso foi acontecer?... - questiona *Susanna*. - Cercamo-nos sempre de tantos cuidados!... Até *Pedro* encontra-se aprisionado!...

- Presumo que fomos delatados, minha cara!... - observa *Flavius*.

- Sempre há os traidores!...

- Difícil acreditar que um cristão de verdade tenha feito tal coisa!...

- diz *Susanna*, enquanto caminha apressada, firmemente presa o braço do jovem esposo.

- Sempre existem os falsos em tudo, minha cara!... - diz ele. - Crês, então, que não haveria os falsos cristãos?... E, como se repentina luz iluminasse-lhe a mente, *Flavius* pára, de inopino, e exclama:

- *Iulius Maximus*!... Queres apostar que o miserável encontra-se por trás de tudo isso?

- *Iulius*!!... - repete *Susanna*. - Será mesmo possível que teve a coragem de nos delatar?

- Oh, *Susanna*!... - exclama o rapaz, abraçando-se à jovem esposa - Ele te quer!... Ele não desistiu!... Deseja tomar-te de mim!...

Um calafrio percorre o corpo de *Susanna*. Era bem característico de *Iulius*!... Conhecia-o muitíssimo bem!... Se o primo, realmente, intentava algo contra eles, iria até o fim!...

- Temo que tenhas razão!... - exclama ela. - Ainda mais agora que o traste é amicíssimo de *Nero*!...

- O imperador, certamente, faz-lhe as vontades, minha cara!... - diz o rapaz. - Tudo se toma mais e mais difícil para nós!

- Mas, se conseguirmos escapar e fugir para *Neapolis*, lá, certamente, não nos acharão!... - observa *Susanna*.

- Enganas-te, querida!... - exclama *Flavius*. - Pensando bem, a casa de meu avô já não se torna lugar tão seguro para nós!... O imperador conhece meu avô e sabe onde ele mora!...

- Oh, que faremos, então?... Para onde iremos?

- De imediato, acho que nos procurarão por Roma inteira, o que nos dará tempo suficiente para fugir e chegar a *Neapolis*. Depois, com a ajuda de vovô e de mamãe, decidiremos o que fazer.

Duas horas depois, quando a aurora principiava a tingir o horizonte com seu luaréu rosa, um garboso rapaz e uma jovem e belíssima senhora, deixavam Roma, cavalgando, desabaladamente, rumo ao Sul.

* * * * *

A prisão de *Pedro*, juntamente com expressivo grupo de cristãos, trouxera grande comoção à cidade. Ânimos exaltavam-se, e grupos de sediciosos formavam-se diante das prisões do *Circus Maximus*, intentando invadir a fortaleza, para justicarem os prisioneiros, mas eram brutalmente contidos pela guarda, que os impedia de entrar, formando barreiras com lanças em riste. Os mais atrevidos eram fria e barbaramente trespassados pelos soldados, fato que aumentava ainda mais a ira do populacho. Uma rebelião armava-se, e a notícia acabava de chegar até o palácio imperial. *Nero*, reunido com seus conselheiros, encontrava-se altamente nervoso e agitado, andando de um lado para outro.

- Que nos dizeis, sapientíssimo *Crispus*!... - pergunta ele a um de seus conselheiros.

- Temo que a rebelião possa aumentar e se tornar incontrollável, Majestade!... - observa o homem. - O povo encontra-se altamente enfurecido com os cristãos, depois que esses fanáticos seguidores do Judeu incendiaram a cidade!...

- E vós, *Cneius Priscus*, o que nos aconselhai?

- *Crispus* tem razão, Majestade! - diz o conselheiro. - O povo encontra-se altamente enfurecido e sabeis que, uma vez descontrolada a turba, é impossível detê-la e também impossível é prevermos as conseqüências de uma revolta de tal monta!... Quem nos garante que, depois de esfacelarem os cristãos, não se voltarão contra nós?...

Nero olha para o conselheiro, grandemente transtornado. O homem tinha razão.

- Sábias conclusões, nobilíssimo *Cneius Priscus!*... - exclama o imperador. - Poderão voltar-se contra nós!... E, então, o que faremos, não é mesmo?... Nem dez legiões inteiras poderão detê-los!... E hoje, em Roma, não temos sequer uma delas sediada, a defender-nos, prontamente, se necessário for!... Acham-se todas nas possessões, a abafarem as rebeliões!... - diz ele, sentando-se e se encolhendo todo, transido de medo. E continua: - Mas, ide adiante, pois presumimos terdes alguma sugestão!

- Sabemos que vossos soldados prenderam um dos grandes chefes dos cristãos, Majestade - prossegue o conselheiro. - Deveis condenar esse homem, imediatamente, à morte, em grande estilo!... Isso, certamente, acalmar-lhes-á os ânimos!

- Bravo!... - grita *Nero*, batendo palmas, efusivamente. - Bravíssimo, caríssimo *Cneius Priscus!*... Damos-vos, como prêmio, três milhões de sestércios!... -e, depois, enchendo-se de curiosidade, pergunta: - Não sabíamos que tínhamos aprisionado tal homem!... De quem se trata?...

- *Pedro*, um dos apóstolos do Judeu Cristão!... - ouve-se uma voz que até então permanecera calada. Era *Iulius Maximus*.

- Oh, um dos seguidores do Judeu Carpinteiro?!... - admira-se o imperador. - E como tomastes conhecimento acerca dessas cousas, nobilíssimo *Iulius?*

- Porque fui eu a delatá-los todos, Majestade!... - responde, orgulhoso, o rapaz.

- Oh, uma vez mais mostrastes o quanto sois valoroso para a coroa, querido!... –exclama *Nero*, abraçando-o, efusivamente, e o beijando, repetidas vezes, às faces. - A vós, entretanto, por nos prestardes tal relevante serviço, presenteamos-vos com cinco milhões de sestércios!

- Sou-vos imensamente grato, Majestade! - diz o rapaz e prossegue:

- Se me permitis, a sugestão de nosso nobilíssimo conselheiro *Cneius Priscus* é excelente; entretanto, para arrefecerem-se os ânimos da turba, é preciso mais!... E necessário que se faça uma grande encenação!... E que vós, Majestade, em pessoa, visiteis o prisioneiro, que o apresenteis ao povo, que o achincalheis em público e que assineis a sua condenação ao suplício, diante de todos, na praça do *Forum!*... E, como o tal chefe cristão não é cidadão romano, será crucificado!... Mas, que se faça essa crucificação em grande estilo, com pompa, com procissão, com uma hecatombe pública a *Júpiter Capitolinus!*...

- Esplêndido!... - exclama *Nero*, com os olhos brilhantes. - Faremos uma linda festa!... O povo irá adorar!...

A seguir, o monarca de Roma, já bastante aliviado em suas apreensões, encerra a reunião e despede seus conselheiros. Apenas *Iulius Maximus* permanece no grandioso salão e, levantando-se, encaminha-se para o lado de ***Nero*** e lhe diz baixinho:

- Majestade, tenho um pedido a fazer-vos.

- Oh, caríssimo - diz o imperador -, pedi o que desejardes e vos daremos agora mesmo!

- Sei que condenareis todos os prisioneiros cristãos à morte, não é verdade?

- Claro que faremos isso, nobilíssimo *Iulius!* - exclama *Nero*. -Ficai certo de que não iremos vos desapontar!... É para isso que os prendemos!

- Entretanto, até mesmo o general *Tarquinius* e sua esposa serão condenados à morte?... - pergunta o rapaz, cheio de expectativa. -

Sabíeis que também eles se encontram encarcerados por serem cristãos, conforme nos indicastes?

- Oh, se sabia!... - exclama o imperador, com estranhíssimo brilho aos olhos. - Credes, acaso, que iríamos perder tal oportunidade?!... Jamais!... E já os visitamos, ontem mesmo, nos cárceres do *Circus Maximus*!... Nós nos encontrávamos ansiosíssimos para ver-lhes as fuças, assim que nos informaram de suas prisões!

- Certamente, devestes ter visto, também, *Susanna Procula* e seu marido, não é mesmo?

- Deixai-nos ver... - responde o imperador, revirando um par de olhos espúrios, para forçar a memória. Não se lembrou de tê-los visto; entretanto, prossegue, depois de alguns instantes: - A lindíssima neta do senador *Cornélius Helvetius Pisanus* e o jovem esposo?... Que beleza de casal!... Que rapagão, hein?... Excelente escolha fez a donzela!... Sim, vimo-los!... Os pombinhos arrulhavam, presos na gaiola!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

O rapaz mal disfarça a intensa raiva que lhe causaram as encomiásticas palavras que o imperador dissera sobre o odiento rival. Entretanto, fazia-se extremamente necessário controlar-se, pois era patente que o monarca de Roma zombava dele, elogiando as qualidades do outro. O miserável não perdia uma única chance de se divertir às custas de quem quer que fosse!... Porém, *Iulius*, esperto como era, sabia que aquele não era o momento propício para arrostar aquela fera sanhuda.

- Entretanto, suplico-vos, Majestade!... - diz o jovem, sério, sofrendo-se ao máximo para não se indispor com **Nero**, pois, mais do que nunca, naquele instante, precisava de sua imprescindível cooperação. E prossegue, apondo alta dose de súplica à voz: - Peço clemência para ela, *Susanna*!... Sabeis o quanto a desejo!...

- Oh, a paixão!... - exclama **Nero**, piscando-lhe um olho, marotamente. - Vós a quereis, não é mesmo?... Pois nós vo-la daremos!...

Pouco depois, *Iulius* deixava o palácio imperial, fustigando, impiedosamente, os cavalos de seu carro, em direção das prisões do

Circos Maximus. Enrolado sob o manto, junto ao peito, levava o papiro com a ordem de soltura de *Susanna*, escrita e assinada a punho pelo próprio imperador!

Uma hora depois, ei-lo a saltar, apressado, de seu carro, diante dos portões gradeados das enxovias do *Circus Maximus*. Ofegante e ansioso, apresenta ao centurião o documento que libertava *Susanna*.

- Impossível atender-vos, honrado tribuno!.. - diz o militar, devolvendo-lhe o papiro.

-Acaso não ireis acatar uma ordem imperial, imbecil?!... -exclama o rapaz, levando, acintosamente, a mão aberta ao peito do homem, que dá um passo para trás e desembainha a espada para defender-se.

-Alto lá, *domine!*... -exclama o centurião, apontando-lhe, ameaçadoramente, a arma. - Se não atendemos à ordem de Sua Majestade é porque os prisioneiros já foram libertados por uma determinação anterior a essa!

- Impossível!... - brada *Iulius Maximus*, encolerizado. - Deve haver um engano!... Ninguém autorizaria a libertação desses prisioneiros, a não ser o imperador em pessoa!

- Engano nenhum, tribuno!... - responde o oficial, firme. - Eu mesmo soltei os prisioneiros!...

- E a ordem de soltura?... - explode *Iulius*, irado. - Mostra-me a ordem de soltura!... Quero ver quem a assinou!...

- Primeiro, vossa identificação, *domine!*... - exclama o centurião, arrostando-o, feroz. - Onde o documento que vos dá tal direito?... Apresentai-mo!...

Iulius ia revidar, mas se conteve. Não era credenciado a nada e não tinha qualquer ascendência sobre aquele militar. Mordendo, furiosamente, o canto do lábio inferior, lança um olhar de ódio ao centurião e sai. Fora enganado. Menosprezara a inteligência dos seus desafetos. Era patente que haviam corrompido aquele centurião desgraçado!..-E, àquela hora, fugindo desde a madrugada, por certo, já deveriam encontrar-se bem distante de Roma. Seria

inútil persegui-los, naquele momento. Resolutamente, salta para o carro e fustiga, violentamente, a belíssima parrelha de fogosos cavalos que arremete em louca disparada. De volta para o palácio imperial, *Iulius* remoía a decepção sofrida. "Miseráveis!...", pensava ele, enquanto açulava os cavalos, aplicando-lhes violentas chibatadas aos flancos luzidios. "Pensam que desistirei, facilmente?... Não, idiotas!... Caçá-los-ei até nos infernos, se preciso for!..."

* * * * *

O general *Caius Tarquinius Petronius* vagara por toda a manhã, sem ramo. Estava livre, mas tinha a boca seca e amarga. As lágrimas inundavam-lhe os olhos, ao rememorar, pela milésima vez, os acontecimentos daquela manhã, logo após a visita de *Nero* às prisões do *Circus Maximus*. O centurião se aproximara da porta da cela em que se encontravam presos ele e *Drusilla Antónia* e ordenara que ele saísse, que estava livre. A princípio uma onda de alegria perpassara-lhe a alma para, logo em seguida, ser tomado de total desespero; pensara que estariam livres, ele e a esposa, que o imperador dera-lhes o indulto; entretanto, a crueldade daquele monstro superava-se: dera a liberdade apenas a ele, *Caius*, deixando a adorada esposa presa!... Separava-os, o miserável!... Monstro!... Ah, deveria tê-lo matado!... Quantas chances não tivera de fazer isso?... Sabia que *Nero* não suportava os generais romanos, assim como não gostava dos senadores, posto que os temia a todos!... E se vingava, barbaramente, quando tinha alguns deles nas mãos!... Vingava-se, empregando as formas mais cruéis de que se tinha notícia, o monstro!... Daquele demônio tudo se podia esperar, menos clemência!... Recentemente, correra a notícia de que havia assassinado a segunda esposa, *Popeia Sabina*, aplicando-lhe violentos pontapés ao ventre, sabendo-a grávida!... E, somente porque a imperatriz o admoestara por ter chegado tarde de uma rinha de galos!... Por motivo tão banal, assassinara a esposa e o próprio filho!... Existiria monstro maior que aquele?...

Caius percorria, desolado, as ruas da cidade, ainda atravessando cada esquina de entulhos, resquícios do terrível incêndio, e pensava. *Nero* despejava seu ódio nele!... Separava-o de *Drusilla Antônia*! Libertara-o, propositadamente, para que ele assistisse ao suplício de seu amor!... Oh, desgraçado!... Sabia o quanto ambos se amavam, e ele, *Nero*, como era um poço de maldade, desconhecia, completamente, o que era amar verdadeiramente!... Acaso os monstros poderiam amar?... Não, sentimento tão sublime, que cobre todas as deficiências do ser, só poderia constituir atributo de criaturas sensíveis, tocadas pela plenitude do viver, do existir!... Inconcebível a idéia de que os monstros pudessem ser capazes de amar!...

Lembra os olhos da amada, ao se despedirem. Haveria dor maior no mundo?... E ele, deixando-a ali, tão fina, tão educada, tão gentil, à mercê da grosseria dos soldados!...

- Oh, *Drusilla, Drusilla!*... - repete ele baixinho, com as palavras molhadas de lágrimas. - Quis tanto que fizéssemos a Grande Viagem juntos, eu e tu!... Entretanto, *Jesus* testa-nos, ainda mais fortemente, a nossa fé!... E rezo para que tenhas a força suficiente para encarares o teu martírio sem medo, sem fraquejares!... E eu não estarei ali, ao teu lado, para segurar a tua mão, quando as tuas carnes forem esfaqueadas pelas garras das feras, que promoverão tão monstruoso espetáculo para gozo da fera maior, que se sentará no camarote imperial!... Oh, *Jesus*, dai-me as forças para eu prosseguir vivendo, pois a dor que sinto em meu peito acabará por fazê-lo explodir em mil pedaços!...

O dia todo, *Caius* passou-o a percorrer as ruas, cheio de desespero. Nada podia fazer por sua amada; sequer tentar corromper os soldados para que a soltassem, pois, agora, o imperador demonstrara pessoal interesse naquele caso, e ninguém seria idiota a ponto de correr o risco, deixando-se corromper e ter de dar contas, depois, do sumiço daquela prisioneira.

Quando a noite caiu, *Caius* resolveu voltar para casa. Sabia que, por ora, não o molestariam. *Nero* queria-o vivo, para que sofresse os

horrores do inferno, vendo sua amada esposa sendo devorada viva pelos leões, no *Circus Maximus!*... Extremamente cansado, ganha as imediações de sua propriedade e estranha que tudo se encontrasse às escuras e que nenhum archote queimasse no jardim externo, iluminando a entrada da casa. Altamente intrigado, aligeira os passos e, ao se encontrar diante do portal que dava para o *vestibulum*, sente-se estarrecer: sua casa achava-se totalmente saqueada, pois a notícia de sua prisão correra bem depressa, e os aproveitadores das desgraças do próximo já haviam se antecipado e levado tudo: a mobília, os vários utensílios, valiosas e preciosíssimas obras de arte, e também o que conseguiram arrancar do mármore e do granito dos pavimentos, bem como do revestimento das paredes e dos tetos. A sua mansão, que outrora fora um mimo de luxo e de suntuosidade, sempre impecável e bem organizada nas mãos de sua competentíssima *Drusilla Antônia*, naquele momento, encontrava-se um caos, totalmente em minas, nada lembrando do antigo esplendor que ostentara.

Caminhando com extrema dificuldade por entre os destroços, **Caius** entra pelo *vestibulum* e, entristecido, com lágrimas aos olhos, observa o que restara do que fora o seu querido lar!... Senta-se no chão, no meio do caótico salão, e soluça amargamente. A lembrança do rosto da esposa, ao se separarem, não lhe saía da mente. Grudara-se a ela, não a queria deixar.

-Ordeno-vos que saiais, imediatamente, general!... - bradarão centurião, enfurecido com a relutância de *Caius* em deixar a cela. - São ordens expressas do imperador, para que vos libertemos, sem delongas!... Portanto, não nos criéis problemas, *domine!*

-Deixai-me ficar, centurião!... - gritara ele, desesperado.-Olhai, dou-vos tudo o que trago comigo!... - e lhe estendera uma mancheia de sestércios de ouro. - Mas, suplico-vos, permiti que eu permaneça ao lado de minha esposa!...

- Impossível, general! - bradara, ríspido, o militar. E, deitando um par de olhos cúpidos sobre o ouro, prosseguira: - Não fossem as

ordens expressas de Sua Majestade, já estaríeis longe daqui, vós e vossa esposa!...

As lágrimas brotam-lhe abundantes dos olhos. Oh, desdita!... Lamenta-se e chora até se cansar. O pensamento queima-lhe, num turbilhão desencontrado. Perdia-se pelas voragens do ódio e da revolta contra aqueles cruéis verdugos!... Mas, e a fé e o perdão?... Por onde andariam a sua fé e a capacidade de perdoar, incondicionalmente, àqueles que lhe feriam a face direita?... Não lhes deveria voltar, também, a outra?...¹ De repente, sente-se envergonhar e, com o coração altamente contrito, lembra-se de *Jesus*. Então, sentiu que invisíveis mãos tocavam-lhe o alto da cabeça, e inefável paz, paulatinamente, dele vai se assenhoreando, e terno consolo advém-lhe, aos poucos, e ele, então, empertiga-se. *Jesus!*... Sim, o Consolador por excelência não o desampararia!... Põe-se de joelhos e ora, fervorosamente:

-Oh, Divino Mestre *Jesus!*... Supri as deficiências de minha fé!... Sei que, sem Vosso amparo, não suportarei as espinhosas urzes que ladeiam o meu caminho, a lanhareem-me, impiedosamente, as carnes!... Oh, Senhor, antes tinha o amparo de meu amor, a dar-me forças!... Mas, e agora?... Encontro-me só, no meio dessa desolação!... E meus irmãos na Vossa Fé?... Poucos restaram livres, e muitos desses se escondem acovardados, diante de tanta maldade!... Seremos todos dizimados, impiedosamente arrasados pela fúria dos perseguidores implacáveis?... Será que Vossa Doutrina não persistirá?... Tantas são as dúvidas a me apoquentarem o coração, amantíssimo *Jesus!*... Não há pior dor que asolidão!...-eos soluços embargam-lhe a voz, sacu-dindo-o, violentamente.

Neste ínterim, sente que lhe tocavam o ombro.

- *Domine!*... - ouve conhecida voz, chamando-o.

-*Iustus?!...* - exclama *Caius*, observando, atento, o vulto que se ajoelhava diante dele. Era a voz inconfundível de seu mordomo, e súbita explosão de alegria invade-o. - Oh, *Iustus!*... *Iustus!*... Es tu!...

- Sim, *domine!*... - fala o mordomo, espantando-se com a efusiva demonstração de alegria que seu senhor demonstrava em vê-lo.

-Escapaste, então!... - diz o general, premindo os olhos e se esforçando para divisar a fisionomia de seu fiel servidor, no meio da escuridão. - Dize-me, *Iustus*, onde estão os outros?... E *Dulcina!*

-Oh, *domine!*... Quanta desgraça!... - exclama, desolado, o mordomo.

- Minha querida *Dulcina* encontra-se presa nas enxovias do *Circus Maximus!*... E os outros, os servidores da casa, foram todos friamente assassinados pelos saqueadores de vossa casa!... - relata, lacónicamente, o servidor de *Caius*, com a voz toldada pelo pranto. E prossegue, cheio de tristeza, como a se culpar pela terrível tragédia: -Entretanto, nada pude fazer para salvar-lhes as vidas!...

- Oh, não te culpes por essa tragédia, meu caro!... - exclama o general, atraindo o homem para si e o abraçando forte. - Que culpa tens, diante dessa desgraça toda?... Não passas de mais uma vítima, como eu!... Mas, dize-me: como conseguiste escapar?... Não te encontravas nas catacumbas?

- Não, *domine!* - responde o mordomo. - Naquela fatídica noite, não pude ir. Apenas minha adorada *Dulcina* foi, acompanhando alguns outros servidores de vossa casa!... Como eu tinha que fazer averiguações em vossa adega, permaneci em casa. *Dulcina*, entretanto... -e os soluços sacodem-no violentamente. Depois de penoso esforço, consegue reequilibrar-se e prossegue relatando: - Como não regressastes das catacumbas, presumi que algo terrível havia acontecido e saí a vossa procura. O dia já amanhecia, quando avistei, de longe, o triste cortejo de prisioneiros que os soldados conduziam às enxovias do *Circus Maximus*... Acobertado pela vegetação do campo, consegui, sem ser visto, seguir-vos, passo a passo, até serdes todos encarcerados. Como nada podia fazer, resolvi imiscuir-me no meio do populacho que se exaltava com as vossas prisões e permaneci por ali, por todo o dia. Quando os soldados principiaram a dispersar a população enfurecida, resolvi retomar para vossa casa e, ao chegar, deparei-me com o saque e a destruição total de tudo.

Ainda havia alguns dos ladrões perambulando por aqui, e então, resolvi esconder-me entre os tufos do *viridarium* e aguardar até que todos se fossem. Meus antigos companheiros já se encontravam todos mortos; nada pude fazer para salvar-lhes as vidas!...

- Sei que nada pudeste fazer, meu bom *Iustus!*... - exclama *Caius*, consolando-o. - Os verdadeiros culpados da tragédia são outros!...

- E, agora, *domine*, que faremos?.... - pergunta o mordomo.

- Não temos para onde ir, *Iustus!*... - responde o general, desolado.

- Em breve, nossas esposas e amigos serão todos supliciados e restaremos apenas eu e tu!... Por ora, permaneceremos nestas ruínas; depois, decidiremos o rumo a tomar.

O mordomo, então, junta alguns destroços remanescentes do mobiliário do que fora, até bem pouco tempo, o *triclinium* da exuberante mansão e acende pequena fogueira em torno da qual ambos terminariam de passar aquela noite que se lhes apresentava cheia de tormentos. O estado de ânimo dos dois homens era deplorável; apenas a companhia um do outro é que lhes dava um pouco de consolo, diante de tão terrível provação.

- Crede, *domine*, que as supliciarão logo? - pergunta o serviçal, com a voz cheia de amargura.

- Não costumam demorar-se muito, para consumarem esses nefandos assassinatos, *Iustus* - responde *Caius*, altamente entristecido.

- *Nero* precisa inocentar-se, bem depressa, diante do senado e da opinião pública, pelo incêndio da cidade. Aquele monstro proporciona, talvez, a pior desonra que Roma já recebeu, em toda a sua espetacular história, e inocentes pagam por esse execrável delito!...

- Oh, como gostaria de estar ao lado de *Dulcina!*... - exclama o mordomo, com os olhos rasos de lágrimas. - Nós nos daríamos força um ao outro, diante da provação extrema!...

- Também eu, *Iustus!*... - diz o general, somando a sua dor à do fiel

amigo e servidor. - Também eu desejaria estar ao lado de minha adorável *Drusilla* e, juntos, darmos nosso testemunho ao Senhor do Mundo!... Entretanto, meu fiel companheiro, penso que *Jesus* deseja testar-nos mais, tornar a nossa dor ainda mais digna de Sua inefável confiança!... Que importância tem a confiança que depositamos no Divino Mestre, se Ele ainda não confia em nós?... Essa confiança. *Iustus*, só se efetivará quando O imitarmos, seguindo-Lhe as pegadas até o fim, provando, assim, de que lado, realmente, encontramos-nos!...

-Tendes razão, *domine!*... - concorda o mordomo, enchendo-se de fé, ao ouvir as palavras do amo. - Que nos adiantaria lutar para mantermos a vida neste mundo, se perdêssemos a vida eterna?... Acaso não disse Ele: "*Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará?...*"

-Estás certíssimo, meu caro! - exclama o general, com os olhos fixos na fogueira. As chamas amarelo-avermelhadas dançavam um bailado lânguido, impulsionadas pelo vento frio da madrugada que entrava pelas portas e janelas grotescamente esborcinadas e roubadas pelos vândalos da véspera. - E hora de tomarmos a nossa cruz e de segui-Lo!...³

As horas escoavam-se devagar. O gélido frio de final de outono atormentava os dois homens que se acoravam ao lado da fogueira. Nada haviam comido desde o dia anterior e nada tinham para comer ali nas ruínas; tudo fora saqueado, vilmente roubado. Entretanto, o sofrimento de suas almas era tanto que sequer sentiam o estômago reclamando por algum alimento. As acerbadas dores da alma amortecem as dores da carne, superando-as em intensidade. Não que sejam superiores umas às outras: dores são dores, em quaisquer circunstâncias, entretanto as dores calcadas na paixão são mais intensas, acham-se aquém de qualquer um outro tipo de padecimento. São dores de amor, e dores de amor nunca são de

2. Evangelho de S. Lucas, 9.24

3. Evangelho de S. Lucas, 9.23

brincadeira!... Realmente doem até não mais quererem, e não há remédio que as debele!... Resta-nos, então, deixá-las doerem, roendo-nos as entranhas, carcomendo-nos, impiedosamente, quais horripilantes cancros, até matar-nos, sem o mínimo de piedade!...

Quando a madrugada desponta, encontra-os adormecidos, vencidos pelo cansaço, ao lado das cinzas da fogueira que se extinguiu por falta de realimentação. Tinham o corpo enregelado pelo vento frio da noite, e foi necessário um esforço intenso para que os músculos das pernas e dos braços voltassem a obedecer.

- Verei se encontro algo para comermos, general - diz o mordomo. - Talvez tenham poupado a adega.

Caius nada diz. Limita-se a aquiescer, com um sinal de cabeça. A dor e o desânimo maltratavam-no sobremaneira. A lembrança da esposa, os olhos enchem-se-lhe de lágrimas pungentes. Como estaria ela?... Teria forças suficientes para suportar tamanha provação?... Oh, *Drusilla, Drusilla!*... A imagem da mulher amada forma-se-lhe à mente. Tão bonita, fina, gentil!... Recorda-se de quando a encontrara!... Quanto tempo fazia?... Quarenta anos?... Tanto tempo assim?... Assusta-se com a enormidade de anos que já haviam passado desde então. Lembra-se do casamento, da grandiosa festa na mansão dos pais de *Drusilla*... Tantos eram os convidados!... Até o grande imperador *Caius Iulius Caesar* estivera presente!... Eram amigos, ele e o imperador. Havia lutado juntos, em várias batalhas. Entretanto, que trágico fim todo aquele brilho estava tendo!... Não conseguia imaginar a esposa, sempre tão acostumada ao fausto e ao luxo, de repente, ver-se lançada numa enxovia imunda e úmida, nos escuros subterrâneos do *Circus Maximus*, sendo maltratada pela grosseria dos soldados, privando-se do mínimo de conforto!... Sabia que *Drusilla Antônia* passava fome e sede, juntamente com os demais prisioneiros, amontoados nos cárceres !... Ninguém lhes daria nada para comer; sequer água teriam para matar a sede!... Que monstruosidade ímpar!... Que *Jesus*

se apiedasse de todos eles e lhes abreviasse aqueles momentos de extrema dor!...

Depois de algum tempo, *Iustus* retorna com duas pequenas ânforas de vinho.

-Felizmente não levaram tudo láde baixo!... -exclamao mordomo, demonstrando um pouquinho de ânimo. - Desconheciam que mantí-nhamos algumas ânforas enterradas sob o solo da adega, para melhor envelhecer o vinho!...

- O vinho aquecer-nos-á, *Iustus*, e aquietará o nosso estômago!... - diz o general, estourando o gargalo da pequena ânfora com o pesado cabo de seu punhal.

- Sim, *domine* - diz o mordomo, com um sorriso triste aos lábios -, ao menos por ora, teremos a companhia do vinho que, além de nos aquecer o sangue, far-nos-á esquecer um pouco as nossas dores!

- Amortecer-nos as dores - corrige-o *Caius*. - Não te esqueças de que o álcool apenas amortece, temporariamente, as mágoas e as dores da alma; depois de brevíssimo tempo, tudo retoma a mesma crueldade de antes!... Não há remédio conhecido para as dores da alma, meu caro amigo!... É sofrer, sofrer e nada mais...

O novo dia chegava e se instalava, soprado por um ventinho frio. O céu estava cinza, de chumbo, prenunciando mais um inverno que chegava. ***Caius*** traga alguns goles de vinho e sente o estômago queimar pela ação do álcool. Em pouco tempo, leve zonzeira invade-lhe a cabeça: não tinha o hábito de beber vinho puro. Seu mordomo bebera todo o conteúdo da outra garrafa e se sentara ao chão, recostando-se, displicentemente, à parede, e chorava baixinho. Lágrimas pungentes molhavam-lhe as faces, e os soluços sacudiam-no, ligeiramente, a curtos intervalos. *Caius* apieda-se dele. Pobre homem!... Estava sofrendo a mesma dor que a dele. Dores horríveis. Dores iguaizinhas.

- Vamo-nos daqui, *Iustus* - diz *Caius*, tomando-o pela mão. - Se nada podemos fazer por nossas esposas, ao menos fiquemos perto delas o máximo que nos permitirem.

E, apoiando-se um ao outro, caminhando tropeçadamente, o general e seu serviçal deixam as minas do que, um dia, fora-lhes o inesquecível lar...

Capítulo XIV

O terrível suplício

Depois que deixou as prisões do *Circus Maximus*, extremamente enfurecido por ter sido passado para trás, *Iulius* perambulava como um possesso pelas mas, em busca de informações que pudessem levá-lo ao enalço de *Susanna Procula* e de *Flavius*. Porém, suas buscas tinham se mostrado infrutíferas até então. Ninguém havia visto o casal. Simplesmente, haviam sumido, sem deixar nenhuma pista. Altamente decepcionado, o rapaz decidia-se por retornar ao palácio imperial, quando súbita idéia se lhe apresenta.

-Claro!... - exclama baixinho. -É bem possível que tenham passado pela casa antes de partirem!... Ao menos, para apanharem dinheiro e cavalos!... Como é que poderiam fugir, sem dinheiro e sem cavalos?...

Ligeiro, toma a direção da residência de *Flavius*. Lá, certamente, deveria haver alguns dos criados e escravos que ficariam para cuidar da casa!... Não seria difícil desatar-lhes a língua!... Por bem ou por mal, qualquer escravo acabava sempre falando!

Uma hora depois, saltava, abruptamente, de seu carro, diante do *vestibulum* da suntuosa mansão do senador *Rimalius* que se encontrava aparentemente deserta. Chama, insistentemente, e, à primeira vista, não aparece viva alma. Quando, decepcionado, decidia-

se por abandonar o local, vê surgir, de um dos cantos da casa, uma figura familiar.

- *Héacles?!...* - exclama *Iulius*, ao reconhecer o escravo que *Nero* dera de presente a *Susanna*.

- *Domine!...* - diz o cativo, aproximando-se e, ajoelhando-se, beija a fímbria da clâmide de linho branco de *Iulius*.

- Onde estão os teus senhores? - pergunta *Iulius*, ansioso.

O escravo olha para o rapaz, com os olhos carregados de tristeza. Não ostentava mais a exuberância do que fora um dia. Achava-se com o rosto esquelético, a pele cerácea e macilenta e havia engordado, tomando as formas arredondadas.

- Que te fizeram eles?!... - pergunta o rapaz e, antes que o escravo respondesse, prossegue: - Emascularam-te?...

- Sim, *domine...* - responde o outro, baixando os olhos, envergonhado. - Meu amo exigiu que minha dona assim procedesse... Ah, senhor, levai-me convosco!...-suplica o escravo, em seguida, arrojando-se aos pés de *Iulius* e, tomando-lhe a mão, num rompante de atrevimento, beija-a com insistência.

-Ah, então foi essa a saída que acharam para o presente de *Nero!*... - murmura baixinho, cheio de raiva. Depois, lança ao escravo um olhar de desdém e de repulsa, empurra-o, grotescamente, para longe de si, com o cabo de seu chicote, e lhe pergunta, ríspido: - E onde estão todos?... Onde estão teus senhores?

- Não há mais ninguém aqui, além de mim - responde o escravo, com os olhos inflamados de ódio. - Foram-se todos e me deixaram para trás. Disseram-me que eu estava livre, mas não tenho para onde ir!... Do modo como saíram apressados e sem nada levar, acho que fugiam, *domine!*...

- E o que mais disseram durante o tempo que aqui estiveram?... Escutaste algum comentário do local para onde pretendiam ir? - pergunta, afoito, o rapaz.

- Sim, por várias vezes, ouvi o nome *Neapolis*, *domine* - diz o escravo.

- Certamente é para lá que se dirigiam.

- Malditos!... –exclama *Iulius*, cerrando os dentes. - Eu deveria saber!...

E, ligeiro, o rapaz corre para o carro e sai em disparada, deixando o escravo a olhá-lo, com estranho sorriso de satisfação aos lábios.

Sabia que *Iulius* caçava *Susanna* e *Flavius* por serem cristãos. Satisfazia-se, imensamente, em tê-los denunciado, dando pistas de seu paradeiro. Certamente, seriam presos e supliciados no *Circus Maximus*!... Vingava-se, assim, do que os amos lhe haviam feito!...

- Agora, pagarão caro pelo que me fizeram, malditos!... – murmura *Héracles*, baixinho, com um brilho de ódio nos olhos. – E, se, eventualmente, forem supliciados no *Circus Maximus*, lá estarei, com toda a certeza, para gozar, imensamente, de vosso infortúnio, desgraçados!

* * * * *

Dois dias após a prisão dos cristãos nas catacumbas, o suplício dos infelizes inicia-se com grande alarde. Primeiro, os algozes trataram de supliciar *Pedro*, e grande festa programou-se. Armou-se imenso e esplêndido palanque onde antigamente se erguia o *Comitium*, e *Nero*, em pessoa, leu a condenação do apóstolo de *Jesus* à morte, por crucificação. Depois, o sumo sacerdote de *Júpiter Capitolinus* comandou os ofícios, sacrificando uma hecatombe ao pai dos deuses, diante de uma multidão que se acotovelava interessadíssima em assistir à espetacular cerimônia que o próprio imperador comandava.

Pedro, manietado e seminu, e estrategicamente colocado no pros-cênio do palanque, a tudo assistia, guardado por dois pretorianos armados de lanças. O insigne apóstolo, apesar de aparentar excessivo cansaço, trazia as feições tranqüilas e mantinha os olhos baixos, em atitude de profunda meditação, embora, a curtos intervalos, um frêmito de ódio percorresse a turba que, enfurecida, gritava terríveis impropérios e longos apupos ao prisioneiro, quando o próprio **Nero** ou o sacerdote de *Júpiter Capitolinus*

inflamavam-se em seus ataques aos cristãos, culpando-os, publicamente, pela nefasta tragédia que, dias antes, vitimara a cidade e matara queimada dois terços de sua população.

Terminada a achincalhão pública de *Pedro*, arma-se sinistra procissão à frente da qual, o apóstolo foi colocado sobre um andor, dentro de pequena jaula em forma de gaiola, tudo adrede preparado, e carregado aos ombros por um grupo de pretorianos. A turba, enlouquecida e altamente furiosa e a gritar, em altos brados, terríveis xingamentos e impropérios de baixo calão, seguia o cortejo até o local escolhido para a crucificação. Os pretorianos, armados de lanças, somente a muito custo, é que conseguiam manter o populacho em relativa ordem; o que realmente desejavam aquelas pessoas altamente enfurecidas era lançarem-se sobre o andor e justicarem o pobre seguidor de Cristo, com as próprias mãos!... Ligeiramente atrás do andor, *Nero* seguia a procissão, satisfeitíssimo, guiando o próprio carro e se divertindo, sobejamente, com o estrondoso espetáculo que julgava dar ao povo.

Depois de desfilarem, propositadamente, em ziguezague, por diversas ruas do centro da cidade, a bizarra procissão toma a direção da colina Vaticana, local adrede escolhido para a crucificação de *Pedro*.

No meio da turbamulta que seguia o cortejo, encontravam-se *Caius* e *Iustus* que, pesarosos e muito entristecidos, acompanhavam o insigne seguidor de *Jesus* até o seu suplício.

Após uma caminhada de mais de duas horas, durante a qual o supliciado fora sobejamente maltratado, física e moralmente, até a exaustão, finalmente, chega o momento final. Com muita dificuldade, a turba foi contida a distância pela guarda pretoriana, e os carrascos principiaram a prender *Pedro* à cruz infamante!... O infeliz condenado aparentava paz profunda e sublimidade ímpar, fato que causava espanto aos seus algozes, mormente a *Nero* e ao sumo sacerdote de *Júpiter Capitolinus*, que não conseguiam entender, de modo nenhum, o proceder dos cristãos que se

condenavam à morte!... Firmemente preso à cruz e, quando iam levantar o madeiro, *Pedro*, com extrema humildade, solicita ao centurião que comandava a operação:

-*Domine*, por misericórdia, solicito-vos!... Sou indigno de morrer como morreu meu Senhor!... Prendei a cruz de cabeça para baixo!...

O centurião olhou para aquele rosto súplice e se riu com escárnio.

- És mais doido do que imaginei, prisioneiro!... - exclama o oficial. E se rindo, alarga, ordena, meneando a cabeça, divertido: - Atendei-lhe o pedido!... Ser-nos-á mais emocionante o espetáculo!... Que idiota!...Ha!...Ha!...Ha!...Ha!...

A soldadesca, divertindo-se imensamente, acompanha seu comandante na gargalhada de deboche, enquanto, grotescamente, levantam a cruz, inusitadamente prendendo o crucificado de cabeça para baixo!...

- Recebei-me, *Jesus*, em Vossos amantíssimos braços!... - ouvem-no murmurar sentida prece, enquanto a terrível agonia, propiciada pelo horrendo suplício, principia a atormentar-lhe, grandemente, o já tão combalido corpo.

A multidão delirava, ao ver o incomum daquela crucificação em que o condenado encontrava-se de ponta-cabeça. Porém, logo se cansaram do espetáculo e começaram a dispersar-se. No local, permaneceram apenas alguns dos fiéis seguidores de *Jesus*, dentre eles, *Caius* e *Iustus* que, de longe e sem chamarem muito a atenção dos soldados, murmuravam sentida prece.

O sofrimento do grande apóstolo de *Jesus* perdurou por mais de três horas, ao final das quais, expira, entre terríveis estertores de agonia infinita. Um dos soldados que lhe guardavam a crucificação, percebendo que *Pedro* expirara, trespassa-lhe o coração, com a lança, como era de praxe, e chama pelo pequeno grupo de cristãos que, de longe, assistia ao suplício.

- Se sois parentes do condenado, tendes a permissão para levardes o corpo! - grita o soldado.

Caius, Iustus e mais reduzido grupo de cristãos acorrem apressados e retiram da cruz o corpo do velho apóstolo. Envolvendo o cadáver num manto, levaram-no dali e o sepultaram num sepulcro aberto na rocha de um dos túneis da catacumba que havia ali mesmo, sob a colina Vaticana.

Pouco depois, o pequeno grupo de cristãos que sepultara *Pedro* espalhava-se; não era aconselhável que permanecessem juntos, pois a perseguição aos prosélitos da seita do Nazareno prosseguia mais e mais encarniçada, e as prisões continuavam enchendo-se, sem parar.

- Fecha-se o cerco, meu amigo!... - exclama *Caius* ao fiel mordomo, enquanto caminham pelas ruas de Roma, sem rumo definido.

- Sim, *domine* - concorda o outro. - São tempos difícilíssimos estes e, enquanto não chega a nossa hora, seguimos sofrendo a agonia da espera..

- Tendes razão, *Iustus* - diz *Caius*, cheio de desolação. - E acho que, amanhã, ou, a mais tardar, depois de amanhã, *Drusilla Antónia* e *Dulcina* serão supliciadas no *Circus Maximus*!

-Oh, terríveis dores aguardam-nas, *domine*!... - exclama o mordomo, cheio de tristeza. - Suplico a *Jesus*, todos os instantes, para que tenham forças!...

- Que todos tenhamos forças, *Iustus*! - observa o general, com os olhos mareados de lágrimas. - Temo não suportar ver *Drusilla Antónia* sendo supliciada!

- **Jesus** dar-nos-á o suporte para tamanha provação, *domine*!... - exclama o mordomo. - Deixou-nos a promessa de que não nos desampararia, que não nos deixaria órfãos!... Prometeu-nos ir adiante, a preparar-nos o lugar!...¹

- Sim - concorda o general -, não fora a prova tão tangível que tivemos da existência desse fantástico poder, ainda andaríamos perdidos a meio das trevas da ignorância!...

¹ Evangelho de S. João. 14.3

Extremamente tristes e condoídos pelo destino que aguardava as queridas esposas, os dois homens aproximam-se das enxovias do *Circus Maximus* e ali permanecem em angustiosa espera. Nada poderiam fazer pelas mulheres que se encontravam encarceradas naqueles subterrâneos imundos e abafados. Certamente, já se achariam plenamente esgotadas e abatidas pela fome, pela sede e pelo cansaço extremo!... Oh, *Jesus*, quão difícil é a passagem pela porta estreita que conduz à salvação!... Quão pequena é a porta da vida!... Quão apertado o caminho que a ela conduz!... E quão poucos a encontram!...²

Os espetáculos no *Circus Maximus* aconteciam diariamente. Era a forma de entretenimento preferida do populacho desocupado e parasita. E os governantes de Roma sabiam da necessidade de manterem aquela imensa massa ignorante ocupada e de estômago cheio, caso contrário, a segurança da cidade e até mesmo a do Estado estariam ameaçadas. E, sob altíssimas expensas do erário público, promoviam-se espetáculos fabulosos, diariamente, pois o povo era insaciável, sempre exigindo atrações novas e mais emocionantes!...

Além disso, o poder constituído concedia um auxílio de alimentação aos cidadãos romanos comuns, consistindo, principalmente, da distribuição de pães, à entrada do circo, às tardes, antes dos espetáculos - *panem et circenses*³ -, conseguindo manter, assim, relativa ordem, a altíssimos custos, corroendo o tesouro nacional que tinha que ser sempre repostado, à custa de pesadíssimos tributos que se impingiam aos comerciantes, aos proprietários de terras e, principalmente, aos povos subjugados pelo poderio das legiões. Em Roma e nos territórios dominados,

2. Evangelho de S. Mateus. 7.13-14

3 "pão e circo", em latim Procedimento político assistencialista-paternalista encontrado pelos governantes romanos da antiguidade, como forma de manterem o populacho ignaro aquietado e fácil de ser conduzido e manejado politicamente.

pagavam-se taxas e tributos por tudo: pelo comércio, pela produção agrícola e pela produção industrial que consistia, principalmente, de pequenas fábricas artesanais de manufaturados de ferro, de bronze, de madeira, de couro e de cerâmica, além da ourivesaria em ouro, em prata e em latão; cobrava-se, ainda, pedágio pelo trânsito nas vias oficiais e pelo uso das pontes construídas pelo governo; em todas as localidades, havia os coletores oficiais, os *publicani*, encarregados de cobrarem os impostos que eram, via de regra, roubados pela corrupção, ou ainda, vergonhosa e escandalosamente desviados ou mal gastos pelos governantes, redundando, assim, em pouquíssimo aproveitamento, de fato, para a melhoria das condições do povo em geral, que vivia no mais completo abandono, amontoando-se em miseráveis bairros periféricos, habitando cubículos erigidos de adobes e cobertos de colmo ou, ainda, em pequeníssimos apartamentos, em edifícios de tijolos cozidos que atingiam até três andares, e desprovidos de qualquer espécie de segurança ou de conforto, onde eram comuns os incêndios, provocados pelo descuido nos precários fogões que se improvisavam sobre os pavimentos de tijolos, para o preparo de uma alimentação rala, que consistia, principalmente, de uma sopa de repolho, temperada com muito alho, ligústica, arruda, malva e sal; se houvesse um pouco mais de dinheiro, a refeição poderia ser enriquecida com pão e com ricota - o queijo barato e engenhosamente obtido a partir da fervura do soro azedo do leite que seria fatalmente desprezado, ou dado a beber aos animais, após a retirada dos elementos lácteos mais nobres, empregados no preparo da manteiga e dos queijos finos. O grosso do proletariado romano vivia em tais edifícios, que se erguiam colados uns aos outros, permeando vielas abafadas, estreitas e cheias de lixo, de ratos e de insetos, e onde a imundície indecente era costumeira, correndo, continuamente, em escuros riozinhos de esgoto a céu aberto, e a exalarem, constantemente, terrível mau cheiro!... Crianças nuas e imundas brincavam, enodando-se naquela sujidade

inconseqüente, empestando-se de doenças que acabariam, fatalmente, por vitimar a maioria delas, ainda em tenra idade!... A peste, o tifo, a varíola e a malária grassavam, enormemente, dizimando aquelas populações que pagavam o preço da ignorância acerca da limpeza e da profilaxia de tantos males facilmente evitáveis com medidas simples de higiene e de asseio!... Dessa maneira, chafurdando na lama da mais negra ignorância, viviam quase um milhão de almas na Roma Imperial !... A Roma dos grandes Césares, a Roma que dominou quase a totalidade do mundo civilizado de então!... Entretanto, para uma pequena minoria, a dos poderosos, a vida era deslumbrante e, como nunca, mostrava-se abundante de tudo: de luxuosíssimos palácios, palacetes e mansões, erigidos em brilhantes mármore e granitos polidos, em elegantíssimos bairros impecavelmente urbanizados, com melas calçadas e cercados de verdejantes campinas, de luxuriantes bosquetes e de jardins bem cuidados!... O patriciado romano viveu como poucos viveram neste mundo!... Fartas mesas, repletas de iguarias ímpares, servidas em banquetes que se estendiam, escandalosamente, por dias inteiros!... Viviam cercados de luxo extremo, de mobiliário construído em madeiras de lei; vestiam-se de linho e de cetim; cobriam-se de jóias trabalhadíssimas e se gabavam de sua limpeza física, tomando vários banhos diários; penteavam-se e se maquiavam, esmeradamente, e depilavam o corpo inteiro, untando-o com óleos e cremes aromáticos; enfim, portavam-se de forma extremamente adversa à dos seus patrícios da plebe ignara e terrivelmente pobre. Contratavam preceptores e pajens especializados ou pedagogos, para educarem-lhes os filhos, através de aulas de gramática, de matemática, de filosofia, de retórica e de literatura. Modernizaram a Política e criaram o Direito, fazendo valer a Justiça para todos, através da Magistratura e de um código de leis que serviu de modelo para a maioria dos povos do mundo; entretanto, legaram-nos, também, um dos piores exemplos de discriminação racial, de perseguição e de genocídio, quando, ale-

gando a necessidade de limpeza étnica, exterminavam, sumariamente, grupos raciais que, eventualmente, oferecessem qualquer ameaça à segurança ou à integridade do Império - práticas nefastas que foram muitas vezes copiadas por governantes cruéis, nas diversas fases da História da Humanidade, que tentaram fazer prevalecer as suas idéias esdrúxulas, em nome de pretensa pureza racial!... Assim era a Roma do Cristianismo nascente!...

A tarde daquele dia, como de praxe, o *Circus Maximus* ficou lotado de expectadores para mais um emocionante espetáculo! *Caius* e *Iustus* encontravam-se no meio da turba que, extremamente ruidosa e esfuziante, aguardava pelas atrações que se prometiam. O palanque imperial, entretanto, permanecia vazio, sinal de que coisa realmente importante não ocorreria naquela tarde.

- O monstro não virá ao *Circus Maximus* hoje, *Iustus!*... -observa *Caius*.

- Então não supliciarão os condenados esta tarde! - exclama o mordomo.

- Possivelmente, não, *Iustus* - diz o general. - Como, ontem, promoveram extraordinário espetáculo, com a crucificação de *Pedro*, propositadamente, reservam os prisioneiros para amanhã!... Aguardam que o povo exija o martírio dos infelizes!...

-E, certamente, o povo fá-lo-á, general!...

- Sim, a turba tem sede de sangue, meu amigo!... - concorda o general, cheio de tristeza.

De fato, os espetáculos daquela tarde não contaram com a presença do imperador e se resumiram à apresentação de números circenses e de lutas de gladiadores. A noite principiava a cair, e o circo esvaziou-se. *Caius* e *Iustus* perambularam pelos arredores, pois não tinham vontade de sair dali e, também, na verdade, nem lugar para onde ir. Tomaram leve e ligeira refeição, numa bodega próxima do *Circus Maximus*, pois sequer fome tinham e, depois, quando a noite caiu negra e gelada, enrolaram-se nas capas e se postaram, em

penosa vigília, recostados às grossas paredes de pedras das enxovias que davam para uma viela deserta, estreita e escura como breu. Ao menos, ficariam próximos de suas esposas. Amiúde, **Caius** encostava os ouvidos às pedras da parede, mas os maticões que a constituíam eram tão grossos que nada se ouvia do outro lado. O vento sibilava gélido, em redemoinhos, enregelando os dois homens até os ossos; entretanto, eles se mantinham firmes, colados à parede de pedras, enrolados em suas capas, como duas manchas ainda mais escuras que a negritude da noite que se fazia absolutamente sem luar e sem estrelas. Longa e penosa foi a noite, cheia de um silêncio pavoroso, cortado apenas pelo ladrar distante de cães e pela bizarra cantoria dos galos a executarem sua roufenha e desgraciosa sinfonia. Quando, por fim, a aurora principiou a brotar tímida, trazendo fraca luminosidade pardacenta para um dia que já nascia sem-graça, os dois homens que, até então, mantinham-se agachados, encolhidos bem junto à parede de pedras e cobertos com as capas, como dois montes disformes, principiam a movimentar-se, primeiro, lentamente, para desentorpecerem a musculatura dos membros que se encontrava dormente e enregelada. Depois, com intensa dificuldade, conseguem pôr-se de pé e se põem a caminhar em círculos, aquecendo-se.

- Hoje, certamente, será o dia mais cruel de nossas vidas, meu caro!... - exclama *Caius*, assoprando, violentamente, os dedos das mãos em concha para aquecê-los.

- Sim, *domine!*... - concorda o mordomo, cheio de tristeza. - E, por outro lado, encontro algum consolo em sabê-las livres, logo mais, desse terrível jugo!...

No horizonte, a luz da aurora aumentava sua claridade, e a cidade espreguiçava-se. Alguns cidadãos madrugadores passavam apresados pelas mas, em busca de seus afazeres. Cães vadios uivavam lúgubres, saudando o novo dia que surgia.

Durante toda aquela manhã, os dois homens permaneceram nas cercanias do *Circus Maximus* que até então aparentava a costumeira

rotina, com a troca da guarda sendo feita a intervalos regulares. Depois do meio-dia, entretanto, o número de soldados que chegavam ao circo aumentava, consideravelmente, sinal de que algum acontecimento diferente quebraria a rotina das prisões.

- Será hoje o suplício de nossas esposas, *Iustus!*... - exclama o general, com a voz pejada de tristeza. - A soldadesca prepara-se!

- Tendes razão, *domine!* - concorda o mordomo, com os olhos lacrimejantes. - De hoje não passam!

Cheios de terrível ansiedade, ambos aguardam o desfilar das horas daquele funesto dia de suas vidas. E chegou, finalmente, a hora. Paulatinamente, à medida que a tarde caía, o *Circus Maximus* ia enchendo-se dos expectadores que, costumeiramente, acorriam àquela praça de divertimentos, em busca das estupendas apresentações que ali aconteciam, todas as tardes, a provocar-lhes sensações extraordinárias. O teor das atrações variava, indefinidamente, com a finalidade de manter aquele público turbulento e deseducado sempre fiel e satisfeito.

Caius e *Iustus* encontravam-se sentados no renque de arquibancadas de madeira que vibrava, perigosamente, com a tremenda algazarra que a esfuziante turba fazia, batendo, violentamente, os pés e explodindo em urros de impaciência pela demora no início das apresentações. O ruído de assovios estridentes, de risos e de gargalhares de cínico prazer antecipado era ensurdecedor.

Na arena circular, encontrava-se fincada uma série de postes de madeira. Certamente, nova modalidade de suplício destinada aos cristãos preparava-se. As mentes perversas dos algozes, calcadas na maldade extrema, eram pródigas em idearem novas e terríveis formas de suplício, que promovessem maior sofrimento e, também, emoções mais fortes à turbamulta que se locupletava, até as raias do delírio, com os estertores das pobres vítimas ali supliciadas. O costume não era novo, pois os prisioneiros de guerra, habitualmente, sempre haviam sido violentamente execrados e martirizados, para gáudio da plebe romana!... Quantos estupros

coletivos não haviam acontecido, ali mesmo, diante de uma multidão que, animallescamente, delirava diante de tais barbáries?... Quantos reis, rainhas, príncipes e nobres estrangeiros, capturados nas batalhas, não foram ultrajados e grotescamente vilipendiados por gladiadores que lhes arrancavam, impiedosamente, partes dos corpos nus, numa judiação sem precedentes?... Até crianças de tenra idade e jovens imberbes, frutos das terríveis e constantes guerras, eram sevi-ciados, grotescamente, até a morte, por homens animalizados, num despudor incondicional e irrestrito!... Ah, a Roma da decadência!... Que diferença do tempo da República, em que grandes pensadores, grandes políticos e grandes filósofos erigiram os alicerces de uma nação que dominaria o mundo por tantos séculos!... A Roma que valorizava os bons costumes, amoral impoluta, o código de honra, a intocabilidade da família e o direito de todos os seus cidadãos, indistintamente, estabelecendo os alicerces da Magistratura e do *Fórum*; a Roma que melhorou a Política, criando o Senado, como um segundo poder e legítimo representante da vontade soberana do povo; a Roma que cultuava os deuses imortais e que respeitava os deuses de todos os outros povos, chegando ao ponto de adotá-los, e de lhes prestar culto, também, em seu Panteão; a Roma que educava seus cidadãos, ensinando-lhes a necessidade do asseio doméstico e do banho diário; a Roma que canalizava água corrente, que construía redes de esgotos subterrâneas e que tinha coleta de lixo regular; a Roma de *Cícero*, de *Catão*, de *Virgílio* e de tantos outros que deixaram seus nomes indelevelmente escritos nos anais da História da Humanidade!... Infelizmente, nesse tempo, viviam-se as épocas do Império, os infaustos dias de *Calígula*, de *Nero*, de *Tibério*, de *Galba*... Não mais existiam o orgulho e o esplendor de Roma!... Tudo fazia, agora, parte de um passado ilustre, nada mais!... A Cidade dos Césares preparava-se para a sua derrocada final...

Finalmente, os clarins troam alto. O imperador e seu séquito de bajuladores assomava o camarote imperial, juntamente com sua

nova esposa, *Messalina*,¹⁰ criatura frívola e interesseira, que viria, em pouquíssimo tempo, revelar uma personalidade diabólica, a manipular, como ninguém, em toda a História da Humanidade, o destino de tanta gente e que viveria sua trajetória de imperatriz de Roma, ao lado, e se ajustando, muitíssimo bem, ao tamanho do ínfimo caráter do famigerado **Nero**, conspirando e armando, como jamais se vira antes, intrincada rede de intrigas e de traições, envolvendo e destruindo, impiedosamente, qualquer um que se apresentasse como ameaça potencial ou hipotética à sua alucinada escalada ao poder absoluto; *Messalina* ambicionava reinar sobre Roma e ninguém mais, à exceção de *Lucrecia Bórgia* - a concubina dos papas - soube, em todos os tempos, manejar tão bem os venenos quanto a terceira esposa de **Nero**. E, com que habilidade e maestria irrepreensíveis, a imperatriz aprendera a executar tal nefando mister!

A chegada do imperador, o populacho abriu-se em extremados aplausos que fizeram as estruturas do *Circus Maximus* tremerem. **Nero**, satisfeitíssimo, fazia ligeiras medidas, voltando-se para todas as direções e abanava as mãos, em agradecimento, pela honrosa deferência que lhe prestavam seus súditos. *Estatilia Messalina* olhava para a multidão, com os olhos brilhantes de satisfação. Era sua primeira aparição em público ao lado do imperador, e o orgulho extravasava-lhe por todos os poros, inchando-a de vaidade extrema. Amplamente maquiada, quase às raias do exagero, e penteada com perfeição e requinte, trazia os longos cabelos castanho-claros e ligeiramente ondulados presos ao alto da cabeça por urna meada de rutilantes fios de ouro, a caírem-lhe pelo lado da cabeça, cobrindo-lhe a orelha esquerda e, apesar de apresentar nas faces uns

¹⁰*Estatilia Messalina*, terceira esposa de *Nero*, já era uma de suas antigas favoritas, mesmo quando ele ainda se encontrava casado com *Popeia Sabina*. Pertencente a destacada família do patriciado romano, *Messalina* era neta de *Tauro*, general que fora honrado com dois consulados e com um triunfo - entrada solene e aparatosa, feita em público, para homenagear os heróis de guerra. Casada com eminente personalidade do governo, o cônsul *Aticus Vestinus*, ela freqüentava o paço imperial e mantinha um relacionamento muito íntimo com o imperador. Como enviuvara, recentemente, de sua segunda esposa, *Popeia Sabina* - a quem ele próprio assassinara -, e, para conseguir casar-se com *Messalina*, *Nero* pagou, regamente, a eficientíssimos sicários, para que degolassem o esposo de sua antiga amante, forçando-lhe a viveuz e lhes possibilitando, assim, o matrimônio que a elevou à condição de imperatriz de Roma.

ligeiríssimos olhos fesceninos, cor de esmeraldas e uns lábios aberrantemente pintados de vermelho-vivo e sempre abertos num sorriso de constante deboche, a imperatriz era uma mulher muito bonita. Vestindo uma impecável e transparente clâmide de tule de seda azul-celeste que lhe cobria o peplo de linho branco, *Messalina* recosta-se, elegantemente, no rico *canapeum* recoberto de almofadões de cetim púrpura com debruns dourados, ao lado de *Nero*, que a contempla maravilhado.

- Estais um verdadeiro primor!... - exclama o imperador, apertando-lhe a mão, cheio de orgulho.

- São vossos, olhos, Majestade!... - diz ela, lisonjeada.

- Estais pronta, querida? - pergunta **Nero**, depois que algumas escravas retocaram a maquiagem da imperatriz.

- Sim, querido! - exclama ela, radiante. - Podeis dar início aos espetáculos!

Nero faz, a seguir, um significativo sinal com a mão ao mestre-decerimônias, e o espetáculo principia-se. E então, lá em baixo, de um dos portões laterais, uma leva de pessoas surge e é conduzida, em fila, para o centro da arena. Caminham todos cabisbaixos, em silêncio, tranqüilos, sem atropelos, sem desespero. A multidão, excitadíssima, inicia os apupos, num frenesi enlouquecido, despejando uma saraivada de assobios e de xingos, recheados de palavras de baixíssimo calão.

Em volta da mureta de pedras que cercava a arena, algumas pessoas amontoavam-se, apertando-se mais fanaticamente contra a cerca, para melhor haurirem o sofrimento daquelas criaturas. Entre aquelas pessoas, encontravam-se **Caius** e **Iustus**. Espremiam-se ali, de encontro ao cercado, com outra finalidade. Queriam ver se suas mulheres encontravam-se, naquela primeira leva que adentrava a arena.

E, com o coração quase a sair-lhes pela boca, premidos pela alta ansiedade, buscavam os rostos das mulheres que passavam na triste procissão.

- Não as pude ver, *Iustus!*... - exclama o general.

- Não, *domine!*... Não estão nesta leva!... - diz o mordomo. -Tenho certeza de que não se encontram lá!

Os dois homens deixam escapar nervoso suspiro de alívio. Ainda não seria daquela vez. Entretanto, altamente ansiosos, passam a presenciar o início dos suplícios. Os cristãos haviam se espalhado, em pequenos grupos, pela arena, abraçando-se e se amparando, mutuamente, e aguardavam. Uma voz firme e cheia de fé principia a cantar um hino, cujas palavras enalteciam a glória de morrer por *Jesus*, e é imediatamente formado um coro a segui-la. Estarrecidos, *Caius* e *Iustus*, haviam reconhecido aquela voz potente, que principiara a cantar o hino: era *Rufus!*... O insigne pregador e seguidor incontestado de *Jesus* era um dos primeiros a ser supliciado!... De fato, o valoroso apóstolo do Cristianismo nascente achava-se de joelhos e fixava o céu. Trazia o rosto sereno e parecia nimbado de magnificente luz. *Caius* e *Iustus* apertam-se, fortemente, as mãos e murmuram uma prece sentida pelo amigo que se ia, enquanto as grades das jaulas são abertas, e uma dezena de leões esfaimados adentram, furiosos, a arena. Os felinos, largamente estumados por seus tratadores, com longas varas pontiagudas, achavam-se em excitação máxima e, ainda, cruelmente premidos pelo jejum de vários dias, lançam-se, impiedosamente, sobre aquelas criaturas que, em sua grande maioria, postavam-se de joelhos e cantavam hinos de louvor a *Jesus*. E, sem demonstrarem qualquer titubeio, os sanhudos bichos, com as patas vigorosas, aplicam brutais golpes àquelas indefesas criaturas e, após arrebuentarem-lhes os pescoços e as colunas vertebrais, pespegam-lhes violentas mordidas, com as possantes mandíbulas, e lhes dilaceram as carnes e os ossos, com força descomunal, arrancando e comendo, brutal e vorazmente, os largos bocados de carne sanguinolenta, ainda trêmula e quente!... Alguns poucos supliciados, entretanto, vacilam na fé e, premidos pelo tenor extremo, correm desesperados, em círculos e em ziguezague, tentando, desesperadamente, escapar do trágico

desfecho, mas são perseguidos pelos leões, num patético jogo de gato e rato, e acabando, invariavelmente, sendo covardemente vencidos naquela luta tremendamente desigual, para gáudio da multidão que delira extasiada, diante de tão brutal quadro de carnificina desumana e cruel!

Ao final de curto espaço de tempo, quadro tétrico e dantesco apresentava-se na arena: pedaços de corpos espalhados por todos os lados, e os bichos, agora apaziguados em sua ira diabólica, pastavam, sossegados, dos rebotalhos sangrentos de suas vítimas, fartando-se até não mais quererem!... E a turbamulta, sempre sequiosa de mais e mais emoções fortes, entediava-se com o demorar da sinistra refeição dos felinos e principia a exigir novas atrações, em altos brados e com alta dose de impaciência.

A seguir, os tratadores adentraram a arena, munidos de longas varas pontiagudas e, acuando as feras, fizeram-nas, uma a uma, retornarem às jaulas. Depois, sobraçando grandes cestos de vime, recolheram os despojos da carnificina que se espalhavam, téticamente, sobre a arena toda, deixando-a livre, novamente, para que o horripilante espetáculo continuasse.

A tarde avançara bastante, e o sol, escondendo-se, completamente, no horizonte, apagava-se, permitindo que a noite, vestindo seu negro manto de crepe, sorrateiramente se aproximasse e tomasse posse do céu. No alto, algumas estrelas tímidas atreviam-se a piscar suas luzinhas diamantinas.

Limpa a arena, abrem-se, novamente, os portões laterais e nova leva de pessoas surge. Alguns archotes queimavam, presos a tocheiros de ferro que se projetavam dos muros de pedra que ladeavam a arena. Apesar do lusco-fusco do anoitecer, com a luz das tochas, era perfeitamente possível divisarem-se os rostos dos supliciados que caminhavam em fila para o centro da arena. Soldados armados de lanças guardavam quase uma centena de pessoas que, naquele momento, seriam supliciadas.

- Lá estão elas!... - brada *Caius*, apontando para duas mulheres que, no meio da fila, caminhavam cabisbaixas e aparentando serenidade incomum.

- *Dulcina!*... - grita *Iustus*, tentando chamar a atenção da esposa que não lhe ouve a voz, posto que esta se perdia no meio da imensa profusão de gritos e de assobios que fazia a multidão ensandecida.

- Não nos ouvirão, *Iustus!*... - exclama, desolado, o general. -Inútil gritares, pois sequer saberão que nos encontramos aqui!

-Oh, não!... Não!... - diz o mordomo, inconformado. - Elas terão de nos ouvir!... *Jesus* não permitirá que elas se vão, sem saber que aqui estamos, acompanhando-lhes o martírio até o fim!...

-Gritemos, então, *Iustus!*... - diz o general. - Quem sabe não nos ouvem as vozes?

Neste comenos, os soldados principiaram a atar, fortemente, com cordas, os condenados aos postes que ali se achavam adrede fincados e, em seguida, os corpos das infelizes criaturas foram grotescamente untados com betume. O populacho exultava, explodindo em aplausos, vivas, urras e assobios estridentes, ao pressentir o terrível destino que aguardava aquelas criaturas: tochas vivas!... Os cristãos, entretanto, não gritavam, não se desesperavam; dir-se-ia que força descomunal e potentíssima guardava-os daqueles momentos de terror! Em vez de se lamuriarem ou de gritarem, implorando por piedade ou clemência, coisas que o imperador, decididamente, gostaria de ouvir naquele momento -, os supliciados cantavam hinos de louvor a *Jesus*, juntando-se as vozes em coro carregado de tocante e inexplicável fé!...

- Mas, não gritam?!... - Não se desesperam?!... - espanta-se a imperatriz *Messalina*, intrigada com aquela patente demonstração de fé verdadeira que, decididamente, ela desconhecia completamente.

- Essa gente é por demais estranha, minha cara!... - responde, intrigadíssimo, o imperador. E, procurando justificar o que, de fato, ignorava plenamente, prossegue: - São todos feiticeiros!... Vivem a

praticar bruxarias e encantamentos de toda a espécie!... Por certo, conhecem ervas poderosíssimas que lhes tiram o medo...

- Tendes razão, Majestade!... - diz a imperatriz, com um sorriso falso nos lábios. - Somente a prática ostensiva da bruxaria poderá explicar tal façanha, porque ninguém, certamente, em seu juízo perfeito, cantaria diante da morte iminente!...

- Vede, querida, quem é que se encontra lá embaixo, atada a um dos postes!... - exclama *Nero*, chamando a atenção da esposa. E se abre numa gargalhada espalhafatosa: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Adoramos vê-la, assim, tão baixo, tão descomposta!... Ha!... Ha!... Ha!...Ha!...

-Aquém vos referis, Majestade?... - pergunta *Messalina*, ardendo-se de curiosidade. - Por favor, dizei-me sobre quem falais!...

- Ela!... *Drusilla Antónia!*... A esposa do general *Tarquinius!*... - exclama *Nero*, apontando o dedo para um dos cantos da arena. - Apreciai, querida, como se encontra ridícula!... Ela que sempre andou com o nariz empinado!... Agora se apresenta toda suja, escangalhada e humilhada, como sempre desejamos vê-la!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

-De fato!...- exclama *Messalina*, empertigando-se, satisfeitíssima, em seu *canapeum*, ao divisar, finalmente, a matrona que se encontrava grotescamente amarrada a um dos postes e toda encharcada do malcheiroso betume. - Quem diria, hein?

- É o que sempre dizemos, querida! - observa o imperador, de repente, ficando sério e fingindo alta preocupação. - Esses cristão não passam de terríveis bruxos que andam a enfeitiçar até a fina flor de nossa sociedade!... Não temos, então, razão de sobra para exterminá-los?

Neste ínterim, *Caius* e *Iustus*, como doidos, buscavam postar-se bem diante das esposas que se achavam amarradas aos postes, uma ao lado da outra. E, depois de muito sacrifício e de se acotovelarem com os curiosos que se juntavam próximos ao muro de pedras, puderam, por fim colocar-se em posição fronteira às duas mulheres

que se achavam cabisbaixas, em atitude súplice, movendo os lábios em prece contrita.

-Drusilla!... - grita *Caius*, a plenos pulmões!... - Aqui estou eu, meu amor!... Por Deus, ouve-me!...

A seu lado, seu mordomo igualmente gritava por *Dulcina*, sua esposa. Entretanto, o barulho que a platéia do *Circus Maximus* fazia era ensurdecedor. As vozes dos dois homens eram simplesmente abafadas pelo troar dos outros milhares de vozes que gritavam juntas. O terror, porém, toma conta de ambos, quando os tambores estrugem rufos ensurdecedores, e as trompas troam alto, como selvagens gritos de guerra, e a orquestra principia a tocar estridulante e zombeirona melodia, enquanto alguns bufões, vestindo roupas extravagantes e executando burlesca dança, adentram a arena, carregando tochas acesas às mãos. Eram os incendiários!... Deus do céu!... Um calafrio gelado percorre os corpos dos dois homens. Sofriam a mesma dor!... Achavam-se unidos pelo desespero. Acometidos de aflição suprema, trocam-se um olhar carregado de dor, a dor da impotência que sentiam à frente do inevitável, do que se consumaria de forma tão aviltante, ali, diante de seus olhos terrificados!... E então, gritam, gritam até enrouquecer, até enlouquecer, até os olhos toldarem-se de lágrimas quentes de dor extrema, e incharem, e nada mais enxergarem, a não ser borrões difusos!... E as tochas humanas foram sendo acesas, uma a uma, iluminando a arena com uma luz amarelo-avermelhada, tétrica, lúgubre, luz de desespero, luz de dor acerba... *Caius* e *Iustus* gritavam, acometidos de desespero extremo, e a multidão uivava de prazer, vendo os corpos carbonizarem-se. O cheiro de carne tostada começou a espalhar-se; a música soava mais e mais alta, e os dançarinos dançavam sua macabra dança e iam acendendo as tochas. Mais luz, mais cheiro, mais desespero. *Caius* e *Iustus* gritavam. *Drusilla Antonia* e *Dulcina*, ainda incólumes, agora tinham os olhos voltados para o céu. Estavam serenas, rezavam para *Jesus*. **A** platéia ululava feroz, aculada pelo cheiro de carne assada. De

repente, como se invisível mão tocasse-lhe a cabeça, *Drusilla Antonia* endireita a cabeça e encara a multidão, de frente, pela primeira vez. Estranho, mas lhe parecera ouvir, no meio daquele frenesi de vozes enlouquecidas, a doce voz de seu *Caius!*... Seria possível?... Firma, então, os olhos e, no meio da quase penumbra, ali, diante dela, a poucos passos, divisa-lhe o rosto querido. Meu Deus!... Eraele!...

- *Caius!*... -escapa-lhe o grito rouco da garganta.

- *Drusilla!*... - grita ele, com a voz já enrouquecida pelo desmedido esforço que fizera para chamar-lhe a atenção.

E seus olhares enroscam-se e se prendem firmemente. Riem-se e se falam com os olhos. Já não era mais preciso gritar. Sabiam conversar com os olhos. E se falaram tanto!... Tanta era a saudade!...

Dulcina ao perceber que a outra gritara o nome do esposo, buscara, com os olhos, a mesma direção para onde sua ama olhava e divisara, também, o rosto do marido. E, felizes, gritavam-se e buscavam conversar, mas pouco se ouviam, porque a balbúrdia era muito grande.

Entretanto, pouco durou aquele enlevo do reencontro, porque os bufões dançarinos, dançando sua dança macabra, aproximaram-se e atearam fogo, primeiro, ao corpo de *Drusilla Antônia*; depois, ao de *Dulcina*. E as chamas, num átimo, com suas vorazes línguas vermelhas lamberam os corpos das duas mulheres, transformando-as em aberrantes tochas de luz amarelo-avermelhadas, luz de dor, luz de suplício, luz de morte!...

Caius e *Iustus* choravam desesperados, abraçando-se, diante do dantesco espetáculo. Não despregavam os olhos das imensas chamas que envolviam as criaturas amadas e que, crepitando, espocando e lançando chiados tétricos, comiam, avidamente, as carnes de suas amadas. Durante todo o penoso tempo em que durou a consumpção dos corpos pela voracidade das chamas, *Caius* e *Iustus* permaneceram ali, premidos pelo desespero e pela dor. Nada poderiam ter feito. Nada, além de lhes darem o derradeiro alento com suas presenças. E foi o que fizeram. E, quando as

chamas, plenamente saciadas pelo alimento recebido, recolheram-se à ridícula insignificância das cinzas, os dois homens deixaram o *Circus Maximus*, lançando um derradeiro olhar para os dois pequenos montes de detritos escuros que restavam onde antes se achavam amarradas as duas mulheres. Na alma, carregavam a maior tristeza do mundo. Entretanto, não se achariam tão tristes, se pudessem enxergar, ali mesmo, nos espaços circunscritos ao ambiente do circo, o que se passava na esfera onde vivem os espíritos!...

Drusilla Antônia, no momento em que o bufão dançarino ateara fogo ao seu corpo, sentira o estupor inclemente do calor extremo invadindo-a por inteiro, num átimo, antes mesmo que pudesse raciocinar acerca do que sentia. Naquele instante crucial, pouco antes de perder os sentidos, ela olhava firme, nos olhos de seu amor, e vira a dor lancinante brotar à fisionomia dele e lhe contorcer, impiedosamente, o rosto, em esgares cheios de incontrolável desespero. Quis gritar, dizer-lhe que não se preocupasse com ela, mas não conseguiu. A dor que sentira, quando as chamas a envolveram por inteiro, fora intensa, inominável!... Quanto tempo suportara aquilo?... Minutos, segundos?... Porém, enquanto durou, pareceu-lhe uma eternidade infernal!... Entretanto, a seguir, doce e suave dormência invadira-a; sentia, em quase semi-inconsciência, o fogo devorar-lhe, vorazmente, o corpo, mas, incrivelmente, nada mais sentia!... Não mais sentia o calor do fogo ou as dores excruciantes e nem se sentia mais sufocar com a fumaça negra e malcheirosa, nada!... Encontrava-se ali, estranhamente flutuando no ar e vendo tudo acontecer, ao lado da imensa fogueira que ardia furiosa e inclemente, alimentando-se de seus despojos carnis!... Depois, deliciosa sonolência dela foi se apoderando, e tudo se apagou. Pouco depois, entretanto, suave melodia despertou-a. Percebeu que não mais flutuava no ar e que se encontrava em lugar estranho para ela. A paisagem que se abria em derredor era peculiar e deslumbrante: árvores frondosas

sombreamos sobre agradabilíssima campina verdejante e macia como plumas e mosqueada de florinhas multicores. Um regato de águas puríssimas e cristalinas corria, gorgolhando entre pedras cobertas de limo verde e, no céu, pássaros coloridos vojavam em círculos. *Drusilla* olhava tudo, extasiada. De repente, percebeu que fortíssima luz se formava, a poucos passos dela, e, tomando, a seguir, a forma de um homem, vinha em sua direção.

- *Domine!*... - exclama *Drusilla*, caindo de joelhos, estarrecida e em lágrimas, ao constatar Quem é que Lhe vinha ao encontro, de braços abertos.

- Sim, *Drusilla*, sou eu!... - exclama o Ser Luzente, ternamente, fazendo-a levantar-se e a tomando nos braços.

A seguir, surgiram, sorridentes e felizes, de todos os lados da campina, todos os que já haviam sido supliciados no *Circus Maximus* e se juntaram, cantando magnífico hino de louvor ao Insigne Mestre Nazareno, Que ali se reunia com eles.

- Que linda festa, *Domine!*... - exclama *Drusilla Antonia*, aninhada nos braços do Senhor e observando a magnificência do lugar que se descortinava, bem acima de onde ardiavam as infames fogueiras da arena do *Circus Maximus*.

- Sim, querida *Drusilla!*... - responde o Mestre Nazareno, todo nimbado de esplendente luz mirífica que Lhe iluminava o rosto como se fosse um sol. - A ocasião mereceu tal procedimento, e eu não disse que viria antes para vos preparar o lugar?⁵

E assim procedeu *Jesus*. Recebeu, pessoalmente, todos os supliciados, um a um, abraçando-os, ternamente, à medida que iam deixando os corpos, terrivelmente esfacelados pela ferocidade dos leões ou que se carbonizavam na fogueira inclemente. E, quando tudo se consumou, todos aqueles espíritos deram-se as mãos e rodearam o Divino Mestre que, qual um pastor a guiar, firmemente, suas ovelhas, elevou-se ao infinito, transformando-se, depois, em magnífico sol, rodeado de estrelas diamantinas, qual constelação plena de luminescência a ganhar alturas inconcebíveis...

Capítulo XV

A caçada

Após descobrir o possível paradeiro de seus desafetos, *Iulius Maximus* planejava caçá-los, prendê-los e, depois de muito bem acorrentados, reconduzi-los a Roma. Para o odiento rival, *Flavius*, maquinara um fim terrível: intentava entregá-lo à justiça para ser supliciado no *Circus Maximus*, como cristão confesso que era; já para *Susanna Procula*, tinha outros planos. Uma vez morto o marido, ele, *Iulius*, iria reconquistá-la!... Tinha a absoluta certeza de que conseguiria ter de volta as atenções de sua adorada prima, que tão vilmente o trocara por aquele bandido grandalhão!... Ah, como odiava aquele sujeito!... Enquanto não o visse perecer, grandemente ultrajado, naquela arena infamante, não sosseitaria!... Com o firme propósito de viajar até o Sul, conseguira, assinado pelo próprio imperador, um documento que o credenciava a prender e a reconduzir *Flavius* e *Susanna*, de volta, a Roma. Levava ainda, a dar-lhe a cobertura necessária, uma bem armada escolta de experientes pretorianos da guarda pessoal do soberano de Roma; gentilmente, *Nero* houvera colocado aqueles soldados de sua inteira confiança à disposição de *Iulius*, porque este conhecia, de sobra, o potencial guerreiro de seu rival e não desejava, de forma alguma, correr nenhum risco de ser ludibriado mais uma vez.

E foi com esses firmes propósitos que *Iulius Maximus* rumou para o Sul. Ia para *Neapolis* e levava informações precisas sobre a localização da propriedade do senador *Lucius Antoninus Rimaltus*, o avô de seu desafeto. Certamente, ambos, *Flavius* e *Susanna*, encontrar-se-iam escondidos lá, sob a proteção do avô do rapaz, e não seria difícil localizá-los e os prender. E, nem a proteção do avô, pessoa influente no governo, impedi-lo-ia de fazer as prisões!... Tinha o documento que o credenciava a realizar tal procedimento!... E, se o senador tentasse obstruir seu intento, matá-lo-ia, sem piedade!... Não tinha

ordens expressas do imperador de Roma?... Um sorriso de íntima satisfação brota dos lábios do rapaz, enquanto galopa seu fogaoso animal pela *Via Apia*, em direção do Sul.

Foram cinco dias inteiros de cavalgada ligeira, parando o mínimo para o refazimento das forças, em estalagens à beira do caminho. E, quando a noite do quinto dia vinha caíndo, o pequeno grupo, que tinha o sempre incansável *Iulius Maximus* à frente, vê abrir-se, abruptamente, do alto do grande planalto, a magnificente baía de Nápoles, com o rutilante brilho das águas do Mar Mediterrâneo, a reverberarem esplendorosa luz plenilunar opalescente. Qual gigante ciclópico, acocorado à margem da baía, o descomunal Monte Vesúvio fumava grossíssima coluna de sulfúrico vapor que se elevava, languidamente, às alturas, perdendo-se, num céu azul-cobalto, pejado de estrelas mulantes. A visão era deveras estonteante, lá do alto. Entretanto, aqueles homens que cavalgavam ligeiros, em direção da cidade, agora descendo a via que ziguezagueava, qual colossal serpente enroscada nos flancos da descomunal montanha, não tinham tempo para admirar tal esplêndida paisagem. Eram homens duros, frios, calcados na maldade e tinham em mente apenas um terrível intento: encontrar, prender e recambiar a Roma um casal de cristãos fugitivos!

Depois da longa descida em forma de caracol, rodeando a imensa montanha, chegam ao nível do mar, e as patas dos cavalos batem sobre o calçamento das ruas de *Neapolis*. As janelas e as portas das casas achavam-se abertas, pois era o início da primavera, e a temperatura já se fazia amena; a luz amarelada dos fogareiros e dos tocheiros chegava esmaecida às ruelas desertas, àquela hora em que todos se recolhiam aos lares, para a refeição da noite e para o descanso, após um dia inteiro cheio de tarefas árduas e estafantes.

O pequeno grupo de cavaleiros pára diante de uma estalagem e, apeando de seu combalido cavalo, *Iulius Maximus* ordena aos preto-rianos que o seguiam:

- Vós vos recolhereis com os animais, no estábulo, aos fundos!... Depois, achareis vossa refeição com o cozinheiro.

O rapaz entra apressado pela porta dianteira da hospedaria. Tomaria, primeiro, um bom banho; depois, comeria algo e iria deitar-se. Precisava levantar-se muito cedo no dia seguinte.

Neste ínterim, a poucos quilômetros dali, bem do outro lado da montanha, o casal *Flavius Antoninus* e *Susanna Procula* achava-se no *peristylum* de modesta, mas bem aconchegante casa de uma quinta rural. Recostados em confortáveis *canapei*, ambos observavam as águas do mar que refletiam os raios argentinos da lua cheia.

- Que terá acontecido aos nossos amigos em Roma? - pergunta *Susanna*, enquanto acaricia, ternamente, a mão do esposo que trazia presa à sua.

- A essas alturas, minha querida, já devem ter sido supliciados no circo!... - responde ele, com infinita tristeza à voz.

- E crês que estaremos a salvo aqui? - pergunta ela. - Se foi mesmo *Iulius* que nos delatou, certamente, encontrar-se-á furioso por termos escapado!

- É o que temo, minha cara! - responde o rapaz. - Apesar de vovô nos ter arranjado este lugar, aparentemente bem escondido, aqui no meio de suas vinhas, não nos acho seguros!... Penso que seria melhor fugirmos para a Grécia!... Poderemos instalar-nos, em aconchegante lugar, que se perca naquele labirinto de ilhas do Mar Egeu, e será quase impossível alguém nos encontrar lá, disfarçados de pescadores helênicos!... Amanhã mesmo falarei com vovô e com mamãe!... Apesar de eles acharem um absurdo esse meu excesso de preocupação, venho tendo, ultimamente, uma série de pesadelos em que te vejo mergulhada numa poça de sangue!... Oh, *Susanna*, não podes aquilatar meu desespero!... E não sei se é conseqüência desses sonhos terríveis, mas me acometem, ainda, pressentimentos horríveis!... Sinto-me desesperar!

- Oh, querido!... - diz a jovem, apertando-lhe, firmemente, a mão.

- Se quiseres, fugiremos, amanhã mesmo, para onde quiseres!... Até para a *Britannia*, lugar mais longe que a Grécia, e imagino ser ainda mais seguro para nós!

- Sim - concorda ele -, iremos para bem longe daqui!... Para a Grécia, para a *Hispânia* ou para a *Britannia*!... Para qualquer parte, onde aquele infame não nos possa encontrar, pois presumo que, cedo ou tarde, virá ao nosso encalço!

- Sim, e como é muito amigo do imperador, não lhe será difícil arrancar de *Nero* uma autorização para caçar-nos e nos prender como cristãos fugitivos!... - observa, preocupadíssima, ajovem.

- E nos mandar de volta às terríveis prisões do *Circus Maximus*!...

- exclama o rapaz, com um calafrio. E, aconchegando, ternamente, a jovem esposa ao peito forte, prossegue: - Se isso acontecer, acho que enlouquecerei antes!

- Oh, meu amor!... - diz ajovem, com um fundo suspiro. - Juro que não me importaria, nem um pouco, de morrer pela nossa fé!... Entretanto, somos tão jovens!... Amo-te tanto e te queria ao meu lado, por muito tempo ainda, antes de morrer!... Sonho ter os nossos filhos, criá-los, com a tua ajuda amorosa, e os ver crescerem belos, fortes, saudáveis e livres como eu e tu sempre fomos...

- Lutarei para que tudo isso aconteça, meu amor!... Para que aconteça, exatamente, do modo como desejas!... - exclama ele, abraçando-a e a beijando, ardentemente, aos lábios.

E, abraçando-se fortemente, emudecem, por alguns instantes, perdidos em cogitações íntimas. A noite avançava, e o vento que soprava do mar principiava a gelar-lhe os corpos.

- Faz frio, meu amor!... - diz ele. - Entremos e nos aqueçamos junto ao fogo. Preciso dormir, pois amanhã, bem cedo, irei ter com vovô.

Quando amanhece, *Flavius* levanta-se, veste-se, toma ligeira refeição e, ao sair, recomenda para a esposa:

- Irei só, para não chamar a atenção. Tu ficarás com *Servula* e com *Priscus*, que te guardarão de eventuais importunos. E, principal-

mente, não saias, querida!... Aconselho-te que permaneças em casa até que eu volte!...

Susanna despede-se do esposo à porta da casa.

- Vai em paz, querido!... - exclama ela, quando ele a beija à testa, despedindo-se. - Ficarei em casa, rezando por ti. *Jesus* guiará teus passos!...

Flavius abraça-a forte, e lágrimas descem-lhe pela face. Triste sentimento invadia-o.

- Oh, querida, querida!... - exclama ele, relutando em deixá-la ali sozinha. - Temo por tua segurança!...

- Estarei bem, querido!... - diz ela, encorajando-o. - Nossos fiéis servos far-me-ão companhia. Vai, que estarei suplicando a *Jesus*, por nós dois!... E, sorrindo, com os olhos brilhantes, acrescenta: - Se Deus está conosco, quem há de estar contra?

Flavius parte, mas terrível pressentimento estrangulava-lhe o peito. Intimamente, lutava contra aquela horrível sensação, mas era preciso ir entrevistar-se com o avô e com a mãe, dizer-lhes que não se achavam seguros ali e que seria melhor fugirem para mais longe.

Neste comenos, *Iulius Maximus* já se levantara fazia tempo. Mal raiara o sol, reunira sua escolta e se pusera a subir a montanha, mandando para o lugar onde, de antemão, por informações obtidas em Roma, já sabia localizar-se a *villa* do senador *Rimaltus*. A exuberante propriedade não ficava muito distante da cidade; apenas a três quilômetros, subindo o sopé do Monte Vesúvio, local de onde se descortinava esplêndida vista da baía de Nápoles. *Iulius* sabia da necessidade de valer-se de ardis e de manobras para descobrir o paradeiro de seus desafetos ou sua viagem redundaria em fracasso total. Para tanto, pensava em usar artimanhas, não a força bruta. Deixaria a força para depois, para a captura!...

Instmindo a escolta para que se mantivesse recuada e acobertada pelas árvores de pequeno pomar de limoeiros, *Iulius* seguiu sozinho e se manteve de espreita, à margem do pequeno caminho que dava à propriedade do senador. Sabia que escravos eram, diariamente,

despachados para a cidade, para a aquisição de alimentos, e não lhe seria difícil abordar algum deles e o fazer abrir o bico!...

Foi o que aconteceu. Não teve de esperar muito e eis que vê surgirem, pela estradinha, duas pessoas que deixavam a *villa* e iam em direção da cidade. Eram duas escravas, uma delas bastante jovem e até bonita, e a outra já bem idosa; carregavam cestos de vime vazios e, presumivelmente, buscavam alimentos frescos no mercado da cidade.

- *Ave!...* - exclama *Iulius*, saindo de inopino do esconderijo à margem da estrada e, cortando-lhes o caminho, apanha-as de surpresa. Faz longa mesura diante da jovem escrava e arrisca um meloso galanteio: - Aonde vão flores tão finas, a hora tão fresca da manhã?

As mulheres entreolham-se espantadas. A mais velha fecha a cara e se põe a caminhar mais apressada. A jovem, entretanto, arreganha-se em sorrisos brejeiros e abre a guarda ao malandro. *Iulius*, ousadamente, apanha-lhe uma das mãos e a beija longamente. Altamente lisonjeada pela atenção que lhe despendia o nobre e belo cavalheiro, a mocinha pára e passa a olhá-lo. embevecida.

- Vais ficar aí parada feito uma tonta? - pergunta a outra, com voz ácida.

- Anda à frente, *Lolia!*... - exclama a mocinha, cheia de enlevos com os olhares lascivos que lhe lançava o rapaz bem trajado e de finos modos. - Encontro-te no mercado logo mais!...

- Vais é dar-te com teu jumento no atoleiro!... - exclama a velha, estugando o passo e resmungando, enfezada. - Espevitada de miolo mole!... Aviso-te: depois não me venhas com choradeiras!

- Dize-me, minha linda, como te chamas? - pergunta *Iulius*, aproximando-se, ousadamente, da ingênua mocinha e a tomando nos braços, assim que a outra escrava desaparece numa curva do caminho.

- *Cneia* é meu nome, *domine!*... - responde a mocinha, abrindo-se em abundantes sorrisos voluptuosos.

- Então, *Cneia*, vives na casa do senador *Rimaltus*, não? - pergunta ele, abraçando-a forte e lhe mordiscando, ousadamente, o lóbulo da orelha.

- Oh, sim - responde ela, extravasando faceirice no olhar e nos modos lúbricos com que correspondia às despudoradas apalpações que o desfaçado e desconhecido jovem, cheio de cúpida avidez, desferia-lhe pelo corpo rijo e bem torneado.

- E o senador encontra-se em casa? - prossegue o canalha, fazendo propositais rodeios, antes de obter a informação que realmente desejava.

- Sim, o senador e sua nora encontram-se sempre em casa; raramente deixam a mansão - responde a mocinha, mais preocupada em deliciar-se com as vigorosas e bestiais carícias que lhe fazia o belo mancebo.

E o rapaz, chegando às raias da obscenidade animalizada com aquela garota ingênua, continua o ataque.

- E o neto do senador e sua jovem esposa?... Não se encontram mais na mansão?

- Não, o jovem *Flavius* e sua esposa vivem na quinta, do outro lado da montanha - diz a mocinha, sem titubear, entregando, assim, o paradeiro do jovem casal.

Iulius Maximus abre pleno sorriso de satisfação. Fora-lhe mais fácil do que pensara!... Agora só restava descobrir detalhes do caminho que o conduziria até o esconderijo de seus desafetos.

Meia hora depois, *Iulius* deixava a escrava que se despedia dele, extremamente feliz, pelos momentos de prazer que o belo jovem de fino trato dispensara-lhe e segue, apressada, seu caminho ao encontro da companheira que, possivelmente, a aguardava na praça do mercado, bufando de raiva e de indignação. O rapaz, por sua vez, toma, apressado, o cavalo e vai juntar-se à sua escolta que o esperava um pouco mais recuada, oculta no pomar de limoeiros. Agora já sabia onde encontrar o que buscava e exultava de satisfação. Achava-se em situação melhor do que esperava: o local

onde vivia o casal era discreto, longe da cidade e dos demais parentes e, além disso, contaria com o elemento surpresa a seu favor. Não lhe seria difícil cair sobre ambos que, certamente, encontrar-se-iam desprevenidos e os prenderia com a maior facilidade!

A manhã já avançara bastante, quando *lulius*, finalmente, localiza a quinta do senador *Rimaltus*. Estacando sua montaria diante da entrada da propriedade, concluiu que o lugar era realmente discreto; não passava de uma sucessão de pequenos e curtos terraços, escavados na montanha e separados por taludes não muito altos, em formato de escada e sustentados por muretas de pedra, onde se cultivavam exuberantes videiras. No meio de um dos terraços, erguia-se modesta residência de pedras regulares, que se apresentava sem ostentação de qualquer espécie de luxo, além dos relativos conforto e bem-estar necessários a uma vivenda campestre. Algumas oliveiras e amendoeiras sombreavam ao derredor da casa, quase a ocultando de quem passasse pelo pequeno caminho que ziguezagueava, enroscado na montanha. Ali do alto, tinha-se privilegiada visão do mar que ondeava em translúcido azul, lá embaixo, a partir do sopé da montanha e se estendendo até se fundir com o longínquo horizonte, a esmaecer-se em cambiante azul-esmeraldino.

- Lugarzinho bem pitoresco arranjam os pombinhos!... - murmura *lulius*, com um sorriso cínico nos lábios. E prossegue, com os olhos falseando de excitação: - Mas, em brevíssimo tempo, tudo estará mudado!... -e apeia do cavalo.

Os pretorianos aguardavam-no a distância. Era preciso, agora, traçar um plano para a abordagem. E foi o que fez. Tomaria o lugar, não de assalto, mas se aproximando devagar, sem fazer o mínimo ruído, e cercaria a residência, juntamente com os soldados. Depois, entrariam de surpresa e fariam as prisões. Possivelmente, *Flavius* encontrar-se-ia desarmado, fato que facilitaria as coisas, dando-lhes uma enormidade de vantagem sobre o rival.

Depois de muito bem combinado com sua escolta, ***lulius*** dá a ordem de abordarem o local. Tudo estava em silêncio, sinal de que havia pouca gente na casa que se achava com as portas e janelas trancadas. Sorrateiros como felinos em caça, o grupo, tendo *lulius* sempre à frente a comandá-lo, põe-se a caminhar em direção de seu objetivo, protegendo-se atrás dos troncos das árvores que formavam pequeno parque em derredor da residência. Uma vez bem próximos das grossas colunas que sustentavam o *peristylum*, a erguer-se ao longo de toda a parede lateral da edificação, os pretorianos postaram-se em locais estratégicos, sempre no mais absoluto silêncio e sob o comando de *lulius* que, percebendo que a porta que dava acesso à varanda não era do tipo muito robusto, intenta arrombá-la. E é o que faz. Com formidável pontapé, estoura-lhe a tranca e, ligeiro como uma raposa, salta para dentro, sendo seguido pelos pretorianos a darem-lhe cobertura à retaguarda.

Susanna encontrava-se recostada num *canapeum*, no modesto *triclinium*, lendo uns escritos de *Plauto*¹ e, ao ouvir o estrondo provocado pelo arrombamento da porta, sobressalta-se; entretanto, tivera tempo apenas de se erguer e de ver, terrificada, o primo que assomava à sala, empunhando uma espada à mão e seguido por uma leva de pretorianos. Um frêmito de pavor percorre-lhe a espinha de alto a baixo.

- *Lulius!*... -exclama *Susanna*. altamente exaltada pela abrupta invasão do lar que lhe fazia o primo. - Que fazes aqui?!...

- Onde está ele?... - pergunta o rapaz, agitadíssimo, brandindo, ameaçadoramente, a espada. - Onde está o miserável?...

Neste ínterim, *Priscus*, o escravo, alertado pelo ruído da porta arrombada e das vozes exaltadas, adentra o *triclinium*, e *lulius* apanha-o, mesmo antes que pudesse esboçar qualquer reação em defesa de sua senhora, e é violentamente ferido ao peito com

I. Tito Maceió Plauto (250 - 184 a.C), poeta e teatrólogo romano.

terrível golpe de espada e tomba, pesadamente, sobre o piso de pedras, es-vaindo-se em sangue.

-*Priscus!*... - grita *Susanna*, arrojando-se sobre o corpo do escravo que dava os derradeiros estertores, motivados pela violência da morte que lhe impusera a mão assassina de *Iulius*. E, constatando que o rapaz fora vilmente assassinado, a jovem levanta-se, tomada de fúria insana e, arrostando, corajosamente, o primo, lança-se sobre ele, como uma leoa enlouquecida, e tenta lanhar-lhe o rosto com as unhas, gritando: - Assassino!... És um assassino cruel, *Iulius* !...

Servilla, a escrava, que se achava na cozinha, a preparar o almoço, também ocorrera aflita à sala e, temendo pela senhora, tenta contê-la, mas é brutalmente afastada pelo rapaz que se deixa tomar por violência incontida.

- Dize-me, desgraçada!... - grita *Iulius* para *Susanna*, segurando-a, fortemente, por um dos pulsos. - Dize-me onde se esconde o covarde de teu marido!... Quero matá-lo com minhas próprias mãos!...

-Jamais te direi, demônio!... -grita *Susanna*, arrostando-o, ferozmente, enquanto dá violentos safanões, tentando livrar-se da mão que lhe prendia o punho como tenaz de ferro. - Mesmo que me mates, não te direi, maldito!...

-Ah, cadela desgraçada!... - grita o rapaz, possesso, enquanto desfere violento bofetão ao rosto da infeliz *Susanna*. -Tu me dirás!... Ah, se me dirás!...

Servula, vendo que sua senhora apanhava do infame invasor, lança-se sobre ele como uma fera e é violentamente aparada com um terrível golpe de espada que lhe abre o peito em chaga funda e mortal. A escrava apenas tem o tempo de enviar um olhar de profundo desespero para *Susanna* e, revirando os olhos, tomba, pesadamente, já sem vida.

- Oh, monstro!... - grita *Susanna*, entre aterrada e profundamente enraivecida, pelas monstruosidades que cometia o primo, sem

pestanejar, ali, diante dela. E, num ímpeto de ódio extremo, lança-se sobre o rapaz e, como fera sanhuda, arranha-lhe, profundamente, o rosto, enquanto grita, tomada de raiva insana: - Demônio!... Monstro, desgraçado!... Odeio-te, *Iulius*, como a peste mais abjeta!... O rapaz, muito mais forte que ela, domina-a com facilidade e tenta beijá-la à força. Os pretorianos, que a tudo haviam assistido, sem necessidade de nenhuma intervenção, divertiam-se, rindo-se, imensamente, com as cenas de crua violência que *Iulius* lhes proporcionava. Apesar de estarem habituados a promoverem e a presenciarem tais constrangimentos extremos, sempre lhes era motivo de gáudio o sofrimento impingido às criaturas, num mundo em que as pessoas valiam menos que um cavalo ou uma boa besta de carga!... *Iulius*, entretanto, percebendo-lhes o interesse no caso e já se certificando de que *Flavius* não se encontrava em casa, ordena que saíssem e que mantivessem guarda no exterior da residência. Iria arrancar a confissão de *Susanna* sobre o paradeiro do esposo e, para tal mister, não precisava de ajuda e, muito menos, daquela incômoda plateia.

Uma vez a sós, o rapaz prossegue o interrogatório, ainda mantendo a infeliz *Susanna* presa, firmemente, pelo punho.

- Dize-me, maldita, onde se encontra o imbecil de teu marido?...

- Não te direi, jamais, demônio!... - responde a jovem, espumando de raiva. - Se quiseres, mata-me, mas não te direi onde se encontra *Flavius*!...

Iulius encara-a com olhos terríveis, transtornados pelo ódio. E prossegue, apertando-lhe ainda mais forte o pulso.

-Tu me dirás, desgraçada!... Sei que dirás!...

E *Susanna*, num ato de raiva extremada, cospe no rosto do rapaz. *Iulius*, então, tomado de furor insano, deixa cair a espada que segurava com a mão direita e, utilizando-se de ambas as mãos, segura, fortemente, o corpo da jovem e o atrai, violentamente, para si. A proximidade do objeto de seu desejo fá-lo fremir de excitação. O delicado perfume de *Susanna* enlouquecia-o de paixão,

exacerbando-lhe os mais selvagens instintos. De repente, idéia tenebrosa perpassa-lhe a cabeça. Sabia que sua prima era teimosíssima e, dificilmente, dir-lhe-ia onde o idiota do marido encontrava-se. Como um doido, rasga-lhe as roupas, desnudando-a, completamente.

- Que vais fazer, demônio?... - pergunta a jovem, antevendo o terrível ato que lhe faria o tresloucado primo.

- Desdenhas-me, tens asco de mim, não é? - diz ele, com terrível brilho nos olhos. - E, principalmente, ocultas-me o paradeiro de teu esposo!... Pois bem, retomarei o que, por direito, já era meu!... -e, num gesto brusco, atira-a sobre o *canapeum*.

-Não, *Iulius!*... - grita *Susanna*. E pensa. Tinha de agir rápido, antes que o monstro a tocasse. E lhe diz, abrandando um pouco a expressão facial: - Se não me tocares, digo-te onde se encontra *Flavius!*...

- Ah, resolveste traí-lo, então?... - diz o rapaz, com um riso horrível. Tinha o rosto banhado de suor e tremia de excitação nervosa. -Mas, não confio em ti!... Primeiro, dize onde é que o miserável se encontra; depois, soltar-te-ei!...

Susanna ia dizer que não confiava nele, também, mas não estava em condição de negociar. Encontrava-se em desvantagem total. Precisava arriscar.

- *Flavius* viajou para Roma... - mente ela.

- Para Roma?!... - exclama *Iulius*, com um sobressalto. - E te deixou aqui, sozinha?...

- Sim, para o propósito a que foi, melhor sem mim!... - diz a jovem, prosseguindo na mentira.

- E que propósito era esse?...

- Matar-te, *Iulius!*... - diz ela, olhando-o, firme, nos olhos, pois era preciso ser muito convincente.

- Maldito!... - exclama *Iulius*, largando, abruptamente, a moça e se pondo a murmurar, enquanto fitava o nada, com os olhos cheios de ódio: - Covarde!... Maldito!... Era esse o plano!... Assassinar-me!... -e,

virando-se para a jovem que agora se encolhia nua sobre o *canapeum*: - Então suspeitáveis de que eu poderia vir caçá-los aqui, não é?

- Sim, *Iulius*, sabíamos que tu estavas por trás de nossas prisões e resolvemos dar-te um fim!

- Malditos!... - grita o rapaz, semi-enlouquecido e, atirando-se sobre a moça, prossegue, segurando-a, firme, pelos pulsos: - Tu também desejavas a minha morte, não é?

Susanna sabia que agora era chegado o seu fim. Encurralava uma fera infinitamente mais forte que ela e sabia, de antemão, que sairia derrotada daquele embate feroz. Mas, morreria feliz. Seu amor estaria a salvo; imolava-se por ele!... Que não faria por seu amor?...

- Sim, *Iulius*, eu desejava a tua morte!... - diz a jovem, agora, dando o golpe de misericórdia a si mesma. E, olhando fundo nos olhos dele, prossegue: -Tenho ódio de ti!... Odeio-te até a morte!... Ainda mais: tenho nojo de ti!... Sinto asco, quando me tocas!... Tu me enojas, *Iulius*!...

O que se seguiu foi deveras terrível!... Emitindo um rugido rouco, como de fera acossada, *Iulius* tateia a própria cintura e, tomando o punhal que ali trazia, com ele golpeia fundo e furiosamente o peito de *Susanna*, repetidas vezes, até cansar-se. A jovem não emite sequer um gemido. Apenas os olhos enchem-se-lhe de lágrimas, enquanto murmura baixinho, cerrando os dentes, violentamente, para suportar a dor lancinante que lhe rasgava o peito, qual chama viva:

-Amo-te, querido!... Amo-te...

Exaurido pelo esforço de golpear, covardemente, o corpo de *Susanna* até a morte, *Iulius* deixa-se cair de joelhos ao lado do *canapeum*. Trêmulo pela terrível sobrecarga emocional, fita, longamente, o rosto empalidecido de *Susanna*.

- Linda até na morte!... - exclama ele, levantando-se e lhe beijando, longa e voluptuosamente, os lábios descorados. - Roubo-te o beijo que sempre me pertenceu e que me negaste por toda a tua vida!... -

depois, permanece de pé, olhando-a. com os olhos cheios de lágrimas. Em seguida, meneia a cabeça, tristemente, e prossegue baixinho: - Ah, cara *Susanna!*... Como foste tola em acreditar que, se não vivesses comigo, viverias para o infame que te roubou de mim!... -e se cala, com a voz travada pelos soluços. Depois, contém-se e, sorrindo um sorriso com laivos de loucura, continua: - Jamais te daria tal prazer!... Jamais!... -e. apanhando a espada do chão, embainha-a à cintura e sai, sem olhar para trás.

Lá fora. os pretorianos aguardavam-no à sombra das árvores.

- Vamos para casa!... - ordena ele. com a voz seca.

Passava de duas horas da tarde, quando *Flavius* apeia de seu cavalo, diante do *vestibulum* de sua residência. Percebe a porta do *peristylum* arrombada, e um súbito calafrio percorre-lhe a espinha de alto a baixo. "Deus do céu!... Será que...", pensa, tomando-se de desespero extremo. E adentra a residência a correr, com o coração a sair-lhe pela boca. Pobre *Flavius!*... Um grito de dor ouve-se então; dir-se-ia assemelhar-se mais a um urro que escapasse da garganta de uma fera que de voz humana!... Era dor infinita, dor lancinante, tão infinitamente profunda, a rasgar-lhe as fibras do coração, uma a uma!... Indescritível foi o desespero a invadi-lo, após ter ele se deparado com o terrível quadro que se descortinava tão cruel, diante dos olhos aterrados. Que nefando pesadelo seria aquele?... Então o desgraçado destino brincava com ele?... Não, era-lhe por demais aterrorizante aquilo!... A adorada esposa toda banhada em sangue, nua. sobre o *canapeum*, terrivelmente mutilada por dezenas de golpes de punhal que mão criminosa desferira-lhe, bárbara e impiamente, pelo corpo todo!... E, sobre o piso da sala, jaziam, ainda, os corpos dos dois fiéis escravos, também covardemente assassinados e mergulhados em poças de sangue!...

Flavius pôs-se a tremer, e as pernas se lhe fraquejaram, apesar de toda a fortaleza que já angariara diante de tantas desgraças que presenciara, mesmo sendo ainda tão jovem, nas ementas batalhas de que participara sob o comando do general *Tarquinius!*... Os olhos en-

chem-se-lhe de lágrimas, quando ele, finalmente, consegue sentar-se ao lado dela, no *canapeum*, e, tomando-a nos braços, sente-a ainda quente. Existirá no mundo dor ainda maior que essa?... Sentir inerte, sem vida, em nossos braços, o nosso único e verdadeiro amor, posto que grotescamente assassinado por um monstro desalmado?... Oh, Deus!... Como as coisas, neste mundo, às vezes, tomam-se tão infinitamente cruéis!...

E, como ele a abraçou forte, premido pelo desespero, chamando-a pelo nome!... E, como a beijou às faces ceráceas, ainda molhadas pelas derradeiras lágrimas!...

- Oh, choraste, meu amor!... - exclama ele, percebendo-lhe as faces molhadas de lágrimas. - Choraste por mim?... Sim, eu sei!... Certamente, teus últimos pensamentos tu os dirigiste para mim!... Eu sei!... - e suas lágrimas quentes, lágrimas de dor acerba, juntavam-se às lágrimas frias de *Susanna*. - Morreste para salvar-me, meu amor!... Sei que foi *Iulius*, o infame!... Só ele teria motivos para fazer-te tal coisa!... Oh, *Jesus*!... Porque fui deixar-te sozinha?...

Muito tempo *Flavius* permaneceu abraçado ao corpo de *Susanna*. Seus tristes lamentos e seu choro tocante perderam-se pelas horas daquela tarde e, somente quando as trevas da noite que chegava inundaram a sala, é que ele caiu em si. Resoluto, enxuga os olhos com as mãos e se levanta do *canapeum*. Depois, delicadamente, toma o corpo da esposa aos braços e o carrega até o *balneum* e, longa e jeitosamente, banha-o. Depois, veste-o com um manto de lã alvinitente e o deposita sobre o leito que fora do casal. A seguir, faz o mesmo com os corpos de seus fiéis escravos. Terminada a triste tarefa, fecha a casa, apanha o cavalo e sai. Ia avisar o avô e a mãe sobre a tragédia.

Fizeram um longo e luxuoso velório para *Susanna Procula*, como era costume nas famílias patrícias. Indignadíssimo com o assassinato da esposa do neto, o senador fez a denúncia ao pretor de *Neapolis*; procederam-se às investigações e, presumivelmente, a partir de descrições de testemunhas, *Flavius* chegou à conclusão de que o

assassino era, de fato, *Iulius Maximus*, e um ardente desejo de vingar-se daquele monstro desalmado foi nascendo dentro do peito do jovem viúvo. Não se conformava em ter perdido seu amor de forma tão brutal e covarde!... Malgrado as lições evangélicas que recebera, na prática, entretanto, como se mostrava difícil para ele o exercício do amor incondicional a todas as criaturas, e como se tomava quase irrealizável a prática do perdão!... Contudo, existiria exercício maior para o perdão irrestrito - como o que pregou **Jesus** - que provação extrema, semelhante a essa que ele vivia?... Não, por certo, mas a sua dor afigurava-se-lhe maior que tudo!... Eis, talvez, porque as palavras do insigne Mestre Nazareno encontrem ainda tão pouco eco nos corações dos homens!... Ah, se as pessoas soubessem perdoar!... Evitariam tantas dores futuras, tantos sofrimentos inúteis!... Mas, os homens não costumam perdoar ofensas assim tão extremas, porque é necessária força muito grande; é preciso que o ofendido coloque-se bem alto, que se poste tão acima do comezinho material e se encha tanto de espiritualidade - mas, que se espiritualize muito mesmo, bem além da intensidade da ofensa recebida -, pois, só assim, obterá a fortaleza suficiente para o exercício do perdão incondicional!

No íntimo, *Flavius* queimava de ódio e desejava vingar-se; entretanto, luta atroz travava-se em seu coração: conhecia as imarcescíveis lições de perdão às ofensas que aprendera, ouvindo as inesquecíveis pregações evangélicas de *Rufus*, quando acompanhava *Susanna* ao templo cristão: até mesmo havia ouvido muitas das pregações que o próprio apóstolo *Pedro* houvera feito nas catacumbas e até se considerava um seguidor de Cristo, mas o desejo de vingar-se do assassino de *Susanna* perseguia-o, sem lhe dar um mínimo de trégua. Já não era mais o rapaz tranqüilo de antes; tornara-se agitado, não se alimentava direito, havia emagrecido e não aparentava mais a truculência de antes. O avô e a mãe preocupavam-se com os novos rumos que tomava a vida do rapaz.

Fazia, já, três meses, depois da morte de *Susanna*, e *Flavius* sentia-se mais e mais afoqueado pela idéia de vingar-se do assassino de seu amor. A saudade da esposa não passava nunca, e ele se sentia enlouquecer. Sua vida transformara-se num pesadelo insuportável. Precisava tomar uma atitude e, resoluto, certa manhã, procurou pelo avô e pela mãe.

- Vou a Roma - diz ele aos familiares que tomavam o *ientaculum* no *peristylum*.

O avô e a mãe entreolham-se, cheios de preocupação.

- Podes dizer-nos o que pretendes fazer na capital, meu filho? - pergunta-lhe a mãe.

- A saudade de *Susanna* mata-me, mamãe - responde ele, com um fundo suspiro. - Penso que, se sair e tentar divertir-me, talvez possa esquecê-la.

- Vai. meu filho!... - exclama o senador, animando-o. - Acho excelente essa tua idéia!... Roma possui uma infinidade de divertimentos para um jovem de tua idade!... E será, exatamente lá, que tu conseguirás desafogar as tuas mágoas!... Tens a nossa bênção!

- E, quando pretendes partir? - pergunta-lhe a mãe.

- Hoje mesmo - responde ele, com o rosto duro. Fazia tempos que ninguém o via mais sorrir.

Daí a duas horas, um cavaleiro solitário subia a *Via Apia*, serpeando a encosta do Monte Vesúvio. Ia sem pressa. Estava muito triste e, à mente, apenas uma idéia: procurar *Iulius Maximus*, onde quer que se escondesse o desgraçado e, fria e impiamente, matá-lo, da mesma forma que o infame fizera com o amor de sua vida...

Por seis longos dias, cavalgou em direção ao Norte. Não via nenhuma graça em nada. Aquela viagem, na realidade, era um tormento para ele. À mente, apenas uma idéia: localizar o monstro assassino e dar cabo dele, o mais rápido possível!...

Para chegar até à mansão da família, *Flavius* teve de passar pelo centro da cidade. Roma ressurgia das cinzas do terrível incêndio provocado por *Nero*. Por todos os lados, erguiam-se obras

monumentais, ostentando o brilho do mármore polido e do granito reluzente. Morrera uma cidade feia e anacrônica, cheia de antiquíssimas construções de tijolos desbotados e carcomidos pelo tempo, e renascia uma outra, moderna, limpa e rutilante, bem ao gosto do imperador que, para tanto, espoliava o erário público e escorchava o povo com pesadíssimos tributos e provocando, ainda, altíssimos índices de inflação nunca vistos antes, no Império.

Flavius atravessa a cavalo todo aquele bulício, prestando pouca atenção ao que se passava na cidade. Encontrava-se exausto pela viagem e almejava apenas o descanso. Pouco depois, apeava de seu combalido cavalo diante da porta de entrada do *vestibulum* da magnífica mansão da família. Como haviam saído dali às pressas, ele e *Susanna*, meses atrás, e pensavam jamais retornar a Roma, haviam liberado os serviçais, e se espanta ao constatar que a casa encontrava-se miraculosamente intacta. Alguém houvera permanecido ali, cuidando de tudo, ou então, os ladrões não teriam deixado pedra sobre pedra. Intrigado, força a porta de entrada do *vestibulum*, e ela cede. Não se encontrava trancada, e ele entra. O interior da casa não se achava de todo limpo, mas se notava que alguém vinha limpando, freqüentemente, uma das alas. Empunhando a espada, *Flavius* revista o imenso casarão, cômodo a cômodo, mas não encontra ninguém; porém, em pequena parte da casa, constatou haver indícios de que alguém vivia ali, de forma muito discreta. Estava faminto e, vasculhando a cozinha, encontrou, muito bem escondidos num armário, um pouco de pão de centeio e um meio odre de vinho. Alimenta-se e vai deitar-se no que, um dia, fora o seu quarto e de *Susanna*. A vista do local onde vivera os primeiros dias de casado com seu amor, as lágrimas brotam-lhe abundantes, num choro profundo, doído, como se chaga mal fechada, de repente, voltasse a abrir-se, e o sangue jorrasse profuso, de novo.

Por muito tempo, chorou, amargamente, à lembrança de sua esposa. Entretanto, o cansaço vence-o, e ele dorme profundamente.

Mais tarde, desperta sobressaltado, com alguém que lhe tocava, levemente, o ombro. Abre os olhos sonolentos.

- General *Tarquinius!*... - exclama espantado, ao reconhecer o rosto que se debruçava sobre ele. - Que fazeis aqui?!...

- Oh, meu rapaz!... - diz o general, abraçando-o forte. - Que felicidade rever-te!...

O jovem senta-se no leito e corresponde ao forte abraço do grande amigo. As lágrimas brotam-lhe dos olhos, abundantes.

- Pensei que estivésseis todos mortos!... - exclama Flavius, levantando-se do leito. - E *Drusilla Antónia*, onde está?

- Morta... - responde o general, baixando os olhos cheios de lágrimas.

- Mataram-na. então!... - explode o rapaz, esmurrando a parede com o punho fechado. - Os covardes mataram-na!...

- Sim, mataram-na, covardemente, no *Circus Maximus*...

- E vós, como escapastes de lá?... - pergunta o rapaz.

- Não escapei!... - responde o general, encarando-o nos olhos. - O demônio quis ver-me sofrer as dores do inferno!... Libertou-me, para que eu sofresse mais, permanecendo vivo e presenciando o suplício dela!...

- Monstro!... - explode o rapaz, cheio de ódio. - Às vezes me pergunto se *Nero* é humano ou se é uma fera!...

- E *Susanna*, onde está? - pergunta o general.

O rapaz limita-se a olhá-lo com os olhos cheios de lágrimas. Depois, lança-se aos braços do amigo e, entre profundos soluços de dor, diz-lhe:

- *Iulius Maximus* assassinou-a, covardemente, general!...

- O quê?!... - exclama *Caius*, afastando-se do abraço do amigo e, olhando-o nos olhos, prossegue, estarrecido: - Dizes que o miserável foi até lá e a assassinou?!...

Flavius apenas sacode a cabeça, confirmando. Depois, deixa-se sentar, pesadamente, sobre o leito, e passa a relatar, minuciosamente, ao amigo a tragédia que lhe vitimara a esposa. O

general ouvia-o em silêncio, sentado numa cadeira. A grande dor que sentia era patente. Depois que o jovem amigo encerra a narrativa, levanta-se e o abraça, dizendo:

- Tua dor não é maior nem menor que a minha, *Flavius!*... Tua dor é a minha dor!...

E, por longo tempo, permanecem abraçados, chorando a dor da terrível perda que haviam sofrido. Pouco depois, *Iustus*, o mordomo, anuncia que lhes havia preparado algo para comer.

- Apropriamo-nos de tua casa, *Flavius*, eu e *Iustus*, pois não tínhamos mais para onde ir, depois que a minha *villa* foi vilmente saqueada pelos ladrões, assim que a notícia de nossas prisões espalhou-se - explica o general, enquanto tomavam rala sopa preparada pelo mordomo.

- Fizestes muitíssimo bem, general!... - diz o rapaz. - Caso contrário, esta propriedade também não mais existiria!...

- A propósito, por que vieste a Roma?... - pergunta o general. - Não crês estares correndo perigo?

Flavius precisou pensar rápido. Não contava encontrar o general e ter de dar-lhe explicações.

- Vovô incumbiu-me de vender a *villa*, general - mente ele. Não desejava que o amigo soubesse do real motivo de sua vinda a Roma. E prossegue, tranqüilizando o outro: - E óbvio que não sabíamos que a estáveis ocupando!... Agora, entretanto, ficai tranqüilo, que os planos são outros!...

- Contudo, afianço-te de que a poderás vender, *Flavius!*... - diz o general. - Eu e *Iustus* pretendíamos mesmo deixar esta propriedade amanhã!... Se te demorasses um dia a mais, não nos teria encontrado aqui!... Apesar das perseguições, vamos reerguer nosso antigo templo e nos dedicar à assistência aos desvalidos, como fazia *Rufus*. A propósito, não desejas permanecer conosco?

- Não, general - responde o rapaz. - Terminada a minha missão em Roma, retomarei a *Neapolis* e passarei a cuidar de nossos interesses

por lá - e prossegue, com um sorriso triste nos lábios: - Apesar de tudo, a vida continua...

Terminado o frugal jantar, permanecem conversando no *peristylum*. A primavera fazia o jardim, embora descuidado, brotar em olentes flores. A noite cresceu e avançou. Cansados, os homens foram dormir. No dia seguinte, tomariam rumos diferentes.

Quando o dia amanheceu, o general despediu-se de *Flavius* e, juntamente com seu fiel mordomo, tomou o rumo de onde antes se erguia o antigo templo fundado por *Rufus*. Doravante, ambos residiriam lá. *Flavius* vê-os desaparecerem na curva do caminho e pensa: -Agora, nós dois, *Iulius Maximus!*... Agora, nós dois!...

O primeiro passo foi descobrir o paradeiro do desafeto. E buscou tal informação, junto ao antigo camarada de armas, *Lucius Nigrus*, e que, no momento, servia na milícia pretoriana que guardava o palácio imperial. "O covarde agora mora em sua própria casa", informara-lhe o amigo. "Uma vez cessado o perigo que lhe rondava a porca vida, o infame resolveu deixar a proteção do imperador e voltar para seu antigo covil!... E, se precisares de minha ajuda para dares cabo do desgraçado...", completara *Lucius*, altamente indignado com a tragédia que sucedera ao companheiro.

Conhecedor do paradeiro do infame assassino, *Flavius* passou a segui-lo como uma sombra, à espera do melhor momento para atacá-lo. Disfarçado e sempre coberto com um manto escuro, o rapaz seguia *Iulius Maximus* aonde quer que fosse e tinha a certeza de que não lhe seria difícil surpreender o outro, pois o sabia um estúrdio boêmio que não parava em casa, sempre à cata de aventuras e de fortes emoções.

Flavius não teve de esperar muito. Fazia apenas três dias que chegara a Roma, e a oportunidade de um entrevero com seu desafeto apareceu, quando este cavalgava de volta para sua *villa*, ligeiramente embriagado, de madrugada, depois de uma esbórnica, num lupanar da Via Trentina. *Flavius* estugou a marcha de sua

montaria e alcançou o infame, quando este atravessava trecho deserto da viela que conduzia à sua casa.

- Desce de teu cavalo, desgraçado!... - grita-lhe *Flavius*, ultrapassando-o e, interpondo o animal atravessado à frente, fecha-lhe, totalmente, a passagem pelo estreito caminho.

-Tu?!... - espanta-se o covarde, tomado pela surpresa, ao reconhecer o rosto de *Flavius* que se iluminava pela farta claridade da luz plenilunária.

- Sim, maldito!... - grita *Flavius*, apeando ligeiro de seu cavalo e, puxando o outro pela perna, derruba-o da montaria.

Encontrando-se ligeiramente bêbado, *Iulius* não consegue colocar nenhuma resistência e tomba, fragorosamente, estatelando-se sobre o chão de terra batida. *Flavius*, então, salta sobre ele e passa a esmurrar-lhe as faces, com extrema violência, despejando-lhe o imenso cabedal de ódio que se avolumara dentro do peito, desde que aquele infame assassinara-lhe, covardemente, a esposa.

- Maldito!... Miserável!... - repete o rapaz, como se possuído por força descomunal, enquanto arrebetava, violentamente, o rosto do assassino, desfigurando-o terrivelmente.

Iulius Maximus, nem de longe, possuía a truculência de *Flavius*. Era-lhe muito menor em estatura e em compleição corporal e, além disso, era um boêmio e não dado a exercitar-se, fisicamente, e possuía, como conseqüência disso, um corpo frouxo e flácido. Tentou reagir ao ataque do outro, mas não pôde. Limitou-se a gemer e a implorar por piedade. *Flavius* ignorava-lhe as súplicas covardes e continuou batendo. Bateu forte, até cansar-se, até esfalfar-se. Depois, arfando pelo excesso de esforço, parou e se acorou ao lado do outro que gemia baixinho, com o rosto todo lanhado e ensangüentado pela tunda recebida.

- Deixa-me, maldito!... - escutou, por fim, *Iulius* murmurar, rilhando os dentes.

- Deixar-te?... Oh, não!... - diz *Flavius*, olhando-o nos olhos. -Acaso não implorou também *Susanna* que tu a deixasses, maldito?...

- Sim, e como implorou, a cadela!... - diz *Iulius*, abrindo um sorriso de sarcasmo.

-Ah, desgraçado!... - explode *Flavius*, num grito de ódio. - Ainda tens a coragem de tripudiar sobre a nossa dor?... -e, a seguir, como um possesso, apanha o punhal que trazia preso à cintura e, segurando firme o outro pelo pescoço, diz, rilhando os dentes: - Sentirás, agora, o mesmo que fizeste à minha *Susanna!*...

Iulius nenhuma resistência ofereceu, posto que já se encontrava em frangalhos. *Flavius*, então, emitindo terríveis gritos de fúria e empunhando, firmemente, a arma, passou, tresloucadamente, a desferir impetuosos golpes ao peito de seu desafeto, repetidas vezes, até cansar-se.

Lá no alto, redonda e impassível, banhando o mundo com sua luz de prata, a lua cheia foi a única testemunha de mais aquela tragédia!... Esfalfado pelo esforço e pela carga emocional, *Flavius* pára. Enojado, dá-se conta de que o outro não passava de uma irreconhecível massa de carne sanguinolenta.

- Vai-te, demônio, para as profundas do *Avernum!*... *Hecate* deve estar felicíssima, a receber-te de braços abertos!... - diz ele, com desdém, mirando o rosto altamente desfigurado de *Iulius*. Depois, levanta-se cambaleante e murmura, com os olhos cheios de lágrimas: -Vinguei-te, meu amor!... Agora podes repousar em paz!... Estranhamente, suas atitudes e seus pensamentos voltavam aos moldes da antiga religião que professava. O paganismo ainda encontrava forte suporte em seu coração. Parecia ter-se esquecido, completamente, das inefáveis lições do Cristo. A dor suplantara tudo!... Pena que não tivera forças para perdoar!... Teria evitado tantas dores e tantos sofrimentos futuros, para si e para seu amor!... Mal sabia que, agindo daquela forma, afastavam-se mais e mais um do outro.

Com o coração mais gelado que o vento que soprava frio, monta seu cavalo e se vai. No horizonte, a aurora já se fazia anunciar, pintando o céu com laivos cor-de-rosa...

Duas horas depois, quando chegou em casa, estava agitado. Pensou em tomar um banho, pois o cheiro do sangue de *Lulius*, a empapar-lhe as roupas, dava-lhe náuseas. Busca o antigo *cubiculum* e se despe. Entretanto, em vez de se dirigir ao *balneum*, para lavar-se, arroja-se sobre o leito. Amargura intensa dominava-lhe o ser. Vingara *Susanna*, impingindo a seu assassino o mesmo suplício que o verme abjeto fizera-a sofrer, porém se sentia afoguar. O sangue do maldito não lhe trouxera a paz desejada. "Oh, meu amor!...", exclama baixinho, entre soluços. "Sem ti, sinto-me perdido!... Não sei mais viver neste mundo cruel!...", e as lágrimas descem-lhe abundantes, molhando-lhe o rosto altamente entristecido e amargurado. A luz do dia nascente coava-se pelos interstícios da janela fechada. Cheio de dor e de desespero, *Flavius* olha em derredor, e os soluços sacodem-no. "Oh, *Jesus!*...", lembra-se ele, de repente, do Mestre Nazareno. "Que fiz eu da minha vida?... Perdi o meu grande amor e ainda me tornei um assassino!... Desdenhei vossas lições de perdão incondicional às ofensas e manchei as minhas mãos de sangue!... Mas a dor, Senhor, foi maior que a minha fé!...", e os soluços sacodem-no, violentamente. A volta à triste realidade dos fatos e a constatação de que nenhum interesse mais possuía neste mundo fazem crescer nele o desespero. As horas escoavam-se, e a angústia dominava-o. Já não conseguia mais raciocinar direito. Única idéia invadia-lhe o pensamento: a inutilidade da vida daí para frente. Levanta-se do leito e se senta. Corre os olhos pelas roupas sujas que deixara espalhadas sobre o pavimento do quarto. O punhal, ainda com laivos de sangue, jazia sobre uma cadeira, juntamente com o cinto de couro trabalhado, bem ali, a seu lado. Fita, demoradamente, a arma pontiaguda que brilhava na semi-obscuridade do quarto. Depois, estende a mão e a apanha. Segura-a, por alguns instantes, com os olhos mareados de lágrimas. Em seguida, fixa o vazio e, soluçando, murmura:
- Por quê?... Por que tudo isso aconteceu, meu amor?...

E, com um gesto firme e preciso, finca a arma, fundo, no próprio peito. A intensa dor que lhe sobreveio fê-lo arrojarse para trás, de costas, sobre o leito. Foi num átimo. Depois sentiu como, se, de repente, uma imensa catadupa se estourasse sobre ele, arrastando-o e o afogando numa violenta enxurrada vermelha: seu próprio sangue, que lhe brotava aos borbotões, pelo rasgo aberto no peito e em fartos gorgolões a jorrarem-lhe pela boca entreaberta. A seguir, forte tontura abateu-se sobre ele, e tudo ficou escuro. Ao recobrar a consciência, tentava reerguer-se do leito, quando, estarrecido, vê seu próprio corpo todo ensangüentado e se assusta. Não conseguiu, de imediato, entender o que se passava. Porém, seu espanto aumenta ao ouvir terrível gargalharas costas. Vira-se, de inopino, e seus olhos arregalam-se, de espanto:

-Tu?!...-grita, aterrado.

- Sim, desgraçado!... Sou eu!... - exclama o outro.

Era *Iulius Maximus* que o fixava com uma aparência horrível. O espírito ainda trazia as marcas de sua recente e traumática desencarnação. Furioso, salta sobre *Flavius* que se esquiva, pondo-se mais longe e, aterrado, observa o repugnante espectro que, insistentemente, tentava atacá-lo. *Iulius Maximus* trazia a algidez da morte estampada nas faces tremendamente desfiguradas pela surra e ainda o corpo todo perfurado pelas vigorosas punhaladas que recebera, na madrugada daquele dia.

- Não pode ser!... - exclama *Flavius*, estupefacto. - Acabo de matarte, ainda há pouco, desgraçado!...

-Sim, maldito!... - diz o outro, rilhando os dentes, enfurecido. E prossegue, cheio de escárnio à voz: - Vê!... Mataste-me o corpo, mas não morri!... -e, abrindo um sorriso diabólico, cheio de desprezo, prossegue: - Também tu mataste, covardemente, o teu corpo, mas não morreste!... Ah, *Flavius*, facilitaste bastante minha sede de revanche!...-e explode numa despiciadora gargalhada: Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

Estarrecido, *Flavius* olha-se e, depois, apavorado, olha em derredor. Seu cadáver permanecia de costas, sobre o leito, com o punhal téticamente fincado ao peito. *Iulius*, percebendo que o outro se descuidava, salta sobre ele, e ambos rolam, atracando-se em feroz luta, socando-se e violentamente jungidos em contumaz obsessão!...

Neste íterim, dois outros seres espirituais aparecem no recinto. Um deles encontrava-se ainda muito debilitado, posto que seu peito revelava uma série de ferimentos e vinha amparado pelo outro espírito que se apresentava refulgente e nimbado de luz diamantina. Eram *Susanna Procula* e *Drusilla Antonia*. Mesmo se sentindo altamente debilitada, a jovem assassinada acorrera em socorro de seu amor, mas não tivera forças suficientes para demovê-lo das terríveis idéias de vingança. Com o prestimoso amparo de *Drusilla Antonia*, tentara dissuadir *Flavius* de perseguir e de matar *Iulius*, insuflando no esposo idéias de perdão, mas fora tudo em vão. O rapaz fechara-se a qualquer tipo de influenciação, que ambos os espíritos amigos tentaram, baldadamente, fazer em seu benefício, para livrá-lo de tais intentos; entretanto, ele se mostrara irredutível e, mantendo-se em terrível monoideísmo, arquitetara o plano de vingança que, consumado, culminara em seu suicídio irresponsável.

- Agora, nada mais podemos fazer por ele, minha querida!... - sussurra *Drusilla Antonia*, docemente, ao ouvido de *Susanna*. - *Flavius* escolheu o caminho mais difícil, e só a dor e o tempo é que o trarão de volta à realidade. Por ora, enxerga apenas seu oponente e quer destruí-lo, e o outro age da mesma forma!... Almejam, única e exclusivamente, aniquilar-se, mutuamente!... O ódio uni-los-á, infelizmente, por muitos e muitos anos!...

Com os olhos cheios de lágrimas, *Susanna* olha, demoradamente, para o esposo que, transtornado e desfigurado pelo ódio, não lhe notara a presença ali. Chamara-o, insistentemente, pelo nome, várias vezes; entretanto, ele sequer conseguira ouvi-la. Tentara abraçá-lo, mesmo dificultosamente, e o arrancar daquela situação, mas ele parecia não a notar. Com a maior tristeza deste mundo,

constata que o destino, de forma tão cruel, separava-a de seu amor. Oh, Deus, por quanto tempo duraria aquele martírio?... Anos, séculos?...

-Eu aguardarei por ti, meu amor!... - murmura a jovem, com o pranto a inundar-lhe os olhos. - Ainda que tenha de esperar por toda a eternidade!...

- Vamo-nos daqui, querida!... - diz *Drusilla Antônia*, puxando-a, amorosamente, pela mão. - Nada mais temos a fazer!...

E, amparando *Susanna*, delicadamente, toma-a nos braços e alça um vôo, desaparecendo, a seguir, como um raio luminoso.

Epílogo

A pequena assembléia acocorava-se sobre esteiras de palhas no chão de tijolos crus do singelo templo. Eram homens, mulheres e crianças que mal sustinham a ansiedade, enquanto aguardavam o início das orações da noite. Seus olhos buscavam, amiúde, a porta lateral do pequeno salão. De repente, ligeiro burburinho agita aquelas criaturas. Um homem de longas barbas, já quase totalmente brancas, surge pela porta e adentra o salão, fazendo-se seguir de seu fiel companheiro. Ambos traziam o rosto sereno e comedimento nos gestos e no andar. Eram o general *Caius Petronius Tarquinius* e seu antigo mordomo, *Iustus*.

O homem de longas barbas brancas postou-se sobre o pequeno e tosco púlpito de madeira lavrada e passeou, demoradamente, os olhos pela pequena platéia que se acocorava diante dele. Depois, abriu um sorriso cheio de bondade e se voltou para o companheiro que se mantinha de pé a seu lado. *Iustus* passou-lhe, então, um rolo de pergaminho que trouxera consigo. *Caius* desenrolou o velino e, com a voz tomada de ardor e de paixão, leu: "*Por isso vos digo: Não*

andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou de beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir... ”¹

Sua voz soava firme, forte, enquanto lia o trecho do Evangelho de *Jesus*. A pequena confraria bebia-lhe as palavras, pejudas de emoção. Tinha sido assim, desde que ele e seu fiel companheiro decidiram reerguer o templo e retomar as antigas atividades de assistência, desenvolvidas por *Rufus*. As perseguições aos cristãos, entretanto, não haviam terminado; pelo contrário, recrudesciam mais e mais, a cada dia. *Nero* supliciava centenas e centenas de cristão, diariamente, no *Circus Maximus*, com requintes de crueldade, para divertimento de uma turba ensandecida tal qual seu imperador!... Contudo, quanto mais cristãos se enviavam ao suplício, mais e mais conversões à nova seita aconteciam, todos os dias. para estupefação e desespero dos perseguidores!... Quanto mais *Nero* tentava afogar as imarcescíveis lições do Carpinteiro Nazareno num imenso mar de sangue, mais as lições de Amor. de Pai, e de Perdão propagavam-se para uma multidão de desesperados que viviam num mundo tomado pela violência e pejado de injustiça e de desamor!

Caius Petronius termina a leitura do trecho e levanta os olhos. Fixa, demoradamente, aquele amontoado de cabeças e, num átimo, seu pensamento voa para ela. Sempre ela!... *Drusilla Antonia*, a esposa supliciada no *Circus Maximus*, fazia já três anos. Entretanto, ele dela não se esquecia!... Nunca!... A lembrança da mulher amada estivera sempre, desde então, todos os dias, em seu pensamento!... Como esquecê-la?... Não, era-lhe impossível não pensar nela!... A saudade batia forte, arrancando-lhe as fibras do coração, uma a uma!... Admirava-se de como é que tinha conseguido viver até ali, sem ela!... As vezes, sentia-se fraquejar, diante de tal provação!... Se o famigerado **Nero** dele quisera judiar, com requintes de diabólica crueldade, houvera conseguido!... Como sofrera, assistindo,

1. Evangelho de S. Mateus, 6.25

impotente e terrificado, ao terrível suplício da amada!... E os dias que se seguiram, numa solidão imensa, do tamanho do mundo?... Não sabia como houvera suportado tudo até então. Enquanto tais dolorosas reminiscências perpassavam-lhe pela mente, a pequena assistência, em alta expectativa, aguardava-lhe as palavras de ensinamento e conforto, como sempre, alicerçadas nas inefáveis lições de *Jesus*. O antigo general que, antes, tão destemidamente, comandara as legiões de Roma, ora se encontrava irreconhecível, como valoroso soldado a defender as legiões de Cristo!... *Caius Petronius* ia abrir a boca, para iniciar a tão esperada pregação, quando inefável luz projeta-se, bem diante do singelo púlpito de madeira lavrada. Ele se espanta com a magnitude do fenômeno e é tomado de intensa emoção. A luz, paulatinamente, vai tomando a forma humana e um ser luminescente surge.

- *Caius!*... - brada o espírito, abrindo-lhe os braços, num largo gesto de afeição intensa.

- *Drusilla!*... - exclama ele, com as lágrimas a explodirem-lhe, abundantes, nos olhos.

- Sim, meu amor!... - diz ela, cheia de orgulho. - Vim para asseverar-te de que este é realmente o caminho a seguir!... Todas as promessas que nos fez *Jesus* são verdadeiras e, mesmo que até agora tu te tenhas mostrado sempre fiel à promessa que a Ele fizeste, não fujas jamais ao teu testemunho!... Sei que sofres muito, mas tem fé!... Continua, sempre firme, a espalhar as luzes do Evangelho!... É preciso que se faça a luz, bem depressa, a fim de que se espantem as espessas trevas que se assenhorearam deste mundo!... Sê eternamente fiel a *Jesus*, meu amor!... Sei que te é muito penoso e difícil o teu caminho; entretanto, persevera, com muito ardor, que, muito brevemente, chegará a tua hora, e aqui estarei, juntamente com o Divino Mestre, a aguardar-te!... Amo-te, querido!... Deixo-te a inquebrantável Paz de Cristo!... Até bre ve, meu amor!...

O espírito encerra sua lacônica mensagem e se desvanece no ar. *Caius Petronius*, banhado pelas lágrimas, soluçava. *Iustus*,

juntamente com a pequena congregação, nada percebera do fenômeno, e todos estranharam a repentina mudança de atitude do pregador. O antigo general do Império Romano, entretanto, enxuga, resolutamente, os olhos e, retomando a costumeira empolgação, diz, com um ligeiro sorriso nos lábios e um renovado e intenso brilho no olhar:

-A que se deve a ansiosa solicitude pela vida?... Observai as aves dos céus...²

E sua voz prossegue, semeando apenas amor e avivando a fé daqueles corações que, desesperados, perdiam-se na dor das provações atrozes; voz tocante, apaixonada, consoladora, como deve ser a voz dos que se decidem, definitivamente, por *Jesus*...



Visite nossos blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loureiomania.blogspot.com/>